

Lídia Jorge
Misericórdia



Métailié 



Índice

[Resumo. Biografia](#)
[Retrato do autor](#)
[Folha de rosto](#)
[Direitos autorais](#)
[VISITANTE](#)
[HOTEL PARAÍSO](#)
[ARQUIVO 210](#)
[1: ATLAS](#)
[2: ESPERA](#)
[3: COMPARTILHAMENTO](#)
[4: O PERFUME](#)
[5: LEITURA](#)
[6: NA SALA ROSA](#)
[7: APARÊNCIA](#)
[8: A SILHUETA](#)
[9: O ANJO DA GUARDA*](#)
[10: A VISITA DA TARDE](#)
[11: O INFORMANTE](#)
[12: SEU RETORNO](#)
[13: OS FINS](#)
[14: MEUS PENSAMENTOS](#)
[15: O TURNO DA NOITE](#)
[16: A MENINA GRANDE](#)
[17: ABAIXO DA HISTÓRIA](#)
[18: DOLOROSO](#)
[19: EXÍLIO](#)
[20: MEU SEGREDO](#)
[21: LILIMUNDE](#)
[22: NOITE DE LUAR](#)
[23: CONFRONTO](#)
[24: PÓSTUMO](#)
[25: RELÂMPAGO](#)
[26: DA GRANDEZA](#)
[27: BOTAS NOVAS](#)
[28: NA CAUDA](#)
[29: VERÃO](#)
[30: NA SOMBRA](#)
[31: NA FRENTE DO ESPELHO](#)
[32: SENHOR TÔ](#)
[33: REVISITAÇÃO DA NOITE](#)
[34: A INVASÃO](#)
[35: LANTERNAS](#)
[36: O SEGUNDO CASO](#)

37: O COCOT DE PAPEL
38: O LIVRO DE TRABALHO
39: RISADA
40: A CHAMADA
41: EQUIPE
42: REVOLUÇÃO
43: SONO
44: DEFINIÇÃO DE AMOR
45: O FOTÓGRAFO
46: O CHUVEIRO DO MAGREBIN
47: PENSAMENTOS DE OUTONO
48: OS MISERÁVEIS
49: CRONOGRAMA
50: O BALÉ
51: EDGAR DE PAULA
52: AS QUATRO ESTAÇÕES
53: PÔSTER DO SR. TÓ
54: CONJUGAÇÃO DA PALAVRA
55: PALAVRAS DE ALI
56: TÔNICO TOLA
57: REPETIÇÃO DE FATOS
58: Sr. RUDOLFO
59: AINDA SEREI FORTE?
60: NO BOLSO PEQUENO
61: PUNHOS DE PELE FALSO
62: O PLANO
63: FOME
64: MISERICÓRDIA
65: OS PASSOS
66: GRAÇA
67: NO QUARTO AZUL
68: ALUVÃO
69: AS MÃOS DE NINA
70: MOMENTO
71: O ANO DO CARRO
SETE PARÁGRAFOS EM SEU NOME
DO MESMO AUTOR
Notas

Lídia Jorge

Misericórdia

Você nunca leu um texto como esse!

Uma senhora idosa grava em um pequeno gravador o diário de um ano de vida em uma casa de repouso. A sua filha, a escritora Lídia Jorge, transcreve os textos e dá-lhes força literária seguindo os passos desta personagem extraordinária que manteve intacta a memória, a imaginação fértil, a curiosidade pelos outros e uma verdadeira atenção à beleza do mundo. , dialogando com a morte como com um adversário legítimo. Este texto constitui um incrível resumo de força vital, escárnio, revolta e fé na vida. Com momentos memoráveis da relação entre mãe e filha. Tudo isto transforma esta história num admirável testemunho da condição humana.

Misericórdia é um verdadeiro feito literário. Uma história ao mesmo tempo brutal, irónica e gentil, uma mistura de lágrimas e risos que não esqueceremos. Mostra-nos uma mulher excepcional carregada pela imortalidade da esperança.

“Ela é a maior romancista portuguesa da atualidade!” Apontar

LÍDIA J ORGE nasceu no Algarve e vive em Lisboa . É autora de numerosos romances traduzidos em uma dezena de países, em particular *The Shore of Murmurs* , *The Wind Who Whistles in the Cranes* e *The Memorables*. Recebeu importantes prémios literários dos países de língua portuguesa, bem como o prémio FIL de literatura em línguas românicas por todos os seus trabalhos.



Lídia JORGE

MISERICÓRDIA

*Traduzido do português
por Elisabeth Monteiro Rodrigues*

Éditions Métailié
20, rue des Grands Augustins, 75006 Paris
www.editions-metailie.com

Trabalho apoiado pela DGLAB/Cultura
e por Camões, IP – Portugal



Projeto de VPC
Foto © Nikada/Getty Images

Título original: *Misericórdia*

© Lídia Jorge, 2022

Mediante acordo com Literarische Agentur Mertin Inh. Nicole Witt eK,
Frankfurt am Main, Alemanha

Tradução francesa © Éditions Métailié, Paris, 2023

E-ISBN : 979-10-226-1320-0

ISSN : 0757-9276

VISITANTE

Você é solicitado a esperar pacientemente na porta até que alguém a abra. Não ligue duas vezes. Receberemos você o mais breve possível.

Aos domingos e feriados o visitante poderá chegar meia hora antes do horário indicado para conforto do morador.

Mas o visitante é convidado a deixar qualquer sinal de tristeza nos portões: lá dentro, o morador aguarda a sua alegria.

Aqui, todos juntos, somos uma família tranquila: admire as lindas flores do nosso jardim antes de entrar nesta casa. Esta residência é um magnífico canteiro de flores e os moradores, as nossas pétalas mais queridas.

Tenha em atenção que, por respeito à sua dignidade, todos nos referiremos a si como senhora ou senhor. Ajude-nos a manter a etiqueta que lhe é devida.

Gestão

Ana P. de Noronha

18 de novembro de 2018

HOTEL PARAÍSO

*É um lugar de prazer
Um lugar de aprendizagem
Um lugar para ficar
Um lugar de convívio
Um lugar de amizade
Um lugar de ternura
Um lugar de carinho
Um lugar para beijar
Um lugar para abraçar
Um lugar para dançar
Um lugar onde todos
Juntos somos irmãos.
Vamos adorar, vamos cantar
Vamos nos assinar então.*

Definição poética composta por
Nossos Moradores.
25 de dezembro de 2018

ARQUIVO 210

Os textos que se seguem correspondem à transcrição de um arquivo áudio com a duração de 38 horas contendo os depoimentos de Maria Alberta Nunes Amado, gravados entre 18 de abril de 2019 e 19 do mesmo mês do ano seguinte, num Olympus Rating Corder DP -20 . Como casos semelhantes, esta é uma transcrição infiel, pois não poderia ser de outra forma. Portanto a ordem, quebras de página e títulos não são de sua responsabilidade. Marcadores de oralidade também foram retirados de sua fala. O traço de sua risada e de suas lágrimas também. Mas as palavras, a respiração e o ritmo correspondem inteiramente ao original. Observe que a música que acompanha algumas dessas páginas, como o popular “Miserere” cantado por Zuccherò Fornaciari e Luciano Pavarotti, ou o “Miserere mei, Deus” de Gregorio Allegri, bem como os demais trechos musicais, como o antigo boleros, rumbas e paso doble foram omitidos. Sublinhemos também a importância das 38 notas escritas à mão dos acima mencionados que contribuíram fortemente para a encomenda deste livro, notas que Nina Nuñez Mercedes guardou todas num envelope. Ao qual alguém anexou um anel, brincos, um colar de pérolas e uma pequena bolsa de pano. No interior da bolsa, um bilhete manuscrito dobrado, um bloco de seis folhas em branco no formato A 8 e um pequeno lápis afiado com faca, da marca Viarco.

1ATLAS

Onde estou, mesmo na primavera, quando os dias costumam ter a mesma duração das noites, a noite é sempre mais longa que o dia. Sabendo disso, é justamente no meio da noite que a noite vem ao meu encontro, me fazendo perguntas inimagináveis como se fosse esse antigo gato cinza chamado esfinge. Falo desta noite que conhece minhas crenças mais profundas, minhas glórias e minhas derrotas, todos os meus segredos enterrados, mesmo aqueles que nunca contamos a ninguém, especialmente aqueles que se relacionam com as doces lembranças do amor. Mais precisamente, enquanto eu durmo, ela fica calma, mas a certa altura eu acordo e a provocadora já está circulando ao meu redor, ela avança na direção do meu corpo, se coloca na minha cama e me questiona como uma professora que gostaria para me dizer que assuma a culpa. Não é fácil.

Ontem à noite, a sua boca escura, confundida com a escuridão mais escura, começou por me fazer uma pergunta impossível de responder: ela queria saber quantas cidades existem no Mundo. Mas eu conheço os truques da noite, então ela nunca me deixa completamente indefeso. Diante de tal questão respondi que sabia bem que a Terra é uma coisa e que o Mundo é outra. O Mundo é muito maior que a Terra e até agora, segundo meu genro, ainda não foi descoberto nenhum outro planeta que tenha sido habitado, muito menos cidades localizadas fora do espaço terrestre. Como eu poderia responder a ele?

Então, consegui levantar a cabeça do travesseiro, olhei para o rosto da noite e disse: “Faça-me uma pergunta razoável se quiser que eu lhe dê uma resposta coerente”. Neste momento, a noite parece ter percebido que não estava conversando com alguém ignorante sobre cidades e mudou de ideia, só queria verificar quantas capitais existem na Terra. Imaginei o Globo Terrestre que usava na minha mesinha de cabeceira, instrumento que deixei lá, na minha casa real, e descobri que ali novamente era impossível listar todos os capitais existentes. Mesmo assim, comecei a contar nos dedos, primeiro viajando pela Europa, de oeste a leste. Mencionei Lisboa, Dublin, Londres, Madrid, Paris, Bruxelas, Amesterdão, Berlim, Roma, Viena, Belgrado, Bucareste, Kiev, e já me dirigia para a Rússia quando me confundi nos cálculos e à noite, percebendo que iria nunca chegar ao fim, desisti do feito colossal que me havia atribuído. Inteligente, ela então me pediu para citar apenas as cidades que minha filha já havia visitado. Mas eu disse a ele: “Isso não. Não quero envolver o nome da minha filha no pesadelo da noite, quero que ela continue associada às coisas bonitas da vida, àquelas que acontecem longe destas paredes nuas. Deixe-me em paz...” Mas, apesar de tudo, a noite persistiu.

Ela persistiu, queria saber onde ficava essa capital chamada Reykjavik, pensando que eu não identificaria essa palavra pela sua estranheza e que ela poderia, portanto, sentar-se no meu coração, comprimi-lo e fazê-lo parar.

Mas respondi-lhe de imediato, triunfante, sem hesitação: “Reykjavik fica na Islândia, uma ilha que tem um vulcão muito perigoso, que lança nuvens de fumo por todo o norte da Europa quando se torna activo, bloqueia a luz solar e une-se às nuvens. Por causa de toda essa fumaça, há alguns anos, minha filha ficou vários dias detida em uma cidade do Canadá...”

Diante dessa resposta, a noite ficou sem palavras. Quem mais poderia ter respondido melhor do que eu? Apesar de tudo, a noite não desistiu. Night mudou-se para o outro lado da Terra e queria saber onde ficava Karachi. Ela insistiu em querer me pegar. Mas ela não teve sucesso porque respondi com a mesma franqueza: “Ah, sim, você está falando do Paquistão. Ah! Ah! Só eu sei muito mais que você, triste noite escura. Como Karachi não é mais a capital deste país, a capital agora se chama Islamabad. Aprendi no *Grande Atlas do Mundo* da edição Civilização, antes de ser danificado. Faça-me todas as perguntas que quiser. Derrote-me, noite, se você puder...” Eu a desafiei.

Lá estávamos nós, em vez de desistir ela circulou em volta do meu corpo, agitou suas asas escuras, escuras como a noite mais escura, e me perguntou, respondendo ao meu desafio com fervor redobrado, se eu sabia de que país a cidade de Baku era a capital. “Como você escreve isso?” Perguntei. Com um к, ela respondeu. Imediatamente, vi a palavra Baku passar diante dos meus olhos como num filme, esse nome claro e traçado, recortado de um território do Sudeste Asiático, banhado pelo Mar Cáspio, e estava prestes a pronunciar o nome do país, sem a menor hesitação, quando de repente a palavra desapareceu da minha vista.

Como se um ancinho tivesse mexido na minha memória, levando as cartas para um local fora do meu alcance, sem saber como, o filme havia desaparecido. Ei, ei. Em vez do nome precioso que ia dizer, apenas vazio. Baku, escrito com к, tremeluzia na escuridão dos meus pensamentos e, ao seu redor, não havia mais o menor país. A noite olhou para mim, fixou no meu olhar sem olhos, triunfou sobre mim. Minha ignorância, naquele momento, tornou-se insuportável. Como poderia continuar enfrentando essa noite terrível que zombava de mim, na escuridão do quarto? Como? Pensei, pensei, sem tirar os olhos dos da noite, contendo o seu avanço, mantendo-a o mais distante possível, e naquele momento encontrei uma saída.

Sem nunca desviar o olhar do corpo indescritível da noite, consegui levantar um pouco a cabeça, peguei meu celular debaixo do travesseiro, abri a capinha, a *tela* Acendi, apertei um botão e escutei. Do outro lado da linha, percebi que a pessoa para quem eu estava ligando atendeu, mas não disse nada. Esperei novamente e nada. Aí fui eu quem falou: “Escuta, tenho uma pergunta para te fazer. Você sabe onde existe uma cidade chamada Baku? O do outro lado da linha permaneceu em silêncio, eu ouvia sua respiração como se ele estivesse ali, ao meu lado, mas ele não disse uma palavra. Esperei, insisti: “Sim, Baku, por favor, está escrito com k...”

Então sua voz ressoou distintamente, profunda, como um tambor em ação perto dos meus ouvidos: “Sabe que horas são, senhora? Você sabe que são quatro da manhã? Por que você está me ligando a esta hora para perguntar

sobre uma cidade chamada Baku? Pedi desculpas mas ele não me ouviu, suas palavras cobriram as minhas: “Ah, dessa vez você não vai se safar, sua filha vai saber de tudo. Ah, isso é certo. Espere o golpe...”

Eu estava pronto. Pela entonação dele, entendi que ele continuaria protestando no mesmo tom, nem pensei em como essa conversa poderia terminar, então apertei a tecla para desligar, apertei o mais devagar possível, querendo aniquilar o som, querendo imaginar que teria sido muito bom se aquela ligação não tivesse acontecido. Que isso nunca aconteceu. E eu fiquei assim, telefone na mão, esperando que ele me ligasse de volta, ou que ela me ligasse um pouco mais tarde, ali do outro lado da Terra, enquanto ele ligava para ela e ela, por sua vez, me perguntava de muito longe por que eu estava ligando para casa às quatro da manhã.

Mas não foi assim que aconteceu. A noite havia voltado ao seu lugar, sem que houvesse perdedor ou vencedor entre nós dois, e eu não ouvia mais o menor boato, enquanto mantinha o telefone bem apertado na palma da mão, na expectativa do que poderia acontecer. acontecer. Até que um pássaro primaveril canta por perto. No retângulo da janela aparecia o amanhecer rosado e o teto branco subia rosa acima da minha cabeça anunciando um novo dia. E enquanto a palavra Baku não aparecia escrita na folha azul esverdeada do mapa do país de que é capital, pensei na luz que, naquele momento, devia ter iluminado a casa que ali permanecia, com a sua mesas, suas cadeiras, suas janelas, seus lençóis e suas cortinas, e sua secretária com sua estante alta onde deixei meus diários e meu Atlas perdido.

19 de abril 2019

*A chuva entrou através de um pequeno
buraco – Em menos de um flash
inundou o mundo.*

doisASSISTA

Fiquei na cama esperando que as horas passassem e que a palavra que havia encontrado e logo perdido, durante a luta com a noite, viesse naturalmente à minha mente, ouvi os cucos lá fora e o assobio dos melros, e Eu estava ansioso pela chegada da primavera. Eu estava folheando as páginas do meu Atlas em meus pensamentos antes de ele ser destruído, eu estava folheando-o na minha cabeça sem pressa. Com efeito, se o nome do país de que Baku é a capital não aparecesse de manhã, chegaria sem dúvida à tarde. Sou daquelas pessoas que não pensa que a esperança é a última a morrer. Acho que a esperança é simplesmente imortal. Este nome ausente, que interrompeu o confronto com a noite, certamente apareceria quando menos esperávamos. Tenho total confiança nas leis do pensamento. Eles me guiam e me trazem paz.

Assim, sabendo de antemão que a palavra que procurava se apresentaria, fiquei atento às manifestações matinais no interior, à medida que os pássaros lá fora abandonavam o entorno das casuarinas e os ruídos domésticos, vindos da própria atividade da casa, misturavam-se. Por razões que desconheço, às vezes meu travesseiro funciona como alto-falante. Muitos dos sons quando atingem o travesseiro são amplificados sob minha cabeça. Então, ainda cedo, notei a van de abastecimento se aproximando lentamente, depois parou e começou novamente. O caminhão-pipa rugiu escandalosamente perto do portão de entrada, e o que me pareceu um cilindro de gás rolou pela calçada com estrondo. Como ela não bateu na parede do canteiro, alguém a terá impedido. Quem poderia tê-la contido? A buzina de um carro soou, um apito agudo, provavelmente por descuido. Uma menina gritou de uma janela, o que não deveria acontecer, algumas já foram demitidas por gritarem menos que isso. Os gritos da garota em resposta ao som da buzina foram igualmente estridentes. Quem ela poderia ser? Se não me engano era a voz da Lurdes Malato.

Foi ela?

Enquanto isso, aqui embaixo, no andar de baixo, alguém começou a mover móveis pesados de um lado para o outro. Então alguém ativou as teclas do piano e alguém gritou perto do elevador no andar superior para ser liberado. Alguém respondeu que a máquina estava parada no porão, na área de serviço. Uma conversa em que podíamos ouvir os gritos, mas não as palavras. O elevador finalmente chegou a este andar. Houve explosões de risadas. Eu sabia o que estava acontecendo. Esses são os movimentos do dia anterior, e o dia anterior sempre traz transtornos. Pobres de nós, moradores. Tanta energia pelos corredores, mas nenhuma alma na porta para dizer olá. Pensei novamente em tocar a campainha para que algo acontecesse. Agarrei na pêra para a apertar, mas fiquei imóvel, receando que aquela voz, que ouvi gritar numa janela, fosse de facto da Lurdes Malato, e que ela mesma, com as mãos na cintura, não entrasse na minha espaço para reclamar da

minha ligação. Segurei a pêra na mão por muito tempo, tanto tempo que o tempo parou de contar. Foi assim que – depois de esperar, abrindo os olhos, encontrei Nina Mercedes na soleira.

Nina se aproximou de mim, esperei que ela se inclinasse sobre meu rosto e me cobrisse como só ela sabia fazer. Mas nada disso aconteceu, pois a jovem porto-riquenha, ao se aproximar, pegou objetos caídos que pretendia colocar de volta no lugar. Como em tantas outras ocasiões, metade dos objetos que protegem meu descanso noturno estavam espalhados pela minha cama. A menina listou as coisas enquanto as pegava do chão – a garrafa de água, o relógio, a foto, o saco de pano, a caneta, as meias de dormir, primeiro uma, depois a outra. Até o celular caiu no chão. Nina atendeu. Ela aproximou seu rosto do meu. E sussurrou em meu ouvido: “*Estuviste otra vez luchando con tu Atlas? E você quem chama esta noite? Seguro que um dia te direi que o pasó era um livro ruim*². ”

Ela fala baixinho, calça os mesmos sapatos de sola macia dos outros, mas caminha silenciosamente pelo corredor como se estivesse descalça. De todas, ela tem as mãos mais suaves, as palavras mais alegres. Às vezes me pergunto se Nina é essa pessoa que tenho em mente ou se sou eu quem a glorifica. A verdade é que todo mundo quer ser lavado e vestido por Nina Mercedes. Todos a chamam e a querem por perto, e eu, numa manhã agitada como a de hoje, tive a oportunidade de esbarrar com Nina. Uma recompensa por não tocar a campainha enquanto tantos outros tocavam ao mesmo tempo no corredor. Nina me perguntou: “*Quem é o que passou no seu Atlas?*” *Cuentamelo, menina*³ ... “Eu respondi: “Um dia, quando você tiver tempo para sentar aqui na cama ao lado, eu lhe contarei sobre isso”.

Nina me deu um bolo, e a maneira como ela fez isso foi agradável, mas nunca vou contar a ela como, numa noite de inverno, na casa que deixei lá, uma chuva inesperada, misturada com trovões, entrou pelo buraco na instalação telefônica. , escorria pela parede, acumulava-se num canto da sala de jantar e escoava para o cesto de revistas. Não contarei a ninguém, nem mesmo a Nina, sobre as decepções que são só minhas. Não lhe direi como saí, por acaso, nesta cesta, *O Grande Atlas do Mundo* , embora o seu lugar fosse na secretária. Só os objetos são como os seres humanos, procuram o seu lugar de perdição quando têm que se perder. Assim, durante aquela noite de tempestade, a água da chuva, continuando o seu caminho imparável, infiltrando-se até chegar ao canto da sala de jantar, transformou tudo o que era papel acumulado no cesto de vime numa massa disforme, sem que eu percebesse nada. Quando me deparei com a papelada encharcada, já era tarde demais. A chuva e a tempestade foram seguidas de bom tempo e o desastre estava aqui. *O Grande Atlas* ainda era reconhecível, mas foi perdido. Na esperança de recuperá-lo, até coloquei ao sol, sequei novamente e passei a ferro. Nada aconteceu. Destaquei as folhas uma a uma, mas elas ficaram grudadas e, ao separá-las, grandes manchas brancas preencheram o espaço onde antes havia a representação de oceanos, mares, continentes, países, páginas bem marcadas nas quais estudei o

mundo à minha maneira. Eu não ia bagunçar a vida de Nina com anedotas tão íntimas, simplesmente disse a Nina: “Há muita confusão acontecendo nesta casa. Haverá um show amanhã?

Ela respondeu: “ Não vai ter, não, Alberti. Ainda sentimos falta do Sr. Peralta, e sem ele não há concertos⁴.”

Nina lavou meu rosto com o algodão impregnado de eau de rose, puis d'eau claire, elle m'a parfumée, mis mon collier, ma bague com la pierre bleue, elle m'a accroché mes pingentes d'oreilles e installée dans le fauteuil roulant qu'elle appelle charrette. Ele me perguntou: “ Você quer agora seu quadro plástico, sua folhinha de papel e sua caneta? Ou você quer esperar até a noite? Se quiser, escreverei as datas da semana inteira, ficarei feliz em fazê-lo. Assim, você, Alberti, reserve toda a força de suas mãos para escrever seus pensamentos. Você quer fazer isso agora ou prefere escrever à noite?⁵”

Eu disse a ele que já era tarde, que escreveria minhas anotações quando a noite chegasse. Ela empurrou o carrinho pelo corredor. Nas minhas costas, ouvi-o dizer *buenos dias* a torto e a direito, enquanto passávamos por aqueles que já estavam voltando. Dona Marcela, que caminhava sem dificuldade, chegou anunciando que era Sábado Santo. Ao passar por ela, acenei-lhe e perguntei se já ia voltar para o seu quarto, o número 214, ao que ela respondeu: “Não, não, não vou para o meu quarto. Mas que ideia engraçada? Vou para a vida após a morte...” Nina comentou: “ *Qué lejos, qué lejos está ese sitio, doña Marcela⁶...* ”

Nina me conduziu pelo corredor em direção ao Salon Rose. As imagens dos chalés nórdicos nevados expostas na parede olharam para mim, alguns pareciam rir ao ver o formato das portas e janelas pintadas. Depois de uma noite de luta, chegou uma linda manhã de sábado, pensei. Fiz um grande esforço para reconstruir a página onde ficaria Baku, mas faltou a representação do Atlas.

20 de abril 2019

*Sábado Santo! – Com a memória do meu Atlas
e um pouco de sorte – Até o meu
esperanças escaparão
morrer .*

COMPARTILHAMENTO

Esta é a segunda vez que passo o domingo de Páscoa nesta casa. Mesmo aqui, longe daquela que era minha casa, está um ótimo dia. Sabendo de antemão que não teria novamente direito à presença de Nina, pensei em Lilimunde, a criança brasileira que cheira a uma mistura de cedro e bergamota. Pensei tanto nisso que quando acordei senti meus pulsos úmidos e tive a ilusão de que minha pele exalava o perfume dessa colônia. Chamei bem alto: “Lilimunde, é você quem está aqui?” Mas não, infelizmente, não foi ela.

O barulho que ouvi veio de duas meninas que, assim que entraram no meu quarto, começaram a ir e vir, com muita pressa, e enquanto mexiam nas minhas roupas conversavam e riam muito alto. Fiquei em silêncio ouvindo-os, esperando que se dirigissem a mim, mas eles não me cumprimentaram porque conversavam alegremente sobre suas viagens noturnas e o que lhes acontecia no escuro. Dito isto, insisti: “Quem está aí? Você não está me contando nada?”

Eles não responderam. Em vez disso, eles estavam rindo em gargalhadas mal contidas, inclinando a cabeça para trás como se quisessem compartilhar suas risadas com o teto do quarto. Eu disse várias vezes, olá, hoje é domingo de Páscoa. Mas vestiram minha camiseta e minha blusa, vestiram minhas meias e minhas calças, sem me ver, suas risadas passaram pelo meu corpo e por cima da minha cabeça, levantaram meus braços como se estivessem manuseando moedas de metal no meio de uma fábrica. Eu disse novamente em voz alta: “Olá, Jesus ressuscitou, dizem”. Lurdes Malato, sim, era ela, pegou o telefone e falou ao longe: “ok, por volta das cinco da tarde, estarei aí”. A mocinha que o acompanhava comentou, vamos fazer uma festa, velhinha. Sem sequer dizer olá ou qualquer outra palavra de cumprimento, conduziram-me à Sala Azul onde aconteceria o almoço de Páscoa.

Se fizeram isso de propósito, não me impressionaram – sei que a felicidade é um bem muito raro. Devemos guardá-lo no coração quando nos toca de perto, encher com ele todos os bolsos da nossa alma, para servir de escudo quando ocorrer o seu contrário, para que não me incomodem muito, fiquei pronto. As meninas me sentaram à mesa, empurraram minha cadeira de rodas para que meu peito roçasse na toalha, saíram, ainda sem me cumprimentar. Mas olhei para cima e senti uma boa fonte de felicidade por perto – a sala estava cheia, havia enfeites de Páscoa nas paredes e meus companheiros de mesa me cumprimentaram. Comuniquei-lhes toda a minha alegria. E se não me lembro do almoço de Páscoa do ano passado, não esquecerei deste.

Na sala de jantar há doze mesas para setenta pessoas. Na nossa somos seis mais eu, e nos damos bem. Entre as mesas, meninas corriam, apressadas e agitadas. Como sempre me colocaram de frente para a janela, e pude olhar a faixa do mar. Gosto de sentar deste lado porque mesmo longe, se não

consigo ver a entrada da baía, sei quais são os ondas como? Algumas manchas escuras são certamente barcos e, se não forem, imagino que sejam. Fora isso, o cardápio do almoço era comum, mas para compensar, Dona Rita, de Lyon, recebeu um presente de Páscoa do filho, piloto de avião, e compartilhou com os vizinhos de mesa. Fui presenteada com uma fina amêndoa, com licor de amaretto, uma *doçaria francesa* *, disse Dona Rita. Mas dona Ema, não. Dona Ema trouxe para a mesa um coelho de chocolate e não o compartilhou com ninguém porque seus parentes recomendaram que ela o comesse sozinha. Na nossa frente, Ema tirou o papel alumínio, quebrou o coelho em pedacinhos e aproveitou sozinha o presente de Páscoa.

Dona Fátima perguntou se estava bom, mas Ema não se comoveu, nem deixou provar uma migalha. Luísa de Gusmão disse compreender perfeitamente que uma pessoa que recebe um coelhinho de chocolate no dia da celebração da Ressurreição queira comê-lo sozinha, mas que depois o faça no seu quarto, em privado, pois exigem bons modos. Dona Luísa de Gusmão afirma ser descendente de conde, embora não obrigue ninguém a chamá-la de condessa. Para Dona Luísa, comer um coelho inteiro de chocolate, numa mesa de sete pessoas, é a prova de que há pessoas que nunca poderiam fazer parte da nobreza. Não somos todos iguais. Por sua vez, Dona Julieta derramou algumas lágrimas, pois desejou que alguém do mundo exterior tivesse pensado no seu almoço.

Dona Joaquina Amaral, pelo contrário, disse que não se importava que ninguém se lembrasse dela, que havia muitas outras coisas para se divertir. Logo pela manhã, ela deu um passeio no jardim da residência e viu como as rosas haviam florescido. Dona Joaquina descreveu as rosas que pareciam olhar para ela dizendo, leva-nos contigo, leva-nos contigo, mulher. As pétalas estavam todas viradas, ansiosas para serem arrancadas de seus caules espinhosos e pularem em seus braços. Mas ela não gosta de tocar no que não lhe pertence, mesmo quando é propriedade comum como o jardim do Hôtel Paradis. Porque não seriam estas rosas, por acaso, de todos os que mantêm a residência? Dona Joaquina é filha de peixeiro, mas é bem educada, não tocou numa única rosa porque não lhe foi permitido.

Entretanto, apareceu uma fatia de bolo em cada prato e D. Fátima disse a D. Ema que não tocasse no bolo da Páscoa, pois já tinha comido sozinha o seu coelho de prata. Acreditando que uma parte era dela, Dona Ema estendeu a mão, pegou a parte maior e engoliu. Arrependi-me muito de não ter escrito o meu diário como antes para anotar a cena do almoço de Páscoa, com todos os detalhes, como gostaria de ter feito. Mas entretanto foi preciso mudar de assunto, porque no meio da conversa sobre a partilha de comida, as pessoas irromperam na sala. Estava acontecendo atrás de mim porque eu estava de frente para o mar, pensei que deviam ser as quatro viúvas e não me enganei. Reconheci suas vozes antes mesmo de cantarem.

Um deles gritou bem alto, como se estivesse falando para uma turma de crianças: “Alguém sabe o que significa *Aleluia* ?” Houve um grande silêncio, ninguém disse nada, e eu sabia o que isso significava, mas como estava de

costas, decidi ficar em silêncio olhando para a faixa de mar. Eles insistiram com a pergunta. Quando eu ia dizer que significava *Louvado seja o Senhor*, uma das viúvas abafou a minha voz: “Pois vamos cantar *Aleluia, Aleluia!*” E eles começaram a cantar como se fosse uma ópera. Felizmente fiquei de costas, pois não sou muito apegado a estas quatro mulheres, mas adoro as suas vozes.

Mais do que gostar deles, eu realmente os aprecio. Há vozes que deveriam surgir do céu, não deveriam precisar de um envoltório corporal. Atrás de mim ouvi o seu canto comovente e, no final, todos aplaudiram, aplausos muito fracos para vozes tão bonitas. Uma jovem lembrou-se de virar minha cadeira e pude constatar que eram elas, vestidas de branco e rosa. Pareciam doces.

No vale ou no morro eu vou amar

Eu vou adorar, eu vou adorar.

Aleluia, aleluia!

Eles estavam cantando. Fechei os olhos, não gosto deles. Mas eles estavam cantando e não podíamos ver o tempo passar. Se você não canta mais, vá embora, pensei enquanto eles ficavam em silêncio e permaneciam imóveis enquanto exigiam mais aplausos. Agora eram mais longos que a música e ainda assim não iam embora. E lá estavam elas saindo agora, sacudindo as roupas brancas, as quatro viúvas com suas melhores roupas de domingo. É difícil acreditar que essas pessoas tenham tais vozes dentro de si, repito, agora que estou sozinho com meus pensamentos. Depois do almoço, Dona Joaninha Amaral disse, essas mulheres cantam muito bem, sempre nos divertem, e ela queria empurrar minha cadeira de rodas. Agradeço muito a gentileza da dona Joaninha. Como teria sido meu domingo de Páscoa se ela não estivesse presente? Ao empurrar minha cadeira pelo corredor, ela disse: “Dona Alberti, vou deixá-la em seu quarto, sentada confortavelmente em frente à janela aberta, olhando a Natureza. É difícil acreditar que num dia como este a sua filha esteja ali...” Mas não chegamos ao fim do corredor.

Uma menina já aposentada, chamada Hermínia, em serviço voluntário, nos chamou para voltarmos ao salão. Voltamos para lá. E ali, sim, algo estava acontecendo. Fechei os olhos porque o que vi foi mais do que minha visão poderia suportar. Até pedi ao jovem aposentado que parasse no meio do caminho. Queria me recuperar da surpresa, não queria que ninguém me visse oprimido pela angústia que me assolava. Nunca imaginei – Perto do piano, de pé, estavam os meus vizinhos da Casa Branca, os da Quinta Ferrari e os da Villa Almanjar. Olhei para todos eles da cabeça aos pés e descobri que eram as mais belas criaturas da raça humana que já havia encontrado. Contei-os, no total eram oito vizinhos. Eles vieram me visitar. O canto das quatro viúvas, que já não estavam ali, encheu-me os ouvidos e senti-me subir acima do chão. Aleluias fluíram do meu coração, fazendo meu pulso direito tremer. Mas agarrei-me à cadeira, tirei um lenço da bolsa que levo

sempre ao pescoço, e perguntei-lhes, com calma, como se os esperasse: “Que novidades me trazem sobre o nosso mundo? Lá é tudo sempre igual?” Um dos meus vizinhos se inclinou para mim e perguntou: “Você sabe quem está visitando você?”

Fiquei ofendido: “Pelo amor de Deus, Sr. Frank, posso descrever suas casas, quem as possuía antes de morar nelas, em que ano isso aconteceu e por que você as comprou, muito mais caras do que deveria ter pago por elas. Conheço os nomes de todos os presentes e dos desaparecidos. A minha pergunta é diferente: na casa de vocês, e na que era minha, ali, está tudo bem? Os gramados não estão marrons com toda essa seca?

“Está tudo bem, dona Alberti, mas precisamos de algumas gotas de chuva. Os jardins precisam mais disso do que a boca do pão...”, disse o vizinho da Casa Branca. E eu respondi: “Ah! Jardins e árvores também. Porque o jardim é, em última análise, apenas uma comodidade, mas as árvores, para o clima, são a verdadeira pedra angular. Se as árvores altas não liberarem oxigênio, não haverá umidade possível e, portanto, não haverá jardim. Existem espécies de plantas que estão desaparecendo. Mas não é só a flora que está mudando, meus amigos, como vocês sabem, a fauna também. Diz-se que entre os edifícios mais modernos e as casas novas surgem javalis que se enterram nas plantações. A enfermeira Marlon me contou que há alguns dias encontraram uma raposa aqui perto bebendo numa piscina e rolando no gramado. O que significa que as espécies selvagens começam a coexistir com as espécies domesticadas e se deslocam em direção às famílias humanas. Somos todos criaturas, é verdade, mas precisamos separar as espécies. É o mundo que está mudando. Não é?”

Todos responderam que sim, inclinaram-se para mim, falaram comigo e ouviram-me, ao contrário do que acontece aqui dentro onde ninguém me ouve além de duas palavras, eu só ouço os outros. Meus vizinhos, ao contrário, falaram comigo, depois colocaram presentes no meu colo e disseram que eu entendia perfeitamente como o mundo está em transição. E eu, encantado com o que estava acontecendo comigo, não parei por aí, acrescentei: “Estou trancado aqui mas tenho consciência de tudo o que está acontecendo na Terra e não só. O que testemunhei ao longo da minha vida é suficiente para imaginar o que acontecerá a seguir. E, se Deus quiser, embora a Natureza esteja desorientada, a vida vai melhorar. O futuro será esplendor...”

Meus vizinhos ficaram muito felizes, olhando para mim, abrindo os presentes, continuaram conversando comigo. E disse isso porque queria que entendessem que estou sempre à altura de receber as minhas visitas com tranquilidade, no meio de uma sala cheia de vozes, de crianças, de risos, de algumas lágrimas, de alguns deslizes emocionais. , bolos, doces, bananas e camisolas, porque é domingo de Páscoa. Meus vizinhos riam de felicidade porque me encontraram como eu estava quando saí de casa, eles circularam em volta de mim e foi como se estivéssemos dançando. Dona Joaquina não se afastou, ouviu atentamente, intervindo em vários assuntos. Isso não é

sério. Foi um ótimo dia, graças aos meus vizinhos, um dos dias mais felizes da minha vida. Quando fechei os olhos, na minha cabeça, cenas de todas as cores se misturavam.

Aquela que foi a funcionária mais antiga da casa, que presenciou a transformação do Hotel Paradis em complexo residencial, quem mantém viva a memória de todas estas etapas, foi ela, Hermínia, que me acompanhou no sala, e quando minhas visitas foram embora, foi ela quem me levou de volta para o meu quarto. Pessoa amarga, ela tentou esmagar minha alegria novamente. Ela me disse: “Não tenha ilusões, dona Alberti, em dias como este os carros fazem fila na avenida, dão voltas e mais voltas na pracinha em frente. Mas é só nesses dias. Os entes queridos vêm descarregar sua culpa com todos os tipos de abraços. Eu os chamo de dias em que você esvazia sua bolsa. Não estou falando de aliviar seu remorso, que é um sentimento honroso. Esse não. A bolsa é o lugar onde todos guardam o medo do que os outros dizem sobre nós. Eles vêm aqui apenas para lutar contra o medo. Uma vergonha. Fogos de artifício para outros verem. Estou aqui há muito tempo. Eu os reconheço à primeira vista...” A ex-funcionária colocou um dedo no olho e puxou-o, revelando o interior da pálpebra.

As paredes do corredor responderam? Foi assim que respondi.

Eu apenas agradei a ela por me fazer companhia. Já podia ir embora, dona Hermínia havia derramado seu fel e cumprido seu dever. Eu tinha de joelhos, nas mãos cruzadas, a intenção de segurar firmemente a alegria trazida pelos meus vizinhos. E, por feliz coincidência, seria duplicado. Na verdade, deviam ser por volta das seis da tarde quando ouvi um barulho no corredor; era Dona Joaninha entrando no quarto, com um lindo buquê de flores nos braços. Ela estava exuberante.

Finalmente ela também recebeu visitas. Primos distantes, que ela pensava estarem mortos, estavam vivos e bem e tinham vindo vê-la, deram-lhe um enorme *buquê* que ela queria compartilhar comigo. Rosas, margaridas e ramos de hálito de bebê enchiam o vaso da entrada. As rosas, verdadeiramente rosadas, estavam perfumadas, foi um verdadeiro pedaço de primavera que entrou no meu quarto. Dona Joaninha Amaral dizia que o aroma das rosas a deixava louca. O canto dos pássaros também. Dona Joaninha sentou-se na cama ao lado, que felizmente ainda estava vazia, e começou a falar das flores misturadas com a sua vida passada. E seus olhos sorriam a ponto de fechar. Ela disse: “Nesta época do ano, lembro-me de muitos dos meus amores...” E continuou sorrindo cada vez mais: “Meus amores e flores são duas coisas que andam de mãos dadas”. E então ela contou como o amor entrou em sua vida. Ainda jovem, num dia de primavera, ela foi à praia com o namorado e voltou com outro. Como ela ficou feliz depois com os dois. Ela nunca pôde escolher entre um ou outro, nem precisou, mas só agora contava a história de sua vida, porque ambos estavam mortos. E ela contou como garantiu que eles nunca se encontrassem ao longo dos anos, morando na mesma localidade, e como a

vida tinha sido agradável dessa forma compartilhada. Sábado de manhã com um, domingo à noite com o outro. Para ser honesta, ela tinha certeza de que os dois homens acabaram descobrindo a existência um do outro, mas se soubessem, isso não os incomodava. No final, os três ficaram felizes até o fim. Três sortudos.

E, enquanto o perfume das rosas se espalhava pela sala, D. Joaquina recordava alguns dos seus pas de deux com uma alegria primaveril que há muito tempo não ouvia de ninguém. Relembrando seus momentos de glória, o rosto de Dona Joaquina lembrava a imagem de Nossa Senhora da Fé. Seus olhos e bochechas brilharam. E pensei: Bendito seja o efeito da primavera, pois sob o seu vento benéfico tudo brilha, tudo se reproduz e se multiplica, mesmo para aqueles cujo amor é uma lembrança.

E ela falava e falava, eu fazia perguntas e ela respondia, mas para falar a verdade os meus sentimentos eram diferentes, porque enquanto pensava na vida exuberante da Dona Joaquina, eu pensava também na minha. Como dona Joaquina se movimenta com agilidade, antes de sair, pedi que ela pegasse meu bloco de notas e tivesse a gentileza de rasgar uma folha com muita delicadeza e colocá-la no suporte de acrílico. Ela me entregou a folha impecavelmente destacada pelas linhas pontilhadas e pegou novamente o lápis com bom deslize. Agradei: “Muito obrigado dona Joaquina, seja sempre bem vinda”. Então deixei minha companheira de mesa ir embora, seus passos desaparecendo pelo corredor para que eu pudesse traçar, no meio da página em branco, a palavra que passou por meus pensamentos durante todo o domingo de Páscoa. Em letras maiúsculas, com o maior cuidado que minha mão permite, escrevi: BAKU .

21 de abril 2019

*Meu Deus - O cuco é tão pequeno e sua voz
tão forte. Tão inteligente, seu ovo
e eu tão estúpido - Este ninho não será
ataque.*

LEITURA

Era por volta das sete da manhã quando senti meu telefone vibrar debaixo do travesseiro. Difícil alcançar o telefone, minha mão teve dificuldade em retirá-lo de onde estava. Quando finalmente consegui atender, ouvi uma voz me dizer em português, tente agora, por favor. A voz passou a ligação para meu interlocutor. Era ela. Gritei tanto quanto minha voz permitia: “Eu escuto, falo, falo, eu ouço!”

Ela ia começar a falar. Eu escutei e sua voz saiu tão distintamente que parecia vir de dentro do travesseiro. Ouvi minha filha dizer: “É só para desejar uma Feliz Páscoa. Onde estou a rede está muito ruim, não pude ligar ontem, não sei o que está acontecendo...” Eu já me preparava para agradecer e perguntar sobre sua saúde, seus problemas, as roupas dele e a data do nascimento. seu retorno, quando percebi que a ligação havia sido interrompida.

Fiquei muito tempo com o telefone nas mãos, esperando, mas sem o menor resultado. Para me consolar, pensei na façanha que isso representa – alguém está deitado numa cama em frente ao Oceano Atlântico, e outro, do outro lado do mar, na ponta extrema de outro continente, perto do Oceano Pacífico , pode dizer, *É só para lhe desejar uma Feliz Páscoa* , e ao ouvi-lo, quem está deste lado se sente confortado. Porque agora sei que ela está em território de língua espanhola, mas está acompanhada por alguém que fala a língua da sua terra natal. Então dormi tranquilamente durante a última hora da manhã. Felizmente existem fases assim, tranquilas, em nossas vidas.

O segundo momento deste dia que gostaria muito de registrar com as minhas próprias mãos, para recordar para sempre, agora que já está escuro, aconteceu depois do almoço. Eu estava cochilando, sentado na cadeira, quando ouvi um boato. Abri os olhos e vi um jovem muito alto na minha frente. Estou habituado a este tipo de aparência e imediatamente imaginei que se tratasse de um voluntário de uma associação de jovens voluntários responsável por entreter, durante uma hora, sob a coordenação de Bianca, a animadora, residentes do Hôtel Paradis. O jovem se acalmou. Assim que ele se sentou, percebi que ele era muito feio. Ele tinha sobrancelhas muito grossas e, quando ria, revelava dentes brancos, brancos demais e poderosos. Muito feio. Ele tirou um jornal da mochila, mas implorei que não o lesse. “Para que ?” ele perguntou. “Porque”, respondi, e expliquei a ele que ultimamente os jornais e os noticiários da TV estavam me deixando triste.

O jovem insistiu em saber o motivo, ainda hesitei em responder mas acabei contando a verdade. Expliquei-lhe que, já há algum tempo, me enojava com as histórias de tantas tragédias, de fraudes, de roubos, de pessoas morrendo em barcos infláveis sem chegar à costa, de guerras, de bombas, de funerais com caixões no chão. costas de multidões revoltadas. Este é o mundo na sua contínua desordem e este colapso nunca acaba, disse-lhe eu. Como os jornais nunca revelam o fim das tragédias, limitam-se a anunciá-las e a

descrevê-las nas suas cores mais sombrias, acrescentei. São o retrato permanente da desordem sem ordem à vista. Então decidi, por mim mesmo, pôr fim a este colapso, ignorando-o. Como não posso lutar contra essas tristes realidades, desisto de conhecê-las. Antigamente era diferente.

O jovem da Associação Boa Vontade parecia decepcionado. “Uma renúncia?” Ele continuou. Sim, eu concordei. Eu costumava pedir que as notícias fossem lidas para mim, mas agora não quero. Na vida, naturalmente, o bem segue o mal; nos jornais, pelo contrário, só acrescentamos o mal ao mal, eu disse. Deixei claro, porém, que ainda adorava ouvir as pessoas lendo, agora que não conseguia mais fazer isso sozinho. Esclareci ainda que depois da primeira linha todas as outras se confundem e tremem como se o papel produzisse pequenos relâmpagos que me cegaram. O jovem de sobrancelhas grossas, muito feio, começou a remexer na mochila para tirar pequenos pacotes de papéis guardados em bolsos transparentes. “Tenho novidades para você”, disse ele, depois de examinar o conteúdo das mangas. Queria saber sobre o que se tratava o conto que ele pretendia ler. O jovem de sobrancelhas grossas respondeu: “Fala da vida de uma professora chilena que inspirou uma história muito bonita”. Mas fiquei desconfiado: “Muito lindo e muito triste, não é? Se ela é mais bonita do que triste, tudo bem. Caso contrário, ficarei sem ele.”

“Mais bonito do que triste, garanto”, respondeu ele, e começou a ler a história de um professor chamado Gálvez.

O menino lia bem, muito bem, na verdade. Mesmo que as notícias falem apenas de miséria, perseguição, deportações e tristezas, como eu imaginava, a voz do jovem conseguiu ser mais bonita do que as desgraças que leu. As sobrancelhas muito grossas, na sua tez muito escura, com os dentes muito brancos e poderosos, começaram a mudar diante dos meus olhos enquanto o menino lia as frases surpreendentes, das quais não conseguia lembrar, mas que iluminavam a fluidez deste voz. E uma vez mencionadas as desgraças e as tristes viagens entre continentes do personagem, perseguido por um ditador assassino, o jovem que antes eu achava muito feio leu admiravelmente a última parte da história deste professor nomeado por Gálvez. Foi um sonho, o sonho de Dom Gálvez, como o chamou o jovem em sua leitura. O jovem leu as breves linhas que mencionavam o sonho – Na sua vida passada, lá na sua terra natal, este professor dedicou-se com tanta dedicação à sua missão, que uma noite, pouco antes da sua morte, exilado na Europa, sonhou que ele havia retornado à escola de seu país distante para ensinar verbos regulares às crianças, e o sonho havia sido tão intenso e real que ele acordou de manhã cedo com os dedos cobertos de pó de giz. O jovem feio colocou os papéis no bolso e disse: “Como você vê, acaba bem”.

Eu não respondi nada.

Fiquei por alguns momentos pensando no final dessa história, pois demorei a compreender o significado desse desfecho surpreendente. Para compreender o episódio na íntegra, era preciso imaginar o sonho da volta do

professor à sua escola, imaginá-lo diante dos pequenos, imaginar seu sonho na escuridão do sono, ver o professor no sonho traçando letras brancas sobre um quadro negro, depois imagine o professor acordando e a imagem de seus dedos cobertos de pó de giz. Depois, imaginando o que o professor tinha imaginado, que gostaria que a sua imaginação correspondesse à realidade, imaginando-o novamente como um verdadeiro cidadão traído, fiquei espantado com a forma como se pode, através de tão poucas coisas, desencadear um sentimento de tal grande tristeza. Olhei para o jovem que era feio, agora parecia bonito, e me senti enfraquecendo, me deixando levar, como costuma acontecer com minha filha, e não quis alimentar esse sentimento de fraqueza que molhava meus olhos.

Finalmente eu disse: “Ah! Sim, termina muito bem. Mas dito isto, nada mais é do que a história de um professor e seu filho, uma história muito curta. É um conto muito curto, mesmo quando corresponde à verdade, está sempre mais próximo da mentira. Quando lia, gostava de livros grandes, daqueles que lembram o desenrolar da vida de uma pessoa ao longo do tempo. E gostei de ler livros sobre pessoas notáveis e não sobre professores que morrem derrotados, sem fazer barulho.” O jovem olhou para o relógio, mas não parecia estar com pressa. “Então, de quais livros você gostou?” ele perguntou.

Fiquei incrédulo enquanto olhava para o jovem com sobrelhas grossas. Foi o primeiro jovem da Associação Boa Vontade que me fez tal pergunta. Minha familiaridade com aquele jovem alto e magro estava se tornando exagerada. Fiquei vago, disse-lhe que gostava de livros que falavam das batalhas napoleônicas, tinha lido dois deles. Eu tinha lido um sobre a vida dos ingleses na Arábia. Da vida dos imperadores romanos, quando governavam tudo, eu tinha lido algumas. Um desses imperadores era gay e amava um menino que morreu mais tarde, cujo nome lembrava Antônio, e a dor do imperador foi tão grande que eu mesmo tive vontade de chorar. E mesmo assim foi muito difícil de ler, passei seis meses tentando terminá-lo, pulando páginas quando o assunto me escapava à compreensão, porque os nomes dessas cidades e desses mares não eram os de Hoje. Mas agora que já não lia, por maiores que fossem as letras, agora que dependia de quem pudesse ler para mim, tive de me resignar a pequenas histórias sobre a vida simples das coisas, isso também era bom, mas não tão bem como livros grandes, com muitas páginas, para que as histórias se assemelhem à existência real das pessoas.

E conversamos assim por mais de uma hora.

O jovem de sobrelhas grossas quis então saber um pouco da minha vida, mas eu não ia contar a ele. Assim como eu não queria que ele me contasse o dele. Estou muito velho, sei que o encantamento deve ser guardado em seu próprio recipiente, caso contrário transborda e se reduz a nada. Ficamos assim, confinados à leitura de um conto, bastava para que o nosso encontro tivesse sido perfeito. Pedi-lhe então, para terminar esta sessão de relaxamento promovida pela Associação Boa Vontade, que reliesse o mesmo

conto. O que ele fez. E na leitura dos infortúnios nada foi infeliz, pois todas as palavras foram direcionadas para aquele momento em que o professor acorda e tem os dedos cobertos de pó de giz. Quando ele terminou de ler pela segunda vez a história do professor, notei sob as sobrancelhas do leitor a existência de seus olhos profundos, seus cabelos caindo para o lado em uma bela desordem, e sua figura magra demais, sentada um pouco de lado, me lembrou de uma fotografia de um espírito. Achei lindo. Tão lindo que meus olhos doem ao ver. Para mim ele era diferente agora, era a voz preciosa de quem lê maravilhosamente um conto para uma senhora idosa ouvir, e sua voz teve o poder de revelar a beleza oculta no rosto do leitor. Dos seus lábios que me pareciam demasiado grossos e dos seus dentes demasiado brancos emergiu uma história admiravelmente lida, num tom apurado. Sua beleza, revelada após a última palavra, era tão intensa que se tornava insuportável encará-la. Queria que o jovem desaparecesse rapidamente.

Eu não deveria ser como sou, sempre esperando pelo belo, pelo grandioso, pelo poderoso. Talvez um pouco sem jeito, levantei a mão e dispensei o jovem. Eu disse a ele: "Obrigado, você fez uma boa ação. Você pode sair." E ele foi embora. Eu me culpei. Mas eu tenho esse temperamento, quero demais, dou ordens demais, amo demais algo que está além do meu alcance e, quando não consigo, procuro desesperadamente transformar o que existe de forma a aproximar o objeto defeituoso da realidade inatingível. Não sei onde colocar meus pensamentos que são vastos demais para o vaso da minha cabeça e o tamanho do meu coração. Eram três horas da tarde. Foi quando alguém veio me buscar.

NA SALA ROSA

Os passos do jovem desapareceram no corredor. Eu não sabia o que fazer com a resposta a essa leitura. Por um tempo fiquei parado, pensando no significado daquela notícia e no seu tom, mas imediatamente esse sentimento de encantamento congelado se transformou em ação. Salomé passou rapidamente no corredor, liguei para ela e ela veio me ajudar, eficiente e disponível como sempre. Pedi a ele que me levasse para baixo. Soube disso assim que cruzei a soleira da grande sala onde se dizia que, nos anos cinquenta, tinham havido bailes e recepções, cortinas com cenas de caça, pinturas com paisagens inglesas nas paredes, e que agora era ocupada por setenta cadeiras com braços, uma televisão suspensa no teto e um piano no meio do corredor, o eco da voz do jovem lendo maravilhosamente as desgraças do professor chileno e seu sonho de giz me ajudariam a tomar minha decisão. E foi o que aconteceu. Concentrei-me no espaço ao meu redor, em todos os meus colegas sentados, e antes que Salomé me indicasse algum lugar, pedi que ela me deixasse onde eu pudesse falar com o diretor Noronha.

Salomé me deixou feliz. Ela me colocou no corredor, entre a porta que dá para o Salão Principal e a que dá para o consultório e a capela, e nesta fileira eu não estava sozinho. Uma vez instalado, entendi que os outros dois companheiros ao meu lado estavam na mesma situação, à espera de Ana Noronha, a jovem que, durante vários meses, esteve à frente da administração desta casa. Notei também que a televisão não estava ligada, coisa rara num espaço onde o burburinho dos programas vespertinos mal nos permite ouvir uns aos outros. E pensei que as estrelas do acaso trabalhavam a nosso favor, pois o silêncio que ali reinava permitiria à jovem Ana Noronha, agora realizadora, ouvir-nos. “Pergunte por ela quando ela passar, mas educadamente”, recomendou Salomé, como se temesse que seríamos abusivos. E logo o diretor se aproximou, mas olhando para nós sem nos ver. A diretora continuou seu caminho, com muita pressa.

Acompanhando seus movimentos, custava acreditar que há um ano o Diretor Noronha tivesse respondido ao nome de Anita. Ela era então apenas uma estagiária que visitava os residentes em seus quartos às sete e meia da manhã. Ela chegava de sapatos baixos, batia em cada porta com a ponta dos dedos, pedia permissão para entrar e, quer estivéssemos dormindo ou não, ela se aproximava de nossas camas e se curvava. Ela então olhou calmamente em nossos olhos, seu olhar percorrendo nossos rostos, contemplando o que eles continham, lentamente, como se tivesse tempo de visitar pessoalmente nossas almas. Ela conversou com cada um de nós. Diz-se que ela cumpriu tão bem o seu papel de estagiária que em poucos meses tornou-se funcionária. E imediatamente subiu de posição, uma ascensão surpreendente, considerando que tudo isso aconteceu no espaço de um ano.

Mas se isso significava que ela tinha ganho muito, do meu ponto de vista houve, em tudo isto, uma grande perda – ela tinha perdido o olhar tranquilo. A partir de agora, os olhos da velha Anita passam rapidamente por todas as superfícies sem parar em nenhuma delas, vão e vêm encurralados, molhados, febris, e acho que, porque ela deve dirigir tudo, ela não possui mais nada disso fez dela uma pessoa amada. Anita transformada em Dona Noronha perdeu a paz do olhar. Na minha opinião, ela não subiu de posição, mas foi rebaixada. Naquela tarde, quando fui colocado no corredor, ela ia e vinha, parecendo não ver ninguém. Ocupado.

Tão ocupada que ela aparecia ora pela lateral do Salão Principal, ora pela lateral do consultório, como se estivesse andando pela casa, sem parar perto de nós mesmo que meus colegas exigissem abertamente sua atenção. Dona Santanita, sentada à minha esquerda, quando dona Ana Noronha passou, conseguiu puxar a ponta da saia. Ela se esforçou muito, mas a saia escorregou de sua mão. Quando o diretor passou novamente, o Sr. Mota, sentado à minha direita, levantou-se e tentou diminuir o passo com a bengala. A diretora, que caminhava em passo acelerado com um maço de papéis nos braços, conseguiu avançar, deixando-nos para trás. Não perdi as esperanças, sabia que se ela se abaixasse para respondê-las, eu também teria minha chance. A televisão continuava silenciosa e só se levantavam vozes da lateral do elevador, entre as quais reconheci a de Dona Joaninha. Alguns falavam alto, mas Dona Joaninha ria alto. Essa era a direção que a diretora estava tomando, como se ali houvesse um foco particular de interesse. Na sala, sem o som da televisão, as vozes ao fundo, embora em tom simples de conversação, ecoavam por toda a sala. Contudo, o Sr. Mota não desistiu. A diretora Noronha, que até recentemente chamávamos simplesmente de Dona Anita, estava de passagem novamente. Ele gritou: “Pare aí!”

Diz-se que o Sr. Mota era um bom carpinteiro, no seu tempo geriu uma grande oficina de onde saíam móveis cheios de gavetas e do tamanho de casas. Eu acredito nele. Quem quer que fosse Mota, seu grito funcionou. “Pare aí!” A diretora se abaixou, seus longos cabelos na altura de nossos rostos, ela sorriu para meus colegas. “Vá em frente...” disse dona Noronha. Seus olhos pousaram no chão por um momento. Ela escutou. Então Dona Santanita falou em seu ouvido, longamente, sem parar de mexer os lábios. Noronha se libertou, respondeu em voz alta: “Dona Santanita, ninguém roubou seu casaco de primavera. Ele simplesmente desapareceu. Mas aqui, ultimamente, tudo o que desaparece reaparece. Ele provavelmente está na lavanderia. Não se preocupe, eu mesmo pego. Você verá, você pode colocá-lo amanhã...”

Dona Santanita acreditou nela: “Ah! Que alegria encontrar minha jaqueta marrom novamente.” E então o diretor dirigiu-se ao Sr. Mota: “Vá em frente”. Um assunto muito simples. Afinal, o senhor Mota só queria colocar uma nota de vinte euros num lugar seguro e não sabia como fazê-lo. Mas neste caso teria de esperar e entregar o bilhete ao secretariado, Luís Cotovio

trataria disso. O diretor não teve tempo de levar o Sr. Mota ao Cotovio, mas o Cotovio viria vê-lo. O Sr. Mota não ficou convencido. “E o que eu faço com meu ingresso enquanto isso?” perguntou o carpinteiro, com a voz cheia de angústia. “Segure bem na mão, senhor Mota, não solte, segure bem no bolso, o Luís já vem.” E a diretora Noronha ia levantar e ir embora, o cabelo dela até voou em outra direção, mas eu não deixei. Eu disse: “E eu não sou ninguém?”

Noronha colocou a mão no meu ombro: “Que ideia, dona Alberti. Diga também o que você precisa. Ali comecei a tremer, as palavras estavam ancoradas em meu coração e se recusavam a se soltar. Enquanto a diretora esperava pacientemente pelas minhas palavras, finalmente consegui perguntar-lhe: “Senhora Ana Noronha, por acaso você sabe onde existe uma cidade chamada Baku?”

“Baku?” ela perguntou.

Tive que repetir a palavra várias vezes porque o jovem realizador não fazia ideia que existia uma cidade neste mundo com um nome assim. E, sem conseguir reconhecer essa palavra, ela ia sair novamente, mas eu lhe disse, com toda a energia da minha alma: “Senhorita Anita, estou pedindo que olhe no seu celular, eu imploro, porque eu esqueci onde fica esta cidade, num país perto do Mar Cáspio cujo nome não me lembro, e se pensar bem mal consigo dormir...” E enquanto me preparava, abri a bolsa que carrego no meu peito e entreguei-lhe o papel com a nota escrita.

Ela pegou o celular, copiou o bilhete e ao mesmo tempo olhou ao redor. O silêncio inusitado que pairava sobre a sala transformava todos os gestos e palavras em acontecimentos importantes. A risada de satisfação de Dona Joaquina ressoava ao fundo no meio do silêncio, e outras vozes a acompanhavam. Enquanto isso, dona Noronha, muito jovem, muito bem vestida, muito bem calçada, procurava no celular a palavra Baku, movendo os dedos ágeis para frente e para trás. E eu, ainda impressionado ao ler sobre o menino de sobrelhas grossas cuja vida me dera um presente, pensei como era triste que uma jovem tão bem vestida, de apenas trinta anos, não soubesse onde ficava uma cidade do Cáucaso, Sul da Ásia, Baku. Não nego que estou chateado. O que alguns graduados sabem hoje em dia? O que lêem, o que escrevem, que ninarias estudam em vez do que deveriam, para não saberem história nem geografia? Poucos conseguem ler como o menino de sobrelhas grossas. Eu estava nesses pensamentos, enquanto a jovem digitava no teclado do seu celular, quando ouvimos a voz de uma cuidadora gritando do corredor: “Por favor, vá até a porta de entrada, o senhor Paiva quer fugir! ”

“Quem quer se salvar?”

As vozes animadas vindas do fundo da sala pararam. Algumas cabeças se voltaram para a porta da frente. Eu tentei fazer o mesmo. Eu estava longe do incidente, mas entendi que provavelmente estava acontecendo um confronto na recepção entre o Sr. Paiva e um dos cuidadores. Naquele momento, a diretora já havia fechado seu laptop onde estavam escondidas a

Europa e a Ásia, com todos os mares e rios, e entre eles a palavra Baku, e como tinha que supervisionar sessenta e dez pessoas sentadas, ela voou em direção ao lobby. . O confronto não durou muito. A luta foi rápida. Um choque metálico e janelas quebradas. Mas depois de alguns gritos, o senhor Paiva estava de volta à sala, preso nos braços de várias meninas, e não só havia ferido uma delas, uma menina magrinha, com quem havia brigado na porta, mas ele havia se machucado e estava sangrando. Noronha pessoalmente ajudou a controlar o entusiasmo do fugitivo, que ficou com um belo corte na testa ao bater a cabeça na janela. Por fim, sentaram o Sr. Paiva, tranquilizaram-no, deitaram-no e cobriram-no com um pano branco, enquanto aguardavam o tratamento. A maca improvisada, instalada no ponto de passagem, estava bem ao nosso lado. À minha esquerda Dona Santanita, à minha direita Sr. Mota. Nós os três percebemos então o que estava a acontecer – Debaixo das cadeiras onde conseguiram deitar o Sr. Paiva, começou a escorrer um líquido que rapidamente criou uma poça oval no chão.

Nós três ficamos hipnotizados enquanto a poça crescia cada vez mais. Com os olhos fixos na poça, nem meus camaradas nem eu falamos. Nós não nos movemos. O Sr. Paiva foi exposto a nós e vimos o que não queríamos ver. E não queríamos que mais ninguém presenciasse tal cena, se por acaso eu interpretar corretamente o que nós três estávamos vivenciando ali. Porém, alguém apontou para o chão onde as gotas continuavam caindo e o jovem diretor ordenou ação: “Salomé, Maria Lina, venham aqui...”

Passavam esfregonas e baldes por nós, as meninas corriam para levar o Sr. Paiva consigo. Cinco minutos antes, o senhor Paiva era um leão arrombando a porta com a cabeça. De repente, ele havia se transformado em um pequeno embrulho humano, envolto em um pano branco, com um corte na testa e o traseiro molhado. Três garotas o levavam. Dona Santanita disse: “Você viu a mesma coisa que eu?”

Eu não disse nada. Queria que o senhor Paiva tivesse quebrado a porta de vidro com a cabeça e fugido, apesar dos cortes no rosto. Dona Santanita também. Sr. Mota também. Estávamos ali em pensamentos, quando dona Joaninha Amaral atravessou a sala, aproximou-se da minha poltrona e disse com a voz estrangulada: “Dona Alberti, que indecência. Que algo assim aconteceria em um dia tão lindo. Ninguém percebeu que havia uma pessoa especial nesta sala? Olhe para cá. Mas nem sempre é possível olhar para onde nos mandam olhar. Só vi quatro pessoas desconhecidas, três homens e uma mulher desaparecerem pela porta do corredor, e depois de um tempo ouvi a porta bater. Nada mais. Agora está escuro, a minha mão direita está instável, mal traça no papel um bilhete de três linhas sobre este dia que não esquecerei: o telefonema da minha filha, a visita do menino leitor e a tentativa de fuga do Sr.

22 de abril 2019

Luta de passarinho, o que eu

*ver pela janela é um vôo de mergulho – Nas penas
espadas, feridas,
ferimentos.*

APARÊNCIA

Finalmente, o aroma de bergamota o precedeu. Finalmente, Lilimunde falou e riu atrás da porta, ela se mostrou, ela se escondeu. Ela falou de seu grande Samsung, um esplêndido aparelho que guarda no bolso e que consulta constantemente, sempre que tem as mãos livres. Ela riu de certas palavras ditas a ela do outro lado da linha. Ela riu. Às vezes eu não via ela nem o Samsung, mas sabia que logo ela e seu aparelho entrariam no meu quarto. Antes, o cheiro de bergamota o teria precedido. Lilimunde se aproximava com seu poderoso Samsung. Com algum esforço, apoiei-me na grade da cama e consegui me levantar. Eu esperei. Fiquei esperando ele se aproximar e, antes que ele chegasse, pensei em fazer quatro perguntas que havia resolvido durante a noite.

Primeiro, se a sua Samsung conseguisse estimar a distância entre Portugal e o Chile.

Segundo, dependendo da distância, se ela pudesse me dizer a diferença horária entre um país e outro.

Terceiro, se as comunicações telefônicas entre os dois países costumam sofrer perturbações, mais do que entre quaisquer outros, ou não.

Quarto, o mais fácil de tudo, se ela pudesse me dizer em que país fica a cidade de Baku.

Finalmente.

Esperei, mantendo as quatro perguntas escritas na mente, enquanto, perto da porta, ela conversava e ria, colada à câmera. Eu estava cheio de esperança, tinha certeza que ela responderia num piscar de olhos, bastaria ela tocar em certas teclas e as respostas apareceriam imediatamente na *tela* que brilhava em suas mãos. Então Lilimunde entrou no meu quarto enquanto colocava o aparelho no bolso. Ela tem esse Samsung, um objeto que inclui um relógio universal, um globo, um mapa estelar e até um mapa dos passos que você pode realizar durante o dia. Além de poder tirar fotos de paisagens, retratos, ter um espaço para guardar tudo e ainda abrigar notícias do mundo todo. Pensei nisso, enquanto Lilimunde, perfumada, muito alegre, como se tivesse recebido um telefonema cheio de boas notícias, escolhia minhas roupas, me lavava, arrumava meu cabelo, colocava minhas joias no braço e nas orelhas, arrumava meu *lenço* da Primavera. Quando ela finalmente me sentou na cadeira de rodas, eu lhe disse: “Minha pequena Lilimunde, você poderia olhar no seu celular quantos quilômetros são daqui até Santiago do Chile?”

A garota prestou muita atenção ao meu pedido. Muito pequena, quase uma criança, ela se encostou na minha cadeira e pediu desculpas, pois sabia muito bem que se tratava de uma cidade grande da América Latina, mas infelizmente não conseguiu saciar minha curiosidade: “Ah! Que pena, dona Alberti, não posso fazer nada. Você precisa perguntar a outra pessoa...”

Lilimunde é brasileira, vem do Pará, mais precisamente da cidade de Marabá. Muito jovem, tão jovem que se diz que não tem idade nem para trabalhar numa instituição como esta, sentiu-se triste por não saber responder ao meu pedido. Ela sabia que o Samsung que lhe foi dado continha conhecimento ilimitado, talvez todo o conhecimento do mundo, todo o conhecimento das pessoas desde Adão e Eva, todo o conhecimento da Terra estava nesta bolacha fina, tão fina quanto uma barra de chocolate ao leite, mas ela não sabia como esse conhecimento foi desencadeado. Ela só sabia ligar, atender, fazer videochamada, tirar fotos, enviar, receber, nada mais. Espantado, perguntei: “Você nem sabe ver quais capitais existem na Europa ou na Ásia?” Lilimunde de joelhos parecia arrependida, bom não, ela nem sabia disso.

Conversamos enquanto ela me preparava, até que começou a empurrar minha cadeira pelo corredor. Seu cheiro de colônia de peônia e bergamota compensou a decepção que ela me causou por não saber como operar seu Samsung de maneira eficaz. Não foi grande coisa. Chegando ao salão, quando ela me deixou na fila do meio, entendi que o clima ali era completamente diferente daquele do dia anterior, e toda a minha atenção estava voltada para a compreensão dessa mudança. Havia uma atmosfera alegre no ar. Sem saber porquê, algo me disse eh, eh! Até a garota sentiu essa mudança. “Virgem Maria, Dona Alberti, estou sufocando...” disse Lilimunde. O que finalmente estava acontecendo? Você tinha que observar.

Na parede de cima, a televisão ainda estava desligada, mas por toda a sala havia um rebuliço geral. Meus companheiros de mesa, que haviam chegado tarde como eu, também estavam se perguntando. Eu queria ver o que não podia ser visto. Senti uma onda invisível agitando a atmosfera e animando os lentos habitantes desta casa, mas não consegui identificar a sua origem. A diretora, de cabeça erguida, passou pelas cadeiras sem parar. Bianca, a anfitriã cultural, apareceu com um buquê de rosas arrumado em um grande vaso que colocou sobre o piano. O anfitrião disse para que todos pudessem ouvir: “Jovens, é primavera, o mês de maio chegará em breve...” Meus companheiros de mesa, com quem eu estava sentado, falaram em voz alta sobre o perfume que emanava do vaso, mas o sussurro veio de outra fonte que não consegui identificar. Percebi que, naquele momento, todas as pessoas que ainda conseguiam falar estavam falando. Mas não foi por causa das rosas, nem do piano, nem do apresentador cultural. Eu finalmente descobri. A causa desse murmúrio incomum era uma pessoa elegante, andando com uma bengala de quatro patas que a segurava no chão. A figura havia entrado na sala. Era um homem.

Era um homem elegante, de peito arredondado, muito mais arredondado que a barriga, barriga lisa, como se não tivesse comido nada, cabelos quase brancos, ainda com algumas linhas cinzentas bem claras, vestido com um lindo casaco de couro. . Ah! Sim, quem entrava ainda poderia usar um casaco assim, talvez feito de pele de búfalo, esticado bem nos ombros, sem se curvar. O problema dele deve estar nos membros inferiores, pensei. Ele

mancou ligeiramente e agarrou-se a esta bengala de quatro patas. Tudo isto aconteceu esta manhã, mas esta cena ainda está viva aos meus olhos como se estivesse acontecendo agora, neste momento em que a relato. Porque naquele momento, ao olhar para ele, compreendi que a alegria que percorria a sala tinha origem nesta figura que caminhava entre nós, indo e vindo, como se não encontrasse uma cadeira que lhe conviesse. , ou se recusou a pertencer ao local onde havia desembarcado. Eu disse a mim mesmo.

E notei também que enquanto muitos moradores do hotel olhavam para este homem, acompanhando seus movimentos, como se disso dependesse a harmonia do futuro, era Dona Joaninha quem mais atuava em sua direção. Além disso, Dona Joaninha falava alto, olhando para o recém-chegado, explicando que ele já tinha vindo há duas semanas acompanhado de seus entes queridos. Nessa data, ela havia sido informada de sua inscrição e do dia em que esse senhor retornaria definitivamente. Na última segunda-feira, ele esteve presente quando o senhor Paiva quis fugir. E finalmente, desde o dia anterior, ele estava lá. Este homem veio para ficar. Dona Joaninha olhou as rosas no piano e bateu palmas. Um funcionário, contaminado de alegria, disse ao homem de peito redondo que perambulava pelo salão em busca de lugar: "Senhor Sargento João Almeida, o senhor não gostaria de sentar deste lado?"

O novo morador, que acabou sendo sargento, ou já foi, sentou-se ao lado da cadeira de dona Joaninha. A cadeira de Dona Joaninha fica perto do corredor onde às vezes me coloco porque as pessoas sabem que gosto de fazer perguntas à Dona Noronha, e ao lado de Dona Joaninha sentam-se as outras amigas, Dona Luísa de Gusmão a Dona Rita de Lyon. Eles ouviram o que eu mesmo ouvi. Dona Joaninha perguntou em voz alta: "De onde você é?"

Pela primeira vez ouvimos a voz deste homem distinto. "Sou de Lisboa", respondeu ele. Dona Joaninha pareceu encantada e informou a vizinhança: "Esse senhor se chama Sargento e vem de Lisboa". Uma das meninas que não passava muito longe naquele momento, empurrando um residente à sua frente a caminho da enfermaria, corrigiu: "Esse senhor não se chama sargento. Ele é sargento e se chama João Almeida, o que é bem diferente." Dona Joaninha repetia em voz alta para todos ouvirem: "O nome dele é João Almeida e é sargento".

Naquele momento entendi que Dona Joaninha estava particularmente interessada no recém-chegado. O relógio da igreja bateu meia-noite e pensei: Dona Joaninha vai abandonar a nossa mesa e começar a fazer as refeições com o sargento? Mas não, o senhor João Almeida, sargento, sentou-se numa mesa na frente. Dona Joaninha, ao nosso lado, de frente para ele. A familiaridade da atenção que Dona Joaninha deu ao sargento perturbou a nossa mesa. Neste momento estou pensando nesses acontecimentos e, à medida que a noite se aproxima, volto a vê-los e fico maravilhado.

25 de abril 2019

*Cuidado com o canto do melro.
O pássaro bicou as frutas vermelhas
- O sol amarelo mudou
de cor .*

A SILHUETA

Sei que sei muito pouco, mas mesmo o pouco que sei gostaria de deixar por escrito. Como fazer ? Desde agora tenho dificuldade em escrever até mesmo os meus pensamentos mais breves? A caneta, por mais escorregadia que seja, parece ter pouca tinta, e a folha desliza sob minhas mãos como se, em algum lugar misterioso, a força de um ímã as puxasse para o chão. Já há algum tempo, meus pensamentos têm sido numerosos, mas meus escritos têm sido poucos. No papel, recolho apenas as palavras essenciais, como costumam fazer as crianças quando ainda não sabem construir frases e, no meu caso, o resultado são escritos que alguém, além de mim, será até difícil atribuir significado. Deixo imagens vergonhosas escritas nessas folhas soltas. Palavras que soam como versos rimados, sem que eu quisesse. Uma coisa grosseira. Um dia, escrevi num pequeno pedaço de papel: *Algo ruim vai acontecer com a Terra. A televisão é o espelho e está em guerra* . O jornal caiu no chão, meu genro, que veio me visitar, pegou, leu e pediu para eu não parar de escrever o que penso. Não hesite, porque seus pensamentos, de uma forma ou de outra, sempre acabam me ensinando alguma coisa, ele havia dito.

Olhei atentamente para o rosto dele, com medo de que ele estivesse planejando zombar de mim. Como ele permaneceu sério enquanto segurava o papel, acreditei no que ele havia dito. Ele colocou no bolso. Mas o que penso, agora que chegou a madrugada, a luz está acesa, tenho um papelzinho na mão e a insônia definitivamente tomou conta de mim, a ponto de chegarmos a me sentar encostado na cabeceira da cama, agora eu sei por que o Sargento João Almeida, com a sua silhueta direita, veio perturbar uma assembleia de setenta pessoas imóveis no meio do mundo. Setenta pessoas reunidas que formam uma família, que caminham para o fim do seu tempo. Um rebanho perdido, sem pastor nem dono. Agora sim, agora que vi o sargento, eu mesmo vejo as coisas com clareza e entendo por que deixei cair minha mala no chão quando pisei pela primeira vez no patamar do Hôtel Paradis e vi a sala lotada de gente de da mesma idade, sentados lado a lado, as marcas do tempo gravadas em seus corpos como se estivessem diante de um relógio que lhes dizia a cada segundo, menos um, menos um, menos um, aqui vamos embora muito rápido.

A bolsa escorregou de minhas mãos, e meu espelho, meu pente, meu lenço, meu celular, o porta-retratos com a foto de minha filha rolaram pelo chão, e enquanto meus pertences espalhados eram recolhidos, desejei que uma gentil , uma epidemia invisível e venenosa desce do teto, sem som nem dor, o que fecha os olhos de todos que estavam na sala. Na verdade, eu não queria ultrapassar aquele limiar, não queria entrar, e ao entrar, ainda de pé, quis muito isso. Que uma grande onda invisível, alta como uma nuvem, nos leve a todos, todos estranhos, mas irmãos, unidos na mesma discórdia entre corpo e espírito. De mãos dadas, bem próximos, como se fôssemos pular

uma onda que nos levaria para outra praia. Unidos, crianças nascidas na mesma época. Vem e vai. Morte, meu amigo, venha já, pedi. Mas há dois dias, quando vi pela primeira vez o sargento João Almeida a andar elegantemente por este complexo, manobrando tão bem a bengala de quatro patas, o cabelo grisalho tão cuidadosamente cortado, compreendi porque é que a sala está alvoroçada quando ele chega. Porque ele vem contradizer, com sua bela silhueta, forte e esbelta, nossos tristes pensamentos. Inimigo morto, pare aí, na porta da frente, pois a imagem do sargento vem acenar para a vida. Todos vivos unidos, vivamos. Dona Joaninha é sua assistente. Pena que não consigo escrever como antes. Agora só traço palavras que ninguém lê, traço com um lápiszinho, e uma vez escritas, nem eu sei como decifrá-las. Um tumulto de vida agita o interior desta sala - Por hoje, é tudo o que posso dizer e nada mais.

*O ANJO DA GUARDA **

Sim, um tumulto está acontecendo dentro desta casa.

Estou vigilante. Hoje, depois do almoço, o sargento saiu da sala para o quarto e dona Joaninha empurrou meu carrinho. Um ato clandestino que aceito porque me poupa de esperar penosamente na fila até que alguém pense em me levar ao meu destino. A diretora Ana Noronha, que já me visitou de madrugada, mantém a proibição de uma colega minha poder dirigir minha cadeira de rodas, sob o pretexto de falta de segurança, mas de vez em quando enganam sua vigilância e empurram com prazer para que Posso então ficar e contar suas vidas enquanto os ouço quase sem dizer nada. Isto é o que aconteceu hoje. Dona Joaninha esperou o momento certo e começou a correr, puxando-me para frente dela. “Espera aí, dona Alberti, vamos, choo choo, antes que sejamos pegos e nos separemos...” disse ela, empurrando o carrinho. Mas desta vez não estávamos sozinhos. Dona Rita, de Lyon, também nos seguiu.

Os dois guardaram minha cadeira e sentaram-se na cama desocupada. Ambos queriam falar sobre suas vidas. Dona Joaninha pode querer falar do Sargento João Almeida, mas Dona Rita foi mais persuasiva e disse: “Dona Joana Amaral, vai porque quero ter uma conversa muito especial com Dona Maria Alberta...” E minha amiga aí mais perto, a quem, como eu, sabia cuidar de flores, levantou-se e foi embora. Então Dona Rita de Lyon, que se chama assim porque viveu vinte anos nesta cidade francesa, aproximou-se da minha poltrona, pegou minhas mãos e me disse: “Dona Alberti, você sofre quando sua filha não está só porque você quer que ela seja. Vemos que você gosta de se torturar. Não se esqueçam que meu filho é piloto da Air France, vive em constante perigo lá em cima, e eu durmo em paz porque acredito nos seres que nos protegem, acredito no poder do sagrado *Anjo da Guarda* .”

Dona Rita, de Lyon, não esperou que eu dissesse uma palavra. Ela se inclinou para mim e falou no meu ouvido para não ser ouvida por mais ninguém. Ela olhava constantemente para a porta entreaberta: “Você não acredita e, portanto, não tem um *Anjo da Guarda* protegendo sua filha. Enquanto durmo em paz porque envio meu *anjo* para viajar ao lado de Clarence, meu filho. Meu *anjo* é muito poderoso . É mais ou menos do tamanho de um Airbus A 380, ida e volta, um *anjo grandioso* , que se deita de braços abertos sob a fuselagem, e voa rente à barriga do avião, segurando-o com as mãos e as asas. Acordo à noite e até rio, imaginando meu filho dirigindo aquela *grande nave* no escuro, lá fora no espaço, com as luzes acendendo e apagando com total segurança. O *Oceano Atlântico* abaixo, um abismo, o céu acima negro como breu, mas entre o avião do meu filho, a terra e o mar, está esta figura vestida de véus e rendas transparentes, esta figura gigante, apoiando o meu filho o piloto, o a tripulação e os passageiros, que às vezes chegam a quatrocentos e poucos,

e perto deles está esta figura celestial irradiando sua luz ofuscante. Pois bem, isso não acontece com você porque você não acredita no anjo , e quem não acredita sofre muito porque não ajuda os incrédulos. *Você é um descrente ...*”, disse Dona Rita de Lyon. E acrescentou, demonstrando a sua grande tristeza por mim, agora em voz alta, longe do meu ouvido: “Acredito que você não acredita em *anjos* , muito menos *no Virgem Santíssima* , Dona Alberti. É verdade ou não?

Como demorei a responder, Dona Rita concluiu: “Ah! Eu pensei, bem, eu sabia. Você é uma daquelas pessoas que só acredita no que vê. Isso se chama falta de espiritualidade. Enfim, *peço a Deus* que ela volte bem para casa...” Rita de Sousa Bisset, conhecida como dona Rita de Lyon, ainda estava esperando, *então o que você me diz? Eh?* * Desesperada em ouvir minha resposta, ela se levantou e saiu. Fiquei sozinho no quarto, sentado, nem acordado nem dormindo. Memórias do meu jardim me salvaram. Um por um, juntei os canteiros e as sebes. Fechei os olhos. Nessa época, se por acaso a seca o permitiu, as lantanas estão carregadas de flores vermelhas, os viburnos formam guirlandas brancas, a pervinca azul desliza pela parede, as rosas são taças de perfume rosa, eu sei.

27 de abril 2019

Ela trouxe de volta os pequenos viburnos da beira de um grande lago. Cresceram - Agora regam, com murmúrios de água, os longos dias da sua ausência.

A VISITA DA TARDE

Que a noite que se aproxima não permita que a noite escura se separe do seu lugar de escuridão e se mova em direção ao meu corpo, para retomar a discussão interrompida. Esses dias se passaram e ainda não sei o nome do país do qual Baku é a capital. Estamos no meio de uma trégua, porque não deixei de me interessar em resolver o problema, assim como a noite, com certeza, desistiu de me perseguir, o que significa que se estabeleceu entre nós uma trégua benéfica. Espero que esta recompensa continue, mesmo sabendo que nada é linear nesta vida – Esta tarde, quando Nina Mercedes apareceu à porta para anunciar quem vinha, imaginei que o leitor da Associação Boa Vontade me visitasse novamente, mas quando Descobri quem era, estava pronto, pelo contrário, numa hora amarga.

Planejei tudo e ainda assim não tive tempo de preparar minha defesa. Imaginei apenas o grito do melro com que o meu genro costuma anunciar a sua chegada, e o apito estava ali. Fiquei pronto para presenciar a pulverização imediata do spray, e havia aquele cheiro enjoativo de jasmim com que ele borrifava o ar antes de entrar, disfarçando sua intenção, dizendo em voz alta como se fosse Louis __ olhando para fora, acima das folhas de palmeira , e esperando com calma pelo sacrifício, mas o que eu esperava não aconteceu.

Pelo contrário, meu genro abriu uma das sacolas que trazia consigo e tirou um buquê de arums que colocou na floreira da entrada. Ele disse: “Eu os colhi de um arbusto perto da ameixeira. Eles são para você. Ele descreveu outros arbustos de flores no jardim da minha casa, sem falar no chamado das quatro horas. Apesar de tudo, na defensiva, não tirei os olhos das folhas das palmeiras que balançavam no céu. Ele então quis saber onde eu guardava meu pente.

Ele foi buscá-lo, puxou minha cadeira em sua direção e começou a pentear meu cabelo. Eu não disse nada. Ele passou o pente no meu cabelo, passando-o sobre os olhos como os cabeleireiros fazem com seus clientes, e depois dessa operação ele não sabia como arrumar meu penteado. Como os homens fazem quando começam a pentear o cabelo de uma mulher, ele mexeu no meu cabelo até encontrar a risca, experimentou, penteou meu cabelo para trás e para o lado, depois pressionou a mão nas minhas orelhas, comprimindo o resto dos meus cachos , e continuei em silêncio. Quando ele terminou, meu genro disse: “Agora vou tirar uma foto sua para mandar para ela assim que ela estiver em algum lugar com rede. Sem o consulado espanhol eu nem saberia onde ela está...” Ele então pediu para eu me endireitar, para rir, tirou uma, duas, várias fotos, e não estava falando da minha ligação para a madrugada. Mas seus pensamentos não deviam estar longe porque ele abriu outra sacola e tirou um livro enorme, um livro de tamanho impressionante.

"Você gosta ?" ele perguntou.

Ele exibiu o cobertor diante dos meus olhos. Eu consegui ler. Foi o *Grande Atlas Geográfico* do Planeta DeAgostini. Obviamente o tema das quatro horas estava lá. Ele colocou o grande volume de tamanho impressionante sobre uma cadeira, abrindo as bordas que se projetavam do assento. Ele folheou aleatoriamente e encontrou a Ásia. Eu disse: “Inútil, não consigo entender as letras. Vejo os mapas, mas não consigo ler as lendas.” Ele respondeu: “Não tem problema, aqui está a solução, já pensei nisso”. E da mesma bolsa tirou um estojo com uma enorme lupa de borda prateada. “Experimente”, disse ele. “Com esta lente você pode ler tudo.” Eu disse: “Com licença, não posso. Olhem para os meus pulsos, vejam como não consigo suportar o peso de um caderno. Mal consigo levantar uma folha de três gramas, e agora você quer que eu pegue um livro de dez quilos... — Fechou o *Grande Atlas Geográfico* e guardou-o na bolsa.

“E essa ?” — ele perguntou, tirando de uma terceira sacola o velho Globo que eu usava na mesa de cabeceira. E, sem me dizer nada, caminhou em direção a uma tomada e a luz azul apareceu e iluminou a esfera.

Eu não queria expressar o que sentia, mas comecei a tremer. Eu não podia aceitar, não podia ter comigo, no meu quarto, um globo que me iluminasse durante a noite, não podia. Isso foi na casa que deixei lá, pensei, enquanto ele ria, pensando em me trazer alívio. Mas não, era impossível. O Globo fazia parte daquela que tinha sido a minha casa, daquela da qual eu queria sair na hora certa por iniciativa própria para sempre. Que o Globo permaneça ali, no meio do universo de todos os meus objetos, partes móveis que pertenciam a uma realidade inteira em relação à qual nenhum dos objetos se moveria sem perder o seu significado. O Globo Terrestre não poderia ser movido de um lugar para outro e ainda assim ser o mesmo objeto. Retirado de sua moldura, esse globo que me fazia companhia tornou-se um pedaço de sucata pintada. E mais, nunca seria possível mantê-lo neste lugar. É impossível ter um objeto secreto onde tudo é visto e revisto, examinado e inventariado pelos olhos dos outros, porque aqui onde estou não tenho nenhum canto próprio, nenhum objeto me pertence, até o meu corpo já não é mais um objeto. canto íntimo da minha alma como era antes. Só os meus pensamentos me pertencem, só eles não são monitorados, e ainda assim há quem tente adivinhar porque falo ou fico calado. O meu Globo, aqui, entre estas paredes que não me pertencem, nu, lavado com lixívia e todo o tipo de detergentes, seria objecto de ridículo. “Com licença, leve o Globo para casa...”, perguntei. E tive que dizer isso com tanta veemência que meu genro obedeceu. Também sem dizer uma palavra, ele desligou a tomada e colocou o Globo de volta na sacola.

Mas meu genro tinha ainda outra proposta, embora não tenha mencionado a ligação às quatro da manhã. Ele se sentou ao meu lado e me mostrou seu celular. Ele o abriu e demonstrou como seria simples para mim satisfazer minha curiosidade se aceitasse um aparelho idêntico. Dois dedos foram suficientes para acessar as informações. Mas ao vê-lo passar por cerca de vinte teclas e pressioná-las mais vezes para chegar onde queria, eu disse:

“Não, obrigado, não preciso de mais nada. O aparelho que tenho, muito simples, me basta.”

Claro que gostaria de poder ter um objeto desses no bolso, um aparelho perfeito, informativo, acho que até com conhecimentos universitários, como o Samsung de Lilimunde, mas não era para mim. E não fazia sentido explicar porquê. Eu disse a ele: “Gosto do aparelho que tenho, ele liga e aceita ligações. Isso é tudo que eu preciso...” Ele permaneceu imóvel, parecia desapontado e preparado para sair. E eu, em meio a esse tumulto que assolava minha alma, não lhe perguntei onde ficava Baku. Teria sido tão simples, basta perguntar e ele teria respondido. Também não perguntei se ele sabia quando ela voltaria para casa. Foi ele, já no corredor, quem voltou para me dizer: “Ela voltará assim que a Avianca encerrar a greve e puder viajar entre Santiago e Caracas. Não posso contar mais nada no momento...” E ele assobiou como um pássaro.

Meu genro chegou com três malas, quando saiu tinha duas. Os arums permaneceram na cômoda do corredor. Eu olho para essas flores e elas parecem vestidos brancos. Não acredito em fantasmas, mas neste momento imagino um anjo de asas abertas, longos cabelos dourados, roupas de tule, voando sob o avião da Avianca, trazendo de volta quem amo.

Hoje foi um dia lindo e um dia terrível.

O INFORMANTE

Mas hoje foi um dia lindo. Quando eu era jovem – já faz muito tempo que Churchill e Hitler ainda estavam vivos e em guerra – aprendi que a alma que sobe eleva o mundo. Eu sei porque amassei pão. Este é o princípio do fermento. O fermento azedo, misturado à massa, transforma-a e faz-a inchar. Da mesma forma, uma pessoa bonita tem o poder de temperar a feiúra do mundo com a beleza. Num outro registo, já aqui, no Hôtel Paradis, verifiquei que basta um simples cesto de frutas cor-de-rosa para transformar um espaço triste de paredes cinzentas num recinto acolhedor. Chamamos isso de fermento bom da cesta. Só a beleza está ligada a um certo conhecimento de como organizar os objetos. Porque não controlamos todos os nossos traços, nascemos harmoniosos ou não, não temos controle sobre nós mesmos, mas sim sobre a composição dos objetos, sim, é possível.

Infelizmente por aqui muitas meninas não sabem o que são retas paralelas, tangentes ou secantes. Eles nem devem saber o que é um círculo. Também espalham os talheres e copos pelos pratos, deixando-os sozinhos, reduzindo assim as peças de louça à categoria de bebedouros. Sei que estou exagerando, mas é uma das minhas decepções, embora nunca comente ou diga uma palavra. Assim que me sento à mesa, alinho o garfo e a faca, coloco a colher à direita, e pego o guardanapo que está longe do prato, na verdade nem sabemos como fazer quem é o dono de cada toalha. E o vidro, ah! Vidro ! Gosto que fique na borda do círculo da placa, bem no meio da linha que chamo de arco. Só então olho para a janela. Ao pedir o meu prato, digo a mim mesmo que estou encomendando a terra, o mar e o mundo. Ao elevar o layout de uma placa, elevo toda a geometria. Eu penso isso, mas sem dizer. Em silêncio, cada um pensa o que pensa. Hoje apareceram no cesto sete maçãs rosadas e a beleza destas frutas realçou a harmonia que respirava na sala, em virtude da figura de um homem bonito sentado numa das mesas.

Na verdade, o sargento estava na mesa ao lado. Em cada mesa havia uma cesta com frutas, e Dona Joaninha, como sempre, estava sentada na minha frente. Dona Joaninha não deixou de olhar para o homem que, há quatro dias, vem elevando o estatuto de todos os ocupantes deste quarto graças à distinção da sua pessoa. Num determinado momento, Dona Joaninha, que se move maravilhosamente, pegou a cesta de frutas e começou a examinar as maçãs, escolheu a mais linda, a mais rosa de todas, levantou-se para ir até lá. Ofereci ao Sargento João Almeida, que recusou, mas o sinal foi dado. Joaninha disse-nos, seus seis companheiros de mesa: “Os homens são criaturas que precisam de mais comida do que nós, mulheres. Eles precisam de mais comida para abastecer todos os músculos.” Nenhum de nós disse uma palavra, mas todos entendíamos que o amor havia acontecido definitivamente, só que ainda não sabíamos se era correspondido ou não.

Quando acabou o almoço, Dona Joaninha quis empurrar minha cadeira, mas me senti bem, segurando minha maçã na mão, falei: “Não se preocupe, Dona Joaninha, você vai me empurrar para o primeiro andar então Como seu quarto fica no térreo, não preciso dele no momento.” Mas minha amiga já havia se decidido. Ela me empurrou e disse: “Vou te levar agora mesmo, sem que eles percebam. Depois do almoço, essas megeras estão exaustas e não querem fazer nada. Mas comigo a sua carroça até voa...” Pegamos o elevador, chegamos ao corredor que dá para a beira-mar, e enquanto Dona Joaninha me conduzia para o meu quarto, o Sargento João Almeida vinha na direção oposta. Dona Joaninha exclamou: “Você está aqui, Sargento? Onde está o seu quarto?” O sargento, de peito bem formado e bengala quadrúpede, não respondeu, mas erguendo a bengala especial indicou o corredor que fica na esquina com meu quarto. Dona Joaninha havia parado. Dona Joana Amaral disse: “Passo muito por aqui. Como ando muito bem, graças a Deus, acompanho minha amiga para que ela descanse, e costumo ficar por aqui conversando um pouco...” E com isso, ela empurrou minha cadeira e foi embora. cama desocupada. Ela se sentiu feliz. O acordo foi alcançado. Dona Joaninha me disse: “Ele é um homem bonito, com tudo no seu devido lugar”. “Sim”, respondi. “Ele deve ter muito conhecimento, principalmente de geografia, deve conhecer todas as capitais”, continuei. Os olhos de Dona Joaninha brilharam. “Quer saber algo sobre um deles?” E eu respondi: “Sim. Quando você falar com ele, dê-lhe este papel, pergunte onde fica uma cidade, o nome dela está escrito lá, Baku. Tudo isso, dona Joaninha, porque eu sabia muito bem o nome do país, mas esqueci, e por mais que eu revire na cabeça, o nome dele não me vem à cabeça. Como se minha memória fizesse isso de propósito. Faça-me esse favor...”

Dona Joaninha pegou o papel, desdobrou, olhou as cartas, e sim ela ia tentar, assim que pudesse, pediria esclarecimentos ao Sr. Sargento. E acreditei que esse esclarecimento, se por acaso houvesse, só chegaria dentro de dois ou três dias. Mas não, Dona Joaninha desapareceu pela porta, levando o bilhete, e duas horas depois voltou.

Quando ela voltou, seu cabelo brilhava de vitalidade e ela ainda estava penteando o cabelo. Ela alisou as roupas do corpo e sorriu. Ela enfiou a mão no bojo esquerdo do *sutiã* e puxou o papel. Ela entregou para mim. Dizia *Baku*, como eu havia escrito. E abaixo, em letras regulares, inclinado para frente, *Capital do Azerbaijão*. Dona Joaninha pediu: “Leia”. Eu li em voz alta. Meu amigo aplaudiu. “Como você vê, não é mais necessário pedir a essas meninas que verifiquem seus celulares. Dona Alberti, você deveria ter visto, entreguei o papel para ele e ele respondeu na hora. Um papagaio perfeito.

Os olhos de Joana Amaral brilharam, o amor tinha chegado, e esta alegria encheu de luz esta sala até ao corredor. Maria Lina, a menina que entrou trazendo roupas limpas, também cantava. Bastava que o amor ocorresse num canto da casa, mesmo escondido, para contaminar todo o espaço. Um milagre. Agora eu sei, eu descubro. Todas as pessoas que se aproximam dos dois protagonistas, mesmo aquelas que não enxergam bem, que não ouvem

bem, que não sabem realmente o que está acontecendo, ficam contaminadas. E escrevi numa folha solta o que sabia e depois esqueci: “Capital do Azerbaijão”. Como foi possível que eu tivesse esquecido uma palavra tão sonora, tão compacta, tão distante? Segurei a palavra nos olhos como se fosse o retrato de alguém. Azerbaijão, repeti várias vezes. notei, escrevendo com a mão esquerda. Dona Joaninha, ainda sentada na cama desocupada, me viu anotando três palavras.

Atenta, ela perguntou: “Quantas palavras você escreveu aí, dona Alberti?” Mostrei as três palavras, Dona Joaninha olhou um pouco para o papel, fascinada. O amor havia chegado. “Essas são realmente três palavras?” ela perguntou novamente.

Ela continuou a observar.

30 de abril 2019

*Lá fora surgem três luas, a primeira
acende o verde, o segundo acende o
azul, o terceiro, a cama desfeita
- Doçura da juventude*

12 SEU RETORNO

Ela voltou e eu não reconheci seus passos.

Ela me cumprimentou antes mesmo de aparecer na porta e não reconheci sua voz. Ela entrou na sala, se aproximou, trouxe uma caixa que colocou no meu colo e eu não entendi que eram as mãos dela. Fiquei em silêncio, sem me mover, olhando para ela como se não a tivesse criado. Ela disse palavras desconexas, que só estava ausente há dezessete dias, que dezessete dias não eram nada na vida de alguém, e outras palavras desse tipo, e eu não sabia o que responder. Eu me senti perdido quando deveria ter me sentido encontrado. Ela abriu a caixa, desembulhou uma blusa de renda finíssima, para eu usar logo, quando chegar o verão, e eu não agradeci. Ela então quis me confortar, massagear minhas mãos, dizendo que eu sabia que ela iria demorar alguns dias, que ela havia feito um calendário para mim para que eu soubesse onde ela estava e o que fazia dia após dia. havia demorado mais só por causa da greve da Avianca, mas não lembrava de nada.

Queria dizer que num sábado de madrugada liguei para casa, depois de uma longa conversa com a noite escura, e não sabia. Queria pedir desculpas a ele pela preocupação que lhe causei e não conseguia mover os lábios. Ela me perguntou se agora eu dormia melhor, já que tinham começado a me dar o sedativo, e eu apenas gaguejei que sim, que todas as noites as meninas me davam um comprimido, e consegui pronunciar os nomes de Nina e Lilimunde. Ela me perguntou se eu poderia ler os contos que ela havia fotocopiado para poder ler página por página, e eu disse que alguém tinha vindo me dar uma boa leitura. Ela queria ver minhas anotações e eu só pude dizer a ela para abrir a gaveta. Ela admirou minha caligrafia, perguntou se eu exercitava as mãos todos os dias, e eu apenas abri e fechei os dedos para ela ver que eu estava me cuidando. Ela dobrou e depois segurou nas mãos, e eu me lembrei de quando eu era pequena e minha avó me deu uma coxa de frango, quando ela matou, e eu puxei os tendões e os dedos do frango a pata estava se mexendo, espalhando e fechando um após o outro como se a pata estivesse viva, por isso quando vi a semelhança com os movimentos da minha mão comecei a rir. E em vez de rir comigo, minha filha, como não conseguia adivinhar a causa das minhas gargalhadas, ficou preocupada, queria que eu explicasse porque eu estava rindo e não conseguia.

Naquele momento, como poderia evocar uma imagem que se perdeu na época da minha infância? Se eu dissesse pés de galinha mortos dados a crianças, ela pensaria que eu havia enlouquecido, mas nunca me senti tão lúcido como agora com o retorno de minha filha. Chegou vários dias atrasada porque o avião da Avianca não a levou para Caracas, onde deveria apanhar um avião da TAP. No final a viagem tinha corrido bem, e agora, desde que Dona Rita de Lyon me tinha falado do anjo gigante que voava por baixo do avião, comecei também a ver um Anjo da Guarda com asas estendidas a segurar o casco dos aviões em que a minha filha viaja. Nos últimos dias,

essa imagem era tão nítida e me tranquilizou tanto que consegui dizer-lhe: “Um anjo te seguiu, preso à fuselagem”. Ela olhou para mim, muito preocupada. “Um anjo ?” ela perguntou. “Sim, um anjo do tamanho do seu avião segurou-o sob as asas.” Ela sentou-se numa cadeira, muito calma, muito silenciosa, olhou para mim e mudou de assunto, mas entendi que ela estava sondando meu nível de razão. Aí ela foi sentar na cama vazia, ao lado da minha, cruzou as pernas e eu vi algo que não me agradou. O anjo desapareceu da minha memória e notei um buraco na sola do sapato da minha filha.

Sim, havia um buraco no meio da sola.

Apontei para o sapato dele e disse-lhe, muito surpreso: “Você viu o estado do seu sapato?” Ela deu uma olhada, descruzou as pernas, colocou as duas solas no chão para escondê-las, apenas dizendo que não tinha notado.

Naquele momento, admito, recuperei a voz. Eu me senti mãe, me senti ofendida e queria ficar com raiva em voz alta, como quando ela era pequena. Senti minha voz voltar intacta, depois da emoção despertada por sua aparição, e gritei: “Você não tem vergonha de viajar de avião, entre dois aeroportos, com os sapatos estragados, com cara de 'vagabundo'? Então, negligenciado?”

Ela, certamente para ridicularizar minhas palavras, sorriu. E, ainda por cima, ela disse: “Bom, Barack Obama às vezes também tem um buraco no sapato, isso aconteceu com ele ainda quando estava na Casa Branca, e ele só percebeu quando um jornalista fotografou seu pé. Ele foi presidente dos Estados Unidos da América.”

Entendi muito bem que ela estava minimizando o assunto. Eu disse a ele: “Não me importo com a vida do Presidente dos Estados Unidos, eu, como mãe, não posso permitir que minha filha use sapatos com sola furada”. E ela, ficando sem argumentos, apenas riu, não me levou a sério. Por que ela não me levou a sério?

Comecei então a olhar para minha filha com mais atenção, e notei que o cabelo dela estava danificado, ela mesma deve ter feito alguns cortes perto das orelhas, uma mecha mais curta, outra mais longa, e suas roupas eram exatamente iguais às que ela usava. usava quando veio se despedir de mim, como se não se trocasse há vinte dias, e o verniz da alça da bolsa estivesse rachado. Quando ela se levantou, sua saia era mais longa na frente do que atrás. Não consegui esconder minha decepção. Eu disse a ele: “Nunca mais venha me ver assim, neste estado. Prefiro que você não venha, admito... Ela estava perplexa, parada ali, como se fosse sair, e eu não me importei. Ela me disse: “Senti sua falta, vim direto do aeroporto para te ver, e foi assim que você me recebeu...” Aí, eu sei que deveria ter aberto a porta do meu coração com suas palavras, mas eu também estava com raiva, e já fazia muito tempo que não sentia tanto poder que naquele momento precisava exercê-lo. Precisava mostrar que pessoa sou e como tenho meu papel a desempenhar. Eu disse a ele: “Bom, você deveria ter ido primeiro para casa, se lavado, trocado de roupa e de sapato, e só então você teria vindo ver sua

mãe. Não foi isso que eu te ensinei. Você sabe como você me decepçiona. Não agradeço pela pressa, em vez disso, agradeço pela sua elegância.”

"Você me ouça ?" Eu adicionei.

Seus olhos ficaram duros, pareciam vidro. Ela se apoiou no meu ombro, me beijou, fechou a caixa com a blusa de verão e saiu sem me dizer uma palavra. Ela já estava no corredor quando percebi o que havia acontecido, mas já era tarde demais. Liguei para ela e liguei para ela. Seus passos ecoaram lá fora. O Paradis Hotel ficou na escuridão.

2 de maio 2019

*E de repente ela tinha dez anos. Contra sua vontade,
Eu arranquei as ervas selvagens para ele - Minha mão
estava sangrando.*

13 OS FINS

Já se passaram três dias desde a visita de minha filha e acho que, para o bem ou para o mal, ela não tem o meu temperamento.

Eu sabia que naquele dia, assim que entrasse no carro e passasse pelo portão, ela teria me perdoado. Eu também sabia que minhas censuras surtiriam efeito, e surtiram, porque hoje ela chegou no horário habitual e estava bem preparada. Entendi que ela tinha ido fazer o cabelo em um bom salão porque estava elegante e perfeita. Ela estava vestindo roupas decentes, outra bolsa e outros sapatos. Eu olhei para ela e sim, ela parecia uma mulher. Fiquei orgulhoso de sua aparência. Deve ter transparecido em meus olhos porque os dele estavam sorrindo. Claro, para o bem ou para o mal, ela não tem o meu temperamento. Então estou feliz que ela me perdoou, porque ela mostra bondade, mas ao mesmo tempo estou decepcionada porque ela mostra fraqueza. Sim, eu a acho fraca, só assim entenderemos porque ela perdoa tão facilmente. Uma pessoa forte é difícil de perdoar. Mas ela estava de volta, ela me perdoou. E senti que era a hora certa. Finalmente ela aceita meu conselho, segue meus passos. Não consegui fazer anotações na frente dela, ao mesmo tempo em que ela falava, mas meus pensamentos traçaram letras para escrever mais tarde.

Eu capinei, capinei e entre a grama

Ela apareceu, como eu sonhei.

Mas eu não contei nada a ele.

Ainda assim, a coragem tomou conta do meu corpo e a urgência inundou minha mente. Então perguntei a ele: “Vamos conversar?” E ela, em vez de ficar ressentida como deveria, respondeu imediatamente, sim, sim, como uma criança obediente. Os pensamentos me inundaram, mas é claro que eu não iria contar tudo a ele, apenas mencionaria o essencial, mesmo que tivesse que começar do outro lado para chegar ao cerne da questão. Queria primeiro saber sobre a vida dela, sobre os dias que passou na América Latina, se as pessoas lá liam muito os seus livros, e ela respondeu que tudo tinha corrido bem, que tinha visitado cidades, conversado com pessoas interessantes, atravessado paisagens inesquecíveis, e quanto aos livros, ela certamente leu muito mais do que os seus próprios livros foram lidos.

Nesse ponto, achei que era hora de ensinar algo a ele.

Ela manteve minhas mãos nas dela, eu as senti maiores que as minhas, tentei reverter a situação, peguei as mãos dela, ajustei-as às minhas e apertei-as. Eram as suas mãos de seis anos, quando a levei à escola pela primeira vez, depois de eu próprio a ter ensinado a ler e a escrever. Eu disse a ele: “Ouça sua mãe. Isso é muito importante, ninguém lê seus livros porque tem um problema. Eles terminam mal. Você deveria pensar sobre isso. A conclusão dos seus livros é completamente inconsistente com o que

deveriam ser os finais...” Ela ficou muito surpresa. “Como assim ?” ela perguntou. Mas ela deixou as mãos nas minhas.

“Escute”, eu disse, calmamente, olho no olho. “Você tem um livro que termina com a história de um louco que acaba ficando com a garota mais bonita da aldeia. A última frase do livro é: *Ouça aqui o dó* . Eu sei que a palavra *dó* significa duas coisas, significa pena e nota musical. Mas irrompendo neste lugar, no final de um livro, e depois que o idiota pegou a garota mais bonita, quem ainda está pensando em música? Todo mundo pensa em pena. Os leitores do seu livro fecham a última página e só conseguem imaginar a vida de uma jovem eternamente infeliz. Se pelo menos você acrescentasse uma nota que dissesse: 'Observemos que, mais tarde, ele se recuperou e eles ficaram felizes por um tempo.' Mas não. Após esta palavra, a página em branco. Lendo isso, você só quer chorar neste espaço vazio. Por que você não adiciona pelo menos algumas linhas para dar alguma esperança aos leitores? perguntei, esperando que ela pensasse um pouco, meditasse no que eu estava ensinando a ela. Mas, em vez de se questionar, ela disse rapidamente: “Acho que sim, mas tudo isso foi escrito há muitos anos, então não posso mais mudar nada”. Fiquei impaciente e respondi: “Por favor, vou te dizer o que fazer quando escrever seu próximo livro”. Eu ainda estava com medo de que ela tirasse as mãos das minhas, mas não, ela as manteve imóveis. Na minha cabeça, a coragem crescia, as palavras cresciam diante dos meus olhos.

*Enquanto capinava, minha mão doía, doía
mas ela surgiu
como eu queria.*

Pensei em vários de seus livros, todos com a mesma falha. Tudo que você precisava fazer era pegar um aleatoriamente. Escolhi aquele em que um médico, um homem tão bom que usava um caderno no consultório para anotar os nomes dos pacientes, com dupla anotação – a tinta o paciente pagava, a lápis era de graça –, e havia dias quando a coluna de marcações só estava escrita a lápis. Lembrei-lhe o título, o enredo. Perguntei-lhe: “Esse médico, por acaso, mereceu o final que você deu a ele?” Ela tentou novamente gaguejar um *mas* , um meio engolido *mas* , mas eu não a deixei continuar. Eu disse a ele: “Lembro-me muito bem do final daquele livro. Você o matou. Você colocou uma arma no chão ao lado dele, colocou um buraco fatal em sua têmpora direita, seis pedras suspeitas perto de seu cadáver. Mas, além disso, enterraste este homem num lugar profano e, quando o cortejo caminhava atrás da urna, no meio dos grandes ciprestes, colocaste uma menina que cantava canções antigas, com palavras dizendo o contrário disto que era acontecendo. E foi assim que terminou a vida de um homem justo. Se você acha que isso estimula os leitores, eu não. Emprestei o livro para prima Silvina, quando ela me devolveu parecia decepcionada, e disse: O problema é que os livros têm que ter final feliz, sua filha não sabe terminar os livros. Eu concordo com o que ela disse. Li esse final com o coração

batendo forte, temendo o que iria acontecer, e realmente aconteceu. Você acha que isso é normal?

A capina nunca acaba

nunca acaba -

Filha adulta, garotinha.

Como os olhos dela não deixavam os meus e ela não dizia uma palavra, senti que tinha que continuar. Aconselhei: "Se eu fosse você não escreveria assim o final dos seus livros, procuraria outra forma. É por causa deste defeito que as pessoas não leem os seus livros, nem aqui nem na Europa, na América do Sul ou do Norte. Mude, mude seus fins..." E apertei suas mãos. "Você concorda?" Ela respondeu: "Não é bem assim, os finais não são o fim dos livros..."

Tive medo que ela quisesse começar a brincar com as palavras. Eu a desafiei: "Então você não concorda?" E ela disse: "Não". Mas ela não tirou as mãos das minhas. E eu tinha boas esperanças de que, como tinha acontecido com o seu cabelo, com os seus sapatos, com a sua bolsa arranhada, com a sua saia desgrenhada, ela também mudaria os seus livros para que fossem lidos na Europa, na África, na Ásia, no Sul e no Norte. América. Eu disse a mim mesmo. Ela não tirou as mãos das minhas, tive esperança na força da minha lição. Eu disse a ela: "Eu sei que você vai mudar a forma como termina seus livros, tenho certeza disso..." E ela, sem tirar os olhos dos meus, nem as mãos das minhas, respondeu: "Sim, eu farei assim." E ela se despediu de mim com carinho, antes de sair para o corredor. Uma luz iluminou o Hotel Paradis. Ficou tudo em ordem, Reikjavik está na Islândia, Baku no Azerbaijão, Dona Joaquina adora o Sargento João Almeida, minha filha vai mudar o final dos livros dela. As palavras estão passando pela minha cabeça, apenas algumas estão escritas.

5 de maio 2019

Quando eu quero, minha casa marcha como um soldado.

Na cozinha a chaleira apita.

Minha vida é linda.

Ah! Ah! Oh ! - Atenção .

MEUS PENSAMENTOS

Agora que ela voltou e a noite parece adormecida em sua armadilha de escuridão, quero colocar meus pensamentos em ordem.

Primeiro

A tristeza é um ser concreto, mas a alegria também. Porém, a dor é mais concreta que a alegria e a tristeza. Por mais concreto que seja, não pode ser descrito.

Segundo

Não quero pensar na tristeza e na dor, apenas na alegria que, por ser a mais frágil das três, é a que me mantém vivo. Assim, deixo de lado o que pesa e perturba, e penso na primavera que trouxe alegria e cobriu de paz as paredes do Hotel Paradis. No andar de baixo, as flores do vaso da entrada não ficam simplesmente dispostas dentro do vidro, elas dançam por toda a sala e com certeza é por isso que o Sr. Paiva não quer mais fugir, apenas fica sentado de frente para a porta olhando a rua e o seu as roupas não estão molhadas. Dona Santanita não recuperou o casaco, mas a filha trouxe outro e o senhor Mota, o carpinteiro, ainda não gastou o dinheiro que tinha guardado. Ele não precisa disso. A máquina de café está muito alta. Dona Palmira fazia seus excrementos no meio da sala, mas ninguém via, porque as meninas faziam um círculo em volta dela. Baldes e vassouras foram passados na minha frente e dos meus companheiros de mesa, mas não comentamos. E também o spray de flores da floresta soprava de um canto ao outro. De minha parte, desde que minha filha voltou, não preciso mais tomar remédio para dormir.

Terceiro

O Sr. Peralta está de volta. Viva o senhor Peralta que chegou à sala. A alegria é um ser concreto, digo, que se estende pelas paredes. Pensarei mais no Sr. Peralta.

Quarto

O Sargento João Almeida gosta muito de jogar cartas e certa vez fundou um clube chamado *Six Gentlemen Deal Cards*. Dona Joaninha se veste de azul, a cor que lhe cai bem, dados os cabelos cor de mogno. O amor se instalou neles. Nós sabemos disso, falamos sobre isso nestes dias ensolarados de primavera. À mesa, dona Rita de Lyon comentou que os lábios do sargento são roxos demais para o seu gosto. Dona Joaninha disse que sim, são da cor de pétalas de lírio, o que não tem problema. Dona Ema, quem comeu o coelhinho inteiro, corroborou a opinião de dona Rita, porque roxo não é sinal de boa saúde. Mas Dona Joana Amaral riu-se enormemente, é mesmo difícil encontrar aqui alguém com melhor saúde que o sargento. Os lindos lábios do

sargento que almoça no vizinho, lábios que se destacam bem em sua pele morena. Dona Ema insistiu: “E você, dona Joaninha, pode provar, não é?” – Dona Joaninha não respondeu sim ou não, mas passou a mão no colar de duas fileiras que tinha no peito. Lindas pérolas de rio.

Quinto

Dona Luísa de Gusmão é muito machista, mas para falar a verdade revelou-se um tanto vulgar. Segundo ela, essa púrpura devia tocar não só os lábios do sargento, mas também outras partes do seu corpo, e só Dona Joaninha poderia testemunhar isso. E ela sorriu. Dona Joaninha ficou chateada, lágrimas vieram aos seus olhos e ameaçou deixar para sempre a mesa dos sete amigos se não fosse respeitada. E claro que a palavra vulgar saiu da boca daquele que se dizia parte da nobreza de Portugal. E ah! E ah! Assim terminou a conversa sobre a cor dos lábios do sargento que passava, elegante, apoiado na bengala de quatro patas. Não se importando com todas essas conversas de mulheres, tanto honestas quanto vulgares.

Sexto

Sim, o Sr. Peralta regressou ao Hotel Paradis no início do mês, no dia 1 de maio e desde então o salão está repleto de música. Antigamente o Sr. Peralta, que havia sido contador, só tocava músicas religiosas, porque muitas pessoas não acreditam em Deus e sim acreditam na música, sendo a música o sopro de Deus, *Salve Regina* e *Graça Divina*, e muitas outras. Mas o ex-contador foi morar com o filho no Canadá, bem ao norte, e não gostou de ver nevar. Voltou, ladeado por duas muletas, e voltou a oferecer-se para tocar, mas já não toca apenas música religiosa, longe da sua terra natal tornou-se também um patriota no campo musical, e agora toca fados e canções nacionais, incluindo muitas melodias antigas que a maioria dos moradores do Hôtel Paradis tem nos ouvidos. É bom, o retorno dele na primavera. Alguém corta o som do fluxo de violência que sai da televisão e, sem o som, a violência parece um desenho animado de mau gosto. A qualquer hora do dia, meninas nuas, policiais, esfaqueamentos saem da televisão. O senhor Peralta não brinca com esse ruído, mas a imagem lhe é indiferente. A música sai de seus dedos, nota por nota, sons melodiosos e prateados, e toca nossos ouvidos, mesmo quando estamos deitados em nosso quarto. Como é o meu caso. Parecem grandes gotas de chuva, sem nenhum esforço.

Sétimo

Hoje o senhor Peralta tirou as rosas de maio do piano, apoiou nele as muletas, manteve os pés no chão, bem afastados do pedal, e entoou *Que perfeito coração*⁷. Não era uma música para dançar, mas você podia mexer os braços. Dona Bianca, animadora cultural, grudada na parede, mostrou a todos como fazer: “Braços para a direita, *Que perfeito coração*. Braço à esquerda, *Não minha pequena bateria*⁸. À direita, *Meu amor na tua mão*,

nessa mão onde cabia, perfeito o meu coração ⁹....” Os braços da esquerda e da direita já estavam emaranhados. Não adiantava mais dizer as palavras, bastava seguir a música e copiar. Peralta e Bianca em uníssono, a sala nua se cobre de amor, elevação, sutileza, alegria, e quero agradecer tanta beleza que me é dada a vivenciar de vez em quando e tanta alegria que pude presenciar .

Oitavo

E, mesmo assim, sentado na cadeira de rodas, não movi os braços, algo me dizia para não fazer isso. Para ser sincera, tinha vergonha de não poder dançar como a Dona Joaninha, que balançava generosamente perto do piano, como se o fado que ouvia fosse uma valsa ou um tango. Bem, eu não. Se não consigo mover tudo, não quero mover nenhuma parte. Não há duas mulheres iguais.

Nono

Perto do fim da tarde, Dona Joaninha entrou no meu quarto, sorridente, vestida de azul claro, sacudindo a poeira como se tivesse voltado do feno, recolocando a faixa nos cabelos cor de mogno. Ela ficou em silêncio por um momento, depois seus olhos se encheram de lágrimas. Ela enxugou as lágrimas. O problema do meu amigo não tem solução. Como resumir isso? Ela sabe tanto, sente-se tão atraente, tão capaz, tão inteligente, tão determinada como pessoa e como mulher, e não sabe ler. Ela gostaria de saber. O Sr. Sargento lê muito bem. Caso contrário, ele não seria sargento. Dona Joaninha tem o coração cheio de sentimentos muito sutis, não sabe como descrevê-los. Ela nunca treinou, ela nunca leu. Ela me perguntou: “Não diga à sua filha que não sei ler”.

7 de maio 2019

*Oh ! Joy, conduza-me pela rua tortuosa - a morte dorme à porta. Eu a persigo com o seu
grudar.*

O TURNO DA NOITE

Lilimunde nunca esteve de vigília noturna. É a primeira vez dele. Ela veio acompanhada trazendo chá de ervas de capim-limão, mas na hora de apagar a luz voltou sozinha. A esta hora da noite, ela não cheira mais a bergamota. A menina paraense tem cheiro de desinfetante, e por baixo do desinfetante se sobrepõem os diferentes tipos de odores que o trabalho nesse tipo de casa acumula nas roupas e no corpo ao longo do dia. Mas ao se aproximar, exala, no fundo de todos esses cheiros, um resquício daquele perfume cítrico com que se perfuma logo pela manhã. Ela conhece a composição do aroma – cedro, tília e bergamota.

Então Lilimunde, antes de apagar a luz, perguntou: “Caramba, que mundo horrível esse. Você é capaz de guardar um segredo só para você, dona Alberti? É claro que posso guardar não um, mas mil segredos. Ela disse que achava que sim, que eu poderia ficar com dez mil. Lilimunde disse: “Dona Alberti, não tenho vinte e um anos, como diz meu passaporte, só tenho dezessete. E tenho medo de dormir no quarto dos fundos. Eu não teria podido viajar e procurar trabalho se a data não tivesse sido alterada. Duas pessoas muito boas fizeram isso, mas como na verdade só tenho dezessete anos, tenho medo do escuro e de dormir sozinho.” Esperei pela sequência. Ela perguntou: “Dona Alberti, esta noite, se eu tiver medo, posso vir dormir aqui no seu quarto, posso deitar na cama vazia? Diz-se que pertence a alguém que está há meses sem banheiro. É verdade ?”

Respondi que era verdade e que ela poderia deitar-se na cama vazia se tivesse medo do escuro. Claro que sim, era possível. Passei a noite inteira esperando ela entrar. Ela não entrou. A paraense deve ter adormecido e certamente caiu num sono profundo. O que significa que ela tem apenas dezessete anos, mas não tem medo de dormir em um quarto vazio e escuro. Caso contrário, existe Salomé. Salomé é tão rápida e eficiente que é apelidada de Bosch como se fosse uma máquina de lavar alemã. A verdade é que ela é robusta, que fala pouco, que age com eficiência, que não reclama e que em termos de delicadeza não é inferior aos demais cuidadores. Ela sabe sobre dispositivos e um pouco mais. Esta manhã ela descobriu que se eu não ligasse a televisão, a coisa não deveria ficar sobre a mesa, obstruindo o acesso à janela e interferindo no gravador. Era melhor guardá-lo. Salomé perguntou: “O que você acha, dona Alberti?” Tive que pensar se ainda queria ligá-lo novamente ou se, pelo contrário, passaria sem ele de uma vez por todas. Salomé decidiu, pegou o aparelho nos braços e guardou no armário. Ela fechou a porta, satisfeita, como se tivesse tirado um pedaço de lixo do caminho. Quando pude dizer que sim, que seria melhor me livrar desse telescópio que me falava do destino do mundo como um lixo, ela já havia decidido por mim. Obrigado, Bosch, aprecio pessoas assim. Os fracos podem ser chamados de Indesit.

Agora não quero falar da dor, nem do tormento, nem da tristeza, nem da escuridão, nem do fantasma da noite. Só quero falar sobre Nina Mercedes. A mulher porto-riquenha puxou o carrinho para mais perto, colocou-me no banco e empurrou meu veículo pelo corredor. Os chalés nórdicos nevados e com luzes nas janelas, dispostos ao longo das paredes, oferecem uma imagem serena. Nina cantou em voz baixa: *La cucaracha, la cucaracha, ya no puede caminar*¹⁰...E comecei a rir.

*Ela disse: “ Cante con Nina Mercedes de Puerto Rico, doña Alberti – Porque no puede, porque no tiene, una patita para andar... Esta é uma canção para você que os poetas hicieron fizeram muitos anos de propósito para você, que não puede caminhar*¹¹*.”*

Tenho três notas de vinte euros no bolso. Uma é para Lilimunde, a outra para Salomé, a primeira delas é para Nina Mercedes.

A MENINA GRANDE

Era impossível que isso não acontecesse – Novamente a noite atravessou a parede, girou dentro do meu quarto, e permaneceu parada, ao lado da minha cama. Naquele momento ela ainda estava com as asas e os braços abaixados, mas seu rosto já mostrava o habitual olhar desafiador. Pensei no inexplicável esquecimento que havia ocorrido em todo o país chamado Azerbaijão e comecei a ficar preocupado. Eu não queria que isso acontecesse novamente. Então perguntei o que ela queria, com medo de que ela aumentasse a aposta, porque quando chega a noite assim ela tem o hábito de me confrontar com perguntas insolúveis, como exigir que eu diga a distância entre a Terra e o Sol, ou quantos dias um atleta levaria para caminhar até a Lua, o que acho que levaria um milhão de anos, ou outras coisas impossíveis de serem estimadas pela mente humana. Numa situação como esta, tudo pode acontecer.

Mas a noite não mudou.

Como a última batalha terminou com um resultado inacabado, sem vencedor ou perdedor, lancei a pergunta que permaneceu sem resposta. Eu disse: “Baku é a capital do Azerbaijão, de frente para o Mar Cáspio, uma mancha azul que no meu Atlas tinha o formato de uma batata doce oblonga...” Esperei. A noite ficou acordada, perto da minha cama, sem me dizer nada. Comecei então a pensar que, uma vez passado o prazer de estar imóvel, a figura me atacaria com perguntas sobre a abóbada celeste, noções que odeio, porque só quero ficar na Terra, no resto do mundo. Lá fora, muito grande, muito redondo, cheio de estrelas brilhantes e rochas de todos os tipos, inclusive cometas, mas nada disso me preocupa. Eu me atenho aos rios, montanhas, mares e oceanos do nosso planeta. A Terra é minha casa, meu globo azul e verde, a Terra me é mais que suficiente, mapas cheios de linhas e letras. Mas ela não se mexeu e eu senti que não tinha resistência para sustentar aquela figura. Eu decidi atacar. “O que você quer, olhando para mim sem se mover?” Perguntei.

Então, desta vez, à noite, e pela primeira vez, caminhou em minha direção sem questionar e sentou seu corpo peludo e disforme no meu corpo. Implorei novamente: “Por favor, isso não é justo, você quer me derrotar sem me testar? Interrogue-me, interrogue-me, se puder...” Mas a noite que me visitou novamente, nas primeiras horas da madrugada, veio desta vez com más intenções. Entendi perfeitamente, porque, sem dizer uma palavra, ela colocou os braços e as asas em volta do meu pescoço, apertou minha garganta, sem falar. Eu falei: “Fala! Fale, pelo amor de Deus! Implorei em voz alta para que a noite entendesse a injustiça que estava cometendo. E tendo conseguido libertar meu braço direito do peso de suas asas, movi lentamente minha mão direita para frente e apertei o botão da campainha. Eu sei que você só deve tocar uma vez e depois soltar o botão, para não incomodar as meninas de plantão. Mas quando você tem a noite pairando

sobre você, braços, asas, toda uma confusão de penas negras esmagando seu peito, você não consegue tirar a mão do sino. O sino deve tocar continuamente até que alguém acenda a luz e afaste o abutre noturno. E de fato senti alguém entrar na sala, meu coração estremeceu porque era uma menina crescida. Ela avançou, como eu esperava.

Eu senti o que iria acontecer. A menina se aproximou e, em vez de espantar a noite, tirou a campainha da minha mão e pendurou o arame na cabeceira da cama, fora do meu alcance. Ela fez tudo isso em silêncio, sem pronunciar uma única palavra. E ela foi embora. Encontrei-me sem campainha, à mercê da brutalidade da noite. Então perguntei: “Boa noite, não me mate ainda, tenho um recado para dar ao meu genro e à minha filha”. E a noite, muito mais gentil que a menina grande, me deixou feliz. Ela juntou os braços, as asas, o chicote peludo, o alburno de penas pretas e desapareceu na parede de onde havia emergido. E fiquei ali muito tempo, mergulhado na escuridão, tentando ligar para alguém, mas minha voz era baixa e a campainha, embora acima da minha cabeça, não estava ao meu alcance. Procurei meu telefone pensando que como último recurso, se o dia amanhecesse e ninguém aparecesse, eu poderia ligar para casa, mas o celular não estava debaixo do meu travesseiro. Provavelmente o coloquei no chão enquanto a noite me atormentava. À medida que clareava, pude vê-lo aberto, a dois metros das minhas mãos. Eu só tive que esperar. Então duas garotas apareceram na porta.

Não era Salomé, nem Maria Lina, nem Nina, nem Lilimunde, era uma rapariga muito alta, a mesma que tinha acompanhado Lurdes Malato, na manhã do domingo de Páscoa, e outra, recém-chegada, em quem eu não tinha formado uma opinião ainda. A mocinha se aproximou, ainda sem me dizer uma palavra, desamarrou o fio da campainha, mas consegui me levantar e lançar uma acusação sem pausa nem trégua. Acusei-a com todas as forças da minha alma, saiu do meu coração uma raiva que fez com que meu corpo conseguisse se mover e subir na cama. Gritei com uma voz que saía de uma garganta desconhecida: “Foi você quem colocou a campainha fora do meu alcance ontem à noite. É você, eu vi com meus próprios olhos...” E ela, descaradamente, respondeu: “Não sou eu”.

“Foi você, eu vi seu corpo no escuro, foi você e você vai me pagar por isso.”

"Você estava dormindo."

"Não."

“Você estava ligando o tempo todo.”

“Se continuei ligando, foi porque não estava dormindo.”

“Fale então.”

“Em primeiro lugar, não quero você aqui.”

"Você irá morrer."

"E você também."

"Então o que você quer?"

“Que você colocou a campainha ao alcance da minha mão, como estava.”

"A dona Ana Noronha, a diretora, está aqui e você vai ver."

"Você já está no meu quarto, senhorita Anita?" Perguntei.

"Sim, estou aqui, sou eu."

"Então, por favor, venha para a frente para que eu possa vê-la claramente, Srta. Diretora. Sou eu, Maria Alberta, ligando o tempo todo."

"Diga, dona Alberti, diga o que você sente."

"Eu digo que essa mocinha, em dias de banho, é daquelas que deixa os moradores desta casa nus, tremendo de frio, despídos em suas camas, e só então ela vai abrir as torneiras e leva-los para o chuveiro, sem roupa, como os nazistas faziam antes de jogar as pessoas nas torneiras do gás."

"Isso não é verdade."

"Diga, dona Alberti, diga o que você sente."

"É verdade, quero que vocês saibam: quando ela volta, ela nos deixa molhados, mal cobertos na cama, e só depois de nos vestir, roupas secas em nossos corpos ainda molhados. Ela é daquelas que não nos dá os óculos, joga fora. Ela empurra as cadeiras de rodas por trás, sem se mostrar, somos empurrados por fantasmas que não falam. Colocaram-nos nos quartos sem nos dizer uma palavra, sem se mostrarem a quem não consegue virar a cabeça. Ela é daquelas que não diz olá nem boa tarde. Esse grandalhão faz parte do grupo daqueles que penduram a campainha fora do alcance. E ninguém fala nada porque não adianta, como ela mesma disse há pouco, vamos morrer, e para nós nem a mentira nem a verdade têm mais importância. Morrer é apenas isso, quando a verdade e a mentira se tornam a mesma coisa. E aqui este princípio é praticado diariamente."

"É tudo mentira", disse o muito alto.

"Essa é a verdade."

Dona Noronha continuou em silêncio. Entre as duas meninas e eu, o diretor ficou em segundo plano, por indecisão ou desamparo, embora naquele momento, para ser sincero, me parecesse que se tratava de uma questão de covardia. Antes, quando ela nos visitava pela manhã, pedindo permissão para entrar, não era assim, mas agora ela se juntou a quem sabe que estamos aqui para dar o último passo que nos resta dar, contamos com este distante praia, mais cedo ou mais tarde. Além disso, a função de Dona Noronha é apenas manter o equilíbrio entre versões opostas, vontades inconciliáveis. Como se não existisse uma só verdade e a vontade legítima não devesse prevalecer até o fim da vida. Mas Noronha aceita, fica calada. A ex-Miss Anita maneja um leque espanhol que balança, continuamente, entre duas brisas. De um lado para o outro. Não quero mal a ele, quero bem a ele. Pelo menos ela é linda, e a beleza, venha de onde vier, quando não cura nem salva, pelo menos engana a alma. E então fiquei ali deitado, agarrado ao fio da campainha, sem esperança. Mas depois de uma hora, o gerente mandou uma garota simpática chamada Gina ao meu quarto. E a própria Noronha também veio me ajudar a vestir a blusa branca.

30 de maio 2019

Na minha mão esquerda, uma safira

*os slides certos no papel. Duas palavras
escritos são minhas joias -
Minha palavra.*

ABAIXO DA HISTÓRIA

O aroma de bergamota veio primeiro. Então Lilimunde entrou com o celular e a alegria de toda a vida. Ela reservou um tempo para cuidar do meu corpo e pedi para ela escolher minha blusa mais leve, substituir meus brincos de gota por pérolas, colocar o colar que combinava com os brincos no meu pescoço e na mão esquerda o anel de pedra azul. Pedi a ela que colocasse o *lenço de flores* em meus ombros e arrumasse meu cabelo como se eu tivesse uma bandana. Ela concordou, fez tudo devagar, olhando de vez em quando para seu Samsung, ainda sorrindo. O celular de Lilimunde é a fonte de sua felicidade. A filha do Pará perguntou: “Virgem Maria, tão bem vestida, você está pensando em ir ao médico?” Eu disse: “Não, não, não gosto de ir ao médico. É porque hoje tenho uma reunião muito importante com minha filha.”

Como Lilimunde dirigia minha cadeira de rodas em direção à sala e eu poderia perdê-la de vista, pedi que ela voltasse pelo meu quarto um pouco antes do horário habitual de chegada de minha filha para me maquiar e arrumar meu cabelo. E foi o que aconteceu. Quando minha filha apareceu, ouvi seus passos no corredor, eu estava sentado, pronto, olhando para a porta, esperando por ela. Eu disse a ele: “Felizmente você chegou mais cedo, precisamos conversar”. Ela ficou surpresa com a minha pressa, pois não sabe como sou visitado pela noite escura e tudo o que acontece depois. Ela não sabe que tenho uma mensagem urgente para lhe enviar.

“Sente-se aí”, eu disse a ele.

Ela se sentou e vi que seus olhos tinham aquele brilho estranho que adquirem, como se ela convocasse vidro para cobri-los, quando entende que vou repreendê-la. É assim desde criança, quando aos domingos ela corria para a grama com o vestido mais branco que tinha e depois que a parte de baixo ficava verde e marrom ela vinha me mostrar o resultado. Como ela tinha medo das minhas mãos, ela me confrontou cobrindo os olhos com uma película fria para se defender. Ela não virou a cabeça, ela me encarou assim, com vidro nos olhos. Ela não mudou. Lá estava ela agora, como sempre, quando fica na defensiva. Mas isso não importa para mim, a noite me chamou, estou com pressa e não procuro ternura ou reconhecimento, apenas eficiência. Comecei dizendo: “Minha filha, você sabe que na minha mesa tem duas pessoas acostumadas a ler...”

Na verdade, minha filha estava preparada para a defesa e eu para o ataque. Ela disse: “Diga o que você tem a dizer”. Ela estava com os dedos cruzados formando um buraco, ela não estendia as mãos em direção às minhas, o que era propício para não se enredar em fraquezas. Perfeito, estávamos cara a cara. Eu disse a ele: “Acho que só há duas pessoas nesta casa que leem livros e, por acaso, estão na minha mesa. São Dona Luísa de Gusmão e Dona Julieta. Ambos podem elevar seus livros ao nível dos olhos e enxergar bem. Às vezes acho que fazem isso de propósito para me humilhar. Eles levantam

os livros bem alto, perto dos óculos, segurando-os com as duas mãos, e mexem a cabeça de um lado para o outro seguindo as falas, e de vez em quando olham para mim e dizem, tipo... É bom poder ler. Eles sabem que, ao contrário, provocam amargura em mim, mas não se importam, meus amigos..." Eu estava conversando e minha filha me escutava, mas ela não se mexeu, esperando que eu chegasse. o ponto importante.

"Vá em frente", encorajou minha filha.

Eu respondi: "Eles sempre têm livros grandes nas mãos, capas lindas, cores lindas. Nas cobertas, que levantam bem alto, há mulheres vestidas como antigamente, vestidos arrastando pelo chão, cavaleiros em cavalos brancos, reis com coroas na cabeça, chapéus de penas, espadas. Dona Luísa de Gusmão, que se autodenomina aristocrata, já leu um livro sobre Dona Leonor Teles, outro sobre o Marquês de Pombal, outro sobre a Rainha Dona Amélie e muitos mais, incluindo a Rainha Isabel I de Inglaterra e o seu amante pirata, outro sobre Marie Tudor, de quem ela diz que eram primas, mas uma cortou a garganta da outra. Dona Julieta, aquela, leu um livro sobre Cristóvão Colombo, outro sobre Gomes Freire de Andrade, chorou por causa do enforcamento deste, numa noite de luar. Outra sobre António de Oliveira Salazar e o seu criado. Mas Dona Luísa de Gusmão não quis ler sobre Salazar porque considera que este homem só governava como governava, com mau gosto, porque era um representante da plebe mais vulgar. O livro que ambos leram e adoraram era sobre Vasco da Gama, que visitou várias vezes a Índia, passando pelo Cabo da Boa Esperança, e agora os índios dizem que ele não precisou voltar para lá, que apenas saqueou. Os dois leram o mesmo livro e comentaram à mesa, com dificuldade, porque Dona Julieta lê bem, tem bons olhos, bons braços, mas péssima audição. Mesmo assim, ela concordou que o Vasco da Gama foi notável..."

Tive que dizer tudo isso para atingir meu objetivo, mas os olhos de minha filha começaram a ficar duros, imóveis, fixos em mim, cobertos por uma película de vidro. Cada um de seus olhos parecia atirar farpas em minha direção.

"Finalmente, o que você tem a me dizer?" minha filha disse novamente.

A dureza dela, a falsa dureza que ela às vezes demonstra, só para me confrontar, me fez ir direto ao ponto, mas não me assustou. Resumi: "Você sabe quantos leitores esses livros têm? Você adivinha? Milhares e milhares. Milhões. E você sabe por quê? Porque contam histórias inventadas, mas sobre pessoas que existiram, e todos têm em comum o facto de terem feito coisas importantes. Você mesmo, quando eu estava lendo bem, me trouxe um livro sobre um imperador romano que existiu, seu amante e ele, outro sobre Napoleão na Rússia, outro sobre um inglês que foi para a Arábia e a Turquia, e que existiu, ele era um personagem conhecido e admirado em sua época. Agora compare com o que acontece em seus livros..."

Eu disse, e ela imediatamente respondeu: "Muito diferente, estamos falando de objetos separados, por assim dizer".

Como imaginei, entendi que ela queria evitar o assunto, mas logo respondi: “Pessoas importantes, pessoas honradas, figuras que, para o bem ou para o mal, onde quer que pisassem, criaram fatos importantes, fizeram história. Mas esse não é o seu caso. Seus livros são exatamente o oposto. No geral, seus livros são um vale escavado em um deserto cheio de pobres. Maltrapilhos, descalços, abandonados, loucos, emigrantes sem fogo nem lugar, imigrantes sem onde morrer, meninas feias que todos rejeitam, perdedores de todo tipo, gente assassinada, gente que se joga na água para morrer, para que o destino, em troca, salva seus filhos, pessoas sem religião, sem abrigo, sem pátria, sem casa, sem costumes nem profundidade. Só estou me perguntando por que você se sente atraído por esse tipo de criatura. Personagens que não se levantam do chão. Miserável entre os miseráveis. Bem, diga-me, quem gosta de se interessar pela vida dos miseráveis? Seus personagens se assemelham àqueles em farrapos que São Francisco de Assis visitou. Se pelo menos você escreveu sobre São Francisco de Assis, mas não, você escreve sobre os pobres cujos nomes ninguém sabe. Como mãe, me pergunto por que você escreve sobre essas pessoas e não sobre as outras, as que vencem, as que ficam, as que todos conhecem, os fortes, os bons, os heróis, os saudáveis, os válidos...”

Eu disse tudo isso, em voz baixa mas rápida, só para ela ouvir, e quando Lilimunde quis colocar o chá na mesa para o lanche, eu a impedi com a mão, não queria que ninguém interrompesse minhas palavras. Minha filha perguntou: “Então, o que você recomenda?”

Havíamos chegado ao ponto exato. Não havia mais nada a perder. Esta visita durante a noite quase fatal, quando ela sentou-se com todo o seu peso gigantesco sobre o meu peito, aconselhou-me da urgência. Mas aconselhar sempre foi minha maior missão com minha filha. Naquela época, senti que não poderia morrer sem lhe dar o seguinte conselho: “Minha filha, mude o mais rápido possível, veja os cases de sucesso. Na segunda-feira de Páscoa, em seu lugar estava sentado um jovem que me leu um conto. Esse menino me pareceu muito feio quando entrei, mas lia tão bem que ao passar pela porta estava coberto de beleza. Ler este texto elevou-o a uma altura imensa aos meus olhos. Mas a notícia, infelizmente, era sobre um professor chileno que havia caído em desgraça, alguém que nunca se recuperou, e ouvindo essas palavras maravilhosas, vindas da boca do jovem, eu disse a mim mesmo que isso era uma pena que eles tivessem feito isso. não se refere a uma figura grandiosa, a um homem sábio, a um explorador, a um importante combatente da resistência como Gandhi, por exemplo. Então nem perguntei o nome do autor, simplesmente imaginei alguém que se parecesse com você, alguém procurando seres sofredores e miseráveis para encher suas páginas de lamentações.que não se parece, mas é. E no seu caso, se você gosta tanto de pobre, por que não escolhe um pobre famoso? O maior deles, por exemplo? Por que você não escreve sobre a vida de Jesus Cristo? Você não precisa acreditar que ele era Deus. Acho que você não precisa ser crente para escrever sobre Jesus. Pelo que ouvi, não é preferível de qualquer

maneira, quanto menos acreditarmos, melhor descreveremos a história ao seu redor porque a imaginação fica mais livre, como eu digo, é o que eu penso..."

Minha filha estava sentada na minha frente, imóvel como se fosse toda feita de vidro ou gelo, mas eu não tinha nada a perder, estava pronto, conheço-a desde que ela me desafiou dizendo que ia fugir para uma floresta com lobos e que ela nunca mais voltaria para casa. Ela era então uma menina de oito anos e queria me confrontar, fugir da noite pelo caminho, mas quando a peguei, ela começou a chorar e implorou por perdão. Agora, aqui estava eu no confronto, ela ouviria meus conselhos, antes que eu desaparecesse durante uma visita noturna e nunca mais pudesse aconselhá-la. Com ar arrogante, minha filha disse: "Ah! Sim ? Então, o que mais você recomenda? Senti uma energia em minha fala como não sentia há muito tempo. Eu respondi: "Sim, eu te aconselho, se você ama tanto o miserável, encare a história do miserável que então se tornou famoso em todo o mundo. Na minha opinião, existem milhões de pessoas miseráveis, mas só vale a pena escrever sobre aquelas que se tornaram famosas. Os outros viviam de graça, mesmo que fizessem algo em suas vidas. Você não encontra? Repito que, na minha opinião, quem escreve sobre Jesus Cristo sempre acerta. Sobre Jesus Cristo e Maria Madalena. Muita gente já escreveu sobre o assunto, até onde eu sei, mas nunca sobre esse tema, e você terá sucesso, desde que queira fazer melhor que os outros. O que você precisa é ter essa ambição porque sem ela você não faz nada. Ou escreva sobre a Virgem Maria, por exemplo, que, como muitos dizem, deve ter tido outros filhos. Você escreveria um livro importante se descrevesse Jesus subindo ao céu, com sua família, seus irmãos e irmãs, seus tios, seus primos, sua esposa e filhos, despedindo-se dele. E ele sobe a montanha amarela que você diz ter visitado no caminho para o Mar Morto, e acena para seus irmãos que permaneceram na planície, entre as ovelhas. Um livro como esse..."

Os olhos da minha filha brilhavam e eu não sabia se aquele vidro frio iria explodir em lágrimas ou pegar fogo. Mas não me importei, se por acaso eu a machucasse sempre poderia contar com seu perdão, conheço sua fraqueza desde as noites em que ela queria fugir de casa. Tive que enfrentá-lo cara a cara, transmitir-lhe minha força. Mas, afinal, talvez eu estivesse exigindo dela o que ela não tem para dar. Cada um na sua. E por alguns momentos pensei que talvez a estivesse desorientando em vez de lhe mostrar um caminho. Então fiquei em silêncio por um momento, pensei, cruzei as mãos e me resignei. Para me adaptar à sua medida, resolvi ser menos ambicioso, conversar com ele sobre números mais próximos da nossa realidade.

"Filha, tenho outra sugestão. Depois escreva sobre os números da história atual, ou muito próxima dela. Mas figuras famosas, reconhecidas por todos. Gandhi, de quem tanto falamos na minha juventude, Churchill que acabou com a guerra, Nelson Mandela, que viveu mais de vinte anos na prisão, e sua esposa que o traiu, ou Madre Teresa de Calcutá, aquela que viveu com as pessoas miseráveis que você tanto ama. Aqui estão algumas sugestões. São

todas figuras que se tornaram famosas, e você, se sentar entre elas, também poderá sentar-se à mesa da História. Aproxime-se da História, converse com a História, fique perto dessas figuras grandiosas, porque os leitores amam a grandeza, amam as pessoas que também têm um cotidiano comum, isso é normal, mas que se sentam à mesa da História para deixar seu retrato pintado em óleo lá para sempre. Pelo que vejo agora, História, sim, é a História que distrai a leitura. O que você diz ? Eu queria te dar esse conselho antes de morrer..." eu disse.

Mas minha filha manteve o vidro frio dos olhos, mais frio do que eu imaginava, frio, frio, ela não começou a chorar, não pegou fogo e começou a dizer palavras inimagináveis.

Minha filha disse: "Mãe, não posso responder positivamente às suas propostas. Você sabe porque ? Porque não me sento à mesa de quem faz História, cada um tem o seu lugar. Mesmo quando me aproximo desta mesa é para sentar debaixo dela, escondido pela toalha, sem que ninguém me veja, e fico no meio dos pés, ouvindo o que os convidados dizem e fazem. Observo como suas migalhas caem no chão, cheiro-as, examino-as, mastigo-as, às vezes como-as, para saber o que comem aqueles que participam do banquete, e como os outros vivem de migalhas, aqueles que vivem em os ganchos de suas ações e palavras. É lá que sua filha está, escondida, ouvindo, embaixo da mesa. Um espião da História, nada mais."

Comecei a ficar envergonhado, não sabia como responder. Compreendi que estava tentando cumprir meu dever, mas meu conselho não tinha mais utilidade. Então perguntei ironicamente: "Quer dizer que você se senta debaixo da mesa da História? Escondido por uma toalha de mesa, como o cachorro debaixo da mesa do dono? Eu disse e esperei, mas em vez de fazê-la pensar, levá-la a entender de uma vez por todas o quanto ela era tola, causei o efeito contrário. Com os olhos cheios de vidro, ela me respondeu: "Exatamente, você tirou as palavras da minha boca, sou um cachorro da História, vivo para farejar seus movimentos, denunciá-lo, mordê-lo, trair. Eu não sou sua família, sou seu oponente. Ouça com atenção o que eu lhe digo."

Percebi que estava perdendo meu papel de mãe, que ela não aceitava mais meus conselhos, que não se intimidava mais com minhas intuições. Estávamos conversando alto, Lilimunde ouviu nossas vozes, veio até a porta. Pedi-lhe que entrasse e me desse um lenço, bem grande, para receber minhas lágrimas. Minha filha disse: "Senhorita Lilimunde, por favor, saia, estou conversando com minha mãe".

Chorei no lenço, minha filha não sentiu pena de mim. Quando me acalmei, falei: "Minha filha, que grande ofensa se chamar de cachorro. Você sabe que temos uma história muito amarga com cães em nossa família. Ao dizer que você se sente um cachorro da História, penso no nosso cachorro Rabilau, aquele que uivava perto da minha irmã sempre que ela tocava banjo. Ela tocava e ele, onde quer que estivesse, vinha vê-la, sentava-se ao lado dela, esticava a garganta para o céu e começava a gritar. Corri para virar a sola

do sapato esquerdo para afastar o azar, mas ela morreu no parto e sua avó achou que o cachorro era o culpado. Ela o pendurou nos galhos de uma alfarrobeira. O pobre cachorro não teve absolutamente nada a ver com isso, mas confundiram quem anunciou a morte com quem causou a morte. Quando disse a mim mesmo que te sentes o cão da História, pensei em Rabilau. Você, Rabilau, você, o culpado, inocente. Não me diga isso de novo, estou pedindo, por favor...”

Mas ela não tinha um pinga de piedade de mim, sem um pinga de piedade de si mesma, e disse: “Mãe, eu sou o Rabilau da História, não reclame. Onde está a corda?

Menina gorda e insolente – tive muita pena dela, minha filha, mas não sei o que ela procurava. Voltei a falar para ela: “Minha filha, pelo menos escolha outro cachorro para te representar. Depois de tudo isso, nunca tivemos cachorros bons, sua avó não queria cachorros grandes porque comiam demais, nem cachorros de raça pura porque eram caros, tínhamos cachorros ridículos, mas todos envelheceram, nenhum deles teve o fim trágico de Rabilau. Não queira ser o cachorro Rabilau, aquele que uivava ouvindo sua tia tocar banjo...” E como eu chorava muito, Lilimunde entrou, e minha filha saiu. E assim terminou nossa conversa sobre seus livros.

Eu estava chorando tanto que não conseguia ouvir seus passos vagando pelo corredor. Muitas horas se passaram e meus olhos ainda estão inchados e meu coração dói.

18
DOLOROSO

1 º de junho _ 2019

*Tínhamos um cachorrinho chamado Smoke.
Ele custava três centavos, não tinha pedigree
Nem raça.*

*Tínhamos um cachorrinho chamado Epargne.
Tão econômico que não tinha
de raiva.*

*O nome da minha filha é Ofensa.
Os anos passam, não sei o que ela sabe
nem o que ela pensa.*

19EXÍLIO

Este é o meu lugar de exílio. Fui deixado aqui a meu pedido e por vontade própria, venho da casa dos meus pais para onde nunca mais voltarei, também por vontade própria. A vida é um arco, tem começo e fim, começa no berço, faz seu vôo ascendente, e a partir de certo momento a curva desce até chegar à terra, de novo dentro de uma caixa de madeira que não difere de um berço.

É nesta descida que me encontro, não tenho do que reclamar. Recuso a lamentação, rejeito a contemplação da doença e condeno o prolongamento da vida além dos seus limites. O que não significa que eu não sofra. Há muito tempo cheguei à conclusão de que enfrentar o sofrimento faz parte da descida do arco da vida. Durante anos, mal andei, dei passos trêmulos ou nem andei, como tem acontecido na maioria dos dias e noites desde que cheguei aqui, paralisado, e a sensação de que o que tenho, como acabei de dizer, é que do exílio. Mas, apesar de tudo, recorro à memória para sair destas paredes e triunfar do meu estado de reclusão.

Mais precisamente, minha mente, por mais circunscrita que seja o caminho do meu corpo, até agora, verdadeiramente, não conhece a prisão. Esta é a minha casa, mas o mundo lá fora é o meu verdadeiro espaço. A maior parte dos camaradas que se deslocam nesta residência já se esqueceram há muito do que acontece na Natureza, vivem aqui encerrados como se tivessem regressado ao ventre materno. Eles vêm de todo o mundo, mas aos poucos, trancados aqui, perdem a noção dos dias da semana, não sabem em que mês estão, não percebem a mudança das estações. Mas eu não.

Até agora, mesmo rodeado por estas paredes, sei como é a primavera lá fora. Às vezes com rajadas de vento, às vezes com rajadas fortes, que vão e vêm, alguns minutos de chuva forte batendo nas vidraças, intercalados com raios de sol forte. Aqui mesmo, diante das casuarinas, imagino o que está acontecendo na praia e nos campos, mas como não presencio a mudança, a não ser as poucas gotas escorrendo pelas janelas, ou a curvatura dos topos das palmeiras árvores, a memória destes acontecimentos dá-me a extensão da distância que existe entre a memória e os factos. No entanto, não vou desistir.

Na ausência das visitas da minha filha, dia após dia, acompanho à distância as mudanças no que foi o meu jardim. Eu sei quando as árvores decíduas começam a enferrujar, quando as copas se rasgam e a folhagem fica arrepiada, especialmente em noites de vento. Vejo as amendoeiras, as figueiras, os pessegueiros da zona envolvente reduzidos a troncos, os ramos nus emergindo todas as manhãs como arabescos desenhados no ar. No chão, uma espessa camada vegetal que se transforma em estrume. E o esterco me traz a imagem das plantas que secam no outono, que ficam completamente emburradas durante o inverno, e que de repente aparecem cobertas de folhas no início da primavera. Eu sei do que estou falando, sei

como as flores são feitas de esterco, e para isso bastaram minhas mãos. Minhas flores, minhas filhas. Neste momento, eles estão em toda a sua glória. Que nostalgia. É onde está minha mente, não meu corpo, este último está deitado no escuro, nesta cama. Exílio, que só quero descrever para mim mesmo, mas não me arrependo. Se descrevo o que está distante, é apenas porque possuía esses tesouros que agora me faltam. Melhor tê-los perdido do que nunca tê-los. Encho a minha alma com as infindáveis visitas que faço ao mundo e das quais me lembro como se possuísse novamente a Natureza que está longe. Eu, Maria Alberta Nunes Amado, chamo tudo isso de minha vida. É possível que um dia, como muitos dos meus camaradas trancados nesta casa, eu acabe ignorando o que está acontecendo lá fora, enquanto as manhãs parecerão todas iguais e se fundirão com as tardes. Não quero viver nesta situação. Estar vivo é lembrar os movimentos do tempo e o ritmo do florescimento.

Lembrando que é a época em que os viburnos ficam cobertos de guirlandas brancas, frascos de perfume tombados à beira do caminho por onde eu passava mal pela manhã. Se o clima não mudou tão terrivelmente como dizem os vizinhos que me vêm visitar, as roseiras devem estar floridas neste momento, as margaridas, os arums esverdeados também. Campânulas penduradas formam cachos azuis, as pervincas. Margaridas brancas, ranúnculo rosa. Os canteiros de violetas devem ser bem cuidados, se por acaso recolherem as ervas como recomendei, e se cavarem a terra à sua volta, mantendo lesmas e caracóis longe dos pés. Mas eles se deram ao trabalho?

Os arbustos não sufocaram as violetas? A urtiga venenosa não tomou conta de todas aquelas plantas que deixei no chão? O sisymbre não esmagou as quase invisíveis corolas roxas, por serem delicadas? O feto que prospera na humidade, junto ao fio de água que escorre perto da torneira, não se perde com a seca que assola a terra? Eles se lembraram de ligar o motor de rega para capinar o cardo? Minha filha lembrou de podar as roseiras em janeiro? Alguém que responde assim à mãe, do que ela consegue se lembrar? Ela que diz que mora debaixo da toalha?

Deixemos, sim, fazer o jardim, o cata-vento na varanda, as nuvens brancas de calor, os pores-do-sol vermelhos do verão. Deixa acontecer. Deixe tudo acontecer ali ao longe, igual a ela, igual a ele. Eu adoraria ajudá-los, mas eles não só não sabem como também não aprendem. Pelo menos, quando penso na Natureza, não penso nela. Ela, que deixou de seguir meus conselhos, minha última contribuição útil para reverter seu destino.

Mas ela não entende o que lhe digo, embora todas as minhas palavras sejam ditas com muita clareza para o bem dela. E como durante muito tempo o meu bem só existe na medida em que provém do dele, depois deste confronto fiquei mais triste do que nunca. Porque ela é a minha alegria e a minha esperança, agora diminuída desde que me disse que era pouco mais que um cachorro caído no chão, debaixo da mesa. E, pelo que ela conta, ela

levou a sério esse papel em sua vida. Meu Deus, quem teria dito isso, quem teria dito isso.

Preciso do meu lenço de papel, os de papel ficam diluídos nas minhas lágrimas. Maria Lina já me passou o lenço. Não sei como enfrentar novamente as perguntas que me serão feitas, quando em breve serei levado ao Salão Rosa e todos vão querer saber o que aconteceu nesta sala, a prisão do meu corpo com a qual me sobreponho. Mas eu, paralisado pela dor, não deixarei escapar uma sílaba da minha boca sobre esse assunto.

Sem data

*Minha mão direita capinou, capinou
mas o rabo de cavalo ao nível do solo, com
onde ela nasceu -
Ficou.*

20
MEU SEGREDO

Estou de volta à Sala das Rosas, parada na passagem entre o piano e a porta do corredor. Ou seja, Salomé me deixa em um bom lugar, mas exposto à curiosidade de todos. Isso me desagrada.

Nosso desentendimento ocorreu há três dias e, desde então, não há ninguém que não saiba que eclodiu um conflito entre minha filha e eu. Eles ouviram falar das explosões, dos meus soluços e das minhas lágrimas. Em virtude da fofoca, todas as atenções se voltaram para mim. Há rumores sobre por que minha filha me fez sofrer. Mas faltou-me explicações, a uns falei de saudades de tempos passados, a outros, que não aceitaram esta explicação, disse que entre pais e filhos sempre houve e sempre haverá discussões. Hoje, no terceiro dia, aconteceu a mesma coisa. Eu não me arrependo.

O que foi especialmente importante para manter o meu segredo foi ter apresentado a minha versão dos conflitos normais entre gerações aos meus companheiros de mesa, porque eles nem sequer queriam saber de que diferenças se tratava, pouco inclinados a ouvir e muito mais inclinados a falar. Eles imediatamente deixaram minha vida em paz e rapidamente discutiram os assuntos que os opõem aos seus filhos, especialmente às suas filhas. E assim ouvi, durante estes três dias, os acontecimentos em torno das suas divergências familiares, dos seus algozes e das suas vítimas.

Dona Rita de Lyon reclamou que seu filho Clarence não acredita no *Anjo da Guarda* e descreveu como essa descrença a faz sofrer, pois o piloto aviador usa palavras heréticas da época da *Revolução*. Mas a vida de Dona Luísa de Gusmão, nesta área, é a mais rica de todas, porque, no seu caso, além das clássicas divergências entre pessoas de gerações diferentes, surgem conflitos pela visão das linhagens, das distinções sanguíneas em que Dona Luísa acredita piedosamente, ao contrário dos seus descendentes que se casaram com plebeus com quem tiveram filhos e filhas. Um de seus netos está namorando uma menina cor de café e ela mostrou uma foto em que furou os olhos da menina morena com uma agulha, para que o descendente de nativos quenianos desaparecesse para sempre da vida de sua família. E, a propósito do meu desentendimento com a minha filha, ouvi Dona Luísa de Gusmão dizer que não imaginava que um dia iria interferir na sua vida uma menina da raça de Nina Mercedes de Porto Rico, aquela que sempre cantou atrás dos inválidos *La cucaracha, la cucaracha*.

Por sua vez, Dona Julieta chorou ao lembrar que a última vez que o filho e a filha foram vê-la, discutiram bem debaixo do seu nariz e nunca mais a visitaram. Ela estava convencida, disse dona Julieta, de que os filhos haviam arquitetado a discussão para terem o pretexto de se ausentarem permanentemente. E eu, em silêncio. O que aprendi sobre os sentimentos profundos dos meus companheiros, a partir das lágrimas que a teimosia da minha filha trouxe ao meu rosto, não tem limites. Mas só Joana Amaral, que

não sabe ler, chegou perto do verdadeiro motivo. Ela me disse: “O desentendimento entre Dona Alberti e sua filha me parece ter algo a ver com um livro. Talvez ela tenha escrito sobre um problema que não devia...” Mas mesmo com a Joaninha não deixei transparecer o verdadeiro motivo. Absolutamente não, o problema do livro é problema dela, eu disse. Dona Marcela, que está sempre andando, parou na minha frente para me perguntar: “Chegou a hora, vamos direto, direto para o além...” E quis me levar com Ela.

Fui tanto protagonista, ao longo destes três dias, de um acontecimento privado que se tornou público, que até o Sr. Peralta sentou-se ao piano e tocou uma música que diz *Tristeza vai-te embora do meu Pouco se pode fazer, e eu quero que demore, este é o meu fado* ¹²... Como os pés do Sr. Peralta não se movem e a pedaleira não funciona, algumas notas saem um pouco sem tom. Apesar disso, conseguimos levantar os braços para a esquerda e para a direita. Muitos estavam com os braços para cima, mas eu não. Não serei pego fazendo gestos musicais que lembram obscenidades. Agradei ao senhor Peralta com aplausos, mas acrescentei que não estava mais triste. Nesta vida tudo passa. E Dona Joaninha, para me consolar, conduziu o Sargento João Almeida até minha cadeira: “Senhor Sargento, aqui, Dona Alberti”.

O belo homem não falou, simplesmente fez uma reverência para mim, e tive a oportunidade de ver de perto suas mãos bem torneadas. Um segurava a bengala especial, o outro a minha mão, que levou aos lábios num gesto de delicadeza. Ele beijou a própria mão, ao lado. Foi um gesto simulado, muito lento, mas tão belo e majestoso que tive tempo de medir a distância que separava esta homenagem da última que se assemelhara a ela na minha vida. Foi há muito tempo, pensei.

Então, então, um beijo respeitoso, próximo de um beijo verdadeiro, mas não verdadeiro como sinal de respeito, como era costume então, um gesto tão do passado e no entanto, sem que o esperássemos, de repente se tornando aqui. Minha mão, de joelhos, mal se movia. Logo em seguida, o sargento foi até a mesa de jogo e começou a conversar sobre a viagem com os companheiros.

A conversa estava acontecendo nas minhas costas. Em voz alta, o sargento João Almeida contou como eram as geleiras dos Alpes, vistas de Turim, e suas montanhas íngremes quando as escalamos. A neve, a neve branca, que parecia azul, disse ele, o risco de cair cada centímetro para quem subia a montanha, e acima a atmosfera linda e gelada. Preso na minha poltrona, ouvi uma frase aqui e ali, e pensei que o amante de D. Joaninha fosse um viajante, que conhecesse o mundo, não através do Atlas como é o meu caso, mas através de passos reais e concretos na superfície do a Terra. Grande diferença. Como estou muito triste por causa da discussão com minha filha, a história do sargento me fez chorar novamente, mas eu segurei, não deixei fluir. Pelas minhas costas, ouvi o sargento dizer: “Também fui aos Pirenéus e

os inspecionei com cães São Bernardo em missão com os franceses. Oh ! Animais sagrados...” Então eles ficaram em silêncio.

Olhei ao meu redor e, mesmo que não fosse verdade, acreditei que todos estavam pensando em mim, e que alguns diriam, muito bem. O Sr. Franco passou por mim e olhou para baixo.

O Sr. Mota, que não é um dos *Seis Cavalheiros* , também me questionou. Eu disse a ele que nada havia acontecido, que de vez em quando me sentia sozinho, e o ex-carpinteiro achou por bem dizer que entendia, porque ele próprio se sentia muito sozinho. Mas agora que a Inglaterra queria separar-se para sempre da Europa, à beira de uma saída chamada Brexit, tinha a esperança de que o seu filho se sentisse muito mal em Londres e regressasse a Portugal para viver com ele, o seu pai, até ao fim do ano. sua existência. E o assunto morreu por conta própria.

Mas isso não morreu em meu coração.

Até quando a ofendida manterá os olhos cobertos pela dureza do vidro? Quando ela virá e pedirá perdão? É verdade que hoje meu genro veio me trazer lanche, encheu meus braços de comida que não posso comer e me disse para não levar a sério o que aconteceu. Não é problema alguém se autodenominar cachorro da história, é apenas uma questão de linguagem. Que ela não quis dizer o que disse, que era apenas uma imagem poética. E para me deixar feliz, ele me mostrou como as ameixeiras são carregadas de frutas vermelhas. Fotos que ele tinha no celular. Antes de fechar o aparelho, ele repetiu novamente: “É só uma questão de linguagem, sim. Você acha que sua filha está uivando ou latindo? Eu entendo, mas ela mesma disse isso, não eu.

Tenho dificuldade em aceitar a ironia da vida. Uma vez tive uma criança que amamentei e depois, para que ela não crescesse sem tomar leite, ia todas as manhãs buscar um jarro, a vários quilómetros de distância, tão cedo que ainda cheguei a tempo de ver a vaca ordenhado. Costurei roupas para ela, ensinei-a a ler e a escrever, levei-a às escolas que ela frequentava, até ela se tornar adulta e independente, e agora, depois de tudo isso, ela diz de si mesma que se sente um cachorro. Um cachorro da história. Embora as palavras sejam figurativas, a imagem permaneceu gravada em minha alma ao longo desses dias e luta comigo a noite toda como se fosse outra versão da noite escura. Enquanto isso, os cães próximos, como se sentissem cheiro de algo no ar, decidiram passar a noite latindo. Às vezes penso que o mundo se organiza através de coincidências extravagantes, como se as palavras e as coisas se atraíssem pela simpatia e pela mímica, como se os animais e as vozes que os nomeiam se agrupassem em grupos inexplicáveis, uma espécie de igualdade invisível que aos nossos olhos é nada além de um mistério insondável. E, ainda assim, ocorreu um fato surpreendente – como podemos falar sobre isso?

Os dias são longos, escurece tarde. Depois do jantar, Salomé, a quem chamamos de Bosch, me deixou no início do corredor para ir resgatar um visitante. Fiquei sentado esperando ele voltar. Atrás de mim, passos vieram

do elevador. Era o Sargento João Almeida. Ele se curvou diante de mim, fez o mesmo gesto de beijar minha mão sem beijá-la, como havia acontecido na sala. Parecia mentira, mas era verdade, as quatro patas da bengala estavam perto dos meus pés, era ele mesmo, não havia dúvida. O sargento perguntou: “Você gostaria que eu o levasse para o seu quarto?” Eu respondi: “Ah! De maneira alguma. Eu irei sozinho, muito obrigado. O sargento curvou-se novamente. “Senhora, meus respeitos”, disse ele.

LILIMUNDE

Não tenho notícias de casa e ontem à noite Lilimunde não veio por muito tempo. Ela começou deitando-se na cama vazia e, num determinado momento, me perguntou: “Dona Alberti, por que você está sempre triste? Você ainda não fez as pazes com sua filha? Virgem Maria, se eu pudesse ajudá-la, o faria com prazer. Você não é minha mãe, nem minha avó, nem minha tia, nem minha madrinha, e nem minha amiga. Você tem outro relacionamento comigo que não consigo explicar. Virgem Maria, quem é Dona Alberti para mim?”

Nós dois permanecemos no escuro, nesta sala iluminada apenas pela luz das luminárias do jardim que entrava pelas persianas, de modo que eu mal conseguia distinguir a silhueta dele ao lado dela. Pensei um pouco, mas não respondi porque também não entendo o que está acontecendo entre nós. Esta jovem não é minha filha, nem minha neta, nem minha sobrinha, nem minha afilhada, nem minha amiga. Então, o que Lilimunde do Pará significa para mim? – Nina cuida de mim perfeitamente, as mãos de Nina têm um conhecimento natural como se tivessem sido criadas para consolar os mais fracos. A música de suas palavras em espanhol, quando ela canta atrás da minha poltrona *La cucaracha, la cucaracha ya no puede caminar*, traz alegria ao meu coração, a ponto de me imaginar correndo por uma estrada cercada de montanhas azuis. Por outro lado, há Salomé. Salomé transmite energia, com ela consigo dar alguns passos, apoiando-me no seu braço forte, só de olhar para ela faço o percurso entre a mesinha de cabeceira e a porta da casa de banho praticamente sozinha. Salomé, a máquina Bosch, como é apelidada, alimenta a força dos meus músculos e dá vigor aos meus nervos, sempre que tem tempo para se dedicar a mim, já que todos requisitam a máquina de lavar alemã, como dizem, sem que isso a incomode. Maria Lina é fiel, nunca passa no corredor sem vir me perguntar se estou bem. E ela garante que a campainha esteja na altura da minha mão. Um cuidador inestimável. Mas com a filha da Marabá a função dela é diferente e a empresa dela também, mas ainda não tenho nome para classificá-las.

Lembro-me que na escola do Salazar dividíamos as palavras em pronomes, substantivos, adjetivos e verbos. Acho que um verbo serviria bem para Lilimunde. Uma ação que começa todas as manhãs com aromas de bergamota, tília, cedro e peônia. Um verbo perfumado. Foi ela quem explicou de que aromas vem sua água de Colônia. Ela trouxe o frasco para eu ver e massageou meus pulsos com algumas gotas do perfume *Bérgamo*. Qual o nome dessa garota de dezessete anos que apareceu na minha vida? Um verbo, como rir, voar, correr, telefonar. Uma mistura de todos esses verbos em um. Então Lilimunde, na escuridão da sala, falou de uma resolução que me surpreendeu.

Ela disse que pretende não conhecer um homem, agora ou nunca, pelo resto da vida. Ela disse que tinha em mente o exemplo do pai, barqueiro do rio

Tocantins, que viajava pelas margens, de aldeia em aldeia ribeirinha, fazendo filhos. Até onde ele sabe, ele teria pelo menos onze anos, cinco meninos e seis meninas, sendo ela a *gur i*¹³, o mais novo. Filha de uma faxineira que teve que cuidar das duas últimas filhas do pai, Jeromel da Silva, ainda em seu barco transportando *siringueiros*¹⁴. Mas ela não lhe devia nada, disse Lilimunde. À sua mãe sim, foi graças a ela que se filiou a uma Igreja com pessoas muito boas que a acolheram. O bispo da Igreja, chamado Romeu, foi muito generoso. Tinha ido para Portugal às custas da Igreja, e a mulher do bispo falsificou-lhe a certidão de nascimento, uma dívida vitalícia, que teria de pagar aos poucos. Ela devia um terço do seu salário ao bispo e à esposa dele, e pagaria com juros, todos os meses, com muita alegria, porque havia sido salva da luxúria dos homens do Pará, ainda criança. Ela nunca teria um homem. Ela havia viajado sob a liderança do bispo, Deus estava ciente de tudo, então Ele estava ciente da viagem. Algumas fraudes que praticamos nesta vida para salvar pessoas não são fraudes, são milagres. Lilimunde falou em voz baixa: “Dona Alberti, aqui estou, sã e salva, por um milagre. Nenhum bastardo vai tocar meu corpo, abrir minhas pernas, colocar essa semente em mim...”

Eu disse: “Sim, sim”.

Estávamos ambos trocando pensamentos em voz baixa, na escuridão do quarto, quando Lilimunde ouviu passos no corredor. Ela pulou da cama e disse em voz alta: “Dona Alberti, o que você precisa?” Ela acendeu a luz e se inclinou sobre minha cama. O gerente do turno da noite estava vigiando a porta. Eu disse: “Liguei porque precisava de outro copo de água”. O supervisor saiu no corredor, Lilimunde também. Os cães próximos latiam lá fora. Achei que minha filha nunca mais voltaria.

NOITE DE LUAR

Ontem à noite os cães locais não me deixaram dormir. Eles latiam e latiam, era como se o Hotel Paradis estivesse no meio de um canil. Os latidos só começaram depois de escurecer. Deviam ser dez horas quando comecei a imaginar que talvez fosse lua cheia lá fora e por isso eles estavam latindo. Quando a plantonista veio trazer o chá de ervas, perguntei: “Hoje é lua cheia?” Mas a menina disse até amanhã, como poderia ter dito qualquer outra coisa, e não me respondeu. Ela foi embora sem olhar para mim. Eu não pude dormir. Carrinhos e vozes passavam no corredor e eu gritei o mais alto que pude: “É você, Nina Mercedes? Você é *La Cucaracha*?” Mas não deve ter sido ela porque, se fosse, a porto-riquenha teria me ouvido e vindo ver o que estava acontecendo.

Eu esperei.

Desde o confronto com a mocinha, nunca fiquei sem campainha. Eu tinha ao meu alcance, bastava apertar o botão da lâmpada e alguém aparecia, mas eu estava pensando no que me diriam se uma das garotas aparecesse e eu estava pensando sobre as moedas da lua no céu. A tentação foi grande. Apertei o botão, apenas uma vez, e esperei. Um rosto desconhecido apareceu perto da minha cama. Eu perguntei: “É só para satisfazer minha curiosidade. Você sabe se é lua cheia lá fora?” A menina respondeu: “Um momento”. E ela desapareceu. Poucos minutos depois, quem atendeu minha ligação voltou acompanhado de outra garota desconhecida. A penumbra e seus uniformes faziam com que ficassem parecidos. Eles me perguntaram o que eu queria. Pensei em perguntar seus nomes para identificá-los. Um deles, não consegui identificar qual, começou a rir. A outra, com voz diferente, disse: “Nós duas somos Maria. O que você espera das Marias?” Eu fui breve: “Você pode me dizer se é lua cheia lá fora?”

Uma das meninas respondeu rindo: “Como vamos saber já que estamos lá dentro?” Entendi que eles eram novos no departamento ou não demorariam tanto para responder. Eu insisti: “Muito simples, você vai até a janela e olha o céu”. Resposta de um deles: “A lua certamente está aí, mas não sabemos se é ela”. Fiquei perplexo, deitado ali, olhando para eles na escuridão. “Vai ver, se é redondo, completamente redondo, é lua cheia...” Um deles foi até a janela, levantou a persiana, olhou de um lado para o outro e concluiu: “O céu está muito claro, mas dá para”. Não vejo nenhuma lua daqui.

Quase gritei, vai para outra janela, para o outro lado dessa casa, vai para o quintal, para o jardim, por favor olha o céu, de qualquer lugar, mas não foi possível, tive que desistir. Eu falei para elas: “Com licença, façam o que têm que fazer, vamos, vamos...” E as Marias, se era assim que se chamavam, desataram a rir.

Os cachorros latiam, era impossível que não fosse lua cheia. Mas como você pode dormir sem ter certeza? O celular estava debaixo do meu travesseiro. Bastaria apertar um botão e ligar para minha filha. Não, minha filha, não, ela

ficou brava comigo, brigamos, com certeza ela já tinha me perdoado, mas eu não tinha certeza, tenho cada vez menos certeza dela. Então pensei nele, no meu genro. A lembrança da minha ligação ao amanhecer me assombrava, mas mesmo assim eu tentaria. Eu liguei, ele atendeu. Eu falei: “Com licença, dessa vez é só meia-noite, não é madrugada. Você pode me dizer se é lua cheia? Ele respondeu: “Sim, um lindo luar de junho. Vimo-lo nascer atrás das alfarrobeiras. Tirei uma foto disso. Quando viermos ver você, você vai vê-la...” Eu disse: “Obrigado, boa noite”. E fiquei muito tempo com o celular na mão. Meu passaporte para informação. Sim, sim, sim, lá fora havia luz de lua cheia.

Isto foi confirmado.

E aqui dentro também. De algum lugar veio um murmúrio de vozes, passos rápidos, como pessoas descalças. Eu esperei. No final, aparecendo ora mais perto, ora mais distante, uma transmissão de futebol. Alguém aumentou o volume e imediatamente abaixou. A partida tinha que ser em um país bem a oeste, talvez Brasil ou Argentina, para ser naquele horário. Não durou muito. O silêncio caiu. O sono veio quando os cães ficaram em silêncio. E ainda assim vinha música do corredor, talvez um bolero. Fiz um grande esforço para lembrar que bolero era. O som era fraco, mas eu ainda conseguia ouvir claramente. Eu conhecia a letra há muitos anos. Tentei levantar a cabeça e decifrar as palavras que me levaram até ali: *Quizás , quizás , quizás ...* Mas não lembrava o significado delas, não lembrava dessa música. Também não foi grande coisa.

Além disso, parecia-me lindo que alguém, no sombrio Hôtel Paradis, tivesse um rádio, ou outro aparelho ligado, no meio da noite, para ouvir esse bolero. Então ouvi um pedido de silêncio, um *silêncio!* prolongado, e de fato, definitivamente, o silêncio chegou. Sem cachorros, sem transmissões, sem bolero, sem *silêncio!* – Tranquilo, silêncio aqui, enquanto lá fora a lua cheia está no ar, pensei. Silêncio. Cabeça pesada. Dormir. Intervalo, noite escura de lua cheia, um bolero. Acordei com uma figura entrando no quarto, e não era uma menina, era Dona Joana Amaral. “Dona Joaninha?” Liguei.

Entendi que era dona Joaninha graças à lanterna que ela acendeu ao se aproximar da minha cama. Ela estava de camisola, com as roupas dobradas debaixo do braço e os sapatos na mão. Ela aproximou a lamparina dos meus olhos e me disse: “Você está acordado? Seja meu amigo, deixe-me dormir aqui, na cama desocupada.” Ela colocou o dedo nos lábios, me pedindo silêncio. Parecia um sonho, não entendia se estava dormindo ou acordado. Ela me disse ao ouvido: “Pela sua saúde, pela saúde dos seus entes queridos...” Dona Joaninha desfez a cama desocupada e entrou. Nem ela nem eu estávamos dormindo, mas ela tentava reproduzir o som de um sono tranquilo. Sua respiração era tão profunda que não parecia natural. Tive dificuldade em pensar sobre a situação. Talvez tenha se passado uma hora, uma hora e meia, duas horas? Eu poderia ter aberto meu telefone e verificado, mas não ousei me mexer. A respiração de Dona Joaninha era um sonho inexplicável. Eu sei que o amanhecer estava nascendo porque os

galhos das palmeiras se erguiam no ar como o rabo de um galo reprodutor. Esperei de novo e de novo. Uma menina cuja voz não consegui identificar disse, bem alto, perto da porta: “O sargento morreu”.

"Como assim ?"

Respondi bem alto: “É impossível, ele ainda estava vivo no jantar”.

Não acreditei e comecei a ligar para Dona Joaninha.

Dona Joaninha, enrolada no lençol e na manta branca, respirava com muita dificuldade, ali ao meu lado, e não respondia. Eu estava ouvindo a respiração dela, quando o Diretor Noronha apareceu, iluminando meus olhos com a luz. Ela gritou para mim: “Dona Alberti? Acorde, por favor.”

Ela não estava sozinha, ela pediu para se sentar. Duas garotas me sentaram na cama. Não estavam conversando com Dona Joaninha, mas comigo. O jovem gerente do Hotel Paradis disse em voz alta: “Por que ela está dormindo aqui?” Cabia a mim me expressar. Só havia uma saída: “Porque ela me pediu”. Sem se dirigir a Dona Joaninha, que respirava por perto, o diretor perguntou imediatamente: “Quando ela pediu para dormir aqui?” Entendi que minhas palavras estavam rolando sobre brasas: “Ontem à noite”. “E quando ela foi para a cama?” Fingi não lembrar, sob inspiração encontrei as palavras certas, enquanto Dona Joaninha fingia estar dormindo, assim como as meninas e o diretor fingiam não vê-la. Eu respondi: “Não sei bem que horas são, foi depois do chá de ervas da noite”. Ana Noronha nem olhou para o corpo caído de Dona Joaninha, que parecia querer ficar de fora do que acontecia. “Pense bem, dona Alberti. Quando você perguntou às meninas se era lua cheia, elas não viram ninguém deitado aqui.” Senti o perigo espreitando ao meu redor e no meu quarto. Eu disse: “Mas ela estava lá, sim, ela definitivamente estava lá, as meninas não a viram porque não acenderam a luz”.

Eu sabia que Dona Joaninha estava ouvindo o que se dizia, Ana Noronha também sabia. Sua silhueta cresceu em minha direção. “É a primeira vez que ela dorme nesta cama?” ela perguntou. Me surpreendi ao responder: “Ah! Quantas vezes Dona Joaninha veio passar a noite aqui. Como você bem sabe, esta cama não é minha, está vazia.”

Antes de sair, seguido pelas duas meninas, o diretor disse bem alto: “Estamos diante de um saco de nós muito delicado. De agora em diante, todos devem dizer a verdade...”

Ruídos colidiram no corredor. Dona Joaninha saiu de debaixo da manta branca e sentou-se, vestiu-se, sem dizer uma palavra, os olhos estavam mais abertos que de costume. Dona Joaninha estava sofrendo. Por mais que eu fizesse, por mais que mentisse, por mais que fosse amigo dela, não conseguia mudar um único fato do que havia acontecido. Vans brancas estavam estacionadas do lado de fora. Estávamos levando ele embora. Foi horrível, absolutamente horrível, o homem bonito estava morto. A minha mão está na pequena folha, o lápis Viarco entre os dedos. Eu mal os movo. Antes eu teria preenchido duas páginas com esses acontecimentos simultâneos para nunca esquecê-los. A partir de agora, fico com uma

mensagem breve, duas linhas mal escritas, digo a mim mesmo que a alegria é como uma fruta madura, quando começa a exalar o seu perfume mais intenso, é sinal de que vai apodrecer. Joana Amaral saiu do meu quarto por volta das onze horas, mas só fui atendida ao meio-dia; a morte do sargento, ocorrida atrás de uma porta que dava para este corredor, alterou o ritmo de vida do Paradise Hotel. Ela mudou o meu. Não durou uma noite e um dia, mas sim o tempo de um eclipse. Quero escrever duas linhas cínicas neste artigo.

17 de junho 2019

*Saia da minha vista a cada
pássaros - Como se a vida
foi a colheita
e foice.*

CONFRONTO

Quatro dias se passaram desde a manhã em que a menina apareceu no corredor para anunciar: *O sargento está morto*. Aqui no Hotel Paradis são poucos os dias em que alguém não morre. Um morre, outro entra, ainda somos setenta. Mas para o sargento, não esperávamos isso. Qualquer um poderia ter morrido, exceto ele. O Sargento João Almeida iluminou as paredes sombrias, os móveis escuros, as escadas, as paisagens que vemos de cada janela, porque veio iluminar o nosso olhar. Tirando Dona Joaninha, ninguém queria tocá-lo, queria-o para si, queria abraçá-lo em privado ou capturá-lo em público, era bom que ele estivesse ali entre nós, a jogar às cartas, a ouvir o piano do Sr. com essa belezura no meio da sala. Sem a bengala de quatro patas, o sargento teria encarnado a perfeição. Ele era a personificação humana da beleza. E ele partiu na noite de lua cheia. Ele se instalou entre nós em meados da primavera e só chegou no verão. De repente, toda a cadeia de cuidados foi abalada.

Eu não sabia disso diretamente, mas os próprios cozinheiros devem ter lamentado sua morte, porque cozinham horivelmente durante quatro dias. Os cuidadores começaram a nos buscar para tomar café da manhã na hora do almoço e a nos chamar para lanches na hora do jantar. Na prática, não houve jantar atualmente. Pelo menos na nossa mesa ninguém quer comer. No meu caso particular, que, na noite da tragédia, permaneceu, inocente, deitado na minha cama, só sei que os filhos do sargento, que veio recolher o corpo para ser sepultado em Lisboa, exigiram uma investigação, e que foi em andamento. O Hotel Paradis insiste em acusar Dona Joaninha. Dona Joaninha, muda como um peixe, logo foi considerada responsável pela morte do sargento. Sabendo o que sei, hoje em dia comecei a evitá-lo, embora seus olhos, ao encontrarem os meus, me dêem um sinal de cumplicidade. Eu sei o que ela sabe bem, ela sabe bem o que eu sei. O caso segue seu curso jurídico. Fui chamado ao escritório da administração na manhã desta sexta-feira. Eles empurraram minha cadeira para onde duas pessoas me esperavam, uma de pé e outra sentada. Disseram-me que eram advogados que representavam os interesses do Hotel Paradis, um deles começou a fazer perguntas e o outro a escrever.

Deixe-os escrever. Disse a mim mesmo que já tinha mentido o suficiente e que a partir de então só diria a verdade, sem deixar de afirmar o que já havia dito, mas aconteceu algo importante que me fez reconsiderar minha decisão. Quando o advogado começou a escrever meu nome no teclado, ouvi um barulho estranho, como se castanholas estivessem sendo tocadas lá dentro. Olhei em volta e percebi que aquelas eram as unhas da pessoa que digitava as teclas. Inclinei-me e vi unhas compridas e verdes à minha frente, e em cada uma delas estava desenhada uma flor. O advogado ali sentado digitava os dados da minha identidade com unhas pintadas de estilo country, e senti uma raiva inexplicável, imaginando como um advogado poderia usar

essas garras para participar de uma investigação sobre uma morte tão importante.

Olhei para a advogada que estava de pé e, embora ela não apresentasse traços chocantes, não havia nada nela que me falasse do seu mérito. Talvez eu não devesse ser assim, mas sou assim. Da minha cadeira de rodas e das profundezas da minha dor sobre a qual nunca quero falar, olhei para eles e me senti muito adulto. Pensei em dona Joaninha, no seu sono acordado, mas apesar de tudo descobri que ela valia muito mais que esses advogados, e surgiu em mim uma grande vontade de mentir. Mentir e mentir.

Mentir para Dona Joaninha e mentir para o Sargento João Almeida, mentir por amor, mentir para salvar a decência de suas vidas. Ninguém, nem os filhos, nem as noras, nem os genros, nem os netos, nem a diretora Ana Noronha, nem mesmo eu, tivemos nada a ver com os seus amores. Ninguém tinha o direito de exigir que a vida vivida no mundo das pessoas livres não fosse reproduzida dentro de uma casa como esta. Olhei para a advogada ali parada, vestida com uma blusa indefinida decorada com grandes laços como se ela tivesse doze anos, dei uma boa olhada nas unhas do advogado sentado e decidi que, se fosse preciso, eu estava pronto para mentir.

“De nada, senhoras”, eu disse.

Para que a pessoa entrevistada, no caso eu, pudesse se colocar no seu lugar, a que estava de pé se apresentou novamente, declinando sua condição de advogada, mas eu não fiz nenhum comentário, esperei pelas perguntas. O advogado que estava ali me perguntou: “Diga-me o que você sabe sobre este caso”. A que estava sentada mantinha as duas mãos apoiadas no teclado, as mãos muito tensas como se não conseguisse suportar o peso das unhas. Estava disposto a dizer apenas o que já tinha dito, que Dona Joaninha tinha vindo dormir no meu quarto na hora do chá de ervas, e que pensei que ela não tivesse saído. Mas agora a coisa era mais difícil do que parecia e eu ia ficar totalmente do lado de dona Joaninha.

Quem estava de pé me fez sentir o peso da responsabilidade: “Nós sabemos, dona Maria Alberta, que você é uma pessoa que sempre fala a verdade”. Eu respondi: “Felizmente você sabe, não se esperaria outra coisa de uma pessoa honrada. Já posso dizer que a senhora Joana Amaral, por volta da hora do chá de ervas, veio pedir para dormir na cama desocupada e que eu disse que sim, e ela passou a noite de 16 para 17 de junho ao meu lado.”

O advogado de unhas verdes com flores rosa tocava castanholas no teclado. O advogado permanente desafiou: “Dona Maria Alberta, vamos ver. Eram onze horas da noite quando duas meninas entraram no seu quarto, você havia ligado para elas por causa da lua cheia, e elas não viram ninguém deitado na cama ao lado...”

Eu queria tanto mentir que as palavras me vieram como se alguém as estivesse colocando na minha boca. Respondi igualmente sem rodeios: “Sim, eles entraram, mas não viram a Dona Joana deitada porque não acenderam a luz, e foram até à janela e nem viram que havia luar. Esse tipo de mulher não sabe nem o que vê nem o que não vê. Se fossem funcionários

competentes, teriam acendido a luz, tentado me virar, conversado comigo, me oferecido um copo d'água e ido até uma janela onde se podia ver a lua. Eles nem sabem o formato da lua cheia, muito menos quem está ou não deitado na cama, ou mesmo se está escuro ou claro em um quarto."

"Foi a primeira vez que Dona Joana Amaral pediu para dormir no seu quarto?"

"Por favor, senhorita, todo mundo sabe que dona Joaninha não gosta de dormir sozinha. Como esta cama está desocupada, ela dorme lá de vez em quando. Não sei dizer quantas vezes, mas provavelmente dez vezes, talvez." O advogado ficou sentado digitando tac tac tac no teclado. Minhas mentiras sobre Dona Joaninha combinavam muito bem com o som daquela marcha barulhenta.

"Por favor, diga-nos, em algum momento da noite você não percebeu que ouvimos a transmissão de uma partida de futebol, depois música sul-americana, o som vindo do quarto do falecido sargento?"

"Não ouvi nada, nenhum barulho vindo do corredor. Só ouvi os cachorros latindo lá fora. Eu nunca os tinha ouvido assim antes. Fechei os olhos e foi como se meu quarto estivesse no meio de um canil."

"Madame Maria Alberta, isso é muito sério. Diga-nos: quando Dona Joana Amaral entrou no seu quarto para ir dormir, ela estava de camisola, com a roupa dobrada debaixo do braço, ou ainda vestia a roupa do dia?"

"Minha querida jovem, vi muito claramente, quando Dona Joana entrou no meu quarto, depois do chá de ervas, estava vestida normalmente, com a camisola debaixo do braço, ao contrário do que se diz. Dona Joana se trocou na minha frente, no meio do meu quarto. A luz da mesa de cabeceira ainda estava acesa, eu vi claramente."

"Então você acha que dona Joana Amaral não dormiu com o sargento naquela noite? Que ela não ouviu uma partida de futebol brasileiro a noite toda e que não dançou de camisola ao som de boleros, na frente do sargento que acabou sucumbindo a um infarto? Senhora Maria Alberta, por favor, note que o seu depoimento é fundamental para esta investigação."

As mãos com unhas verdes e flores acompanharam minhas declarações com essas marteladas insuportáveis, e aqui estavam elas esperando para começar a digitar novamente no teclado. Naquele momento, eu tinha muito a dizer aos dois advogados, sobre seus trajes e suas unhas, e sobre essa investigação mal elaborada, cheia de insinuações picantes e perversas, mas achei que seria um esforço desperdiçado. Limitei-me a afirmar, com a convicção absoluta que a força da defesa de Dona Joaninha me deu: "Senhoras, acabou, não tenho mais nada a dizer. Na noite de 16 para 17 de junho, Dona Joana Amaral passou a noite inteira no meu quarto. Ela roncava o quanto quisesse. Se alguém ouvia transmissões de futebol e dançava na sala do sargento, não era dona Joaninha. Tenho certeza disso porque não dormi a noite toda. E isso é tudo."

Como essas foram minhas últimas palavras, a advogada sentada demorou mais um pouco para digitar as chaves e depois leu meu depoimento em voz

alta. Pedi-lhe que repetisse porque queria ter certeza de que minhas verdadeiras palavras falsas estavam lá, e embora sentisse que certas frases estavam trêmulas e concluí que meu depoimento provavelmente estava escrito com erros ortográficos, assinei com a mão direita . Ao contrário do que costuma acontecer, a minha mão, naquela hora, estava firme. Eu tinha certeza de que minha caligrafia era melhor que a deles. Saí de lá triunfante, não me lembrava de alguma vez na vida ter mentido sobre um assunto tão sério. Por mentir com tanto sucesso.

Depois fui empurrado para cá, para o meu quarto, e durante duas horas pensei que tinha andado num rio de lama. Eu não sabia onde começava nem onde terminava a lama, só sabia que estava com o gosto dela na boca e cuspi várias vezes no lenço. Eu não queria que ninguém me visse ou me ligasse. Qualquer um que me ligasse não obteria resposta. E eu queria que Dona Joaquina desaparecesse para sempre da minha vida, sem saber por quê. Eu só queria isso.

24 PÓSTUMO

Por volta das cinco da tarde, Dona Joana Amaral apareceu na porta do meu quarto e eu não mandei ela entrar. Ela ficou muito tempo encostada na soleira, esperando um sinal meu. Como não lhe enviei o menor sinal, ela iniciou um gesto de agradecimento levantando as mãos. Ela provavelmente já estava ciente do conteúdo do meu depoimento. Quando Joana Amaral não saiu da porta, finalmente cedi. Ela entrou. Ela estava chorando. Mas não se tratava de agradecimento, mas de outra coisa. Os filhos de João Almeida vieram buscar o cadáver do pai e ela não teve oportunidade de ver novamente este lindo corpo. Dona Joaninha chorou e chorou. Então a enlutada enfiou a mão no *sutiã* e tirou um papel. Ela acariciou o papel. Ela me entregou: “Leia, você sabe que não sei ler”.

Desdobrei o papel que Joana Amaral tinha no *sutiã* e li o que estava escrito ali. Reconheci imediatamente a caligrafia do sargento. Meu coração começou a acelerar. Minha visão fez as imagens ondular. Tive dificuldade em mover meus lábios. Quando me recompus, perguntei: “Por que você não colocou esta mensagem em minhas mãos?”

Dona Joaninha chorava tanto que mal podíamos ouvi-la. Ela respondeu: “Gostaria de ficar com este papel, dona Alberti. Eu sabia que ele não era para mim, mas não importava o que ele dissesse, eu queria que ele fosse meu. O que ele está dizendo ?” Meu coração continuou batendo forte no meu peito. A vida é testemunha de que hesitei na leitura. Li uma, duas, três vezes. O que eu faria com essas palavras escritas neste post? Meus olhos ainda estavam embaçados. Olhei para as letras e elas tremeram no papel. Invoquei o poder da imaginação em meu auxílio. Acabei dizendo, como se estivesse lendo: “Estou avisando dona Maria Alberta que amarei dona Joaninha para sempre”.

Minha mão caiu no colo e com ela o papel.

Dona Joaninha estava com os cantos dos lábios caídos, arregalou os olhos, pediu para eu repetir. Ela fechou os olhos para ouvir melhor. “Graças a Deus.” Ela os abriu novamente, eles estavam iluminados. “É isso que diz o jornal? Ele escreveu esta mensagem para você, falando de mim com estas palavras? Leia pela terceira vez, quero decorar essas linhas...”

Este dia 24 de junho acabou sendo o dia das maiores mentiras da minha vida. Menti pela segunda vez. No papel, danificado, provavelmente por estar no *sutiã de Dona Joaninha*, estava escrita uma mensagem bem diferente, enviada, provavelmente após o episódio no Azerbaijão. Ele disse assim: “*Dona Maria Alberta, sempre ao seu serviço. Tenho todas as informações que você precisa no meu celular.* Mas li em voz alta pela quarta vez: “Deixei saber para Dona Maria Alberta que amarei Dona Joaninha para sempre”.

Meu amigo pegou o papel. Colocou-o no colo. Dona Joaninha começou a esfregar os olhos com os dois punhos fechados e a água escorria pelo seu rosto. Quando sua expressão de tristeza diminuiu, ela me devolveu o papel.

Por que ela queria isso já que não sabia ler? Ela foi muito tola em querer guardá-lo para si, em vez de entregá-lo ao destinatário. Se tivesse, saberia o quanto o sargento a amava. O pecado da ganância o prejudicou. Ah! Se ela não tivesse guardado para si o que não lhe pertencia! Mas enquanto ela lamentava, li estas linhas: *Dona Maria Alberta, sempre ao seu dispor. Tenho todas as informações que você precisa no meu telefone .*

Uma tristeza terrível entrou nesta sala. A tristeza, com seu quadril largo, sentou-se entre nós dois. A tristeza nos separou e nos uniu. Um pequeno pedaço de papel nos uniu como um cordão de prata. Eu o guardei na mão. Agora digo a mim mesmo que esta noite a noite pode chegar e me pegar. A noite pode chegar e desencadear uma bateria de perguntas impossíveis ao meu coração, com o único pretexto de me arrebatá-lo. Mas, naquele momento, Dona Joaninha continuou a sua presença. A beleza se foi. Da beleza permaneceu um papel com letras. Por generosidade, Dona Joaninha me deu, embora na verdade, como estava escrito, me pertencesse por direito. O futuro será breve ou muito breve. Tudo isso está guardado em minha mente. Como não escrevo, apenas falo, e as palavras são levadas pelo vento, o que está guardado em minha mente só durará enquanto eu existir.

24 de junho 2019

A rosa mente, o cravo mente

*A natureza mente inteiramente – vida falsa
verdadeiro.*

25
RELÂMPAGO

Palmeiras de asas abertas, pássaros primaveris, nuvens brancas a caminho do mar, tudo passa. Passam os noivos, o caminhão carregado de pedras, a fumaça deixada pelo avião a jato. Tudo é esquecido, tudo passa - Aqui dentro, no Hotel Paradis, já retiramos o retrato do Sargento João Almeida da *pintura* da entrada, substituímos pela foto colorida de uma nova moradora, Maria Paulina Zuzarte.

Meu coração bate fora do ritmo. Como eles ousam? - Faço a pergunta e não encontro resposta. É difícil para mim aceitar esta substituição fria. É-me insuportável admitir que, passado pouco mais de uma semana, a vida continua nestes corredores como se nada tivesse acontecido.

Nos primeiros dias, o choque abalou as palavras, as sombras e os horários do Hotel Paradis. Nos cantos havia um boato de perda. Mas, de repente, o silêncio instalou-se em torno da sua pessoa e dos acontecimentos, e a morte deixou de existir. Não falamos mais da ausência do sargento. Como pode alguém que espalhou tamanha influência nesta casa desaparecer da memória tão rapidamente?

Os homens que fazem parte do Clube dos *Seis Cavalheiros* organizaram as suas cadeiras de forma diferente, agora mais perto da mesa, porque o seu fundador desapareceu, mas já se diz que será substituído por um novato e o jogo continuará. O que é a vida de uma pessoa comparada ao poder de um jogo? Mesmo que este jogo tenha sido iniciado por quem está faltando? Na sala onde o sargento ouviu a transmissão do futebol e ouviu música pela última vez já está a senhora Zuzarte, que não foi informada do estado do último habitante deste local. Como se este espaço estivesse em branco e nada tivesse acontecido. Ou talvez eu esteja errado, talvez este homem não tenha perturbado esta casa tanto quanto eu pensava. Talvez a alegria que vi explodir ao seu redor tenha sido fruto da minha imaginação. Talvez tenham sido meus olhos que o viram de forma nobre e admirável.

Ou, por outras palavras, a sua rápida visita a este lugar de esquecimento terminou hoje com palavras definitivas. Pás de terra, ali, na nossa mesa de sete. Dona Rita de Lyon disse a Dona Joaninha: "Você se apaixonou por um homem que trazia no rosto o sinal da morte. Você não viu a cor dos lábios dele? Dona Fátima acrescentou: "Nunca gostei de homem alto, o meu era baixo e combinava muito comigo". Os outros não disseram nada, apenas riram juntos com vontade da saída de Dona Fátima, mas a reação de Dona Joaninha, sem dizer nada, foi a que mais me magoou.

Joana Amaral soltou uma grande gargalhada e começou a escolher a fruta mais bonita e comeu-a, abrindo-a com a lâmina da faca que levou à boca para que nada acontecesse. Eu devia estar louco. Guardei o papel dobrado em minha bolsa de pano no peito. *Dona Maria Alberta, sempre à sua disposição* ... Sim, devo ter ficado maluca. Esta pequena mensagem que tenho aqui é uma carta de amor dele para o mundo. Ele era um viajante,

passava o tempo viajando por certas regiões da Terra, no bolso da jaqueta de sargento tinha todas as informações que alguém precisava, no celular. Ele queria que eu soubesse de sua disponibilidade.

Hoje, à mesa, talvez sofria de alguma malformação, invertia os círculos em que se inscrevem o mundo visível e o invisível, mas naquele momento disse a mim mesmo que tinha contra o peito uma verdadeira carta de amor. Um amor enviado à condição humana, uma mensagem deixada à vida que, por obra do acaso, depois de atravessar um oceano de incompreensões e mentiras, inclusive a minha, caiu de joelhos. Uma postagem curta, com dez palavras ao todo e cinco palavras de ligação. A maneira mais econômica de contar um segredo, tão fino, tão frágil, tão precário, que não havia palavras para traduzir esse papel rasgado que estava escondido no *sutiã de Dona Joaninha* . Eu devia estar louco.

Peguei minha sacola de pano, abracei-a contra o peito e, sem querer que isso acontecesse, senti minhas lágrimas caindo no meu prato onde havia uma pequena fatia de peixe que eu deveria comer com a mão esquerda e, longe do meu prato , um copo de água que eu mal conseguia alcançar. Antes, quando minha pele era clara e jovem, cada gota d'água que caía dos meus olhos era visível de longe. Agora minha pele criou marcas, curvas e buracos, de modo que, se eu não estiver chorando, ninguém perceberá que minhas lágrimas estão caindo. Comi-os com o pão.

Não era verdade, mas vendo que tudo mudou e tudo acabou, pelo menos ainda havia um troféu, um pedaço de papel como uma carta de amor, enfiado no meu peito. Eu senti e lá estava ele. O mundo ao redor me ignorou, ignorou meus pensamentos, ignorou minha vida, eu era um corpo esbelto, sentado em uma poltrona, com um babador de criança colocado em uma bolsa, onde estava dobrada uma mensagem, único objeto que me mantinha salvo e trazia coerência , esta carta de amor, *Sempre ao seu serviço* ... Meus pensamentos foram estes. Como não posso escrevê-los, penso-os e dito-os para o conforto da minha alma.

27 de junho 2019

Fatia de peixe comida com a mão -

Azeite, água, batata pequena

lágrimas

pão.

DA GRANDEZA

Tudo é esquecido, tudo passa. Esta tarde eles vieram me visitar. Eu sabia que eram os dois porque ouvi seus passos se movendo em direção ao meu quarto. Como me havia prometido, ele a acompanhou para que pudéssemos fazer as pazes. Vinte e oito dias se passaram, o tempo que ela levou para me perdoar, o que significa que ela não é tão fraca como às vezes penso, porque quem dura mais de três semanas sem ceder tem em si uma certa força de alma.

É verdade que agora me julgo e não me reconheço. O choque que o desaparecimento do Sargento João Almeida me causou pôs à prova as minhas forças. Sei que não enfrento mais tristezas como antes, mas acredito que minha fraqueza atual ainda retém traços da minha coragem anterior. Sempre gostei de gente com força de caráter, orgulho, gente difícil de dobrar. Além disso, no meio dos últimos acontecimentos desastrosos ocorridos nesta casa, este sinal de resistência da minha filha trouxe-me uma certa satisfação. Contei os dias um por um. De minha parte, eu queria que ela viesse porque sentia falta dela e para que ela avaliasse sua determinação. Exatamente quatro semanas. Agora que ela estava chegando, eu podia ouvir seus passos.

Os dois entraram carregados de malas.

Mas, para minha grande surpresa, ele mal havia assobiado como um pássaro quando, em vez de acompanhar nossa reconciliação com reverência, olhou para a mesinha lateral e ficou surpreso ao não ver a televisão em seu lugar. Como se o importante não fosse aproximar-se e ouvir o que um ou outro nos tinha a dizer, se esse fosse o nosso desejo, em vez de fazer o belo papel do reconciliador ele preferiu saber porque é que eu tinha feito a televisão desaparecer. Sem entender o momento que se seguiria, meu genro iniciou uma discussão sobre um assunto completamente secundário. Já tinha regressado aqui desde que Salomé guardou a câmara, não notou nada, e num momento tão decisivo introduziu um assunto insignificante ao qual deu uma importância inexplicável. Ele se irritou, abriu o armário onde o aparelho estava há várias semanas, causando um caos desnecessário, que não me permitiu falar imediatamente com minha filha. Perguntei por que ele estava assim, tão chateado.

Impossível reconstruir sua arenga sem sentido.

O motivo foi o seguinte: segundo ele, eu tinha deixado de ser quem eu era, porque não me interessava mais por política, não zombava mais das promessas dos figurões, não ligava mais a TV para acompanhar as travessuras dos Portugal. Já não me importava com os refugiados pelos quais chorei antes, ou com as guerras na Síria, ou em outros lugares no Oriente e na África. Já não escrevia no papel frases como a que lhe tinha mostrado, resposta de uma jovem que, com os filhos nos braços após os combates nos arredores de Aleppo, disse aos jornalistas: *Se a morte estivesse à venda, eu*

compraria . É verdade. Eu o havia escrito com dificuldade alguns meses antes, para nunca mais esquecê-lo, e mostrei-o a ele. E chorei com essa frase sem entender bem a extensão da tristeza que dela resultou. Mas agora já não queria sofrer desnecessariamente, porque três meses antes tinha concluído definitivamente que os acontecimentos trágicos na televisão começam sempre mal e nunca terminam bem. Acumular infortúnios sobre infortúnios sem nunca acabar, como expliquei ao menino que leu a história de Dom Gálvez. Ele parecia determinado agora, no meio da sala, querendo ligar a TV, minha filha parada ali, e eu dizendo que não ia permitir.

Ele insistiu que eu voltasse a observar os excessos da Casa Branca, zombando das mulheres de três metros de altura e penteados com chucrute que agora a frequentavam. Por que eu não disse mais coisas assim? Eu não os escrevi mais no papel? Por que é que já não zombava dos parlamentares britânicos, uns em cima dos outros, como num bar? Gritar e gesticular como se estivessem despedaçando cavalos em uma feira de gado? Ou por que não liguei a televisão para ver como os franceses, tão espertos, se vestiam agora de amarelo e se metiam em travessuras nos centros das cidades? Por que não comentei o noticiário nacional, anotando em pedaços de papel a quantidade de milhões que os ladrões roubam do Estado? O valor do salário mínimo, os anos de espera para fazer uma operação nos hospitais? Por que a sogra não chamava mais os banqueiros de bandidos, por que não anotava mais a lista dos bandidos e os nomes dos juízes que os perdoavam? Os nomes daqueles que apareceram nos telejornais contando mentiras? O nome dos guarda-redes do campeonato, os golos do Benfica? Para que ? Para que ? Por que não liguei mais a TV? O que aconteceu comigo? gritou meu genro, gesticulando no meio do meu quarto. Ele tinha acompanhado minha filha para fazer as pazes, mas chegou e ficou bravo, queria ligar o aparelho sem minha autorização.

Eu disse a ele: “Por favor, não ligue, os pensamentos que circulam na minha alma agora são meus programas de TV. A televisão dos meus pensamentos é suficiente para mim.” E levantei minha mão direita o mais alto que pude. Aí ele disse que eu ia afundar, me enrolar no meu próprio corpo, reduzindo minha mente dia após dia até virar uma lesma no repolho, como todos aqueles que se desligam da marcha do mundo para... ' preocupam-se apenas com seus próprios males. Finalmente ele ficou em silêncio, o silêncio caiu na sala. Por que tudo isso? Agora que já se passaram algumas horas, acredito que sejam desabafos involuntários que acontecem como delírios descontrolados, mas que no meio de sua bagunça acabam tendo uma certa utilidade. Essa arenga acabou sendo uma peça preparatória. Uma forma de criar espaço entre a discórdia e a reconciliação com minha filha. Na verdade, quando terminou, meu genro desapareceu como sempre, assobiando como um pássaro. Ela e eu ficamos sozinhos. Esperamos que o silêncio caísse. Ela pegou minhas mãos e as beijou. A paz desceu à Terra. Eu disse a ele: “Senti muita falta de você”.

O que aconteceu a seguir não tem explicação.

Fiquei feliz não só porque ela se revelou muito mais resiliente do que eu pensava, mas também porque não tivemos que voltar aos seus livros e às suas perguntas sem resposta. Começámos por falar sobre o que nos unia, as árvores do jardim, o cata-vento que precisava de óleo para não chiar no telhado, a falta de chuva, a proximidade cada vez mais nítida do avanço da raposa e do javali, como proteger o jardim, como mudar as espécies de plantas diante da seca. Mas ela sabia que esses assuntos eram comuns para nós apenas temporariamente, e em determinado momento ela disse: “Você pode dizer o que quiser. Aconteceu...” Eu disse a ela para ficar quieta, que nunca mais falaria com ela sobre seus livros. Mas, para minha surpresa, ela disse: “Por favor, se você acha bom, fale sobre os livros. Estamos aqui para nos darmos bem e não para discutir.”

Fiquei desconfiado e perguntei novamente sobre botões de ouro, então, entendendo que botões de ouro não a interessavam e que ela parecia aberta a questões essenciais, eu, entusiasmado com suas palavras, disse-lhe que não lhe daria mais conselhos, porque quem sou eu para dar conselhos, mas que gostaria de lhe fazer mais uma pergunta sobre o tema dos seus livros e, depois desta, não lhe faria mais nenhuma pergunta. Como ela mantinha as mãos entre as minhas e me olhava com ar tranquilo, tive coragem de lhe perguntar: “Desculpe-me por voltar ao assunto, mas, para resolver definitivamente, há uma questão que eu gostaria de resolver abaixo. Minha filha, eu sei que escritor é uma pessoa que publica livros famosos, sua casa continua sendo um museu para o ensino de toda a sociedade, sua foto está por toda parte, um escritor é uma pessoa ilustre. E um escritor? Meu coração estremeceu, mas ela não se ofendeu, pelo contrário, ela realmente parecia estar em paz, sem reflexos penetrantes de vidro em seus olhos. Ela me disse: “Muito simples, escritora é uma mulher que faz amor com o Universo e pronto”. Pedi que ele repetisse para entender. Ela repetiu as mesmas palavras. Eu respondi: “Entendo, então ela não precisa publicar livros importantes, ela não ganha muito dinheiro com eles, a foto dela não está em todo lugar e a casa dela não será um museu”.

Ela disse: “Bem, não, uma escritora é apenas uma mulher que usa palavras para fazer amor com todo o Universo. E isso é o suficiente para ele.”

Comecei a pensar e não sabia o que dizer. Perguntei: “E o que este Universo dá em troca?”

“Eu já disse nada. No amor não há nada em troca, tudo é oferecido”, respondeu ela, mas não parecia zangada.

Comecei a pensar novamente. Em outra ocasião, eu poderia imaginar que ela estava zombando da mãe, mas não, ela deve ter sido ingenuamente sincera. Então minha filha estava fazendo amor com o Universo e nada mais. Repeti essa ideia enquanto ela massageava meus pulsos. E assim minha ilusão afundou, mas sem nenhum ferimento. Talvez um dia eu entenda. Eu tinha uma frase escrita num pedaço de papel, guardada num saco de pano no peito, *Dona Maria Alberta, sempre ao seu dispor*, e sentia que me bastavam coisas simples e pequeninas. Que até as frases ditas pela minha

filha, desprovidas de sentido, como fazer amor com o Universo, me serviam de conforto, tanto ela parecia ter se conformado com essa dimensão irreal das coisas, minha pobre filha, pobre das duas de nós, nossas mãos uma na outra. E nós dois levamos a conversa para outra direção. O ambiente imediato, a posição da cama, as roupas que agora devem ficar mais leves conforme os dias esquentam, os sapatos também, a bolsa para cadeira de rodas onde guardo as frutas que sobraram do jantar, e no meio dessas perguntas insignificantes, ela deu uma boa olhada no meu rosto e perguntou por que meu cabelo estava tão comprido.

Contei a ele que o cabeleireiro havia desistido de vir cortar o cabelo dos moradores do Hotel Paradis porque ninguém estava mais satisfeito com o corte. Ninguém quer aceitar que os cabelos que antes eram grossos e coloridos se tornaram, com o tempo, finos e frágeis, que perderam a cor e também o movimento que antes emoldurava o rosto. Todo mundo quer que o cabeleireiro faça o milagre de ressuscitar os cabelos de antigamente. A última contratada, uma cabeleireira atenciosa e gentil, havia pedido demissão há dois meses e não havia ninguém para substituí-la. Então minha filha foi buscar uma toalha, uma tesoura, um pente e começou a cortar meu cabelo.

Foi muito gostoso sentir suas mãos na minha cabeça, a tesoura no meu pescoço, nas orelhas, nas têmporas. E quando me senti mais leve, disse para mim mesmo, ela diz que está fazendo amor com o Universo, o que ela poderia querer dizer? Ela realmente faz isso? E ela estava cortando e cortando e arrumando meu cabelo, ela estava sacudindo a toalha quando ele entrou. Ele estava mais calmo. Ele mesmo foi buscar uma vassoura no armário em frente e varreu os fios do meu cabelo. Eu os vi entrar na pá. Eles eram brancos. Senti-me descer ao lugar das pequenas coisas e disse a mim mesmo que a minha filha, ao dizer que queria fazer amor com o Universo, queria dizer precisamente que a vida só a conduzia para as pequenas coisas. Falar do panorama geral era certamente a sua forma de falar do mínimo, da sua vocação. Ele trouxe um espelho, onde eu me vi, eu era uma coisinha no espelho, e de repente me senti muito bem, muito confortado, perto da minha filhinha, mechas de cabelo branco, cartas escritas pelo sargento no meio de uma pequeno pedaço de papel. Eu me senti no meu lugar. E pedi ao meu genro, por favor, não ligue a televisão. Minha agenda eram as pequenas coisas que ninguém registra e que não importam. Ele acabou aceitando. E fiquei tão consolado que escrevi algumas palavras em um pedaço de papel. Com a mão esquerda, demorei um pouco para localizá-los.

28 de junho 2019

Seixos do mar na minha cômoda.

Eu os acaricio - Na minha mão, um oceano e seus

Peixes.

27
NOVAS BOTAS

Estou com as pequenas coisas, as coisas simples, as que não fazem barulho e não ocupam espaço. Eles são mais confiáveis, eu os pego melhor e eles não fogem tão rápido. É por isso que, sentado na minha poltrona, entre a Dona Plínia, que em breve completará cem anos, e o Sr. Mota, o carpinteiro, olho para as minhas mãos postas sobre os joelhos, e para minha surpresa sinto-me reconfortado. Para minha filha, o máximo que ela pode fazer é ser dona do Universo - Então não sou nada, estou entre coisas primitivas como gramíneas e flores de algodão, mas vivo porque continuo observando mudanças. Na verdade, se eu mudar, todas essas pessoas ao meu redor mudam da mesma maneira. E a prova de que a realidade está em constante mudança é que aqui mesmo, no Hotel Paradis, a situação evolui de um dia para o outro, por vezes entre a manhã e a tarde. Neste caso específico, com a chegada do verão, as meninas querem sair desta casa para trabalhar em locais festivos, à beira-mar, onde as pessoas cantam e dançam, e onde pessoas nuas se banham em pequenas ondas. Eles se saem bem. Só temos uma vida.

Envolvido no mundo dos nadas, não procuro saber, mas a informação flutua livremente e chega até mim. As meninas estão reunidas, conversando alto, perto do meu quarto, na esquina do corredor, e então fiquei sabendo que elas estão planejando uma revolta. Irão embora a pretexto de um erro grave, pois dizem ter sido ofendidos na sua dignidade, e esse pretexto tem a ver com Dona Joaquinha. Tudo isso parece uma cena absurda, mas é real. Às vezes concluo que dentro desta casa, lugar de exílio, existe um circo Mariani. Malabarismos e travessuras, uma paródia da vida, com encontros e fracassos como reviravoltas de uma farsa. Neste caso, pelo que sei, tudo começou com um roubo vergonhoso. Aliás, nos dias que se seguiram à morte do sargento, alguém deve ter feito desaparecer peças de lingerie das gavetas de D. Joaquinha. O que levou a um incidente que eu gostaria muito de ver registrado.

Perante este roubo, Joana Amaral acusou duas meninas, entre elas Lilimunde, do Pará, que negou ter entrado naquele quarto sem outra intenção que não fosse limpar a sujidade. Mas uma surpresa nunca vem sozinha, ontem as peças de lingerie de Dona Joaquinha foram encontradas em uma das lixeiras já a caminho do contêiner. Mas as peças de renda e chiffon mal haviam sido recuperadas quando ocorreu outro acontecimento inimaginável. Não tentei descobrir o que estava acontecendo, mas agora que estou em algum lugar da sala, vejo o que não espero e ouço o que não deveria, e foi assim que descobri o que ocorreu.

Fiquei sabendo que o filho do Sr. Sereno, um novo residente que faz parte do *Six Card Dealing Gentlemen Club*, comprou para o pai algumas botas novas, botas muito chiques, lindas botas de verão. O quarto do Sr. Sereno fica em frente daquele onde o Sargento João Almeida morou durante um mês, e o Sr.

Sereno é o morador que testemunhou que, na noite de lua cheia, o casal em questão riu e se divertiu muito. tempo até o amanhecer, testemunho que contradisse, por não ser verdadeiro. Voltando às botas, o Sr. Sereno calçou-as uma tarde, e muitos as viram, enquanto ele se movimentava balançando perto do piano, agora que o Sr. Peralta incluiu mornas e coladeiras *no seu repertório* ¹⁵ dos quais o senhor em questão é um aficionado. No jantar ele também usou suas botas amarelas de verão, feitas de fino couro de cabra e tecido sintético. Conta-se que à noite, quando as meninas entravam nos quartos na hora do chá de ervas, as botas eram guardadas, uma bem ao lado da outra, com as tiras bem amarradas, ambas aos pés da cama do Sr. Mas pela manhã, por volta das oito horas, as botas novas tinham desaparecido e no seu lugar, alinhadas, umas ao lado das outras, estavam as botas velhas que o filho do Sr. Sereno não tinha cais.

Tudo isso aconteceu anteontem.

Hotel Paradis foi revistado de alto a baixo, de ponta a ponta, por três elementos da GNR ¹⁶ chamado ao local pelo Diretor Noronha. As meninas foram interrogadas, dentro dos limites da lei, primeiro juntas, depois uma a uma, e no final permaneceu apenas um estado de desânimo total. O episódio dos sapatos do Sr. Sereno pareceu obra de uma sombra. Mas esta manhã as botas foram encontradas debaixo da cama de Dona Joaninha.

Uma enorme comoção foi criada. A evidência falava por si. Joana Amaral teria se vingado do depoimento do Sr. Sereno. O confronto foi organizado em pleno espetáculo, pela diretora e pela nova gestora Martine Martins, na presença de todos, funcionários e usuários. Aí Dona Joaninha ficou indignada, disse que as meninas – e ela citou todos os nomes dos suspeitos, um por um – deviam ter colocado as botas debaixo da cama dela para comprometê-la. Sua *lingerie foi roubada* e agora ela estava implicada no caso das botas novas. E para sublinhar a sua convicção pessoal, levantou a saia e disse às meninas que viessem sentir esse buraco que ela tinha ali, na parte de trás do traseiro, e que ela poderia mostrá-lo para facilitar a tarefa, se quisessem. vê-lo. E sem que dona Ana Noronha conseguisse detê-la, dona Joaninha rodopiava em todas as direções, sob a influência de sua raiva, desencadeada pela injustiça de que era alvo. Ao girar a saia na altura do peito, ela mostrava as pernas roliças, muito robustas, muito brancas, uma brancura enfatizada pela densidade da *lingerie preta* .

A cena se desenrolou com tanta vivacidade que mesmo quem não vê com muita clareza conseguiu descrever a demonstração de inocência de Dona Joaninha para que todos acreditassem em suas palavras sinceras. Dona Plínia me perguntou, dona Alberti, o que eu vejo é verdade? E o senhor Tó, recém-chegado conhecido por não querer ocupar o lugar de sargento do Clube dos *Seis Cavalheiros* , ficou indignado com o facto de as meninas terem provocado o descuido físico de Dona Joaninha, uma mulher cheia de coragem. Pelo seu comportamento pudemos perceber que ela foi vítima de uma mentira, mas que se defendeu com dignidade. Não imaginava que Dona Joaninha tivesse tanta beleza debaixo da saia.

Ele disse em voz alta, conseguindo arrancar algumas risadas. Mesmo Ana Noronha, embora não conseguisse evitar os acontecimentos, não conseguiu esconder o riso. Um passeio cômico bem-vindo porque ela animou a residência. Um circo. Aqueles que não riram na hora, porque não ouviam bem, riram depois, quando lhes foi sussurrado. Assisti a cena e não pude deixar de rir também, um circo. Mas nem todo mundo achou o episódio da dança com as pernas nuas tão engraçado. Foi após essa cena que as meninas, transtornadas, se reuniram para preparar uma revolta. Isto é esperado.

Aproxima-se o verão, lá em frente, onde o mar lava a areia branca, durante três meses, ganhamos bem, eles sabem bem disso. Hoje eles se encostaram no batente da porta, onde ficam guardadas vassouras e roupas limpas empilhadas, conversando em voz alta. Finalmente, nesta casa, todos se sentem vilipendiados, acusados de criminosos, perseguidos, o Hotel Paradis transformado num campo de concentração como o de Auschwitz. Trabalhamos de manhã à noite, ganhamos quase nada e o que eles enfrentam é desprezível. Eles se sentem em seus direitos. Estiveram lá, desde a Maria Rosa até à Esvendrina, incluindo a Lurdes Malato e a Fanny, todas muito ofendidas, revoltadas, concordando em dizer que amanhã não vão andar mais do que as pernas permitem e que os moradores vão ficar na cama até ao meio-dia, o almoço vai ser servido no meio da tarde, então todos que estiverem lá irão embora. O caso das botas do Sr. Sereno foi a palha que quebrou as costas do camelo. O caso das botas e a cena de Joana Amaral vão dar-lhes motivos para abandonarem o Hotel Paradis alegando ferimentos graves.

Fiquei sabendo de todos esses fatos sem fazer perguntas, sem me intrometer, sem pedir informações a ninguém. A informação chegou até mim como aconteceu com muitos outros. Mas estes são fatos isolados, passam diante dos meus olhos e dos meus ouvidos, mas não entram no meu coração. A minha vida está agora nas mãos dos pequenos objetos, do meu papel dobrado, da memória das minhas plantas, do portão de entrada daquela que foi a minha casa, da afirmação da minha filha que se apresenta, diante da sua mãe, como aquela que faz amor com o Universo, uma forma de dizer que seu trabalho é inútil. Pensamentos secretos, só para mim, que têm a ver com uma espécie de baú selado no meu peito. As meninas estão conversando. Nina Mercedes também foi afetada pelo episódio das botas e quer ir embora também. Apesar disso, massageio a mão, abro e fecho como a coxa de frango que minha avó nos dava para nos divertir, antigamente, quando os netos eram crianças. Porém, devo admitir de passagem que me encontro entre o pequeno, o simples, o nada, mas no fundo desejo a altura, o grande, o largo. Eu não deveria admitir isso.

30 de junho 2019

*Eu sei do que estou falando - Ossos de galinha, imaginei
um galo - coloquei ele para cantar no poleiro*

*e correr em um
pré.*

NA CAUDA

Há rumores de que as meninas que ameaçaram sair acabarão sendo demitidas por má conduta grave. Descobriu-se que tinham assinado um contrato de três meses para limpeza das casas de praia, um contrato com uma empresa de ajuda ao domicílio, e que não tinham dito nada. É o último dia de trabalho deles. Coincidência ou não, o Doutor Longino, de regresso após várias semanas de ausência, estava à disposição de quem quisesse ser examinado. Eu não queria.

Eu não queria, mas quando descobri que já tinham me colocado na fila das cadeiras de rodas, todas voltadas para a mesma direção, para não discutirmos, eu estava no meio. Eu disse a Martine, a gerente, que não tinha intenção de ser examinado por um médico. Quando ela passou por mim, fui bem claro, falei para ela: “Por favor, me tire daqui!” Ela se inclinou sobre minha cadeira e disse que, como eu queria, logo seria retirado da fila. Mas quem empurrava as cadeiras era uma jovem angolana, chamada Maria José das Lundas, que não me prestava nenhuma atenção e, em vez de me tirar da fila, disse: “Relaxa, o doutor Longino vai dar-te exame...” E ela sempre empurrava minha cadeira e me colocava na fila.

Eu não sabia quem estava atrás de mim ou na minha frente. Além dos passos das meninas, nada foi ouvido. Passos rápidos correndo de um lado para o outro, porque muitos seriam mandados de volta. Mas quando chegou a minha vez e o enfermeiro Joaquim se aproximou, eu disse a ele que estava na fila contra a minha vontade e que não pretendia ser examinado. Ele ficou muito surpreso: “Então suas pernas não doem, nem seus braços, nem sua cabeça, você não tem insônia?” Eu disse inequivocamente: “Não é da sua conta o que eu tenho ou não tenho. Só vim aqui uma vez, tenho os comprimidos de que preciso, minha doença não tem cura com remédios e não quero ser examinado”.

A enfermeira me empurrou para o lado, me vi com o rosto virado para a parede. Senti meus companheiros na fila se movendo atrás de mim, mas não consegui vê-los. Aí a Maria José das Lundas me virou, empurrou minha cadeira muito rápido e me colocou no meio de outro corredor. Eu vi o médico sair do consultório, ele puxava uma mala com rodas e o casaco debaixo do braço. Ele olhou para mim novamente, mas não me disse uma palavra, foi embora. Podíamos ouvir o tilintar de pratos e talheres vindo da sala de jantar. Pensei: “Eles vão almoçar e se esqueceram de mim”. Mas eu não me importei. Meu esforço para enfrentar a situação me alimentou. Eu não queria ser examinado e foi esse o caso. Eu me saí muito bem porque não tenho nada a dizer a alguém que nada pode fazer por mim. O que o médico podia fazer, ele já tinha feito. Ele havia receitado remédios, digitando muito rápido no computador, e acho que foi para sempre. Não quero pretensões médicas, todo mundo sabe o que está acontecendo, não quero participar do teatro de pretensões como com essa pomada vou te salvar, senhora, mantenha a

esperança, você vai melhorar, e outras vazias frases de significado. Engane quem você quiser, não engane Maria Alberta Amado. E foi aí que Ana Noronha veio até mim de algum lugar.

O diretor passou e não olhou para mim.

Eu também não diria uma única palavra a ele. Deixe ela passar. Eu sempre ouvia o barulho de talheres e pratos na sala de jantar e não dizia nada. Não senti pena de mim mesmo. Eu não tinha pena de nada nem de ninguém, tinha uma mensagem escrita em um papel no peito e sabia que eu mesmo era mortal. Eu não me importava se ela fosse embora. Eu não diria nada. De repente a Noronha reapareceu, vindo do outro lado, e então ela me notou. Ela se inclinou até que seus longos cabelos roçaram minha cadeira. Ela me perguntou: “Você estava no médico, dona Alberti? Tudo está bem ?” Eu disse a ele: “Eu não estava lá”. Ela perguntou: “Então por que você está aqui?” Eu disse a verdade a ele: “Isso foi o que os outros decidiram, não eu”.

O diretor chamou Martine, a gerente, Maria José das Lundas, outra funcionária que passava rapidamente, e todos se aproximaram. Eu não diria nada. Eu senti vontade de chorar, mas não chorei. Eu sabia que era mortal e estava vivenciando como seria o estágio final da mortalidade. Levaram-me para almoçar, ao som dos gritos de Ana Noronha, muito indignada: “Você esqueceu dona Alberti. Aqui ninguém deve esquecer ninguém e é óbvio que Dona Alberti foi esquecida...”

Eles me sentaram e me alimentaram.

Durante meia hora almocei sozinho na sala de jantar, servido pelo cozinheiro José, que aqueceu meu prato de propósito e pelo gerente que distribuiu a comida com cuidado, colocando a salada separada dos demais alimentos, pois isso não aconteceu há muito tempo. O copo d'água em seu lugar e a fatia de pão à minha direita me fizeram acreditar novamente que estava vivo, como se por acaso estivesse morto. Mas eu não me importei. Eu não disse nada. Pensei nas pequenas coisas. E as pequenas coisas eram enormes. Espinha de peixe, casca de laranja, flores silvestres, as mais pequeninas de todas, rosadas, abrem de manhã e fecham à tarde. Dia ruim, dia bom, tudo igual. Escrevi primeiro com o coração, depois com a mão esquerda, na folha do meu diário.

1º de julho 2019

Amado, sua mensagem.

Enterrado.

Sua mensagem, enterrada.

Amado.

29 VERÃO

Felizmente, Lilimunde existe - A jovem filha de Marabá parece não ter consciência de sua situação precária e, por não se desgastar sob a influência do ressentimento, realiza feitos inimagináveis, com apenas dezessete anos. Ela tem meu respeito.

Depois de trabalhar o dia todo nesta residência, sempre que o turno noturno permite, ela atende em um bar, para ter banho diário e um local seguro para dormir. A Igreja de Marabá, através de seus longos braços que atravessam mares e ilhas e se estendem até o último recanto de Valmares, leva como protegida não apenas um terço, mas metade de seu salário. Ela cobra-lhe um imposto sobre a mudança do estado civil com o bônus adicional de um imposto sobre o acto de bondade que essa mudança envolveu, conforme lhe foi explicado. Mas agora Lilimunde está um pouco mais aliviada. Ela me contou que no momento não está pagando aluguel do quarto porque dorme em um sofá, que ela mesma monta e que dobra pela manhã, guardado em um canto entre os banheiros e o depósito do Bar Justino . Ela vai para a cama e se levanta entre vassouras e panos de limpeza de flanela laranja. E ela diz que não é ruim. E se a Igreja tirar metade do salário que ele ganha no Hotel Paradis, os guardas do Bispo Romeu não poderão mexer no do bar, não. Este será só dela.

Eu escuto.

Sentada na cama desocupada próxima, ela descreve a vida noturna que presencia no bar. No balcão, ela serve copo após copo para homens e mulheres que nasceram com ardor na garganta, e nenhum líquido parece capaz de saciar esse tipo de secura. Todo mundo que vai lá tem a mesma sede. Quando a patroa fecha a porta e ela se prepara para voltar para o sofá, bêbados cantores deitam-se nos bancos em frente ao bar. Alguns, imigrantes recentes, diz ela, choram pelas suas memórias, não cantam, mas outros riem e gaguejam frases desconexas em línguas faladas em Bucareste, Bratislava, Kiev, Casablanca, Dakar, Praia, Luanda, Quito, Bangladesh, Todos Baía de Santos. Ela não sabe necessariamente onde ficam todas essas cidades, e eu poderia explicar lembrando do meu Atlas. Mas para ela tudo é um pouco igual, são pessoas de todo o mundo e isso basta. Porque Lilimunde tem outro tipo de classificação. Para ela, existem as espécies de advogados, encanadores, estucadores, estudantes, motociclistas * . motoristas e engenheiros, homens, a maioria homens, algumas mulheres, mas tudo igual, gente sedenta, gente que senta nos bancos do Bar Justino como se fosse a sua verdadeira casa e o longo balcão, a sua nova mesa familiar. Ela tem medo de gente com tanta sede, mas sua alegria é mais forte que o medo e ela se diverte com a diversidade humana, principalmente zombando de quem fica embriagado facilmente. Ela conta a história e aqui estou eu sabendo, como se eu mesma estivesse lá, tão viva é a história da menina de Marabá. Ela conta tudo isso de manhã, bem cedo, quando seu turno começa

às oito e meia. Só para contar a história, a menina passa pelo meu quarto e deita-se por alguns instantes na cama desocupada.

Hoje pela manhã Lilimunde recebeu um telefonema, olhou para a *tela* rindo e desligou. O telefone tocou novamente, ela deixou tocar, ainda rindo como se estivesse zombando regamente de alguém. Quando o toque parou, ela repetiu: “Dona Alberti, nunca na minha vida vou dormir com um cara assim. Você entende o que eu estou dizendo? Nunca, nunca, porque bebem, gritam, sacam facas e fazem crianças por todo lado. Eles são como pólen de árvore. Em última análise, por que os homens querem dormir com mulheres? O que o resto de nós ganha? Se forem da mesma espécie, deixe-os dormir juntos. O que você acha, dona Alberti?”

Sobre esse assunto, não tenho nada a dizer. Ninguém tem nada a dizer a ninguém, eu acho. Só estou dizendo, ok.

Mas noto que Lilimunde não cheira mais a bergamota. Desde que trabalha à noite no Bar Justino, sente um cheiro indefinido, talvez sândalo diluído em cheiro de feno, nada de flor de tília ou peônia. Além disso, grandes gotas de álcool devem ter caído em suas roupas por desatenção. Mas quem sou eu para dizer qual é o cheiro da filha de Marabá? Eu me pergunto. Não sendo surpreendida pela gerente Martine, Lilimunde levanta-se da cama ao lado com a destreza de uma trapezista e diz bem alto: “Dona Alberti, vamos levantar. O sol já está alto! Acalmar...”

Ou o cheiro de Lilimunde pode ter sido alterado pela força do calor que cai sobre Valmares quando chega o verão. Lembro-me da página do meu Atlas com o desenho de todo o Sul da Europa. Conheço de cor as capitais, as ondas de calor que sopram os ventos dos desertos do Norte de África e o risco de incêndios nas margens do Mediterrâneo. Desde que falei com a minha filha sobre os seus alicerces, estou apenas com as pequenas coisas, as que não pesam, as que não têm valor, as que têm os dias contados, mas sei que a Terra, nesta altura do ano, que o lado se curva em direção ao sol, e o hemisfério norte aquece e se ilumina durante dezesseis horas ininterruptas todos os dias, enquanto o lado oposto permanece no escuro. Depois, a luz e a sombra trocam-se, à medida que a Terra gira, dia após dia, até que o nosso planeta se afaste tanto quanto possível do grande inferno do Sol e o céu se torne mais pálido. Aprendi há muito tempo na escola do Salazar, mas reforcei esse conhecimento com a experiência de vida.

Tenho a impressão de ver – Ali, naquela que era a minha casa, naquela época, o sol, vindo de Espanha, ergue-se acima da montanha do noroeste, para nunca mais desaparecer no Atlântico só depois de queimar a planície até ao fim. sul durante todo o dia. Nessa hora o chão, as pedras, as estradas, as casas, tudo fica seco e quente. Este é o momento em que falta água em tanques e torneiras. O Norte da África fica bem ali. Esta noite, o calor chegou à minha cama. Meu corpo está quente como se eu estivesse com febre, os lençóis estão úmidos de suor, o ar está pesado. As formigas rastejaram pelas minhas mãos, diz Lilimunde. Ela encontra alguns esmagados em meu corpo, embora eu não tenha percebido. A filha de Marabá espera os passos de

Martine, a gerente, desaparecerem no fim do corredor, para abrir a blusa e me mostrar seu corpo: “Dona Alberti, com esse calor, Virgem Maria, a gente só quer passear pelado...” Ela se mostra de frente, de costas, seu corpo tem curvas de corpo de criança. Ela conta que lá, em Marabá, passava fome e sede, aos domingos comia pão de açai, o pai passava o tempo numa barcaça pelas margens do Tocantins e Jeromel da Silva nunca entrava na casa da mãe apenas ocasionalmente. Essa história de fome foi antes, nunca mais, graças à Igreja de Marabá. Ela está muito grata a ele. Lá, Lilimunde mata formigas, encontra várias na minha cama andando de um lado para o outro, atordoadas.

Eles teriam me mordido? Eu não percebi nada.

Lilimunde conta que lá, em Marabá, aprendeu a espantá-los. Evitam sal, canela, suco de limão, talco, hortelã, só coisas de cozinha, mas nada funciona. Ela virá em breve trazer um pouco de geleia que colocará nos quatro pés da minha cama. E ela também vai revestir os quatro cantos do ambiente, como faz lá no bar do Justino. E ela me despe, me veste, me enfeita, colar e brincos, anel de pedra rosa. Água muito fria na testa, e roupas leves, as mais leves que ficam penduradas no armário. Ela disse: “Se você viu como esses homens bebem, dona Alberti. E como eles falam. Prefiro quem não fala português porque o que eles falam, como não entendo, é muito mais bonito. Para ser honesto, não pretendo fazer mal a eles, mas odeio todos eles. Por volta da meia-noite seus olhos estão vidrados, por volta das duas da manhã seus olhos estão opacos, alguns ao sair do bar andam pela avenida Tateando com as pálpebras fechadas.”

Martine Martins apareceu na porta e descobriu que Lilimunde não estava aguentando. Agora que tantas meninas estão saindo, algumas por vontade própria, outras mandadas embora, há uma necessidade de eficiência no trabalho que ela não conseguiu. O gerente liga para Nina Mercedes. Eles trocam seus serviços. Lilimunde desce até a lavanderia com a roupa debaixo do braço, e é Nina quem empurra meu carrinho. São as mãos da portorriquenha que me conduzem – “*Porque no puede, porque no tiene, una patita para andar ...*” cantarola e assobia a senhorita Nina, aquela das mãos gentis. Tudo isso pela manhã, e agora a noite já chegou novamente.

Ou, em outras palavras, a noite sempre volta, não importa o que aconteça. Esta é a única certeza que resulta da consulta ao *Grande Atlas do Mundo*. Às vezes a outra noite vem de dentro da noite, às vezes vem diretamente da experiência de vida. Além disso, tudo muda, tudo passa, tudo se transforma. Não tenho dúvidas, nas páginas do meu Atlas as cidades eram círculos pretos. Eles certamente ainda estão nos atlas que não foram destruídos pela água da chuva. Na realidade, as cidades são aglomerados de habitações que vão explodindo, explodindo, um dia cobrirão toda a Terra. Não haverá mais solo superficial. Tudo será um círculo preto.

Sem data

O sol nasce depois da manhã, malva-rosa.

*Verão - O tempo fugiu com o zênite
mas as cores vermelhas
Não.*

30 NA SOMBRA

Nos sábados de verão tudo acontece mais tarde. Enquanto esperava, consegui reunir na cabeça os nomes dos funcionários que tinham ido trabalhar na beira-mar, mas não foi fácil. Às vezes, depois de contar quase todos, os nomes desapareciam nos buracos de drenagem, num processo muito semelhante ao que aconteceu com o eclipse da palavra Azerbaijão durante a minha discussão com a noite. Depois de lutar com minha memória, consegui juntá-los. Maria Rosa, Esvendrina, Lurdes Malato, Lila Mendes, Quina, Julinha, Maria Adelaide, Fanny e Jamira já se foram. Entre os que ficaram, para meu grande conforto, estavam Nina Mercedes, Maria Lina, Lilimunde e Salomé, a máquina alemã. Eles estão lá.

Mas eu os vejo menos, porque agora eles correm pelos corredores como atletas. Espero que eles corram, mas não caiam. Entre os que permaneceram, Gina escorregou de costas no chão molhado do terceiro andar e passou mal, eram dez horas da manhã. Ouvimos a ambulância vindo buscá-la. Esta ambulância ainda não havia chegado ao seu destino quando outra sirene foi ouvida. Uma funcionária da cozinha, Samanta, escorregou escada abaixo e caiu no patamar agarrada à bandeja. Ela foi levada de maca até o carro, ainda agarrada à bandeja, prova de sua dedicação, tão rara hoje em dia, dizia-se. Os gritos desta segunda ambulância eram muito altos. Chamamos a ambulância de ônibus de partida longa porque ela faz muito mais viagens só de ida do que ida e volta. Conversamos sobre tudo isso tarde no almoço. Só então chegou a psicóloga Débora e fomos levados ao jardim, um acontecimento raro, sobretudo inesperado, dadas as circunstâncias.

O deslocamento entre o Salão Rosa e o gramado demorava, essa manobra por si só já era um acontecimento. Estávamos sentados à sombra das casuarinas e distribuímos chapéus de palha. Era impossível para a psicóloga, diante de tanta gente, dirigir-se a todos, ali, ao ar livre, mas nós, os últimos instalados, estávamos integrados no semicírculo da frente. Ela falou conosco de uma maneira agradável. Ela disse: “Olá! Está uma tarde linda. Como vocês sabem, meu nome é Débora e estou aqui para falar de alegria...” Fiquei triste, sem motivo. A psicóloga continuou: “Quem está feliz levanta a mão”. Ninguém levantou. “Aqueles que estão tristes, levantem as mãos.” Várias mãos se levantaram. A psicóloga cantou: “Expulsa, expulsa, tristeza! Vamos bater palmas para afastar a tristeza. Vamos ?”

Aí a Débora, muito alegre, disse algo muito breve, ela riu, mas acho que ninguém entendeu o que ela tinha dito. A psicóloga parecia não perceber isso. Ela perguntou: “Quem quer contar uma coisa feliz, a coisa mais feliz que você lembra para a gente ter uma tarde tranquila?” Apenas João Tendinha, do pequeno grupo dos *Seis Cavalheiros*, respondeu: “Uma alegria? Uma taça de vinho, minha pequena. Duas, três taças de vinho, bom, Dão...” A psicóloga Débora comentou: “Muito bom, muito bom. Uma taça de

vinho é um bom motivo de alegria. E o que mais, e o que mais?" Ela olhou em volta.

Dona Rita de Lyon disse algo, com muita distinção: "Um motivo de alegria na minha vida é que o meu filho Clarence cruza o céu do *Oceano Atlântico* num avião da Air France e que sempre regressa bem até agora..." Sabendo o que eu saber das travessias do filho piloto, acho que Dona Rita de Lyon gostaria de contar um pouco mais, talvez falar do *Anjo da Guarda*, mas a psicóloga olhou novamente para o semicírculo e listou: "Uma taça de vinho, um avião que sempre volta ao destino... Muito bom, muito bom. E o que mais?" E a psicóloga fixou o seu olhar sorridente no rosto de cada um de nós, dando sinais de satisfação, e mesmo assim ninguém respondeu a este sorriso franco. Até Dona Joaninha, sempre disposta a dar a sua opinião, ficou em silêncio. Fiquei triste sem saber por quê. Talvez por isso quase falei das minhas plantas que deixei lá, zínias, azáleas, begônias, violetas, margaridas de cores diferentes, cada uma florescendo ao longo do ano, mas minha voz se dirigia apenas a mim e senti que iria cair em enorme ridículo se eu falasse. Imaginei a psicóloga Débora dizendo, uma taça de vinho, a volta do piloto avião, as flores no jardim, grandes motivos de alegria. E o que mais, e o que mais? Imaginei a marca da minha vida no meio dessa ladainha e percebi que estávamos todos nos tornando insignificantes, embora essa jovem chamada Débora nos fizesse sentar ao seu redor, certamente, para obter o efeito contrário.

Em meio ao silêncio que se instalou diante da psicóloga, dona Maria Paulina Zuzarte se revelou. Quem teria acreditado? Essa mulher de nome tão imponente falou rudemente com a psicóloga. Ela disse: "Diga-me, por que você não nos pergunta sobre nossas dores? É da dor que queremos falar para ver se aliviamos nosso sofrimento, e não dessa besteira que você está falando. Por que você não cala a boca?"

Houve um silêncio abismal no canto do jardim onde estávamos. As finas folhas das casuarinas, sob o efeito desta calma, não se moveram. Como se estivessem ouvindo. Eu me senti como uma daquelas finas agulhas verdes de árvore. Alguém já notou o temperamento de dona Zuzarte?

Dona Zuzarte ocupa uma mesa no fundo da sala de jantar, e talvez por esta localização nenhum dos nossos camaradas tenha se aproximado dela. Eu estava completamente inconsciente de seu dom. "Por que você não cala a boca?" ela repetiu. Mas a psicóloga certamente tem discursos prontos para confrontar pacientes de todos os tipos, e ela até pareceu apreciar esse discurso surpreendente. Ela respondeu satisfeita: "Você fala muito bem. Qual o seu nome? Ah! Zuzarte! A senhora falou muito bem, dona Zuzarte. Você falou de dor e sofrimento. Você sabia que são realidades diferentes? Estar com dor é sentir seu corpo em estado de desconforto. Por exemplo, durante uma operação, depois de passada a anestesia, sentimos dor. O sofrimento, esse, vem com o desaparecimento de uma pessoa querida, de um filho, de uma filha. Sim, é sofrimento. Diferentes realidades são tratadas com diferentes terapias. Para a dor existem medicamentos, para o

sofrimento existem formas de conversa. Vários métodos, falar de alegrias para combater o sofrimento, por exemplo, é um deles. Dona Zuzarte, você consegue se lembrar de algum acontecimento alegre em sua vida?”

Ela fez a pergunta sem obter resposta.

A psicóloga Débora, ainda sorridente, um sorriso que ultrapassava muito além do semicírculo onde se situavam os meus seis silenciosos companheiros de mesa, tinha encontrado a quem se dirigir, mas só João Tendinha e os que estavam na mesa dos jogadores acharam o olhar divertido. Dona Luísa de Gusmão olhou para frente como se fosse um dos Távara ¹⁷ torturados por ordem do Marquês de Pombal. Seu pescoço se alongou com dignidade. Imaginei o que ela deveria pensar de uma mulher do povo querendo distrair os moradores do Hotel Paradis com palavras como essas. Dona Joaninha, voltada para dona Zuzarte, parecia cativada pelo escândalo do ocupante do quarto do sargento Almeida, cheio de *barulhos* e *besteiras*, divertido, como se Zuzarte fosse um espetáculo. Achei que deveria dizer algo, como por exemplo que a dor é usada pela mente para dizer ao corpo que ele é mortal, ao contrário da mente que pode ou não ser mortal, ainda não sabemos. Mas concordei que a dor era uma coisa e o sofrimento outra, que a dor que cobre todo o meu corpo, como uma roupa de chicotadas, é diferente das tristezas que os familiares nos causam. Porém, vendo todos os meus colegas em silêncio, também não disse nada. A psicóloga não contava comigo para esse debate sobre dor, sofrimento, alegria, eu queria, mas me sentia incapaz. Ao contrário da Sra. Zuzarte.

A jovem psicóloga insistiu: “Então o que você acha, não é verdade que a dor é uma coisa e o sofrimento é outra? E que podemos combater o sofrimento pensando na alegria? Ela insistiu, certamente desconcertada com a nossa falta de colaboração, tomou-nos por pacientes e quis curar-nos numa tarde. E ela colocou tanta energia na nossa colaboração que imaginei que ela tivesse sido enviada pela Associação Boa Vontade. Dona Zuzarte, porém, preencheu o vazio, tomou a palavra e não largou até contar como tudo havia acontecido com ela. Sem prestar atenção à agenda da psicóloga, com quem falava informalmente e sem a menor cerimônia, ela contou como, anos atrás, escorregou no piso molhado de sua rua, como caiu de barriga lisa e, para evitar que o rosto batendo nos paralelepípedos da calçada, ela havia se protegido com as palmas das mãos, quebrando os pulsos: “Aconteceu assim...”

Zuzarte ergueu os dois braços nus por causa do calor e mostrou os pulsos. Quando dona Zuzarte disse que o pulso esquerdo, ao contrário do direito, estava curado como o cirurgião esperava, pensei nas semelhanças com o meu caso e fiquei sentado em silêncio, ouvindo. Este testemunho me interessou. Mas Dona Joaninha não se conteve: “Dona Paulina, a sua história é verdadeira? O que você diz parece roubado de Dona Maria Alberta. Foi com o meu amigo aqui que aconteceu o que você está contando...” Mas dona Zuzarte continuou sua história como se ninguém tivesse dito uma palavra. Com os pulsos para cima, ela contou como, em decorrência do acidente mal

tratado, tentou usar a mão esquerda, aquela que havia mais ou menos escapado da catástrofe, mas não conseguiu. Ela disse que era incapaz de manusear a agulha, a colher, a torneira, o pente, e enquanto falava, no meio do semicírculo, mencionava os gestos que era incapaz de realizar.

Na verdade, o que Maria Paulina dizia, ali, à sombra das casuarinas, sem nunca termos tido contacto antes, era demasiado parecido com o que me tinha acontecido há três anos, quando caí perto da porta da frente e que Fiquei ali várias horas de bruços, até que o vizinho de Villa Sol me pegou. Pensando bem, Dona Joaninha tinha razão, houve uma coincidência perturbadora, sobretudo quando Zuzarte contou que tinha sido como se os seus pulsos feridos tivessem aberto a decadência de todo o seu corpo. Duas portas pelas quais o colapso se infiltrou sem retorno, disse ela. Os pés, como se comunicassem com os pulsos, começaram a perder a mobilidade, depois as pernas, depois a cintura, depois a decadência entrou nos olhos de dona Zuzarte, depois nos cabelos, depois nas unhas, depois na alma. – “Não quero mais nada, não amo mais nada”, disse Maria Paulina Zuzarte, no círculo formado pelas cadeiras da frente. Fiquei atordoado. A história dele era minha.

Olhei atônito para a pessoa que agora morava no quarto que fora do sargento, e meu corpo foi visto no espelho. O que aconteceu naquela tarde, à sombra das casuarinas, foi tão surpreendente que ainda hoje não sei dizer se foi agradável ou desagradável, se foi um sonho ou uma invenção da minha parte. Fiquei tão impressionado que não me lembro como o semicírculo se desfez nem das palavras da psicóloga Débora. Só me lembro que dona Zuzarte voltou a dizer que no dia anterior havia sido atacada por formigas e que nem conseguiu matá-las por causa dos pulsos quebrados. Até hoje pensei que cada pessoa era única e que cada vida era irrepetível. Mas agora admito que preciso pensar mais seriamente sobre o assunto. Somos realmente irrepetíveis? Para mim foi um choque ouvir minha história da boca de outra pessoa.

Se por acaso eu quisesse contar por que estava no Hotel Paradis, outros poderiam ter ouvido suas histórias contadas através de mim. E este pensamento de que não era o único, mas que fazia parte de um grupo onde por acaso somos todos semelhantes, até iguais, empurrou-me novamente para as pequenas coisas, as pequenas coisas, as mais ínfimas de todas., aquelas entre as quais já não somos nada. Curiosamente, uma espécie de morte que lembra um nascimento, e não saberei explicar por quê. Na verdade a história dela e a minha, tão parecidas, embora só soubesse o seu nome e que ela ocupasse o quarto que pertencera ao Sargento Almeida, fizeram-me sair do semicírculo com a ideia de que já não estava neste mundo. As últimas palavras que me lembro de ter ouvido da Débora foram estas: “Expulsa, expulsa, tristeza, vá embora. Todos comigo, aplaudindo: Saiam!” E Débora, com as mãos no ar: “Tudo ao mesmo tempo: Aqui não há dor, não há tristeza, expulsa, expulsa, vai embora tristeza, vai embora 'en,

expulsa, expulsa, expulsa...' E aplausos, aplausos. Ouvi aplausos enquanto minhas costas já eram conduzidas por Lilimunde em direção ao meu quarto.

NA FRENTE DO ESPELHO

Está escuro, a janela está aberta, as horas se passaram, mas minha alma ainda está sentada na cadeira de rodas voltando para o meu quarto. No meio do corredor, o gerente emergiu das sombras. Ela veio ao nosso encontro com armas autoritárias. Martine Martins exigiu que Lilimunde fosse mais rápido, porque havia pouca gente para fazer e muito para fazer. Cada vez que perdemos um minuto a mais com alguém, outra pessoa precisa daquele minuto que falta, o gerente disse: “Corre, menina, corre!” Corremos pelo corredor. Nós não caímos.

Entrando na sala, Lilimunde enfiou a mão no bolso e tirou um frasco com uma mistura que me fez cheirar, mas eu ainda estava no meio do semicírculo ouvindo a voz de Madame Zuzarte contar a sua história que era minha. história. A menina, porém, pensou nas formigas e guardou a garrafa. “Puro veneno, esse remédio, você viu?” disse Lilimunde. E então ela explicou que colocaria essa mistura nas pernas da minha cama. E ela recomendou que eu não deixasse as pontas do lençol no chão para que as formigas não subissem. Todas essas precauções não foram necessárias. Com essa poção, se entrassem no quarto, morreriam antes de subir na colcha, ou talvez nem chegassem perto da porta, já que essas pragas podem sentir o cheiro à distância.

Lilimunde trouxe essa dose de veneno do bar do Justino. “Lá eles são malucos, atropelam os armários. Aqui, existem apenas alguns. Encontrei vários em suas roupas...” disse a garota. Mas não me lembrei de nada, porque enquanto ela cobria as pernas da cama, eu ainda estava ali sentado no semicírculo à sombra das árvores do jardim, ouvindo a história do meu corpo contada pela boca do ocupante do quarto de João Almeida, e senti os pulsos como duas criaturas feridas, que vieram de longe para se alojar na minha alma. E Lilimunde foi embora.

Agora já está escuro, uma noite quente de julho.

Estou com meus pensamentos contraditórios. Minha cama repousa sobre quatro pernas cercadas por uma mistura marrom. Já superei a mistura. Um cheiro químico pestilento que cheira a ácido. Eu até me pergunto se Lilimunde ainda cheira, mesmo que levemente, a casca de bergamota e flor de tília. Não, ela não sente mais aquele perfume doce. Agora ela sente cheiro de madeira, feno, ervas, uma gota de conhaque, um copo de uísque, três copos de vinho derramados, e ela não me engana. Ela não bebe, só serve, mas dorme num sofá que se desdobra à noite e se dobra de manhã, ela não aguenta. Ainda estou no meio do semicírculo da psicóloga Débora e de seu jeito original de afastar a tristeza. Entendo, aqui cheira a inseticida e foi disso que conversamos, como afastar as formigas, mas se bem entendi, Lilimunde logo me dirá, dona Alberti já dormi com um homem e sinto cheiro de mosto. Volto à sombra das casuarinas.

Esta tarde a história de Zuzarte foi um sonho dentro de um sonho e o casamento deles revelou-me a realidade. Olhando mais de perto, posso agora confirmar que não existem duas histórias de vida. Cada um de nós tem apenas uma história, mesmo que esteja espalhada em pedaços e com algumas passagens distintas. Esta distinção por si só faz de nós pessoas batizadas com nomes diferentes. De resto, tudo é semelhante, tudo é paralelo e, portanto, tudo é previsível. Tudo é previsível porque somos um só. Na minha época, eu passava na estrada a caminho da festa de aniversário de um dos Monteiros, andava com meu chapéu de palha com uma flor na fita e o presente debaixo do braço, acariciando meu segredo, quando os pedreiros, que trabalhavam na construção de um telhado, cantaram-me uma obscenidade lá de cima: *Cabrinha malhada linda, mais leite, ah!, ah!, ah!, você já foi comido ...*

Na hora parei no meio do asfalto, sem avançar nem recuar.

Mas à medida que avançava na estrada, o som dessas palavras aumentou de tom. Minhas pernas começaram a tremer. Para ela ter conhecido estes homens empoleirados nas vigas do telhado, foi porque as árvores, as nuvens, o campo coberto de campos de trigo, a igreja, a estrada e a mercearia conheciam a minha história. Continuei meu caminho, mas não encontrei a casa dos Monteiro. Ela estava na minha frente e eu não conseguia vê-la. O portão se abriu, os cachorros Monteiro vieram ao meu encontro, mostrando as presas como se quisessem me morder, mas um deles lambeu minha mão. Pensei, vou superar - O primeiro dia da minha segunda vida foi assim.

7 de julho 2019

Debaixo do círculo eu me deitei, embaixo dele

Levantei-me. Oh ! Eu sei - a vida é uma princesa, mas o tempo é rei.

SENHOR TÓ

Longos dias sem minha filha. Onde ela poderia estar?

Meu genro entra em seu lugar. Reconheço seus passos. Antes de entrar pela porta ele já assobia como um pássaro, e imediatamente pega o spray e vaporiza o ar, e não digo nada porque estou entre as coisinhas, aquelas que não têm nome nem identidade. Estou assim desde que ela e eu tivemos nossa última briga e ela falou sobre seu caso com o Universo. E o depoimento de Maria Paulina Zuzarte veio logo em seguida. Por tudo isso, agora meu genro pode até impor o que quiser, mas não vai mexer na TV, não vai trazer de volta para a mesinha lateral onde tem aparelhos que não ofendem minha esperança, mas sim alimentar minha vida, como é o caso do gravador Olympus. Ele é avisado, passa rápido, deixa frutas e água e vai embora assobiando como um pássaro. Então as coisas aconteceram assim: hoje à tarde, depois que meu genro saiu, entrou Dona Joaninha.

Desde que Maria Paulina Zuzarte fez esta performance à sombra das casuarinas, Dona Joaninha se aproximou. Ela me disse que nem tudo o que Zuzarte diz é verdade, que ela ouviu a minha história e a tornou sua, e embora a interna do quarto que pertencia ao Sargento João Almeida não manipule mais colheres com a mão direita e o faça com dificuldade com a esquerda, Joana Amaral ainda não acredita no seu testemunho. Há vários dias, Dona Joaninha sentou-se ao meu lado na Sala das Rosas, pegou-me nas mãos e começou a massajar-me os pulsos com óleo de alecrim, e a sua massagem suave fez-me bem. Ter feito as pazes com ela me trouxe alegria, embora não perdoe a maneira como ela esqueceu o amante e comeu a maçã em meio a gargalhadas, depois de tão pouco tempo, como se nada tivesse acontecido entre eles. Sem me referir a esse fato, não posso deixar de lembrá-lo disso. Então hoje ela entrou, massageou meus pulsos e sentou na cama ao lado. Ela queria falar. E como já presumi, ela falou do Sr. Tó.

Ela me perguntou se eu já tinha notado que o Sr. Tó tem pé torto. Ela me explicou que ele nasceu assim. Ela então me disse que admira muito a coragem desse homem que, por causa do pé torto, não desiste. Entrou recentemente no Hôtel Paradis mas está pronto para fazer uma denúncia. Ele descobre que as pessoas aqui são maltratadas e quer anotar em um diário tudo o que lhe passa pela cabeça. Seu Tó tinha tabacaria, vendia cigarros, pilhas e jornais, então ele sabe do que está falando. Dona Joaninha disse tantas vezes a palavra Tó que bastaria para fazer música moderna, daquelas que repetem sempre o mesmo som. Mas não havia necessidade de dizer mais nada. Entendi que Dona Joaninha está apaixonada de novo, que esqueceu o Sargento João Almeida, a transmissão do futebol, o *bolero dos quizás*, o *Quizás*, a noite de lua cheia. Ela só não esqueceu os latidos dos cachorros, pois eles ficam fazendo barulho a noite toda. Também nesta questão há uma coisa a ter em conta. Seu Tó pretende fazer denúncia contra os cães e conseguirá silenciá-los. Por meios justos ou sujos. Seu pé torcido

lhe dá força para querer consertar o mundo. Dona Joaninha falou e falou. Nunca respondi uma palavra. A certa altura ela o notou e perguntou: “Você não está falando nada?”

A parede respondeu? Foi assim que respondi.

Ela falou e falou de novo, era só para o Sr. Tó, mas era como se ela estivesse conversando com os móveis, e a cômoda só tivesse que responder. Estou profundamente ofendido, em nome do Sargento João Almeida, que já não está aqui. Eu tinha lido para essa mulher uma mensagem que eu havia inventado e que dizia assim: *Estou avisando dona Maria Alberta que amarei dona Joaninha para sempre*. Mentira. Inventei essa frase para dar alegria a ele, para celebrar um amor que eu considerava verdadeiro. Tudo é mentira, ou pelo menos tudo é tão passageiro que o resultado final equivale não apenas a mentiras, mas à própria falsidade. Enfim, uma ofensa que cometi ao sargento. Eu nunca deveria ter inventado uma frase como essa. Joana Amaral esqueceu o sargento. Agora ela ama o Sr. Tó. Ela entendeu que eu não responderia sobre o Sr. Tó e voltou a falar sobre a semelhança entre a história dos meus pulsos quebrados e a de Maria Paulina Zuzarte. Ela tirou a garrafa de óleo da bolsa. Dona Joaninha me massageou novamente. Eu aceitei. No meu peito, a bolsa.

9 de julho 2019

Triste com tristeza

contra sua porta fechada,

beleza – O belo se foi,

nada restou dele.

REVISITAÇÃO DA NOITE

A meu pedido deixaram a janela aberta, mas lá fora devia ser lua nova porque não havia nem um pouco de luz. Os cachorros, mudos, os corredores silenciosos, os pretos, pretos. Num determinado momento, numa hora imprecisa, a noite rompeu com a escuridão, saiu das paredes e aproximou-se da minha cama.

Senti o seu cheiro ácido, ouvi o seu riso cínico que às vezes deixa de ser humano e se aproxima do ganido da raposa, outras vezes do coaxar do abutre. Mas não, esta noite, a noite chegou como se estivesse rindo de satisfação. Conhecendo suas manobras, disse para mim mesmo: “É agora”. Senti força para manter a calma. Esperei que ela gritasse. Ela não estava gritando, era uma risada humana. Ela caminhou em direção à minha cama, com os pés do silêncio, e se eu não a conhecesse pelo cheiro e pela voz, poderia ter acreditado na presença de uma boa amiga que vinha me visitar em horários estranhos. Night sentou-se na beira da minha cama, com os braços cruzados, as asas desarmadas, e me perguntou: “Você sabe o que é o Universo?”

Eu esperava tudo, exceto uma pergunta como essa. Então fiquei desconfiado de seus projetos. A noite queria trazer para a conversa uma determinada pessoa, cujo nome eu nem pronunciava na cabeça para não incitar um ataque, pois dessa vez a noite não me aceitaria. Não permitirei que a noite envolva esta pessoa, cujo nome não nomeio, na sua estratégia maliciosa, nem agora nem nunca, pensei. Eu lhe respondi: “O que é o Universo? Eu sei, sim, é uma realidade que não tem fim. Começa onde estamos e não termina em lugar nenhum porque está sempre em expansão.” La nuit ficou muito surpreso com minha resposta e me perguntou: “Bom, de onde você tirou essa ideia?” Foi a minha vez de rir e, dado o som que vinha do meu peito, a minha risada também não deve ter faltado cinismo. Respondi à noite: “Aprendi lendo trechos de um livro que tem na capa um homem com cabelos desgrehados e uma língua muito comprida para fora. Ele era um estudioso muito inteligente, mas parecia um palhaço.”

A noite parecia pensar: “É muito estranho o que você diz sobre esse homem. O que mais você sabe?” Na verdade, eu sabia muito pouco. Eu não tinha lido o livro inteiro e ele falava sobre assuntos que eu não entendia. Mas eu sabia que esse homem era uma pessoa muito boa, que havia criado um dispositivo terrível, uma bomba que fez com que duas grandes cidades nas ilhas do Japão desaparecessem sob o poder do calor, mas eu não sabia nada sobre isso. Conversamos rapidamente. Na verdade, ela fingiu fazer perguntas e eu fingi responder. Eu sabia onde ela queria chegar com isso. Plantamos bandarilhas umas em cima das outras. Por isso a noite sempre sentava na minha cama, ela queria a todo custo que eu lhe contasse o nome de tal estudioso, o que ele fazia no dia a dia. Não lembrava o nome dele, além do que já havia explicado, ainda sabia que ele era alemão, que havia emigrado

para os Estados Unidos por causa de Hitler, e descobriu as leis do 'Universo, que, segundo ele, estava se expandindo até o infinito. Neste preciso momento, enquanto falávamos, aumentava para o fim do Mundo, ou seja, algo sem fim, que se torna uma realidade incompreensível para o ser humano. O universo. A noite se aproximou do meu corpo, muito cínica, e perguntou: "Você acha o Universo lindo ou horrível?" Eu respondi: "Eu só amo a Terra, encontro esses espaços onde nada existe exceto os metais e o fogo, que se movem continuamente, e que não têm fim e são infinitos, são uma realidade terrível". Esperei, não sabia mais o que acrescentar. E então a noite disse algo esperado de certa forma, mas de forma surpreendente: "Concordo com o que você está dizendo. Uma realidade terrível. É isso mesmo, há quem queira fazer amor com esta terrível realidade. Diga-me: quem quer fazer amor com o Universo? Fala, quero saber quem tem um desejo tão brutal. Diga a verdade."

Comecei a suar e tremer.

Minha filha pode dizer coisas estranhas, mas ela é a criatura mais importante da Terra, o ser mais precioso de todo o Universo. Se eu tivesse que escolher entre o Universo com a Terra no centro, e todos os habitantes existentes e ela, só ela como ser humano, escolheria a minha filha. Não vou nem permitir que minha filha chegue perto do perímetro da boca esta noite. Noite horrível. Um morcego que se libertou das árvores. Prefiro ser engolido mil vezes pela noite do que misturar esse ente querido com essa figura asquerosa que vem das trevas para me tentar. Se eu tivesse que nascer e morrer mil vezes, nasceria e morreria mil vezes para salvar a vida dele. Então, achei melhor não responder à noite. Não fazia sentido dizer a ela que era mentira quando ela sabia que era verdade. A noite, em última análise, nunca vai embora. Ela se esconde à luz do dia como os ladrões se escondem na escuridão da noite. Se eu dissesse alguma coisa, ela responderia, e eu queria que ela fosse embora, para nunca mais ouvir, ver ou sentir o corpo da minha filha. Que ela nunca a toque com suas mãos peludas, que ela nunca toque seu rosto com as penas de suas largas asas, que ela nem mesmo a veja de longe com suas íris imundas. Morcego, dentes de rato em uma boca escura.

Pensei, mas não disse. Eu sabia que se respondesse ao seu desafio, a nossa discussão não teria fim, e não havia nada pior do que não ter fim. A hora é o melhor stratagema que inventamos para desafiar a ausência de fim. Invenção humana para encurtar o tempo e dar-lhe o sentido que sem dúvida não tem. Eu tive que olhar a hora. Para isso, eu teria que consultar o aparelho que sempre a conta, embaixo da minha cabeça. Quis pegá-lo para pôr fim àquela conversa que ameaçava ser interminável, mas a noite segurou meu travesseiro com as duas mãos, impedindo-me de levantá-lo. Ela colocou suas asas no meu rosto, impedindo-me de me mover. Minha mão procurou o aparelho, a noite o afastou, a noite pressionou meu braço, impedindo que minha mão se movesse em direção ao objeto. Duas forças opostas. Estávamos lutando. Até que consegui pegar meu telefone debaixo

do travesseiro, pegando-o com o indicador e o polegar. Meu corpo estava suando, mas o objeto finalmente estava na minha mão. Meu corpo estava encharcado como se eu tivesse salvado meu celular nadando. Abri a maleta, a *tela* acendeu, apertei um botão, esperei alguns instantes, não ouvi nada do outro lado, e aí perguntei: “Minha filha, você está viva?”

Sua voz respondeu: “Mas que ideia, acho que sim. Devem ser quatro da manhã. O que está errado ?” “Foi só para ver se você está vivo.”

A INVASÃO

A noite veio ao meu encontro para levar minha filha como refém, mas depois de ouvi-la falar e confirmar que ela estava viva, devo ter adormecido sem perceber. Quando acordei, a luz da manhã refletia-se na parte superior da parede, uma faixa de luz perto do teto, criando paralelos na penumbra do quarto. Fiquei intrigado com a época. Nestes dias de verão, quando os raios solares incidem nesta altura, costuma ser perto do meio-dia. Eu estava pensando nas informações que esses reflexos de luz poderiam me dar, quando notei três rostos se movendo ao meu redor.

A que estava debruçada sobre a minha cama era a da menina crescida, cujo nome eu sei desde a primeira vez que ela entrou no meu quarto, mas me recuso a pronunciar. Para mim, ela é apenas um ser grande e não batizado. O mais velho me descobriu, examinou minhas roupas, expondo meu corpo sem vergonha. Era de se esperar. O rosto que foi até a janela e abriu foi o da Maria José das Lundas, e o rosto que segurava a bacia e a toalha, eu nunca tinha visto isso antes. Eles se moviam em silêncio, os três pareciam desconfortáveis um com o outro e eu perguntei: "O que está acontecendo?" Maria José, com quem falei, não respondeu. Ela colocou os dois braços atrás da minha cabeça e me puxou para cima, com muita firmeza, muito silenciosamente, movendo-se com grande energia. Insisti: "Que horas são?" "Por que você não diz nada?" A rapariga das Lundas tirou-me a camisola, a desconhecida trouxe-me a bacia à cara e começou a lavar-me a cara com a mão enluvada. Eu não sabia o que pensar. Enquanto limpavam meu rosto com a luva molhada, não consegui falar. "Você cuida do meu corpo e não fala comigo? Nem sei se é de manhã ou de tarde?" - Eles não responderam. Nas mãos deles, meu corpo era uma peça mal articulada que manipulavam nervosamente. Eles rapidamente colocaram creme no meu rosto. Eu disse: "É difícil acreditar que você me trata dessa maneira. Tudo o que você precisa fazer é colocar um capuz na minha cabeça e sacar um facão, como durante a guerra do Iraque..."

Mas os três permaneceram em silêncio, como se tudo o que precisassem fazer, muito rapidamente, fosse me arrumar como se faz com um velho manequim de plástico. Então eu queria ver as horas, mas as roupas bloquearam meus olhos e não consegui ver os números. A garota que eu nunca tinha visto antes finalmente disse: "É meio-dia e meia, senhora". O grandão disse, vamos, vamos. O estranho tomou a iniciativa de apresentar alguns detalhes parciais: "Ah! Oh ! Você não tem nada do que reclamar. Vim aqui várias vezes no seu quarto de manhã cedo, e você sempre dormiu, muito tranquilo. Observei seu rosto com a lanterna e sua boca estava até sorrindo."

Eu estava começando a me sentir perdido. Então uma pessoa cujo nome eu não sabia pegou uma lanterna e espiou meu rosto enquanto eu dormia, e eu não sabia? A menina crescida, como se falasse de alguém ausente,

resmungou na minha cabeça: “Gente má sempre tem sorte. Até agora, apenas esta mulher foi poupada. Ruim, ruim. Os outros, os pobres, pobres infelizes. Seu Paiva, todo mordido, e não largou a menor reclamação...”

Quis protestar, mas não tive oportunidade. Rapidamente me calçaram meias e sapatos, os três coordenados como se estivessem numa linha de montagem. Entendi que não iriam colocar meu colar, nem meus brincos, nem meu anel em mim, eu passaria o domingo sem joias. Mas não me atrevi a lembrá-los, nem quis acabar com a pressa com que fui tratado. A bolsa de tecido que sempre carrego no pescoço estava pendurada na grade da cama. Eu disse a eles: “Minha bolsa, quero minha bolsa!” No seu interior, como sabemos, guardo os bilhetes dobrados em oito, o meu lenço, o meu espelho e, o mais importante de tudo, a mensagem escrita pela mão de João Almeida. Eu não queria deixá-lo para trás.

Maria José das Lundas passou a alça da minha bolsa de tecido na minha cabeça, deixando a alça enrolada, e, entre gestos para arrumar, reclamou: “Merda, é demais! Chamaram-nos às cinco da manhã, e desde então não fizemos nada além de caçar insetos...” E enquanto calçava meus sapatos, ela disse que eles – enfatizando-os – haviam esperado até o anoitecer para saírem dos canos em batalhões, que formaram rios negros no chão e atacaram todos os moradores. Ela disse: “Até agora você foi o único poupado”. Aí eu entendi o que estava acontecendo. Certamente não foi a primeira vez que isso aconteceu. Desde que entrei no Hôtel Paradis, as pessoas têm falado comigo sobre esse tipo de ataque. Lá estava de novo, as formigas voltaram com força.

Mas tal comoção era justificada?

Eles me levaram para o corredor. A meninada e Maria José das Lundas desapareceram, convocando os que não conseguiam levantar-se e nem reclamaram, e eles, eles, repetiram, foram saindo de buracos invisíveis em direção às camas dos moradores. As duas meninas, correndo uma atrás da outra, dispararam em direção às escadas. Fiquei sozinho com a garota que nunca tinha visto antes. Quem monitorava meu sono enquanto eu dormia disse que seu nome era Olga Maria e foi ela quem esclareceu a situação. Ela parou minha cadeira perto de uma janela para me dizer que desde as cinco e meia da manhã eles estavam despindo as pessoas, lavando-as, trocando-as, sem conseguir eliminar as formigas. “Eles estão lá por toda a casa. Eles são grandes, pretos e marrons, rápidos como um raio. São formigas ladras...” E enquanto me conduzia pelo corredor em direção ao elevador, Olga Maria disse estar convencida de que essas feras certamente viviam em cavernas subterrâneas em toda a largura da residência. Longos e rápidos, eles vieram às centenas, aos milhares, para atacar e absorver tudo o que pudessem alcançar. Na opinião dele, eles subiram pelos canos, procurando água e açúcar, mas encontraram água engarrafada, e os doces que havia estavam na geladeira, trancados, e os tarados, com esse tempo seco, sem umidade por um muito tempo, os corpos dos seres humanos foram lembrados. Cheirava bem, cheirava a líquidos doces de velhos e eles queriam chupá-los.

Uma batalha desde as cinco da manhã. Nas camas de alguns moradores, os lençóis estavam ficando pretos. E ainda por cima uma mulher chamada Zuzarte, que mal conseguia mexer as mãos, arranhou uns fósforos e teve a ideia de afugentar o flagelo colocando fogo nas cortinas. As chamas já haviam atingido as persianas quando o fogo foi apagado.

Meu supervisor de sono estava girando minha cadeira. Olga Maria era tão nova nesta casa que não sabia quem era Maria Paulina Zuzarte, nem tinha ouvido falar do homem que morava no seu quarto. Nem do seu desaparecimento, nem da transmissão do futebol, nem do bolero. Nada mesmo. Tudo já havia sido apagado. Falando do fogo que aquela que mal conseguia mover as mãos tinha acendido, Olga Maria conduziu-me até à mesa, onde já estavam os meus companheiros, e senti-me reconfortada quando me sentei entre eles. Mas meus amigos foram transfigurados.

Meio vestidos, meio enrolados em roupas e toalhas, com os cabelos molhados, pareciam fotos de antigos naufrágios quando não existiam roupas de neoprene de plástico. Mal cobertos, não falavam, ninguém falava na sala. As formigas os silenciaram. Só Dona Ema, nossa amiga que comeu sozinha o coelhinho da Páscoa, conseguiu almoçar. Meus outros amigos trocaram olhares de soslaio e sussurraram palavras sobre a invasão, sem conseguirem comer. Uma sala de quase setenta pessoas derrotadas por seres tão pequeninos, ridículo. Não adiantava falar, a consciência do significado deste momento estava pintada em nossos rostos. Embora de forma diferente, certamente todos pensávamos que a situação demonstrava a extensão da nossa dependência, a revelação da nossa fragilidade. Éramos seres abandonados embalados por ilusões sob os cuidados da residência. Estávamos vivendo uma espécie de momento de verdade. A decrepitude de cada pessoa cresceu diante da decadência de todos e resultou em vergonha. À mesa, meus amigos se sentiram desamparados e eu também, embora tenha sido poupado.

A sala ficou em silêncio, os pratos voltaram intactos para a cozinha. O silêncio de Salomé, enquanto pegava os talheres, foi igual ao de todas as outras meninas. Ninguém falou. Nina Mercedes estava ausente, Lilimunde também. Às vezes, temia que todos tivessem ido para o mar, deixando-nos entregues à nossa própria sorte. Martine, a gerente, movia-se tão rapidamente entre as dez mesas que parecia estar andando de patins. Tive medo que ela escorregasse e caísse. O que nos tornaríamos? A própria Ana Noronha enrolava os longos cabelos em um tufo amarrado com um alfinete de plástico, esperava à mesa e falava aqui e ali com os moradores, mas ninguém respondia. A invasão das formigas era certamente algo esperado, mas a sua rapidez não foi um sinal menos perturbador. Um triste sinal, uma ameaça, prova de que o poder de seres insignificantes consegue atormentar os seres humanos a ponto de derrubar a segurança de suas vidas e levar os mais perturbados a atearem fogo às cortinas. Ninguém falou.

Mas dona Julieta, que nem tocou no pão, acabou dizendo que havia outra espécie de formiga tão pequena que era quase invisível, e lembrou como

essa espécie chegava às manteigueiras quando ainda não existiam geladeiras. Ela se lembrou de sua mãe removendo-os, um por um, com a ponta de um canivete suíço. Concluir que era normal o aparecimento de formigas nas casas em pleno verão. Porém, ela também não conseguia comer, sentia as roupas secando na pele, uma sensação muito desagradável. Dona Rita, de Lyon, pelo contrário, disse não se lembrar de haver formigas em França, procurando associar o aparecimento destes repugnantes insectos à falta de limpeza dos espaços interiores.

Não, na cidade de Lyon, onde passou mais de trinta anos de sua vida, ela não se lembrava de ter visto uma única formiga. Havia bichos-da-seda, mas não havia formigas – o que você quer dizer? Não há formigas no sul da França. Pelo menos não em Lyon. Silencioso, meio nu, nenhum de nós lhe respondeu. Nem Joana Amaral se pronunciou. Ela continuou a olhar o que tinha no prato sem tocá-lo. As formigas ladras atacaram principalmente seu cabelo. Na sua cabeça havia um turbante feito com uma toalha molhada. Foi só a meio da refeição silenciosa, como nunca acontecia desde que morei nesta casa, que o Sr. Tó, sentado no centro da sala, começou a falar muito alto. O que o Sr. Tó poderia querer? O Sr. Tó levantou-se, como se estivesse no Parlamento, e começou a falar. Ele disse algo assim: “Meus amigos, só existe uma verdade, estamos todos encobrindo o que está acontecendo aqui...”

E com grande grandiloquência, olhando para a esquerda e para a direita, e saltando sobre o pé torto, perguntou a toda a assembleia silenciosa se por acaso alguém conseguia explicar por que, tendo sido todos atacados por formigas, éramos proibidos de falar sobre isso entre nós. Por que não queríamos que as pessoas soubessem que as pessoas sentadas ali comeram formigas até as onze da manhã, simplesmente porque não havia ninguém para afugentá-las? Tudo era muito suspeito, segundo o Sr. Tó. O senhor Tó parecia um tribuno. “A resposta é esta”, disse o Sr. Tó com os braços estendidos. “Toda a responsabilidade recai sobre quem manda aqui. E, como tudo o resto, a culpa é dos líderes. Não há pessoal adequado nesta casa. Portanto, ninguém fala porque o sigilo é o cerne da questão.” E foi mais longe, o senhor Tó, falando com ousadia: “Alguém aqui vai aproveitar o caos que se instalou. Eu pergunto em alto e bom som, quem ganha? Como ele vence? Quanto ele vai ganhar?”

O senhor Tó olhou em volta, mas certamente nem todos o viram ou ouviram. Ninguém respondeu. Mudando de tom, o Sr. Tó pegou um guardanapo e, batendo na mesa, gritou: “Olha um aqui, outro ali...” Muitos de nós começamos a inspecionar nossos guardanapos. Ouvimos batidas pequenas e tímidas, mas mesmo assim batidas, aqui e ali. As formigas não tinham ido embora, pelo contrário, continuavam subindo das profundezas da terra, saindo por buracos invisíveis, pisoteando o chão com velocidade diabólica e subindo nos móveis, cheirando o que havia para cheirar. E lá estavam eles, andando, em pânico, sobre as mesas. Uma sombra gigantesca em forma de formiga desceu sobre todos nós e ocupou a sala. Não pude dizer nada

porque fui poupado. Certamente fui poupado graças à solução que Lilimunde colocou aos pés da minha cama. Não houve outra explicação. Enquanto isso, nenhum de nós poderia voltar para nossos quartos.

Passamos o domingo sem receber visitas. Mal vestidos, amontoados, enrolados em toalhas. O boato da vida, aquele, irrompeu da televisão. Sem som, as imagens de meninas gordas dançando balançavam à nossa frente, nossa única companhia. Era impossível não associar esse tremor da carne nua ao imenso trabalho das formigas. Se eu tivesse em mãos um pedacinho de papel, por menor que fosse, escreveria: A vida é movimento, quem mais se move é quem mais vive. A vida tem fome, quem come mais sobrevive. A vida é brutal, quem mais luta vence. Eu disse para mim mesmo, silenciosamente, ao lado dos meus amigos.

Silêncio na Sala Rosa.

Éramos cerca de setenta, sentados lado a lado, e ninguém falava, ninguém comia, ninguém se mexia. Estávamos dormindo, dentro de um navio, esperando que ele saísse para o mar. Digo mar para não dizer a palavra verdadeira. Mas por volta das cinco horas da tarde, agentes da Proteção Civil entraram pela porta, cobertos de branco da cabeça aos pés, sem saber se eram homens ou mulheres. Dona Joaninha, vendo o aparelho de desinfecção, descobriu que pareciam astronautas. Ela se levantou batendo palmas. Alguns a acompanharam. Não estávamos mais sozinhos, meus amigos, lembrei-me de ter dito. Seríamos salvos por essas três pessoas. E todos os seis concordaram. Mas normalmente não voltaríamos aos nossos quartos tão cedo.

LANTERNAS

Entre domingo e terça-feira bebemos pouco, não comemos quase nada e ninguém protestou porque a situação ficou mais do que constrangedora. Não é ótimo – a residência foi fumigada de cima a baixo, mas as formigas continuam vagando pelos móveis e subindo pelas canelas até as áreas úmidas. A questão é complexa. O plano de batalha envolve não exterminar completamente os trabalhadores da superfície. Nesse ínterim, Berenice apareceu com o carrinho de distribuição de remédios. Ela ergueu as duas mãos, em cada uma delas seu presente de 0,25 miligramas e um copo de água. Engoli a água, mantive o comprimido encostado na bochecha e, quando a garota e o carrinho saíram para o corredor, cuspi-o. Numa situação como esta, prefiro ficar acordado.

Perto do travesseiro, mantenho meu celular totalmente carregado ao alcance, aperto um botão e a *tela* emite um raio de luz suficiente para que eu possa esquadriar o que está acontecendo na dobra do lençol e até um pouco no chão. Sei que assim me exponho à noite aterrorizante que me visita entre o sono e a vigília, mas caso contrário as formigas poderão subir pela cama sem que eu as veja. Porque quero estar vigilante, quero perceber se foi graças à pomada que Lilimunde aplicou nas pernas da cama que não me atacaram naquela noite, ou se simplesmente este espaço tem alguma disposição natural que os faz fugir. Eu ouço e espero. Meu quarto foi poupado de sábado a domingo, mas não há garantia de que não será atacado de terça a quarta. Mesmo que me pareça que este caso tenha sido sobrestimado, não há dúvida de que o esforço de vigilância perturba a vida de todos.

No entanto, não é certamente por causa do formigueiro que os três pacientes da Sala de Repouso junto à capela já lá não se encontram, embora Dona Rita de Lyon afirme que foram esquecidos na noite de domingo, e também ao longo do dia, evocando detalhes desonrosos para a gestão desta residência. Tinham nomes, chamavam-se Etelvina, Nuno e Fernandes, embora não me lembre da cara deste último. Eles saíram. Outros dois moradores ainda estão lá, um dos quais é dono da cama desocupada aqui do meu quarto. Pela minha parte, considero exagerado este clima de excitação e recuso-me a explicar a desordem que reina neste local apenas pelo ataque de formigas ladras.

Pensando nisso, com o celular na mão, ontem à noite o cansaço já tomava conta de mim, quando percebi que uma figura entrava na sala. Liguei o celular, uma, duas vezes, e era dona Marcela de camisola avançando, segurando um embrulho esbranquiçado na frente do peito. Se eu pudesse ter me levantado sozinho, teria feito com que dona Marcela voltasse para o seu quarto. Então me limitei a apontar por que ela estava sentada na cama ao lado como se ela pertencesse a ela. Perguntei: “Dona Marcela, o que você está fazendo aqui, nessa hora, no meu quarto? Você não tem o seu? Mas a

minha vizinha do corredor explicou porque tinha vindo refugiar-se na cama desocupada do quarto 210 – Porque tinham chegado dias muito estranhos em que já não podíamos confiar em ninguém.

“Dias muito perigosos, dona Alberti, quando todo mundo está roubando.”

Dona Marcela temia que as meninas roubassem suas coisas e por isso, por precaução, preparou um pacote muito especial que tentaria salvar levando-o consigo para o além. Se esse hábito entre as meninas não era novidade, agora era demais – Abriram as gavetas, revistaram os sapatos, vasculharam os bolsos. Já faz três dias que não fizeram mais nada, com a desculpa de procurar formigas, reclamou ela. Não consegui ver claramente a silhueta do meu vizinho no corredor, apenas o tecido acinzentado da trouxa apareceu no meio da sala como um balão de luz. Vou te contar, disse minha vizinha, e explicou que era uma toalha de banho com as pontas amarradas com um nó bem apertado, para guardar seus objetos mais caros. Dona Marcela teve que desempacotá-los um por um porque de sua silhueta emanava um farfalhar contínuo que enchia a escuridão do quarto. Direcionei o brilho do celular para os joelhos de dona Marcela, sobre os quais estava empilhado o que me parecia uma mistura de papéis e trapos. Perguntei: “A senhora está carregando um maço cheio de papéis de um lado para o outro, dona Marcela?” Não, os papéis e trapos serviam apenas como esconderijo para o que lhe era mais precioso e que pretendia esconder no além, respondeu ela. Não consegui distinguir os objetos preciosos, mas dona Marcela os listou um por um: uma moldura com o retrato de família, um grampo de cabelo, um cartão de Boas Festas com a pintura de um rinoceronte que lhe foi enviado da Rodésia, uma garrafa de esmalte, uma tigela de café da manhã, um garfo, uma colher, uma carta do marido, sua certidão de nascimento e mais três meias, uma de náilon, duas de lã. Dona Marcela embalou tudo muito bem, colocando as coisas umas dentro das outras, para que ninguém notasse o seu valor, pois alguém poderia roubá-las antes de pousarem em local seguro. Ela os havia desempacotado, agora estava reembalando-os. Um farfalhar contínuo. Sua ideia era deixar as coisas nesse lugar chamado além e voltar para o Hotel Paradis, vitorioso definitivamente sobre as garotas que estavam destruindo tudo para ele.

Enquanto Dona Marcela se ocupava em esconder seus bens mais queridos no guardanapo cujas pontas amarrara, um raio de luz amarela saiu da porta, lambeu as paredes e pousou na trouxa de Dona Marcela. O dono da lanterna falou: “Achei que você ia ficar abrigada aqui, pensei que sim, dona Marcela. Francamente...”

Era a voz do Sr. Tó.

Por iniciativa própria, desde domingo, o Sr. Tó vinha verificando os perdidos durante a noite, levando-os de volta aos seus quartos, acalmando-os para que pudessem descansar, embora o diretor não lhe tenha pedido que o fizesse. Tó pegou Dona Marcela pelos braços: “Você confia em mim ou não? Vamos, segure bem essa fortuna com as duas mãos, levante e vamos para o 214 descansar. Vamos...”

Dona Marcela apertou a trouxa contra o peito e levantou-se, apoiando-se no braço do senhor Tó. Naquele momento, o facho de uma segunda lanterna apareceu na parede e percorreu de ponta a ponta. Era a lanterna de Dona Joaninha: “Tó, anda logo, o senhor Paiva quer fugir de novo. Ele está lá embaixo dando uma cabeçada na porta de vidro...” Os três saíram. Eu os segui com a luz do meu celular. Certamente estavam entrando no 214 e depois andando pelo corredor. Ouviu-se Joana Amaral a apelar ao Sr. Tó, que não anda com agilidade.

Dona Joaninha falou alto: “Anda logo, Tó, o senhor Paiva vai arrombar a porta e sair para a rua. Com o quão escuro está lá fora, ninguém vai pegá-lo...”

Durante toda a noite os dois vagaram pelos corredores. As luzes de suas lâmpadas só se apagaram ao amanhecer.

O SEGUNDO CASO

Dias surpreendentes que continuamos a viver no Hôtel Paradis. Mas agora que chegou quinta-feira, o que parecia uma catástrofe no domingo está prestes a ser visto como um acidente trivial, sem grandes efeitos. Para dizer a verdade, se olharmos a sério, apenas três pessoas acamadas do Recreio foram retiradas do Hotel Paradis na segunda-feira e não regressaram, mas ninguém consegue associar esta coincidência à invasão ocorrida na véspera. Pela minha parte, talvez por ter sido poupado, a imagem do que aconteceu aos outros suaviza-se à medida que avalio os danos no humor de todos. Sempre podemos falar de catástrofe, mas não me parece que estejamos muito longe da tragédia comum.

Em última análise, é normal que de vez em quando, durante o calor extremo, principalmente em períodos de seca, formigas entrem nas casas e ninguém morra. Também é normal que nesta casa houvesse uma certa confusão durante a noite de sábado para domingo, pois entre as vinte e oito meninas ativas, treze delas já haviam ido trabalhar à beira-mar. Assim como ele é normal que em meados do verão alguns funcionários tiveram direito a férias e não estão de momento em serviço.

Com a falta de pessoal, é normal que nas últimas semanas a limpeza tenha sido prejudicada, apesar da corrida que a diretora Ana Noronha impõe a todos. É normal que nos aglomerem na Sala Rosa, pois é mais fácil atender juntos um número maior de residentes empregando menos cuidadores. Também é normal que um dos moradores se radicalize perigosamente, como foi o caso da senhora Zuzarte, ou se revolte e decida agir, como é o caso do senhor Tó. É normal que surja esta ou aquela pessoa extraordinária que assuma a missão de ajudar os outros, como é o caso. Assim como é normal que tenhamos que esperar cinco dias para a situação se normalizar, já que não adiantava colocar sprays e géis de ação rápida no caminho da formiga ladra. Nas profundezas dos labirintos, as rainhas poedeiras sentem o extermínio que ocorre na superfície por meio da dizimação química e, em vingança, lá embaixo em seu porão, multiplicam-se graças aos seus ovos para reabastecer seu exército infinito. Esta é a natureza em ação. Quanto mais massivo for o extermínio, mais importante será a reprodução. E, portanto, é necessário colocar produtos de ação lenta em seus caminhos, para que as formigas operárias, aquelas que andam atordoadas pelo chão e sobem até o topo dos armários, voltem aos seus ninhos com esse produto para envenenar as rainhas taciturnas. Aqueles que estão ali, visíveis, que formam os caminhos do movimento, serão os mensageiros da dizimação, e isso sim, é um método eficaz. Anteontem o método foi explicado a todos que estiveram no Salão Rose por meio de uma projeção de vídeo.

O vídeo foi bem feito.

Representava um corte vertical do solo como se faz com o pão visto de lado, mostrando os labirintos sinuosos, as rainhas, os machos, o voo nupcial, as

formigas de correição, as formigas quando ainda são apenas uma espécie de larvas chamadas ninfas . Toda uma organização notável que nos levou a sentir uma certa admiração pela formiga ladrão. Dona Luísa de Gusmão, sentada num bom lugar para assistir ao vídeo, teve que dizer que a sociedade das formigas deveria servir de modelo para a sociedade humana, pois ali, como nas colmeias, cada uma ocupa corretamente o seu lugar sem nenhuma delas. eles não querem ser o que não são. Todas as tarefas são bem distribuídas, desde operárias até rainhas. Mas também não somos iguais, disse a condessa. Ninguém respondeu, mas dava para ver que, depois do incidente, todos estavam voltando a ser quem eram. Para voltar à normalidade, Dona Joaninha disse que o Sr. Peralta só precisava de recuperar o moral para nos entreter, mas o músico ainda não tinha recuperado do que aconteceu na madrugada de domingo. O pianista não conseguiu alcançar as muletas para sair do quarto e, como não saiu da cama sozinho, matou as formigas ao seu redor durante três horas e meia com uma folha de jornal. Desde então ele estava doente da alma. O pianista, ofendido, humilhado, ao lembrar de suas costas cobertas de formigas sem poder alcançá-las. “Vamos ver se o senhor Peralta relaxa”, disse a diretora Ana Noronha ao passar pelo piano.

Agora, como eu disse, já é quinta-feira. Ontem voltamos a aglomerar-nos na Sala Rosa para fazer a desinfestação das últimas salas e, à tarde, ainda lá estivemos. O ar condicionado era bom, mas o que esfriava algumas pessoas esfriava outras. Optamos, portanto, pela temperatura ambiente. Estávamos os sete sentados muito próximos uns dos outros, e ao nosso lado, muito próximos um do outro, a D. Santanita e o carpinteiro Mota, entre os quais eu tinha tomado o meu lugar no dia do Sr. Paiva. E olhei para dona Zuzarte, sentada na fila oposta, aquela que durante a sessão com a psicóloga havia falado dos pulsos quebrados, assim como os meus, e apesar de algumas diferenças, nos pulsos éramos iguais.

Mas se a vida nos iguala de certa forma, distingue-nos ao mesmo tempo, aliás no domingo passado de madrugada, enquanto eu dormia e, segundo Olga Maria, estava até de bom humor, a senhora Zuzarte ateou fogo para as cortinas. Além disso, ao contrário dos meus camaradas, não me senti mal, muito pelo contrário, na verdade, mesmo que não me vangloriasse disso, não tinha ouvido falar de mais ninguém que tivesse sido poupado. Depois do vídeo e da explicação dada pelo membro da Proteção Civil, para tornar compreensível a questão da infestação, o silêncio tomou conta da sala.

Confortado, ocorreu-me dizer que certa vez li que existiam mais de dez mil espécies de formigas. Aqueles ao meu redor não responderam. Acrescentei que elas tinham dentes chamados mandíbulas, tão poderosos que, se fossem puxados enquanto picavam, as formigas preferiam separar a cabeça do corpo a soltar a coisa mordida, e ninguém respondeu. Eu disse que eles eram tão espertos que conseguiam atravessar rios, passando por cima dos corpos uns dos outros, como se fossem jangadas, e ninguém respondeu. Achei normal. Os moradores do Hotel Paradis ficaram tristes. Eles tinham

visto o vídeo, mas uma coisa era saber o porquê e outra era sofrer sua ação direta por uma noite e vários dias. Dona Maria Paulina Zuzarte foi então trazida para perto de nós para tomar mais ar. Eles a sentaram em uma cadeira.

Aconteceu ontem.

O senhor Mota, sentado ao lado de dona Santanita, olhava atentamente para dona Zuzarte, sentada à sua frente. Eu disse que me disseram, ou que li, pouco antes de parar de ler, que as formigas vivas, todas juntas, pesavam mais ou menos o mesmo que toda a humanidade. Ninguém atendeu e achei isso normal. Por que eles responderiam a mim? Cada informação que eu dei parecia mentira. Quatro mentiras, cinco mentiras. Eu não me importei. Deixe-os pensar o que quiserem, eu tinha lido, três anos antes, numa página de revista.

Sorri só para mim, não podia partilhar com ninguém, porque afinal tinha sido poupado, e este estado de coisas, que parecia nunca ter acontecido a nenhum outro morador, encheu-me a alma de exceção, e assim, mesmo se eles não me respondessem, não importava. Então o Sr. Mota ergueu a bengala, apontou para a mulher que estava à sua frente e disse: “Olha essa mulher!” Segui o caminho da bengala. Estava apontado para o rosto de Maria Paulina Zuzarte, aquela com os pulsos iguais aos meus. Sentada à sua frente, Zuzarte deixou cair o leque no colo, escorregou da cadeira e caiu de cara no chão. Ouvimos o estrondo de sua queda como um jarro de água quebrando.

Alguém disse: “Não se apresse, é inútil, este não vai se levantar de novo”.

Foi o senhor Mota quem falou: “Um após o outro, meus amigos. Hoje já é o segundo caso nesta casa. Haverá outro?” Ficamos em silêncio olhando para o corpo da senhora Zuzarte, o segundo caso.

O carpinteiro esclareceu: “O primeiro caso é o do Paiva, aquele que veio morar ao meu lado, depois de querer sair pela porta de vidro. Acabou fazendo as malas, sim, morreu hoje de madrugada. Foi Judite quem o encontrou, muito calmo, deitado na cama como se estivesse dormindo.”

Judite é o nome da garotada.

Fiquei muito triste porque o Sr. Paiva foi encontrado pela mocinha a quem me recuso a dar nome. Alguém tão combativo merecia um destino muito melhor no final da vida. Ele merecia que Nina Mercedes o encontrasse. *Que a paz eterna te acompanhe para sempre*¹⁸, ela costumava dizer. Ninguém veio tirar Maria Paulina Zuzarte do chão. Seus pulsos, semelhantes aos meus, sobressaíam de uma camiseta florida. E seu leque caído permaneceu aberto como se esperasse a mão dela. Foi ontem à tarde que tudo isto aconteceu.

O COOSTER DE PAPEL

A cada dia o pessoal vai escasseando, é impossível que não fosse de outra forma, porque as meninas começaram a adoecer de tanto trabalhar. O senhor Cláudio, o mordomo, ajuda na cozinha, e Luís Cotovio da recepção abandonou os telefones para receber e cuidar dos mantimentos. Mas hoje, sexta-feira, vários voluntários, três homens e três mulheres, apareceram para ajudar na limpeza do local e nos cuidados pessoais. Eles vieram de longe. Eles foram informados e animados com grande gentileza. Decidiram decorar as mesas com caçarolas em formato de animais, como se fôssemos seres humanos desde a mais tenra infância. À nossa mesa apareceu um galo de papel pregueado com uma quadra no pescoço que quase rimava: *Eu sou o galo, Cocorico, Jovens, Nunca estamos sozinhos*. No centro da mesa ao lado havia um leão, e na próxima outro animal, uma gazela, e depois uma coruja, ou seja, ao todo dez animais em papel plissado e dez quadras.

Não sou do tipo que fala pelos outros, mas ainda assim não posso deixar de dizer que os moradores do Hotel Paradis se sentiram confortados com esta pequena cena. Alguém pensou em nós e precisávamos disso. O que aconteceu, embora natural, foi intenso e ainda continuava de alguma forma. Vários dias se passaram desde domingo, mas embora falássemos em voz alta para nos dar coragem, a imagem muito viva da nossa fraqueza, como povo indefeso, ainda estava presente. Na nossa mesa era inútil pôr muita comida nos pratos, só a D. Joaninha ainda comia razoavelmente e a D. Ema anormalmente bem. Ema comeu com dificuldade, derramando metade entre o prato e os lábios, mas pediu mais, comeu mais, e olhou para as nossas sobras como se as invejasse. Dona Ema comeu e comeu e, quando chegou a fruta, pediu para ser levada de volta para o quarto porque se sentia molhada. Um dos voluntários ia tirá-la da sala quando Dona Ema, a companheira que comia sozinha o coelhinho da Páscoa, uma figura pequena que já estava com tanta fome há algum tempo, inclinou a cabeça sobre o prato dele e fechou os olhos. À mesa, sem falar, sem reclamar, ela os fechou. Na nossa frente. Aconteceu nesta sexta-feira após a invasão das formigas. Agora eles são raros, quase não circulam mais pelas salas e, ainda assim, as pessoas parecem não se sentir bem com a visita. Porque isso ?

O caso de Dona Ema foi muito chocante.

Os voluntários decidiram que deveríamos sair da sala. Assim, ao sair, cada um de nós olhou para a silhueta de Dona Ema com o rosto enterrado no prato destinado à fruta ainda não servida. De um lado do rosto, a faca, do outro o garfo, bem reto porque, naquele dia, os talheres haviam sido dispostos geometricamente pelos voluntários. Diante dos cabelos grisalhos de Dona Ema, do galo e da quadra. Saímos um por um. Eram seis voluntários, mas eles não conheciam o entorno do Hotel Paradis, por isso demoraram muito para trazer os moradores que não conseguem caminhar

de volta para seus quartos. Porque todos nós, ao mesmo tempo, queríamos voltar para as nossas camas.

Mas não foi possível conduzir repentinamente tantas pessoas aos seus quartos. Distribuir os moradores no dia da morte de dona Ema não foi fácil. No final da tarde, muitos de nós não queríamos descer ao Quarto Azul. Lilimunde, a menina do Pará, onde existem formigas de fogo como há formigas ladras em Valmares, passou pelo meu quarto e me levou até a sala de jantar. Eu não jantei. Ninguém queria jantar. Os voluntários ficaram tristes. Eles estavam preparados para muitas coisas, mas não para tudo. Apenas o Sr. Tó parecia triunfantemente lúcido.

Entre duas portas, ele disse que deveríamos estar prontos, porque o que estávamos vivenciando era apenas um ensaio geral em escala muito pequena. Segundo ele, no estado em que a Terra se encontra, haveria muito mais. Vamos ficar prontos. O Sr. Tó é um homem ligado a jornais. Além disso, ele tem permissão para sair do Hotel Paradis, ir ao café e fazer compras. É alguém que está sempre ligado ao seu ambiente e ao mundo em mudança. Não nego ter uma certa simpatia pelas interpretações do Sr. Tó. Sem falar no quanto aprecio seu gesto de ficar acordado à noite para apoiar aqueles que o serviço barato do Hotel Paradis acaba deixando por conta própria. Só às seis da manhã é que o senhor Tó regressou ao seu quarto no terceiro andar, levando consigo a lanterna acesa. A morte de Dona Ema chocou até o Sr. Tó. Temos que estar preparados, disse o Sr. Tó entre as portas da Sala Rosa e da Sala Azul.

O LIVRO DE TRABALHO

Entretanto Ana Noronha tem feito tudo para levantar aqueles que agora são chamados de doentes mentais. São vinte e quatro moradores que, apesar do calor que entra pelas persianas entrecerradas, sentem frio e não querem sair dos quartos. Não há justificativa para isso, a única explicação é que o frio que sentem vem da alma. Mas a doença da alma é curada pela reação da própria alma, não há mais nada a fazer. A diretora e gerente Martine convocou todas as meninas para trabalhar em troca de uma recompensa, manteve todos os voluntários e neste domingo organizou um festivo *Deo Gratias* no Hotel Paradis. Os mortos, se tivessem morrido de tristeza, alegrariam-se um pouco quando soubessem que em memória de Dona Ema, Dona Zuzarte e Sr. Paiva, a residência estava a organizar uma cerimônia de alegria para as suas almas, disse Ana Noronha. Mas entendemos muito bem que o diretor estava pensando nos vivos.

O Hotel Paradis não está localizado nas nuvens, e a invasão de formigas, com as três mortes quase simultâneas, além do incidente com os doentes no Banheiro, e recentemente a massa acamada por depressão, fez soar os alarmes fora destes portões e jardins. Rumores estão voando. O diretor é muito jovem, dizem. Não se conseguiria ultrapassar esta problemática nave que se tornou na residência de idosos que ocupa o edifício que já foi o maior hotel de Valmares. Assim, na manhã deste domingo, foi anunciado o espetáculo sagrado. O senhor Peralta levantou-se da cama, tomou um banho revigorante, perfumado, devolveu-lhe as muletas e dirigiu-se ao piano.

No piano vertical havia rosas. Dona Bianca estava perto das rosas e Sr. Cláudio estava na gravação. As rosas foram retiradas e fomos dispostos em torno do piano colocado no centro da Sala das Rosas. Uma vez sentados, o senhor Peralta largou as muletas e as quatro viúvas, de vestidos justos e *lenços transparentes*, entraram. Eles esperaram pelos aplausos. Não nos movemos, mas toda a equipe, inclusive as duas enfermeiras e o próprio médico, Dr. Longino, aplaudiu. O senhor Peralta, ressuscitado, tocava, deixando notas trêmulas no ar sob a inação da pedaleira, o que não importava. O que estava acontecendo era lindo e era isso que importava. Não entendi o que cantavam, porque era em latim, mas sei que cantavam bem e, no meio dessa música, uma saudade terrível do Sargento João Almeida me invadiu.

Se ele estivesse vivo, se estivesse aqui conosco, seria muito mais fácil enfrentar a realidade. O que ele teria dito sobre a invasão das formigas? Teria concordado com o discurso do Sr. Tó? Se o sargento ainda estivesse vivo e apaixonado, Dona Joaninha teria sido indiferente ao admirador de pé torto? Ela teria mantido os dois amores? E qual seria o meu lugar entre dona Joaninha e o sargento? – *Dona Maria Alberta, sempre ao seu dispor. Tenho todas as informações que você precisa no meu celular*. Foi a primeira vez na minha vida que eu, Maria Alberta Nunes Amado, na minha longa existência,

fui infiel a Edgar de Paula. E os dois homens não eram iguais, fundidos num só, como eu pensava. Pelo contrário, diante de mim, aceitei a minha infidelidade. Pela primeira vez, quis colocar alguém no medalhão do amor, onde antes, em seu oval, havia colocado a imagem única do sedutor Edgar. Quanto à infidelidade, lembro-me muito bem de como ocorreu o grande e tardio tremor do meu coração. Ali mesmo, enquanto acontecia o festivo *Deo Gratias*, me vi sentado em minha cadeira de rodas, bem perto de onde o sargento havia apoiado minha mão, indicando sua intenção de beijá-la. Um homem beijando a mão de uma mulher, como era costume entre pessoas ilustres, há muito, muito tempo. E esta lembrança maravilhosa, provocada pela música comovente que ouvíamos, vinda das vozes das quatro viúvas, falando em latim, acompanhada das notas do Sr. Peralta, eu, ali, na companhia dos meus amigos e tudo isso cena humana composta pelos funcionários da residência, mais os voluntários presentes, essa sala enorme completamente lotada, tanta gente sentada e em pé, tudo isso abalou minha vida de sonhos. Eu estava ao mesmo tempo maravilhosamente sozinho com minha própria vida e maravilhosamente acompanhado pela vida de outras criaturas. Eu estava com a vida dos vivos e a memória tão presente dos mortos que ainda estavam vivos. Eu disse para mim mesmo: isso é felicidade. E isso, apesar de ser uma coisa pequena, tem uma dimensão imensa. Os pequenos e os pequenos podem ser irmãos da maravilha da vida. Foi então que as quatro viúvas fizeram uma pausa. Uma delas, a do *lenço rosa bem rosa*, Dona Mariline, disse, andando em volta do piano: “E agora, como não poderia ser de outra forma, vamos falar com vocês sobre o Livro de Jó! O senhor Peralta está conosco como sempre.” Com isso, o senhor Peralta começou a tocar notas suaves, como se não fossem música, mas sim um fio de vento, ou de água, e as viúvas contaram, falando por sua vez, e às vezes em coro, a história de Jó.

Abriram folhas de papel como se fossem partituras e contaram a história. Contaram que existia um homem muito rico, que eu já conhecia, que depois se tornou pobre, miserável, infeliz, doente, repulsivo, e que havia perdido absolutamente tudo sem nunca negar a Deus. Isto era o que eu sabia e o que repetiam as bocas das quatro viúvas. Mas contaram-no com grande prazer, cativados pela grande quantidade de bens usurpados a Jó. Eles contaram como o homem rico e justo havia perdido seus filhos e filhas, além de milhares de ovelhas, milhares de camelos, centenas de juntas de bois, centenas de éguas e muitos, muitos escravos. Falavam de como seu corpo coberto de lepra havia se deformado, de como ele coçava as feridas com cacos de azulejos, de como se sentara nas cinzas, aleijado de dor, e sempre concordara em sofrer pacientemente. E então eles dedicaram algum tempo para descrever o colapso do pobre rico, para que pudéssemos apreciar seu bom comportamento. Eu sabia de tudo isso. Conversaram então sobre os quatro amigos que acreditavam que Jó, por ter sofrido tanto, devia ter feito algo errado em sua vida, vendo esse sofrimento como um castigo. E contaram como Jó, vítima da injustiça, quis falar diretamente com Deus,

mostrar-lhe o seu ressentimento, mas sem negar o Senhor com quem queria discutir face a face. A viúva Mariline perguntou, entre gotas de música: “Será que o sofrimento nos leva a negar o Senhor?” As três viúvas responderam: “Nunca! Louvemos a Deus porque merecemos.”

Entre as gotas da música.

Para ser sincero, não me lembrava das discussões entre Jó e seus amigos ou talvez nunca tenha sabido disso. E também não me lembrava bem do final da história de Jó. Para falar a verdade, nunca tinha lido a Bíblia, embora a tenha aberto algumas vezes, porque tinha uma muito grossa em casa que deixei lá. Eu tinha lido passagens, mas isso foi há muito tempo. E assim, a conclusão da história da vida de Jó desapareceu completamente da minha memória, provavelmente também porque não admiro histórias que contam muitas desgraças. Mas as quatro viúvas, muito nuas por causa do calor, muito vaporosas e eu diria quase lindas, sublinharam que em última análise Jó só tinha sofrido estes tormentos por causa de uma aposta entre Deus e o Diabo, uma aposta da qual não faço. também não me lembro. Então fiquei muito atento ao final, porque sou sensível à forma como as histórias terminam. Não demorou muito. As quatro viúvas disseram que Deus ganhou a aposta porque o seu servo, transformado num miserável entre os miseráveis, quis confrontar-se com Deus, por causa da injustiça, mas nunca O negou. Assim, Deus, tendo vencido sua aposta, recompensou Jó restaurando-lhe todas as suas perdas iniciais, duplicando-as. Jó terá recebido do céu o dobro das ovelhas perdidas, o dobro dos camelos, pares de bois e burros, além de sete filhos e três filhas, e não houve meninas mais bonitas que elas, nestas regiões onde outrora Deus conviveu com os homens.

As quatro mulheres leram o que elas ou outra pessoa havia escrito para elas, e olhando para nós, sentados em frente ao piano, os que estávamos perto e os distantes, concluíram ao som da música do vento e da água, tocada pelo dedos ágeis do senhor Peralta, que vivamos assim a nossa vida, com infinita paciência e amor a Deus, sempre amando, sempre confiando, acreditando que Deus nos reservava grandes riquezas para o fim, como aconteceu com Jó. Soframos com paciência, o Diabo desafia Deus a apostar na vida de cada um de nós. Pensemos nisso, dizia a história das viúvas. Queríamos, através da conduta da nossa vida, provar que o Diabo estava certo? Queríamos que o inimigo ganhasse a aposta que nos coube? Paciência, muita paciência. Se não fosse nesta vida, seria na próxima que teríamos a recompensa necessária. E eu, naquele momento, perdi o juízo e comecei a rir. Foi mais forte do que eu.

Eu não deveria ter rido, chamei a atenção para meus pensamentos, de forma imprudente, e alguns moradores se viraram. Acrescentemos que Dona Ema já não está, a nossa mesa está de luto. Meus outros cinco amigos me encararam, surpresos. Do que você está rindo, dona Alberti? Dona Julieta, que não ouve bem, até me olhou incrédula. Felizmente tudo aconteceu muito rápido, até pensei que os recitadores não teriam notado nada. Liderados pela viúva Mariline, eles disseram: alegrem-se, alegrem-se, porque

assim como na vida de Jó, a existência de cada um de nós tem um sentido. E pediram-nos que disséssemos em uníssono, acompanhando as suas palavras: “ *Iremos emergir mais fortes e recompensados* ”. “Quem está ensaiando conosco?” eles perguntaram.

Alguns de nós, poucos, repetimos estas palavras ao mesmo tempo que eles. Por fim, os voluntários trouxeram refrescos em copos plásticos e fatias de bolo de biscoito, e não havia mais formigas perambulando pelo chão da sala. Apesar da música, dos cantos de louvor e da história contada pelas quatro viúvas, no final de tudo, quando começamos a lanchar, era domingo e a tristeza não saía do quarto. A melancolia definitiva entrou com a formiga ladra e não saiu. Não era isso que estava acontecendo comigo. Pensamentos reconfortantes encheram minha alma.

11 de agosto 2019

*No meio da escuridão minha mão desenhou
um filamento e um vidro – Dawn.*

*Minha pequena lâmpada acesa
poupado.*

39
RISAR

Não demorou um dia – Ontem, por volta das quatro da tarde, senti passos suaves, um grupo silencioso e vozes suaves chamando meu nome. Não me enganei, foram eles. As quatro viúvas irromperam pela porta. Eu sabia que eles estavam indo de quarto em quarto trazendo conforto aos acamados, mas me sinto bem, sei que a invasão é um evento naturalmente recorrente e me sinto em paz o suficiente para passar sem eles. Depois das fumigações e das instruções fornecidas pelo pessoal da Protecção Civil, cheguei à conclusão que a excepção que me ocorreu foi o trabalho do clordano, componente do veneno aplicado por Lilimunde. Agora as viúvas estavam chegando.

Delicados, ficaram perto da porta e não os convidei a entrar. Eles entraram mesmo assim e sentaram-se em fila na cama ao lado. Quatro pombas colocadas na colcha, muito sorridentes, para me divertir. Dona Mariline, líder do grupo, abriu a bolsa, tirou um terço e se preparou para rezá-lo. Mas não gosto de orações repetitivas, acredito que os santos se cansam de ouvir tantas vezes as mesmas palavras, assim como eu, e como já acontecia com Maria Albertina, minha mãe, que se recusava a recitar litanias. As viúvas, porém, preparavam-se para rezar um mistério. Pedi-lhes que cantassem uma música. Eles se consultaram e começaram a cantar. Eles cantaram palavras tristes, mas maravilhosas como estas, *Senhor meu Deus , misericórdia, apaga as minhas transgressões, através da tua grande compaixão ...* Cantavam aqui, nesta sala, cantavam as quatro viúvas. Entre estas quatro paredes louvavam ao Senhor, pediam-Lhe perdão e o seu triste canto era lindo, muito lindo. Fechei os olhos e acreditei em Deus. Suas vozes contidas nessas paredes, tão perto de mim, falando tão diretamente na altura do meu peito, me fizeram acreditar que os seres humanos, todos eles, agora e para sempre, são animais racionais, filhos de um Criador que os quer bem. Caso contrário, por que Ele lhes teria dado o dom da voz? Quando pararam e o canto me pareceu muito curto, eu disse: “Obrigado, senhoras, Deus está entre nós”. Eles disseram amém. Achei que eles iam embora, deixando um eco de harmonia no meu quarto que me fez esquecer que, durante a noite, há noites em que a noite chega. Mas eu estava errado porque eles voltaram ao livro de Jó e falaram novamente das recompensas das quatorze mil ovelhas e das quinhentas juntas de bois.

Como se não houvesse intervalo entre domingo e segunda-feira, as viúvas falaram da paciência de Jó, e eu as ouvi com paciência e esperei que saíssem depois de listar os bens, mas a intervenção das quatro mulheres acabou por ameaçar ser prolongada. Então eu disse a eles que a história de Jó era muito boa, que achei perfeito que o mártir tivesse sido recompensado tão generosamente, mas se a história resolvesse o problema de Jó, não explicava por que havia sofrimento no mundo sem qualquer justificativa, nem por que tantas pessoas sofredoras morreram sem recompensa.

Dona Mariline explicou: “Quem é paciente e entrega sua dor a Deus, se não for recompensado nesta vida, será recompensado na próxima”. Respondi então que a história terminou mal, porque Jó, para servir de exemplo completo, para se aproximar de todos nós, deveria ter sido recompensado apenas na outra vida, e não nesta. E falei mais, olhei para as viúvas e assegurei-lhes que eu, assim como Jó, o que queria era falar diretamente com Deus, e perguntar-lhe por que Ele permitiu que Satanás apostasse nos seres humanos. Com que direito, sobre as nossas cabeças, tão frágeis, tão ingênuas, tão próximas dos crânios dos pobres animais irracionais, Deus se permite apostar em cada um de nós? Por acaso somos filhos de Deus ou apenas escravos do amor que devemos a Ele? perguntei, encarando os oito olhos que me examinavam, muito surpreso. Um deles, e não o líder, disse: “Meus braços estão arrepiados porque você está falando heresias”. O dirigente acrescentou: “Ah, ontem, no final da nossa apresentação, você começou a rir”. Naquele momento, entendi que os havia ofendido e, como não era essa a minha intenção, preferi acalmar a discussão e pedi desculpas. E acrescentei: “Desculpa, não tive más intenções, mas estou habituado a discutir os finais dos livros com a minha filha”.

Essas palavras mal foram ditas e foi como se tivéssemos levado álcool ao fogo. Os quatro remexeram-se na cama, que ainda estava desocupada, e um deles gritou: “Como isso é possível? Quer comparar a Bíblia com os livros da sua filha? A Bíblia foi ditada por Deus e todas as palavras escritas pelos profetas e evangelistas foram inspiradas pelo Seu conhecimento divino, e escritas com um sentido da bondade de Deus, e para o nosso bem e o nosso arrependimento. Mas sua filha é apenas uma mulher comum, ela escreve o que lhe vem à cabeça, e o faz por vaidade e por negócios, porque nada sabe sobre os mistérios profundos da existência. O que ela escreve é vento e ar, e será cinza comparado à palavra divina...”

Os quatro se levantaram. Senti o sangue correndo rapidamente para meu pescoço e atrás das orelhas. Achei que iria sofrer um derrame, mas antes que isso acontecesse, eu disse a eles: “Bem, por favor, saibam que todas as palavras que minha filha escreve também são ditadas por Deus. Ela se senta à mesa, olha para cima, para o alto, e Deus lhe diz o que escrever. Os livros da minha filha também são sagrados, também são ditados pelo Criador. Por quem você a leva? Mas infelizmente não sei se o final do meu discurso foi ouvido por todas as viúvas.

Com certeza pela dirigente, pois na pressa de sair deixaram sacolas plásticas e seus leques em cima da cama, ela se virou para pegá-los e desviou o olhar do meu rosto como se eu estivesse com lepra. Fiquei muito tempo na cadeira, imóvel, esperando que algo sério acontecesse comigo, sentindo a circulação sanguínea em minha cabeça batendo como um tambor. Mas não, o fluxo se acalmou, o tam-tom desapareceu, meu coração voltou a bater normalmente dentro do meu corpo. Quando abri os olhos, vi melhor. Disse a mim mesmo que o dia havia terminado com uma discussão. Esperei calmamente, sentado na minha cadeira de rodas, até que a paz me

envolvesse. E, felizmente, foi Lilimunde quem chegou para me levar ao Quarto Azul. Eu só queria serenidade.

Liguei: “Lilimunde está aí?”

Foi ela mesma. Antes cheirava a bergamota e flor de tília. Lilimunde se aproximou, ajoelhou-se diante da minha cadeira, apoiou a cabeça em minhas mãos: “Dona Alberti, já dormi com homem”. Ela não levantou a cabeça. Eu disse a ele: “Olhe para mim”. Sua cabeça permaneceu em minhas mãos. Ela estava sorrindo ou chorando? Lilimunde sorriu. Ela disse: “Virgem Maria, estou maravilhada”.

A CHAMADA

Hoje atendi o telefone e era ela. Pelo som de suas palavras, entendi que ela ainda estava longe. Não importa de onde ela ligue, é sempre um consolo ouvir sua voz. Não importa onde ela esteja, ela nunca se esquece de mim. Eu disse a ela que sentia muita falta dela e esperava que ela me dissesse que estava de volta, mas do outro lado da linha ela só perguntou sobre minha saúde, e pensei que ela não voltaria para casa hoje afinal. Ela perguntou: “Como você tem lidado com o calor nos últimos dias? Tomou remédio, tomou banho, comeu alguma fruta? Bebeu água? Gostaria de contar a ele o episódio das quatro viúvas que ainda está preso na minha garganta, mas disse a mim mesmo que seria melhor guardá-lo para conversar pessoalmente com ele, quando ele voltar. Pelos meus cálculos, ela já deveria ter retornado. Respondi rapidamente: “Tudo está indo normalmente comigo. Não tem pessoal por causa das meninas que foram para a beira-mar, como você sabe, mas está tudo em ordem.”

“Entrar em ordem como?” ela perguntou. “Com paciência”, respondi.

Como ela esperava uma longa resposta, pensei que ela ficaria lá por mais dois ou três dias. Então eu disse a ele: “Coisas que acontecem. Ontem de manhã, por exemplo, pensei que ninguém viria me levantar. Eu podia ouvir pessoas correndo pelo corredor, mas ninguém apareceu na porta. Sabendo por quê, eu não tocava a campainha. Eram cerca de dez horas, eu já tinha voltado a dormir, quando ouvi meu nome, abri os olhos, e perto da minha cama estava a própria diretora. Isso me surpreendeu muito. Ana Noronha estava enrolada em um avental de plástico e ia me lavar.” Eu fiz uma pausa. Lá, minha filha perguntou: “E você aceitou?”

Eu respondi: “Recusei. Fui firme, pedi para a diretora não me despir nem lavar, porque eu sempre a vi como diretora, e ela sempre me viu como residente, e esse distanciamento tinha que ser mantido. Eu não queria que ela me despisse, me molhasse, me ensaboasse, visse meu corpo sem roupa. Quando ela se sentou ao meu lado, comentei, já chegamos a esse ponto? Então todos eles fugiram? Estamos abandonados? Ana Noronha respondeu que não, foi apenas um momento difícil. Porém, ela entendeu minha posição e saiu coberta de plástico. Foi só por volta do meio-dia que Maria Lina veio fazer meu banheiro de sábado...” E para finalizar acrescentei: “Mas não se preocupe, minha filha, tudo muda, tudo passa, tudo se recompõe”.

Eu esperava que ela me dissesse que em dois ou três dias falaríamos cara a cara. Longe de lá. Como se estivesse se preparando para ficar ali por mais cinco ou seis dias, ela perguntou: “Isso significa que ainda é muito difícil? Nada melhorou? As formigas ainda não desapareceram completamente do Hotel Paradis?”

Antigamente eu teria dado a ela a resposta adequada, teria dito a ela, minha filha, com uma pergunta tão longa, quer dizer que você vai ficar aí, andando de rua em rua, de lugar em lugar, pintor como pintor, para ver o Coliseu,

para ver o rio Tibre fluindo. Você está se divertindo e o tempo traiçoeiro se move, enquanto finge estar parado, e ao vê-lo parado, zomba de você por não aproveitar a chance de construir sua vida. Mas eu não poderia responder dessa maneira. A pronúncia de tais palavras tinha que ser feita cara a cara e não à distância. Estava claro que ela prolongaria sua estadia por uma ou duas semanas. Quando demorei a responder, ela insistiu: “Por favor, me diga o que está acontecendo”.

Então falei a verdade, porque demoraria muito, tanto tempo, que quando ela voltasse o assunto talvez não lhe interessasse mais. Eu disse a ele: “Tanta coisa aconteceu. Aí está, minha filha, nos primeiros sete dias morreram seis pessoas. Pode ser apenas coincidência, mas por aqui fazem questão de vincular essas mortes à invasão de formigas ladras. Na verdade, agora que se passaram doze dias, estamos no nove. Só no meu grupo morreram duas, dona Ema na mesa, dona Julieta na Sala das Rosas, hoje de manhã. Muito chocante, ainda não superei isso. Ela era uma boa amiga, alguém que lia livros. Ela estava sentada, sentiu-se mal e caiu de lado. Junto com seus óculos e sua bengala. Antes de Dona Julieta, como já lhe disse, era Madame Zuzarte. Outros morreram em suas camas ou em ambulâncias, uma mulher e dois homens. Nove ao todo. E muitos começaram a dormir indefinidamente, no fundo dos seus quartos, como se estivessem mortos. Mas o pior é a falta de pessoal. Os voluntários foram embora, estamos quase abandonados à nossa própria sorte. Noronha e Martine, muito magros, não sabem mais para onde se virar. Até o mordomo, Sr. Cláudio, emagreceu. Além disso, o senhor Tó, amante de Dona Joaninha, diz que estes acontecimentos são apenas um ensaio geral para algo mais terrível que pode acontecer...”

Fiquei quieto. Do outro lado da linha, ela esperou. “O que mais esse senhor Tó diz?”

Continuei: “Ele diz que dessa vez foram formigas, mas logo serão larvas insignificantes, depois serão fungos, depois bactérias, depois vírus, seres cada vez menores, e quanto mais forem menores, mais ofensivos serão. vai ser. Ele diz que as bestas do Apocalipse, um livro terrível que descreve as desgraças do fim do mundo antes da salvação final, não são animais grandes como cavalos, ursos ou baleias, mas sim micróbios, seres vivos minúsculos e invisíveis. Tão pequeninos, tão invisíveis e tão numerosos que não haverá escala para combatê-los. Esta será a grande tragédia da Humanidade, afirma o Sr. Tó. Para ele, o que tem acontecido aqui ultimamente é apenas uma piada sem sentido. Mas não se preocupe comigo, porque não acredito nas maldições do Sr. Tó e, como você sabe, pelo menos dessa vez fui poupado como ninguém. Tanto que até sinto remorso.” Minha filha veio em meu socorro do outro lado da linha: “Por favor, aconteceu com você, aproveite essa felicidade, seja forte, muito forte, cada vez mais forte, porque você foi poupado”.

Disse a mim mesmo, dada a conversa, ela só voltará daqui a dois meses. Ela provavelmente está fotografando estátuas quebradas, metades de cabeças,

um pedaço de busto, um ombro, um pé, enfim. Enquanto eu ainda estava em silêncio, ela me disse: “No final, você foi poupado e isso só pode ser um grande motivo de alegria para você”. Eu respondi, claro.

Ela então me pediu para não me sentir culpada, porque tinha sido um milagre do mal. Ela me disse que, em princípio, quando o mal atinge uma comunidade, não há exceções. O mal ataca por atacado. Então, quando há uma exceção, devemos apreciá-la, guardá-la, trancá-la nas mãos como prova de que, de vez em quando, o mal fecha os olhos e poupa um ou outro. Um milagre. O milagre do mal. Desta vez você foi poupado. Deixe-se levar pela felicidade de ter sido poupada, mãe.

Eu não sabia o que dizer para minha filha.

Era óbvio que ela queria prolongar a ligação para ter uma desculpa para prolongar sua ausência em pleno verão, saindo de casa e do trabalho. Como não atendi, fiquei com o telefone no ouvido sem dizer nada, fiquei pensando, do outro lado ela continuou falando sobre o milagre do mal, o significado da salvação improvável, para dizer que se o acaso tivesse dado isso presente tive que ser alegre, voltar a ser muro, acreditar na minha força. Então me senti como uma parede e perguntei a ele, com coragem: “Isso significa que você vai passar o verão inteiro lá, não é?” Minha filha me disse: “Não, não. Vou voltar esta tarde.

Eu não queria, mas minha voz deve ter expressado a surpresa que me tomou. Minha filha acrescentou: “Não deixei um papel com as datas por acaso? Veja se você pode encontrá-lo.”

Eu encontrei, consegui ler. Era verdade. A data está aí. Ela vem para casa esta noite. E a memória me trouxe de volta suas palavras exatas quando ele partiu: “Voltarei no dia 15 e depois ficaremos quietos pelo resto do mês de agosto e todo o mês de setembro em paz”.

Quando a noite se aproxima, eu falo, falo, mas as palavras ditas não têm lar. Que pena que só consigo escrever duas linhas simples.

15 de agosto 2019

Ao movimento das palmeiras

Eu sei como o louro se move – Finalmente meu jardim

é perfeito. E o seu melhor

bagas.

41 EQUIPE

Antigamente, nesta época, caíam as primeiras águas de setembro. Agora, agosto é mais quente que julho e setembro é mais quente que agosto. Um verão que se estende até o outono e durante todo o inverno. Lilimunde diz que o calor faz bem ao bar do Justino, onde desfilam bebedores de mais de trinta países. Ela os lista, mencionando os nomes de seus representantes sentados ao balcão, e penso no Atlas e tento atribuir a cada espécime uma ou duas cidades, e com ela dou a volta em meu Globo Terrestre. Hoje em dia, em qualquer lugar, pessoas de todo o mundo se reúnem. Mas ela, vinda do Pará, escolheu um europeu, um húngaro, estudante dez anos mais velho que ela, chamado Edu Horvat.

Ela diz, inclinando-se sobre a minha cama, até ouvir os passos de Martine Martins irrompendo no corredor. Hoje de manhã o gerente entrou e gritou com Lilimunde, ameaçando demiti-la porque Berenice, a distribuidora de comprimidos, a encontrou dormindo na cama vazia desde a invasão das formigas ladras. Ela estava deitada na cama que era do Sr. Paiva. Uma devassa, uma afronta à alma do senhor Paiva. Lilimunde encolheu os ombros, ela não se importou. Entra por um ouvido e sai pelo outro. Quando o gerente terminou de gritar, Lilimunde, enquanto procurava minhas roupas, me disse que estava com muito sono porque passou a noite dormindo com Edu. É uma conexão noturna com muito charme. O jovem senta-se por volta das onze horas da noite no balcão do Bar Justino para vigiá-la e só se levanta três horas depois. Ela não dorme mais no sofá, ele está de moto e a leva para seu quarto. Com a voz cheia de sonhos, ela disse: “Ele me ama mais que tudo no mundo, eu sinto isso, dona Alberti. Ele e eu somos um, não precisamos nem conversar, nunca mais vamos nos separar, ouça o que estou dizendo, você pode escrever numa pedra...” Perguntei-lhe qual idioma eles falaram, ela respondeu com uma risada: “Inútil”. O que você quer dizer com inútil? Ela diz: “Dona Alberti, *comida, bebida, amor, passeio, manhã, tarde, noite*, estou aprendendo. Por que mais? Ele diz que a língua dele é impossível de aprender, tem que nascer lá, e por outro lado ele não tem tempo para aprender português. Ele não é mais estudante, é muito mais que isso, não tem tempo, estuda uma alga marrom que existe nas águas entre rios e mares...”

Lilimunde cheira a lavanda masculina, ervas secas, tabaco, mosto e madeira, feno. A apaixonada me lava e veste rapidamente, com a cabeça erguida, entretanto já completou dezoito anos, mas na certidão de nascimento tem vinte e dois. Ela conduz minha cadeira, com pressa, às vezes as rodas batem nos móveis por onde passamos. Eu entendo tudo, o mundo pode trazer a desgraça que quiser, existe em Valmares um amor cheio de faíscas e fogos de artifício, o amor de Lilimunde por esse Edu Horvat, cujo nome ela soletra para que eu pronuncie corretamente. Ela mostra a foto de Edu e, antes de colocá-la no bolso da blusa, beija o aparelho onde a imagem está

armazenada. Lilimunde disse que não se importa em ser expulsa da residência. Agora que ama e dorme com Edu, ela encontrará uma opção melhor, qualquer trabalho perto do quarto dele. Mais do que isso, ela deverá se libertar da sombra do bispo Romeu que lhe envia a conta de seu gabinete sediado no Pará. E ela entende que se o gerente do Hotel Paradis grita tão alto com ela e ameaça demiti-la é só porque vão receber uma frota de funcionários alugados de uma empresa. As pessoas virão de todos os lugares, disse Lilimunde.

Eu não acreditei nela, mas era verdade. Aconteceu esta tarde. Eu estava cochilando na cadeira estofada quando ouvi um barulho de multidão. Abri os olhos e a princípio não vi nada. Mas ouvi a voz da Ana Noronha perguntando se ela poderia entrar. Pensativo, não respondi, mas ela entrou, trazendo vários homens atrás dela. Atrás dos homens vinham três mulheres. Meu coração começou a bater incontrolavelmente como às vezes acontece com os visitantes à noite, durante a noite. Mas era só tarde, eu estava acordado, mesmo que o que estava acontecendo parecesse um sonho. O diretor se aproximou, espalhando a multidão ao meu redor, e disse: “Dona Maria Alberta, vim apresentar a você os novos funcionários. Alguns deles ainda não falam português, mas falarão, e entretanto, com boa vontade, todos nos entenderemos.”

Cinco meninos e três meninas enchiam meu quarto e meu coração ainda batia acelerado de surpresa. Eu disse: “Vejo cinco meninos e três meninas, bem-vindos”. Quem estava mais perto da minha cadeira riu muito. Eles pareciam amigáveis. O diretor foi rápido: “Este é o Habib, este é o Ali, eles são marroquinos. Esse se chama Jordão, ele é brasileiro. Igor é ucraniano e está em Portugal há dois anos. Ivan é moldavo, mas vem de Cuba, fala como Nina Mercedes, entendemos tudo muito bem. Mas Svetlana acaba de chegar da Ucrânia. Ela só sabe dizer obrigado, olá, como vai você. Gabriela e Francine são da Romênia e também não se falam muito, mas entendem o essencial, como levantar, dormir, comer, beber, limpar, lençol, toalha...” Perguntei se estavam com muita pressa. “Um pouco, dona Alberti, um pouco. Estamos visitando todos os moradores e ainda não chegamos na metade. É um barco grande, passamos por momentos difíceis, mas agora queremos que os moradores tenham confiança na nossa tripulação...” Então eu disse: “Que pena, gostaria de falar com eles”.

Os norte-africanos riram novamente. Sorri para eles: “Gostaria de saber de onde eles vieram”. Ana Noronha parecia entusiasmada: “Pois pergunte, dona Alberti, eles vão responder, você vai ver”. Olhei para os marroquinos e quis saber de que cidades eram. Um deles respondeu, ainda rindo e arrastando os pés: “De Marrakech. Você já esteve em Marrakech quando era jovem? Não, respondi, mas sei que Marraquexe, Fez, Casablanca, Agadir e Rabat, a capital, são cidades de Marrocos. E há outro país, um pouco mais longe, a Líbia, cuja capital é Trípoli. Do que a guerra. Países árabes, muitas bombas, muito mau Alá. Um dos marroquinos disse: “Não, não, Alá é muito bom. Ele tem muitos versos apenas sobre amor.” Insisti que são países com muitos

conflitos, sabia disso pelas notícias enquanto via televisão, o que é uma pena porque são países muito bonitos, com areia e palmeiras, desertos amarelos, lindas filas de camelos. Mas eu só os conheço do Atlas. Então olhei para o Igor e perguntei: “E Igor, você é de onde? Ah! A capital da Ucrânia é Kyiv. A Ucrânia está cercada pela Hungria e pela Rússia, Budapeste e Moscovo são as capitais, sei disso pelo Atlas.” Todos riram ao reconhecer os nomes dos lugares. Igor se abaixou e disse: “Você se parece com minha mãe. Você poderia ser minha mãe ou irmã dela. Todos da mesma família. Vai dar tudo certo, todos com todos, muito boa companhia.” Jordão, muito imponente, não disse nada, o rosto fechado no auge da sua corpulência. Perguntei: “Rio de Janeiro?” Ele sorriu: “Bahia, minha tia, Bahia. Você já esteve na Bahia? Eu disse que só tinha voado uma vez na vida para um país da África Oriental. Já faz muito tempo que as refeições a bordo ainda eram servidas com toalha e guardanapo. Agora, que eu saiba, servimos apenas sementes e sanduíches, tudo pago pessoalmente na época. Dizem que faz tanto barulho que ninguém consegue dormir. Tudo mudou, tudo mudou. Todo mundo rindo, as meninas rindo. Olhei para Francine: “Francine é romena, mas tem o nome de alguém que esteve na França, em Paris. É isso ?” A menina provavelmente entendeu mas não conseguia falar, só riu, todo mundo riu, e eu me achei ridículo, um palhaço do Atlas, e fiquei sério. Achei que era hora de acabar com isso. Eu disse: “Bem, sejam bem-vindos e que fiquem muito tempo nesta casa...” Muito satisfeitos, os homens e mulheres dirigiram-se para a porta. Um dos marroquinos deixou cair uma moldura e refez os passos, ainda sorrindo, pedindo perdão. Ele disse: “Eu sou Ali Abdul”. E aqui vão eles. Ouvi-os entrar no quarto de dona Marcela, mas não se demoraram. Minha vizinha no corredor deve estar sedada porque continua carregando seu embrulho que quer esconder na vida após a morte. Eu os ouvi andando pelo corredor. Eles entraram nos quartos e saíram imediatamente. Eu estava feliz. Comigo eles tiveram que ficar dentro de cinco minutos. E de repente fiquei triste.

Por que não me lembrei deles?

Por que eu mesmo encerreí a conversa e interrompi o riso deles? Por que eu os mandei de volta? Tão jovens, tão lindos, com dentes tão brancos, eles, tão altos, tão viris, eles tão elegantes, os ucranianos tão loiros, os romenos tão morenos, todos com cinturas tão finas? Rindo. Eles se dispersariam pelo Hotel Paradis, aqui e ali, com certeza alguns deles viriam ao meu quarto, mas nunca mais assim, assim juntos, rindo ao mesmo tempo, nunca mais, nunca mais eu os veria. E aí eu disse para mim mesmo, Maria Alberta, quem é você para nunca ter paz? Você nunca está no meio? Estar em paz é aceitar sentar-se no meio. Mas nunca estou no meio, cheguei ao fundo do poço e não sou nada, assim que me dão esperança, me levanto novamente e sou tudo. Fiquei tão feliz e tive medo de ser ridícula. Eu quebrei a risada deles e sinto que destruí minha felicidade. Alberti, Alberti, sente-se no meio, espere. Quem teria acreditado ? O outono trouxe uma energia inesperada.

25 de setembro 2019

*Plantas, minha amada, esta noite
Eu me sinto como um homem e durmo
com todos vocês - Muitos
seus frutos terão meus
face.*

REVOLUÇÃO

Sangue novo entrou no Hôtel Paradis e sente-se no ar, uma nova alegria, um novo som de passos, uma nova disposição na sala, mais braços, mais rostos, mais atenção. Quanto a mim, sem que eu perguntasse a ninguém, a romena Francine apoiou-se no meu ombro e cortou-me a carne em pequenos pedaços, tão pequenos e tão finos que posso dizer com sinceridade que depois de todo este tempo finalmente comi carne. Minha felicidade foi grande. Bebi muita água sem derramar. Percebendo isso, até meus colegas se alegraram. É verdade que, desde a invasão das formigas em Agosto, alguns lugares estão vazios, como a nossa mesa sem Ema e sem Julieta, mas de resto sentimos a vida aqui dentro a ganhar novas formas. Grandes mudanças, mudanças rápidas.

Mesmo que nem tudo seja fácil.

A atividade voluntária do Sr. Tó, que acontecia principalmente à noite, foi cancelada porque o brasileiro Jordão tornou-se oficialmente o supervisor noturno. O senhor Tó pode descansar agora, ele precisa muito, mas não gostou da notícia desta nomeação e se propôs a demonstrar como toda a nova equipe não faria o que lhe era devido simplesmente porque metade do valor vai para a operação empresa que serve como seu intermediário. Uma injustiça galopante que, na sua ideia, amplia o anúncio do Apocalipse que deveria chegar há mais de cem anos, mas que agora se aproxima do horizonte como nunca antes, e a prova é o que está acontecendo atualmente no Residence Hotel Paradis . Com efeito, enquanto as novas meninas estão ocupadas, de esfregão na mão, o patrão tira uma soneca no sofá, quentinho em casa, colhendo, sem mover um cílio, o fruto do suor escorrendo pelo rosto de suas escravas. E o senhor Tó disse que depois da invasão das formigas que anuncia algo muito dramático, é preciso que haja um movimento regenerativo de uma revolução social no horizonte. Por sua vez, ele próprio iniciou aqui dentro o que chama de início de uma mudança radical. Por exemplo, o senhor Tó levanta a voz há oito dias na Sala Azul, porque no dia em que servem salsichas não distribuem ovo frito a cada morador.

Segundo ele, as meninas da cantina colocam no prato o arroz, o repolho e a linguiça, mas não o ovo. Seu Tó entrou na cozinha exigindo olhar as panelas. Ele encontrou um grande e muito grande. Ele estimou o tamanho de cada ovo e disse que era possível, usando a frigideira bem grande, fazer seis ovos fritos de uma só vez e assim contabilizar todos. O Sr. Tó fez esse cálculo e chegou a esta conclusão porque entretanto, com o declínio que ocorreu desde a invasão da formiga ladra, atualmente, mesmo com os novos entrantes, apenas se encontram cinquenta e nove residentes vivos no Paradise Hotel . Seu Tó calculou de cabeça e disse que bastaria usar dez vezes a frigideira grande para distribuir um ovo para cada morador. Mas o novo cozinheiro, o moldavo Ivan, gritou em espanhol tão alto quanto o Sr. Tó

em português e, recém-chegado, também ele ameaçou sair porta afora e nunca mais voltar a esta casa. Aí o senhor Tó mandou o Ivan ir embora, que ele mesmo colocaria um avental e um chapéu na cabeça e iria ele mesmo cozinhar os ovos fritos. O pessoal da cozinha se revoltou, um morador quis assumir as responsabilidades dos funcionários. O senhor Tó foi expulso da cozinha por Martine Martins, mas no Salão Azul fez um discurso e foi então que falou da necessidade de uma revolução.

Com um discurso inflamado, olhando para a esquerda e para a direita, ele começou a bater na borda do prato com o garfo, fazendo com que todos os seus camaradas nas dez mesas fizessem um barulho idêntico. Aqui e ali soavam algumas batidas nos pratos, mas na nossa mesa os talheres permaneciam imóveis. Só Dona Joaninha se levantou, colocou o prato na altura do peito e bateu com energia na beirada.

A energia da Dona Joaninha e do Sr. Tó juntos conseguiu tocar minha alma, e eu também queria bater no prato com a colher, mas estava na mão direita. Ao movê-lo da direita para a esquerda, o que demorou um pouco, os golpes pararam. Dona Joaninha sentou-se, eufórica, e a sua acção pareceu contagiar também as outras três companheiras, Dona Rita de Lyon, Dona Luísa de Gusmão e Dona Fátima. Se os golpes tivessem durado mais alguns segundos, eles também poderiam ter batido os pratos. Mas houve uma pausa entre o fim da surra e o fim do discurso do Sr. Tó que ameaçou descrever nos jornais a fraca gestão da residência do Hôtel Paradis.

Durante esta breve pausa, Dona Luísa de Gusmão tomou conhecimento deste acto e reconsiderou-o. Ela nunca batia na borda do prato. Ela explicou: “Quando ouço a palavra revolução, fico com os cabelos em pé. Foi assim que a sociedade se deteriorou, há cento e nove anos, com o movimento destrutivo de 5 de Outubro¹⁹. Portugal nunca foi o que era antes.”

Dona Joaninha reagiu dizendo que tinha ouvido falar que antes do saque generalizado, que havia um rei obeso que comia caça todos os dias enquanto os magros morriam de tuberculose. Dona Luísa exigiu que Joana Amaral ficasse calada porque não sabia nem ler, muito menos interpretar o que aconteceu há tantos anos. Minha mão tremia com tais ofensas. Dona Joaninha disse, viva a revolução, viva o Sr. Tó, o Sr. Tó e o Sr. Tó, e começou a bater com o garfo na borda do prato. Depois de um tempo eles fizeram as pazes, como sempre. Dentro do exílio, um circo. Então, esta tarde, relatei rapidamente esta situação ao meu genro.

A minha pergunta foi a seguinte: o senhor Tó ameaçou continuar a revolução do ovo frito, batendo o prato até quebrar, se nos dias de couve-arroz-linguiça não servissemos ovo frito, sem falar nas batatas fritas que nunca houve e não seria. E o que devo fazer? – Meu genro pensou nisso. A palavra revolução parecia trazer de volta memórias perturbadoras. Eu até disse a ele para esquecer minha pergunta. O que lhe contei deve ter parecido um esquete humorístico comparado com os atos dignos que aconteceram em Portugal. Disse a mim mesmo que ele estava sofrendo e queria pedir-lhe perdão. Fiquei amarrado à cadeira e tentei me estabilizar para seguir em

frente, mas não consegui. Eu falei para ele, ok, desculpe, não vou bater no prato, nem com o garfo, nem com a colher. Nem com a faca. Achei que essas palavras iriam satisfazê-lo. Mas ele disse o contrário do que eu esperava: “Dona Alberti, calma. Quando chegar o próximo dia de repolho, arroz e linguiça, coloque imediatamente o garfo na mão esquerda e bata, bata, bata o máximo que puder. Bata até a mão esquerda doer, depois com a direita, bata até não conseguir mais segurar o garfo...”

E farei assim, nem que seja para honrar a ideia do meu genro, mas tenho convicção que esse prato será retirado do cardápio e assim nunca mais haverá ovo frito. E também não terei a oportunidade de bater na borda do prato com o garfo.

43 SONO

Só agora entendo o que está acontecendo com o sono – Enquanto na vida lá fora pensamos na noite como uma forma de nos prepararmos para o dia, aqui dentro passamos o dia nos preparando para a noite. Ter uma boa noite de sono é o grande objetivo. As meninas estão mais interessadas no nosso descanso noturno do que nas atividades diurnas. Salomé, duas vezes mais enérgica que qualquer outra pessoa, a robusta máquina Bosch, entrou cedo no meu quarto e não estava sozinha. Ela estava acompanhada de duas debutantes que eu nunca tinha visto. Antes de iniciar o trabalho, Salomé perguntou: “Aqui estão duas jovens que foram contratadas ontem para integrar a nova equipa. Você quer saber os nomes deles? Fiquei tentado a dizer, não quero, porque chegaram ontem e amanhã partirão e nunca mais voltarão, cansei de lembrar nomes que aparecem para desaparecer imediatamente, rostos que desaparecem sem deixar rastros. Mas como estou cheio de esperança desde que a nova equipe começou e não quero incomodá-los, fiquei quieto.

Salomé veio em minha direção e as duas meninas ficaram perto da porta para observar. Bosch começou a recolher meus itens. Aí ela entendeu porque minha camisa estava rasgada e disse: “Ah! Isso é uma noite. Você não está me enganando, não está tomando remédio, prefere ficar acordado e está se revirando tanto na cama que um dia vão te encontrar morto, nu.”

As meninas permaneceram no fundo, em silêncio. Salomé continuou: “Ela é a Giovana, e esta é a Bruna, duas cuidadoras competentes. Eles observarão que você precisa tomar dois comprimidos quando voltar para o quarto à noite. Prestem atenção, senhoras, que dona Alberti precisa ser vigiada porque ela não engole os comprimidos, ela os esconde na bochecha.” Bosch saiu e eu fiquei nas mãos das duas meninas que demoraram horas para encontrar minhas coisas e minhas roupas, para saber qual creme elas deveriam passar no meu rosto. Quando me levaram para o corredor, Berenice, a dispensadora de comprimidos, chegou e falou com os recém-chegados. Percebi que eles estavam dobrando minha dose. Mas, por volta das nove e meia da noite, foi Nina Mercedes quem apareceu com os tablets. Ela pegou um entre os dedos e disse: “ *Sua pérola, Alberti. Esta noite, pérolas de volta, cariño* ²⁰...” Eu recusei. “Por que dois?” Perguntei. Então preferi falar a verdade. Ontem à noite não tomei nenhum. “ *Escupista* ²¹?” Sim, eu disse, segurei-o contra a bochecha, deixei-o derreter e cuspi. “ *Não queremos que você durma tranquilo, cucaracha ?* ²²” Tive que lhe dizer que prefiro não dormir a cair num sono imposto pelos comprimidos, mas não lhe disse que um comprimido que funciona me dá a sensação de visitar o território escuro onde as suas mãos são rainhas. Prefiro ficar vigilante para saber o que está acontecendo ao meu redor. “Querida Nina, não quero suas pérolas”, eu disse, mas a mulher porto-riquenha sentou-se ao meu lado e eu peguei uma. Ela esperou o suficiente para ter certeza de que eu havia

engolido, observando minha boca como as mães fazem com os filhos. Vi suas mãos longas e finas puxarem o lençol até perto do meu queixo. Mas não me deixei adormecer.

Depois de tomar a pérola, como Nina a chama, todo o meu corpo ficou em alerta aos efeitos da pílula. Notei o toque de vários sinos no corredor, notei os passos do brasileiro Jordão em sua recente missão de socorro aos caminhanes noturnos. Percebi que a supervisora tentava trazer Dona Marcela, a ocupante do quarto 214, de volta para seu quarto com sua trouxa cada vez mais volumosa, notei que Jordão se aproximava da minha porta e saía. Um novo movimento no Hôtel Paradis. Gostaria tanto de ficar acordado que outro encontro com a noite não me incomodasse, fosse qual fosse a sua forma, assim como não acabaria com a camisa rasgada. O outono me deixa atento e curioso, talvez porque fui poupado no episódio das formigas. A verdade é que em algum momento senti a pílula fazer efeito nas minhas pálpebras e cáí num sono tranquilo.

Um sono pesado e ao mesmo tempo leve.

Pesado porque estava imóvel, sentindo a pérola de Nina se desfazendo lentamente, transformando-se numa paralisia do corpo, mas leve porque deixava os cinco sentidos alertas. Tudo acontece no presente. Disse a mim mesmo, se quero falar não falo, se quero me mover não me movo, mas sinto algo ao redor como se alguém tivesse preparado para mim um filme do qual não faço parte, mas do qual ver. Além disso, a certa altura, ouço conversas na porta do quarto e consigo pensar que alguém está vindo me visitar e não sei quem pode ser. Eles vêm ver se estou dormindo. E eles têm uma lanterna, pensei. Talvez seja Olga Maria, a garota que veio observar meu rosto na noite da invasão. Como Olga Maria não está mais, chega outra pessoa. Parece que naquela noite Olga Maria estava sozinha, e neste caso são duas. Um fica na porta, o outro avança. Quem avança não tem lanterna. Graças ao halo de luz que passa pelas persianas, entendo que essa pessoa não se aproxima da cama, apenas fica perto da poltrona. Eu entendo que ela sente a cadeira, que pega minha bolsa, que abre, que procura. O que é que ela pode fazer?

Mesmo dormindo, sei que dentro tenho três notas de dez euros dobradas em oito. Estão no bolso interno, entre o bolso do pente e o bolso do lápis. O bolso onde se fecham os trinta euros com fecho. O zíper é difícil de deslizar. Em outro bolso lateral que fecha com botão de pressão está a mensagem do sargento. Espero do fundo do meu coração que encontrem rapidamente as notas dobradas para que não precisem abrir os outros compartimentos, para que não precisem de alcançar o bolsinho com o botão de pressão onde está a mensagem. Que levem o dinheiro, como já levaram tantas vezes, mas que não toquem nas palavras de João Almeida e saiam rapidamente. A silhueta se junta à outra silhueta. Eles desaparecem.

Se eu estivesse acordado, poderia ter dito em voz alta, socorro, fui roubado. Ou talvez eu tivesse gritado como minha avó Alberta gritou, socorro, para mim, socorro, para o ladrão! Mas não. Estou imóvel e com a língua presa,

meio que quero gritar, meio que quero pegar o saco de pano. Estou entre querer e não poder, me importar ou não me importar, querer me movimentar e não poder. Porque entre o querer e o fazer está a própria imobilidade de um travesseiro. Uma eternidade do tamanho do mar. A escuridão profunda de um sonho. Um rosto se inclinou sobre meu corpo e era o da própria Ana Noronha. A luz que entrava pelas frestas indicava que eram dez horas da manhã.

O que Ana Noronha está fazendo olhando para mim?

A diretora está com o rosto encostado no meu. Seus olhos claros apresentam vasos vermelhos, vestígios de cansaço. Ela pergunta por que gritei “me ajude” tantas vezes. Pedi ao diretor que me desse minha sacola de pano. Abri, o dinheiro tinha sumido, mas a mensagem estava segura no bolsinho, intacta. Confirmei que os meus trinta euros tinham sido roubados. Os olhos da diretora ficaram mais vermelhos: “Dona Maria Alberta, você viu quem foi? Você consegue identificá-los? Não, não, não sei quem é. “Era uma mulher? Ela era alta, baixa? Corpulento, magro? Mas não posso especificar. Eu também não gostaria. No fundo, no fundo da minha alma, estou grato por terem encontrado facilmente as três notas sem ter que revistar os outros compartimentos. “Diga-me o que você precisa”, disse o diretor.

Mas preciso de algo que Noronha não pode me dar. Um lugar seguro, inacessível, inviolável, onde posso guardar o papel com a mensagem. Mas não há gaveta, bolso, bolsa, travesseiro, colchão, bairha ou sola de sapato aos quais só eu tenha acesso. E essa é a dificuldade de me encontrar morando no Hôtel Paradis. Exílio. Não sobrou nada que seja só meu, nem meu corpo nem minha mente.

10 de outubro 2019

*No topo das nuvens, no fundo do mar
debaixo da terra haverá
um lugar – Meu segredo guardado
escondido.*

DEFINIÇÃO DE AMOR

Agora confirmo que, apesar de tudo, minha filha sabe alguma coisa sobre a vida. Ela me disse que ter me beneficiado de um milagre do mal me faria muito bem, e é esse o caso. Já há algum tempo venho enfrentando os desafios da noite com uma coragem diferente, e se não posso dizer que venci, pelo menos não saio derrotado. Mas esta noite foi diferente e pude verificar o que já suspeitava há muito tempo, a noite mora aqui no meu quarto e sabe tudo o que acontece comigo.

Estava muito claro – Desta vez a noite surgiu grandiosa, vinda das quatro paredes, as alas maiores que o quarto, talvez maiores que o Hotel Paradis, maiores que as do anjo aéreo de Dona Rita de Lyon. Mas ela não era negra como sempre, surgiu castanha fulva, cor de raposa, voluptuosa, mesmo sabendo que nestas formas há sempre alguém ou alguma coisa inexplicável, que não pode deixar de aparecer completamente, e que pretende trazer-me abaixo. Sem dúvida, esta noite, sob suas asas de fogo, seus braços estavam prontos para tomar minha vida em suas mãos. Ela estava vermelha, as pálpebras vermelhas abaixadas, os dentes todos caninos, compondo um sorriso cínico. Ela se aproximou, senti seu fedor de cova, uma mistura de cheiro rançoso de cachorro e lobo, e ela me fez uma pergunta assassina: “Escute, mulher, vamos às provas finais. Você pode me dizer o que é o amor?”

Aí eu confirmei tudo.

Eu confirmei que existe dentro destas paredes. Desde que foram construídos, na década de 1950, a noite instalou-se dentro dos tijolos e ficou aqui à minha espera. Por fim, a noite se desprende do seu interior, avança, batalha após batalha, eu a levo à derrota, ela finge ir embora, mas não vai embora. Ela volta aos tijolos e observa o que está acontecendo, observa todos os meus passos, minhas palavras, as palavras dos meus amigos, como uma máquina policial, mas permanece tão invisível e silenciosa que esqueço sua presença, e quando menos espero, ela aparece tarde da noite e ataca. Desta vez ela me atacou insistindo nesta questão para a qual não tenho argumentos para demonstrar. Ela fingiu querer saber: “Você, que já viveu tantas décadas, tente definir o amor, veja se consegue...”

Aqui está a prova do que penso, ela lembrou-se dos meus pensamentos sobre Lilimunde, ouviu o que a menina me contou sobre o seu amante noturno, lembrou-se da descrição que a menina fez do perfume que usa agora, oferecido pela estudante húngara que dorme com ela. A noite sabe de tudo, guardou na memória a minha opinião sobre esse amor de sofá, que ocorreu pela primeira vez na passagem entre as reservas e o escritório do bar do Justino. Agora tenho certeza, tanta certeza que posso afirmar cientificamente que a noite conhece todos os detalhes não só da minha vida, mas também dos meus pensamentos.

Ela presencia meus telefonemas, as trocas que tenho com minha filha, quando ela chega, senta, e ficamos de mãos dadas, e sem dizer nada nos perdoamos, e eu pergunto como é o Tibre, se é azul como o Tejo ou vermelho como o Zambeze, e como é o Coliseu onde os leões devoraram os cristãos, e se lá ainda há algo que preserve a memória dos seus gritos, eu questiono-a e ela responde, sem falarmos do essencial, e a noite ouve tudo e lembra de tudo dessa conversa com minha filha. Então a noite sabe que meu desejo seria fazê-la melhorar, educá-la, forçá-la a ter uma agenda séria, uma organização decente, corrigi-la. A noite, sempre atenta, conhece a distância entre o que quero dizer a ele e o que realmente lhe digo. Porque esta noite conhece as dores da minha alma como conhece as minhas dores físicas.

Ela sabe como às vezes eu solto gemidos sem querer, ela conhece todas as misérias do meu corpo, o formato das minhas pústulas e o som dos meus líquidos caindo nas tigelas. Em última análise, nunca estou sozinho. A noite, cuja existência acabo esquecendo, me vê cuspidos os comprimidos que não me interessam, e me perguntando se devo ou não dividir as bananas que acumulo, por medo de precisar delas, até 'até virarem preto e podridão. Ela conhece minhas dúvidas mesquinhas. E ela conhece os meus acessos de generosidade, durante os quais eu digo, Dona Fátima, Dona Joaninha, tira todas as minhas bananas antes que fiquem pretas. Ela, à noite, quando, invisível e muda, espia a superfície das paredes, certamente viu como o jovem diretor e a empresária Martine, ambos cobertos de plástico, acabaram, apesar dos meus protestos, por se lavarem. Setembro, dada a escassez de profissionais. Ela presenciou Noronha me vestir e pentear ela mesma no mês passado, e isso não aconteceu de novo depois só porque foi distribuído entre todos os moradores. Como eu. Ela sabe que as meninas correm pelos corredores e às vezes caem. Além disso, à noite, ora branca e viscosa como um fantasma, ora felpuda e preta como piche, a fedorenta, a repulsiva, composta de vários animais acasalados, essa fera monstruosa, infelizmente, sabe onde guardo o recado do sargento: *Dona Maria Alberta, sempre ao seu serviço. Tenho todas as informações que você precisa no meu celular*. Ah! A seu serviço!

Por isso, se ela quisesse, mesmo que eu ganhasse a batalha, a noite poderia enfiar a mão na minha bolsa de pano, ler a mensagem do sargento e rasgá-la. Ela sabe como, pela primeira vez, fui infiel ao sedutor Edgar de Paula, pai da minha filha, cujo caráter ela herdou. A noite sabe, e por isso vem, mostrando a língua vermelha e pendurada, perguntar pela quinta vez: “Você sabe o que é o amor? Então como você quer sair dessa vida em paz consigo mesmo, se não consegue definir o que faz a vida andar? Das plantas aos animais e até das bolinhas de gude aos planetas? Fale...” ela gritou, a megera, perto dos meus ouvidos. Sua saliva estava pegajosa. E eu disse: “Não chegue muito perto. Não sei definir, mas sei dizer.” Então, à noite, o tarado me desafiou, tomando posse total do meu corpo: “Diga-me”.

Hesitei, porque estes são segredos únicos, que devemos levar connosco para o outro mundo. Ainda pensei em recusar e aceitar a opção definitiva que a noite me oferecia entre suas garras. Mas eu tinha sido poupado da invasão das formigas ladras, e agora que falo com tanta calma com minha filha, aceitando tudo o que ela tem a me dizer, sem contradizê-la, e que ela me olha sem se aborrecer, e agora que meu genro me conta que os carros andam pelas estradas sem barulho, como se não fossem de metal e sim de vento, o mesmo acontece com barcos e aviões, agora que Lilimunde me conta sua história tão linda, seu amor por a estudante húngara, única cliente do bar que não se embriaga, segundo ela, agora que quero tanto ver o que vai acontecer no futuro próximo, será que posso sair deste mundo? Eu não podia.

Tentei enganar a noite novamente, disse-lhe novamente: “Ah, meu Deus, o amor é um caniço verde que cresce até no deserto...” Mas ela, implacável, avançada, colocou seu corpo mórbido em meu peito, fechou minha boca com a dele. boca vermelha, respirou fundo e disse: “Acabou, acabou”.

Implorei para ela não engasgar, disse que era muito cedo para mim, que dada a situação eu estava pronto para negociar. E ela soltou meus lábios, aliviou meu peito e disse: “Então, conte”. E eu contei tudo e, contando tudo desde o início, foi bom.

O FOTÓGRAFO

Bendita seja a juventude, sim, com a sua beleza, a sua inocência e as suas roupas curtas, os seus braços descobertos e as suas pernas nuas, sem frio e sem calor, sem lamentos e sem dor alguma. Depois destes cinco rapazes e três raparigas, a chegada de uma Margarida, de um Duriel e da tunisina Maha, vieram reforçar a nova equipa, e todos juntos produziram algo tão precioso que tudo mudou de imediato: 'Hotel Paraíso. Converso sobre isso com meus três colegas de mesa e eles sentem o mesmo, que as paredes parecem mais limpas, mas ainda assim estão lavadas com o mesmo *Fabuloso Aroma do Bosque* . E o chão e as portas também brilham com mais intensidade, mas todos sabem que a razão desta mudança está nos sorrisos destes filhos grandes, mulheres e homens, que aqui desembarcaram e a quem queremos chamar de netos, filhos e filhas. Eles trazem consigo o futuro, e assim, ao nosso redor, tudo recomeça, nada acaba. Nada acaba, diz o jovem. Um passarinho azul canta acima de cada uma de suas cabeças. Cantando. Alegria. Bem-aventurados estes jovens pela consolação que nos trazem. Eu estava esperando por esse momento e ele chegou a tempo. Me arrependo das minhas horas mesquinhas em que me deixei levar pela tristeza. Sem razão. A alegria de ter estes jovens percorrendo os corredores desta casa deu-me uma força que não acreditava possuir, tanto que ontem consegui caminhar sozinho, entre a cama e a cómoda.

Agarrado ao móvel, fiquei alguns instantes diante do espelho e, para meu espanto, vi nele reproduzido o desenho da minha alma. Já não são os meus traços nem o meu cabelo, mas sim o meu carácter, algo que surge entre a linha dos meus lábios e o arco onde brilhavam os meus olhos. Em azul. Eu disse à minha imagem: Olá, você ainda está aí, Alberti? E embora eu me achasse feio, ainda gostava de mim mesmo. Fiquei feliz por existir. E fiquei com essa sensação quando ontem nos levaram para a parte do jardim que dá para a entrada da baía. Acima do Hôtel Paradis, nuvens brancas como em agosto, nem um único fio de água.

Como se costuma dizer na mesa dos *Seis Cavalheiros* , as nuvens trazidas pelo vento de outubro não trazem chuva, são masculinas. Com o sol pálido, nem frio nem calor, e as zínias e margaridas em flor, as portas da Sala das Rosas abriram-se e demos por nós meio dentro, meio fora de casa. Os cinco meninos que aqui entraram trouxeram uma força muscular que se transmite por todo o Hotel Paradis. Em menos de dez minutos, dois deles nos alinharam como se estivéssemos assistindo a um filme. A facilitadora cultural veio nos avisar: "Preparem-se, vai ter uma surpresa por volta das dez e meia da manhã. Está quase lá, quase. O que poderia ser? O que poderia ser?"

O que quer que fosse, chegou na hora certa e era um fotógrafo. Ele tinha uma câmara nas mãos, bolsas no ombro que colocou no chão e dois guarda-chuvas que foram colocados perto da parede. Ele estava carregado. A

princípio meus colegas de mesa disseram que nunca tinham visto esse fotógrafo, mas eu vi, me lembrava muito bem dele. Depois pensámos juntos e a Rita de Lyon lembrou-se que o nome do homem era Casals, que nos tinha tirado uma fotografia na sala de jantar, mas não se lembrava de mais nada em particular. Lembrei-me.

É verdade que esqueço muitas coisas, palavras do Atlas que desaparecem e só voltam depois, quando voltam, mas o episódio da visita deste homem, que me lembrei BEM. Ele tinha vindo para cá dois anos antes, em dezembro de 2017, e na época encarei sua visita como uma promessa de Boas Festas. Mas também me lembrei do resultado que veio em fevereiro e não foi nada bom. Em dezembro sorrimos ao pedido, levantamos os braços o máximo que pudemos, batemos palmas, cantamos e rimos diante de sua câmera. O álbum que nos foi prometido se chamaria *L'Hôtel Paradis en Fête de Noël*, mas o tipo de livro que chegou, bem como as gravuras, já emolduradas, para serem vendidas aos interessados, eram ruins.

Foi necessário fazer um grande esforço para ver em cada foto sinais dignos do modelo original. Não entendi como meus colegas não se lembravam desse episódio que envolveu a todos nós. Lá estava ele novamente, munido do mesmo equipamento ao qual foram acrescentados outros instrumentos como sombrinhas e estojos longos, dos quais tirou tripés com hastes pretas. Ao seu comando, o ucraniano Igor segurou uma enorme poltrona e arrastou-a pelo chão. O fotógrafo comandava o pessoal ao seu redor como um capitão no campo de batalha. Mas eu não tinha esquecido.

Nas fotos de dezembro, ele aumentou nossas rugas, aumentou nossa solidão, nossas sardas, as manchas marrons nas mãos, nossas manchas vermelhas e nossos cabelos brancos. Estou falando especialmente das mulheres. Em vez de nos fotografar em repouso, sentados, ele nos capturou com sua câmera enquanto abríamos a boca para rir, falar ou enquanto esticávamos os lábios em direção a um copo d'água. Ele nos deixou torcidos, semicerrados, babando. Havia colegas em quem eu não havia notado nenhum problema dentário, e através dessas fotos era visível que em muitas de suas bocas faltavam incisivos e caninos. O que estava naturalmente escondido pelo pequeno tamanho do rosto foi aumentado e revelado por uma lente de aumento. Folheei, examinei, não gostei. Era fevereiro, deixei isso de lado. Eu não ia falar de mim, mas naquele momento o fotógrafo, que se chamava Casals, passou e eu reclamei com ele, dizendo que meus amigos pareciam lontras, e que a nossa pele na parte inferior da parte superior O lábio, assim fotografado, parecia o focinho de uma foca da *National Geographic*, com os poros dilatados e os pelos brilhantes saindo de seus orifícios, como se a câmera tivesse usado uma lupa gigantesca para nos inspecionar de perto. Naquele dia, muito cheio de si, esse mesmo fotógrafo que estava ali abrindo e fechando sombrinhas disse, com muita condescendência: “Não vê, senhora, que são fotos artísticas?”

“Fotografias artísticas?” Eu disse surpreso e, como naquela época ainda falava sem constrangimento, respondi: “Bem, sua arte não vale nada,

porque em vez de colocar beleza nas coisas como fazem os verdadeiros artistas, você está nos tornando feios...” Foi só isso. para não ofendê-lo por não ter contado a ele o que estava pensando: Escute, senhor, não só não me importo com esse álbum, mas minha filha não, não vai comprar essa foto e eu não quero para ver mais. Rasgue minha página deste livro. Mas eu não disse isso.

Meus amigos agora não se lembravam mais se haviam comprado os seus ou não, mas eu, com muita determinação, sabia que havia colocado o livro e a foto emoldurada no chão da Sala Rosa. Que quem quisesse ver seu retrato com rugas e manchas como pele de sapo os comprasse. Eu não queria. Se aumentar a feiúra é arte, então parte do mundo já é uma obra de arte e não precisamos de mais artistas. E se meus amigos se vissem novamente nesses retratos, pediriam aos seus entes queridos que os comprassem e os pendurassem no meio da sala. Eu ainda era novo no Hôtel Paradis, ainda falava tão alto que podia ser ouvido em todo o Salon Rose. Eu havia preservado minha honra. Eu havia rejeitado o fotógrafo e as fotos em meu nome, e essa forma indecente de tratar a imagem de quem está há mais tempo nesta Terra. E agora, quase dois anos depois, aqui está novamente o traidor, com sua câmera, e ainda dois guarda-chuvas prateados, que ele abriu acendendo as luzes, criando um espaço deslumbrante, e no meio disso tudo uma poltrona de encosto alto com veludo e torções onde nos disseram que cada um de nós deveria sentar. Os tecidos brilhavam vermelhos, e não eram só o assento e o encosto que assim brilhavam, os próprios braços da poltrona, acolchoados, brilhavam sob o esplendor das sombrinhas que ora fechavam ora abriam. Agora Dona Luísa de Gusmão lembrou-se do álbum, que também não tinha encomendado: “Lembro-me, sim”, disse. “Mas desta vez não vai acontecer porque tem uma poltrona diferenciada e uma iluminação muito boa. Os guarda-chuvas parecem prateados...”

Talvez tenha sido esse o caso.

Éramos muitos, todos dispostos no jardim para tirarmos nossos retratos. Meus colegas elogiaram a configuração da poltrona, disseram que bastava sentar ali para que nossa fisionomia fosse valorizada. Eu mesmo comecei a me imaginar sentado, recostado no encosto, os braços estendidos nos braços acolchoados, as mãos nos apoios de veludo para as mãos, os dedos estendidos com o anel de pedra azul à mostra, e queria dar ao fotógrafo uma segunda chance. A luz prateada brilhando na pele do rosto, uma poltrona real, e deixei que me empurrassem para esta instalação. Fiquei pronto para observar.

O senhor Peralta foi o primeiro a sentar-se. Eu fui tocado. Se fotografassem o pianista na altura do peito, daria um lindo retrato, suas pernas flácidas não estariam ali, e ele é um homem bonito, tem cabelos grossos e quando toca uma mecha cai na testa e até se move para o música. Como eu disse, fiquei emocionado. Mas de repente o fotógrafo Casals levantou-se de um salto, olhando em volta, reparou nas muletas, pegou-as e entregou-as ao Sr. Peralta: “Segure as muletas com as duas mãos, por favor abaixe uma

carinha e sorria para ela...” fez. Perguntei: “Por que não colocamos uma partitura nas mãos dele, já que ele toca piano?” Mas Dona Rita de Lyon me aconselhou a ficar quieto: “Por favor, você está fazendo barulho...” Mas não, eu não estava fazendo barulho, estava convencido de que estava fazendo barulho. descubra como o fotógrafo trouxe sua intenção Para a vida. Atrás do rosto, acima das muletas, o encosto da poltrona brilhava em arabescos e pináculos. Nós, em silêncio.

O Sr. Sereno o seguiu, andando muito bem com os dois pés. Quando ele se aproximou da cadeira, vi que ele estava de meias. Notei também que ele estava com as botas na mão, uma em cada mão. Por que as botas na mão? Naquele momento entendi de uma vez por todas que o fotógrafo pretendia criar imagens ridículas e até chocantes para ensinar os jovens sobre a velhice. Horrível, coitados de nós, rainhas mortas, reis destronados. Uma grande vontade de chorar tomou conta de mim. Isso a princípio. Então, imaginando que cada um de nós arrastaria um emblema ridículo para ser fotografado, fiquei com raiva. Mas eu também não queria demonstrar raiva. Agora foi a vez de Dona Aurora, sentada com babador e talheres nas mãos, ser fotografada. “Venha, venha, sorria, ria, dona Aurora!” perguntou o fotógrafo Casals.

Destronado, humilhado, contei aos meus camaradas. Dona Luísa de Gusmão respondeu: “Você é mesmo muito complicada”. Desejei então que ninguém me olhasse ou me visse, que ficasse invisível, sem deixar vestígios da minha presença. Mas não é fácil passar do visível ao invisível. Eu estava com as mãos no rosto e quando Maria Lina falou comigo, eu disse bem mais alto do que pretendia: “Não, não!” No meio do silêncio, minha voz foi ouvida.

“Não o quê?” perguntou o fotógrafo Casals, virando-se para mim. Eu respondi, com as mãos ainda sobre os olhos: “Não!” Fiquei irritado com o que aconteceu com o Sr. Peralta e o Sr. Sereno, e com Dona Aurora, e agora era a vez de alguém cujo nome eu não sabia, que também iria acontecer com certeza algo terrível. Como eles poderiam aceitar? Como é que as minhas amigas Dona Rita de Lyon e Dona Luísa de Gusmão não perceberam isso? Ainda à vontade, esperando para sentar na cadeira da rainha? Como isso foi possível? Por que ninguém denunciou esta traição? Para que ? Não sei como, mais rápido do que o esperado, chegou a minha vez.

Chegou a minha vez e coloquei as mãos no rosto e não as tirei. Percebi que o fotógrafo estava se abaixando na minha frente e me perguntando por que não os tirei. Apenas disse não e não, sem intenção de dar qualquer explicação. Ouvi a voz do senhor Cláudio dizer: “Tire o retrato dele com as mãos no rosto”. E de repente imaginei minhas mãos envelhecidas, com manchas marrons e veias salientes como riachos azuis, minhas mãos apenas com o anel de safira recuperável, fotografadas sobre meu rosto e gritei: “Não e não!”

Ana Noronha se aproximou: “Por que você não quer ser fotografada como todos os outros moradores, dona Maria Alberta? Por que se todo mundo quer? Chamamos isso de preconceito, orgulho, muita feio, muita arrogância

da sua parte...” Debaixo do meu rosto escondido pelas mãos, gritei: “Porque eu não quero e não quero”. E com o esforço na garganta, minha voz saiu estridente como um silvo através de uma fresta.

Meus olhos estavam escondidos, mas minha alma via tudo. Todos em silêncio ao meu redor, eles me abandonaram com seu silêncio e sua expectativa. Ninguém veio em meu auxílio. O mordomo disse, goste ela ou não, sente-a ali naquela cadeira. Você, marroquino, carrega essa mulher e a coloca no lugar. Esperei e ninguém me carregou.

Enquanto mantinha as mãos no rosto, não conseguia ver o que estava acontecendo. Mas senti alguém guiando minha cadeira e, a julgar pelo impulso que ela deu à manobra, deve ter sido a grande. Eu ficava dizendo em voz baixa, não, não quero, enquanto quem me conduzia o fazia de forma violenta, me levando pelo corredor na frente dela. Eu já tinha tirado as mãos do rosto quando fui empurrado para dentro da sala, a pessoa me deixou. Fiquei na soleira da porta. A pessoa desapareceu atrás de mim sem se identificar. Ouvi seus passos se afastando rapidamente. Foi ela, a grande Judite, não poderia ser outra pessoa. Fechei a boca, me preparando para qualquer coisa. Meus pulsos estão tão fracos que não consigo lidar com a cadeira de rodas. Fiquei na soleira por muito tempo.

Na pressa de me levar para participar da surpresa que nos esperava no Salão Rose, não havia levado meu celular comigo, não pude ligar para ninguém. E me vi longe da cama onde está pendurada a campainha. Enquanto isso, os moradores e funcionários estavam ocupados com a sessão de retratos, lá embaixo de onde eu voltava por me recusar a participar da farsa que esse fotógrafo está armando em torno de pessoas nascidas há muitos anos.

Eles já deviam estar almoçando e ninguém passava no corredor. Fiquei muito tempo assim sentado e poderia ter tentado gritar o mais alto que pude, mas recusei: Alberti, você é sempre o mesmo, não se rebaixe, não dê essa alegria a eles. Mas alguém avançou no corredor, chegou na porta onde eu estava, inclinou-se na minha frente, era Ali Abdul. Ali se dirigiu a mim: “Por que você não quis que tirássemos uma foto sua, senhora? Senhora tão *linda*...”

Esperei que ele me sentasse na cadeira acolchoada, deixei passar um tempo. Eu me recompus. Aí eu respondi: “Porque o fotógrafo Casals não faz as pessoas *bonitas*, ele as deixa *horríveis*. Para ele, um velho é uma pessoa *terrível*. Se um jovem tem o olho vazio, ele fotografa o olho perfeito. No idoso, se tiver apenas um olho perfeito, procura fotografar o vazio. *Terrível*...”

Ali entendeu algo do que eu estava dizendo e para me consolar ele repetiu, madame tão *linda*. Mas o jovem Ali tinha mais uma coisa para me dizer: “Dona Alberti, os amigos da sua mesa também não queriam tirar foto. E nem os outros. Dona Joaninha *também*. O senhor Tó *também*, outros *também*. Mas você foi o *primeiro*. A *primeira*, Dona Alberti, a *primeira*. Muito *forte*, dona Alberti...” Ali ouviu um barulho no corredor, Ali saiu do meu quarto

correndo como um ladrão. Eu sei o que significa *forte* , é uma palavra estrangeira muito bonita. Repeti isso várias vezes quando me vi sozinho.

15 de outubro 2019

*Eu sou como o mar, vou bater com tanta força
que vou quebrá-los - Altos penhascos, encostas
pedras - Ah! mar.*

O CHUVEIRO DO MAGREBIN

Agora, toda vez que vejo Ali eu digo *forte*, e *ele diz forte* assim que me vê. Não podemos falar, basta um sinal para significar a palavra, quer nos cruzemos nos corredores, no hall, na sala ou no Salão Rosa. Muitas pessoas entenderam que temos uma palavra em comum, mas ninguém sabe o que é. O que significa que este outono está me fazendo muito bem. Há poucos dias Noronha chegou da área dos chuveiros trazendo consigo Igor Maguliy para me dizer: "Dona Maria Alberta, ainda estou bravo com você por causa do triste espetáculo que você fez na frente do fotógrafo Casals, arrastando consigo outras pessoas..."

Esperei, sem responder.

"Mas agora espero que você queira colaborar conosco sem complicar, venho pedir que não tenha nenhum receio em ser cuidado por homens. Os homens são como nós, somos todos feitos do mesmo barro. Eles têm a vantagem de serem mais robustos. Eles levantam moradores sem esforço, como se fossem guindastes levantando você no ar. Você aceita que eles cuidem de você?"

Não me acho complicado, olhei para o Igor e não senti o menor medo. Alguns dias Nina, alguns dias Salomé, outros dias Igor. "Sim, eu aceito", respondi. "E Habib e Ali?" Sim, não me importei, somos todos feitos do mesmo barro. O diretor agradeceu. Houve alguns que não aceitaram. Eu disse que era bom viver para testemunhar esta revolução. Mas agora que alguns dias se passaram, posso dizer que Ali me limpa melhor e, ainda assim, às vezes sinto vergonha na frente dele, mesmo que não admita.

Esta manhã Ali me despiu, olhou para meu corpo e disse que eu tinha mais curvas. Pedi-lhe que não me olhasse assim, apesar de eu ser muito velho. Ele respondeu: "Não se preocupe, não gosto de *mulheres*, não gosto de mulheres". Isso me surpreendeu muito e perguntei a ele: "Por que você não gosta de mulher?" Envolvendo-me firmemente na toalha, ele me disse algo que eu já sabia por ter lido ou ouvido em algum lugar. Entendi que ele não gostava de mulher porque sentia repulsa por corpos cheios de curvas, corpos que gotejam sangue a cada vinte e oito dias e produzem leite quando nascem os filhos. Ali disse compreender que deveria ser assim para que a população continuasse a existir, mas se colocasse fora do quadro da reprodução. *Eu não gosto* *. Ele disse, e eu olhei para ele. Para ter certeza de que entendi, resumi: "Ali não gosta *. Mas então do que Ali gosta *?" Ali me colocou na cadeira de banho. Ele respondeu: "Ali ama outras pessoas. Ele ama muitas pessoas." Mas ele não quis explicar.

Disse que me amava, que amava todos os residentes do Hotel Paradis, que amava todos os portugueses, muito respeitoso, muito bom, *muito gentil* *. Nunca teve problemas em Portugal. Em Inglaterra sim, em França muito, em Espanha sim, na Suécia um pouco, mas em Portugal não há problema. *Sem problemas* *, disse ele. Ele empurrou minha cadeira em direção aos

chuveiros. Eu disse a ele que acreditava que Alá não gostava de homens que não gostassem de mulheres. Ali respondeu que acreditava em Alá, mas como alguns norte-africanos, e ligou o chuveiro sobre minha cabeça e me pediu para fechar os olhos e me lavou sem falar.

Ele ajustou a temperatura da água como só acontece com a Nina, massageou minhas costas, perguntou onde eu estava doendo, massageou meus pulsos, passou a ducha forte nas minhas pernas, escovou meus dedos, 'enrolou-se na toalha como se fosse meu pai. Ele só voltou a falar quando me fez voltar para o meu quarto. Ele me vestiu, calçou sapatos, arrumou meu cabelo, colocou meus brincos azuis, o colar combinando, tudo combinado do jeito que eu gosto. Depois disse: "Na estrada entre Marrakech e Zagora há um muro cor de areia onde, naquele dia, não havia nada escrito. Quando Bob e David, meus dois amigos ingleses, e eu passamos por lá, a parede não tinha palavras. Voltando de Zagora havia uma pichação: A mulher é para o *casamento* ·, o menino é para o *amor* ·, a vagabunda é para o *prazer* ·."

Ali teve que repetir várias vezes para eu entender. Perguntei-lhe então se estava escrito em francês. Ele disse que estava escrito em árabe, em tinta preta, na parede de areia. Ali fez um sinal de boca fechada, juntando os lábios e pressionando-os entre o indicador e o polegar. Eu entendi e fiz um gesto idêntico. Aí ele disse, misturando o português com outras línguas, que havia traduzido o significado do grafite para o inglês, que Bob havia fotografado a parede com os dizeres e nada mais. Mas, antes de entrar em Marrakech, um carro bateu no veículo que ele e seus amigos seguiam, quatro meninos saíram deste carro e ele pensou que fossem *ladrões* ·. Eles não eram *ladrões* ·. Fizeram-nos saltar para a beira da estrada e espancaram-nos. Ali falava numa mistura de línguas.

Ele foi até a porta para olhar o corredor. Ele voltou, levantou o suéter até a cabeça e mostrou as costas. Incrível - Ali tinha uma cicatriz que ia do lado esquerdo até o topo do ombro. Uma linha branca como se fosse o fim de um círculo, regular, sedosa. Ele se abaixou e eu pude passar meu dedo indicador sobre a marca de seu antigo ferimento. Presumi que o corte tivesse sido mais superficial do que profundo, caso contrário ele não teria sobrevivido. Ali se cobriu e mostrou os punhos. *Soco* · para os ingleses, *faca* · só para mim. *Nunca na minha vida* ·, *nunca* ·, dona Alberti. *Nunca se esqueça* ·. Mas tudo o que aconteceu, agora Ali vai ficar aqui, neste lugar precioso do mundo onde está localizado o Hotel Paradis. Tudo é tão calmo, tão respeitoso, tão digno. *Muito digno* ·, dona Alberti. *Silêncio por favor* ·. - O elevador parou no segundo andar, ouvimos a porta bater, Ali ouviu, olhou o relógio e saiu correndo do meu quarto como um ladrão novamente. Salomé veio me buscar. Ali Abdul permaneceu em meus pensamentos.

PENSAMENTOS DE OUTONO

Bom outono, muito agitado. Quando chega a noite, não sei onde colocar meus pensamentos. A minha vida enriqueceu porque experimento a riqueza de quem se aproxima, embora às vezes a sua vida também seja triste. Mas a riqueza e a tristeza às vezes até andam juntas. De minha parte, estou ocupado com suas vidas e é como se os estivesse lendo em um livro. Então, à noite, vêm os pensamentos. Tenho que organizá-los como se fossem páginas, lado a lado. Página por página, meus pensamentos para hoje. Primeiro pensamento, em Ali, *forte* . Pensando bem em Lilimunde, Edu. Terceiro pensamento, sobre o Sr. Tó e os cachorros da vizinhança. Começo do início, um por um.

Primeiro

A confissão de Ali me deixou atordoado. Ele passa pelo meu quarto, de forma rotativa, apenas a cada dois dias. Não tenho nada para oferecer a ela, exceto a banana que sobrou, e em vez de levar na sacola da cadeira de rodas para dar a uma das minhas amigas, agora dou para Ali. Não consigo pensar em nenhuma outra maneira de mostrar a ele minha dor pela forma como ele foi maltratado. Às vezes ele quer contar um pouco mais, mas vejo que ele está misturando línguas e suas palavras ficam incompreensíveis para mim. Ele começa em português, depois muda para o francês com uma mistura do que acredito ser o inglês, mas não demora muito para que ele use outra língua, mais rouca e rouca, que presumo ser sua língua materna, e gradualmente à medida que ele reconstrói o retorno de Zagora, ele fica cada vez mais enredado nele. *Forte , forte* . E pessoas más como em todos os lugares, mas Alá é muito bom, disse ele.

Hoje falei sobre Ali na mesa. A polêmica diz respeito aos cuidadores do sexo masculino que cuidam da privacidade das mulheres. Eu disse que não me incomoda que os homens me lavem, não me roubem a pele nem me devorem, porque assim como os médicos observam o nosso corpo, das vísceras aos ossos, os homens também são feitos como nós do mesmo barro . Mas agora que o senhor Gomes, carteiro aposentado, veio ocupar o lugar de dona Julieta à nossa mesa, ouvi uma coisa que não me agradou muito. O senhor Gomes, que nos serve água nos copos, muito educadamente, e que ouve muito mal mas fala muito bem, quando se levantou com a jarra na mão, gingou e disse bem alto: “Ah Jesus, que estado está meu Roubignoles dentro!

Naquele momento, Ali estava passando pela nossa mesa.

Olhei para os meus companheiros e vi que Dona Rita de Lyon e Dona Luísa de Gusmão permaneciam com as colheres no ar. Dona Fátima não ouviu e continuou comendo o arroz. Joana Amaral comentou: “Ó senhor Gomes, não acredito...” Pensei na quantidade de países por onde Ali passou e disse a mim mesmo que o marroquino se enganou sobre o paraíso que pensava ter

encontrado nas terras onde havia é uma residência para idosos chamada Hôtel Paradis.

O jovem Ali serviu o arroz, passou pela nossa mesa, ofereceu, sorriu, distribuiu, muito rápida e levemente, ergueu o prato acima dos ombros como nos restaurantes que víamos nos filmes franceses. Ao passar, parecia dançar com o prato no ar. Quando ele se abaixou para servir o arroz, todo o seu corpo se curvou, oferecendo, agradecendo. Ele não sabia o que significavam os olhares que emanavam da nossa mesa. Guardei a banana e a maçã para Ali. Enrolei-os na minha toalha, pedi a uma menina que os guardasse no bolso da minha cadeira de rodas.

Segundo

Lilimunde não precisa falar. Ela chega por volta das oito da manhã, morta de sono. Ela olha para o corredor, volta para o quarto e se joga na cama vazia. Eu entendo o que está acontecendo. Uma campainha começou a tocar, ela se levantou e antes de sair para o corredor foi ao banheiro vomitar. Não vou contar nada a ela, deixe que ela me conte se quiser. Não tenho o direito de surpreendê-la com minha experiência como alguém que viu o mundo girar muito. Ela, porém, quando voltou do banheiro, em vez de parecer trêmula e enfraquecida, parecia animada. Enquanto ela me lavava às pressas, colocava as mangas do avesso e tinha que recomeçar a difícil manobra de fazer a roupa deslizar perfeitamente nos meus braços, agora que estava começando a ficar um pouco frio, e que ela diz vamos lá , vamos, dona Alberti, estou atrasado, estou pensando em palavras que não digo, mas que os pedreiros disseram do alto do telhado quando eu tinha dezoito anos e passava pela rua, o rosto protegido por meu chapéu de palha. Eu estava indo para o aniversário das irmãs Monteiro e me perdi. Ainda era na época da guerra de Hitler. Mas eu não conto a ele, não quero ofendê-lo. No meu caso, os maçons cantaram o que é bem conhecido e que agora faço meu.

Linda cabra malhada

mais leite

ah! ah! ah! -

Você já foi comido.

Terceiro

Salomé estava me levando ao Salão Rose quando foi chamada com urgência ao quarto 203. Ela me colocou perto da janela e desapareceu. Enquanto eu esperava, apareceu Joana Amaral. Ela se inclinou até meu ouvido: “Sorte que encontrei você aqui. Eu tenho algo para lhe perguntar. Diga-me, dona Alberti, desde quando os cachorros ficam calados? Não entendi o que falava a ex-amante do Sargento João Almeida, agora apaixonada pelo Sr. Tó. Dona Joaninha foi mais explícita. Ela se recostou completamente na minha cadeira: “Ultimamente, à noite, você ouviu aquela serenata horrível dos vira-latas?”

Eu tive que pensar.

Ultimamente Nina e Salomé sentam-se ao meu lado e não me deixam bloquear a pérola na bochecha e no palato. Salomé, a máquina Bosch, chama a pérola de romã: “Com esta romã você nem vai sonhar, dona Alberti...” Agora a dose da pérola de romã está dobrada, o sono fecha minhas pálpebras e não ouço nem vejo por sete horas. Não, ultimamente eu nem me lembrava de ouvir os cachorros latindo. Dona Joaninha foi então definitivamente clara: “Bom, eles já não andam de quatro patas aqui nos arredores, foram passear um pouco na praia. Esse senhor Tó é um fenômeno e tanto...”

Dona Joaninha olhou em volta. Os chalés nevados retratados nas pinturas na parede, ali colocados para trazer paz a quem por ali passa, riram. A patroa do Sr. Tó verificou o final do corredor, não havia ninguém se aproximando. Ela baixou a voz: “Só ele e eu, e agora você sabe. Ontem a Polícia Judiciária veio porque tinha suspeitas, mas saiu sem dizer uma palavra a ninguém.” Joana Amaral fez um círculo com o dedo indicador no polegar. Ela aproximou o círculo dos meus olhos e disse: “É com almôndegas, assim. Eles se lamberam, latiram, agitaram as patas...”

Comecei a pensar nas almôndegas, mas não comentei. Com almôndegas? – Dona Joaninha, encostada na minha cadeira, achou por bem ir mais longe na confiança. “O Tó não me contou, mas em cada bolinho alguém deve ter colocado agulha quebrada e vidro amassado. Veja bem, esse homem nasceu para endireitar esse mundo”, disse Dona Joaninha.

Salomé saía do 203 com uma trouxa de roupa suja nos braços e se dirigia para o elevador. Ela definitivamente iria colocar a pilha na lavanderia. Atrás dela veio a romena Gabriela conduzindo Dona Aurora em direção ao chuveiro. Entendeu-se que havia ocorrido um acidente no quarto de Dona Aurora. Dona Joaninha viu que ainda tínhamos tempo. Ela disse: “Sabe, a administração desta casa luta contra o barulho dos cães há dois anos e nada. Noronha, antes da chegada da polícia judiciária, perguntou ao Sr. Tó: Sr. Tó, desde quando o senhor não ouve os cachorros latindo? Sua resposta, estou um pouco surdo no momento, senhora diretora. E acho que ele piscou. Tó me disse que ela sorriu para ele. Eles se entenderam muito bem, isso está claro...”

Salomé voltou trazendo Dona Aurora sentada em seu carro.

OS MISERÁVEIS

Ontem fui acordado pela chuva batendo na janela. Uma linda tempestade de outono como já estávamos desaparecidas há muito tempo. Deitado, não pude ver a ondulação das palmeiras, mas imaginei que elas se curvavam sob o peso da água e a força do vento. Senti uma doce alegria chamada melancolia. Quando fui levado ao Salão Rose quase não falei, só olhei para as janelas. Notei a mesma coisa acontecendo com meus colegas de quarto. Ninguém falou, todos ficaram encantados com a suavidade que a chuva passageira havia causado.

Quando morei na casa que deixei de lá, sempre sentia alegria no outono. Olhei para os galhos que perdiam as folhas e se despediam ao cair no chão, e pensei que a Natureza estava adormecendo para um sono reparador. Ela acordaria quando abril chegasse e as novas folhas floresceriam e as flores viriam com elas. Já nessa altura senti esta doce alegria que descobri ser esta melancolia. Ontem, depois do almoço, pedi a Svetlana que me levasse para o meu quarto e me deixasse em paz. Olhei as palmeiras lavadas, curvando-me diante da fita do mar, e fiquei assim, envolto em suavidade, quando percebi que alguém batia três vezes na porta. Olhei para o lado, depois para a frente, tive outra dúvida, mas logo tive certeza de quem estava entrando na minha sala – já fazia tanto tempo, era ele, o leitor.

Deixei meu lápis com o qual tentava escrever minha anotação diária rolar no chão. Não tive tempo de mandar ele entrar, ele entrou e pegou meu lenço de papel, meu miolo de maçã, uma embalagem de bala e o lápis. Eu tinha esse lixo ao meu redor. Eu estava envergonhado. Mas ele me deu o lápis e colocou o lixo na lixeira. Ele disse: “Estou de passagem, se você quiser, pelo menos hoje posso ler algo para você”. Pedi desculpas, tudo estava uma bagunça ao meu redor, naquela hora eu não esperava ninguém. Ele sentou na cadeira em frente como se fosse da casa e fiquei absurdamente tentado. Enquanto me emocionava com a resposta do leitor, queria dizer-lhe com um gesto arrogante: Bom, se não é para continuar, se é só de passagem, então não deixe para depois, saia AGORA.

Eu me conheço, sei que não suporto a ideia de que algo próximo da perfeição possa ser passageiro, e estrago tudo porque no fundo não suporto nada pela metade, quero tudo. Por isso na primavera mandei-o embora como se estivesse cansado de ouvi-lo, enquanto queria que ele ficasse para sempre, sentado na minha frente, lendo a notícia do professor que havia acordado com os dedos cobertos de pó de giz. Agora olhei para o rapaz que se apresentou, com as mesmas sobancelhas grossas, ele estava ali e fui tomado por uma violência idêntica. Eu disse para mim mesmo, Maria Alberta, segura, segura, não se mexa, pare, louca de casa. Não sei o que sabia de mim o menino que me disse: “Só venho de vez em quando, mas sempre irei...”

Diante de tais palavras, em vez de sentir arrogância, de repente me senti muito fraco e perguntei simplesmente: “Sempre?” E ele mostrou seus dentes muito brancos em seu rosto muito moreno e disse: “Sempre, claro, sempre”. E mais, teve a gentileza de não comentar o tremor das minhas mãos. Sempre, diziam, o leitor sempre diz. Como ele pode saber que eu ainda estava esperando o bilhete? Meu Deus, pensei. O menino abriu a bolsa e disse: “Vamos começar? Jornais? Os jornais desta manhã ou os do fim de semana?”

Eu balancei minha cabeça negativamente. Eu não queria jornais, acho que já disse a ele na primavera que esperei muitas décadas para o mundo melhorar, e isso não aconteceu. Concluí com o tempo que à medida que ele melhorava, ele também piorava, e ver como ele estava, dia após dia, frustrou minha esperança, como se a maçã da Terra estivesse condenada ao verme. Como eu não disse nada, o menino fechou a sacola de jornal e procurou no pacote de pastas onde deveria continuar lendo matérias que me preocupavam.

O menino da Associação Boa Vontade escolheu um maço de folhas. Ele parecia estar pensando: “Você gostou da história da professora da última vez. Então imagino que você vai gostar deste conto porque é sobre pó, embora seja um tipo diferente de pó. Acho que você gosta desse tipo de história. E para mim também me lembram sonhos de outro mundo. Não sei como podemos viver sem esse tipo de sonho...”

Minha mão direita continuou a tremer. Descobri que esse menino não era um deles, ele parecia ser a sombra da minha alma. Ele olhou para mim por um longo tempo. Ele me disse: “Você vai ver, vai te fazer sonhar, seu título é uma palavra italiana, *Cavatori*. Isso significa os trabalhadores do mármore.” E ele organizou os lençóis. Eu me sentia cada vez mais fraco, minhas mãos tremiam, mas minha atenção se abriu e esperei como o topo da palmeira antes da chuva. “Leia então”, perguntei.

O menino começou a ler e eu entrei no mundo que o leitor revelava ao ler. A princípio não entendi muito bem onde a ação estava acontecendo, mas logo ouvi falar do Mar Tirreno, e de Carrara, e ali, a memória do meu Atlas funcionou, vi claramente a divisão da Itália com o pequeno círculo preto em a parte superior da bota. O círculo pode não ter representado Carrara, possivelmente Génova. Mas não foi isso que contou na história, mas sim a presença de uma jovem que era cortadora de mármore, entre os seus colegas que também eram cortadores, transformados em estátuas brancas e móveis, todos em vias de serem envenenados pelo pó de pedra. que, dia após dia, os cobria inteiramente. Foi linda a forma como o leitor leu a história, e a história lida foi horrível, porque desde o início se tratava do contraste entre o papel de um artista famoso que desenhou a estátua de Alexandre o Grande e o destino de quem criou esculpindo-o em blocos de mármore. O leitor leu.

Ele leu tão bem que a história do contraste que foi contada tocou minha alma e eu, adivinhando, no meio da leitura, o que aconteceria no final,

queria que o leitor nunca mais terminasse de ler essas três páginas que ele segurava no ar. Tal como por ocasião da leitura da Primavera, a beleza de uma imagem liquidava a violência a que estava associada e exigia em mim uma harmonia que devia existir algures no mundo e que eu ainda não tinha alcançado. Esse menino me disse mais uma vez que em determinada região do ser deve existir esse lugar extraordinário por onde vai a nossa imaginação. Ele entendeu o que estava acontecendo comigo, porque senão não teria perguntado: “Quer que eu leia de novo?”

Eu disse que sim, eu queria.

O menino leu novamente, e agora que eu já sabia da notícia e sabia que ninguém escaparia, a forma como as palavras foram ditas pelo menino serviu de contrapeso ao peso da história. Ele terminou de ler e eu me senti muito fraca, muito fraca, como se eu fosse a própria garota do mármore que um dia seria atacada pela tísica causada pelo pó. Eu estava com ela. O menino leitor, de sobancelhas grossas, que eu achava feio e que também era bonito. Estávamos juntos, ali, tão longe da Itália, de Carrara, do Mar Tirreno, do lugar onde a grande estátua equestre de Alexandre o Grande iria deslizar, puxada por cordas, e ainda assim estávamos todos juntos, geografia, estátua, marmoristas, ambos e todos aqueles que leram ou vão ler a breve história que o menino terminou de contar no meu quarto ontem, verdadeiro primeiro dia de outono.

Não, dessa vez eu não mandaria o menino embora, ele iria por vontade própria. Mas antes de ele ir embora – e ele já estava guardando as bolsinhas na mochila – eu disse que tinha duas perguntas para ele. “Se eu souber responder”, disse o menino. Perguntei-lhe: “Este Alexandre, o Grande, era um general muito antigo que quase conquistou todo o mundo conhecido em seu tempo? Da Grécia ao Norte de África, do Egito à Índia? Aquele que foi enterrado deitado sobre o cavalo, com os braços abertos, a montaria saltando sobre ouro e riquezas de toda espécie?”

O leitor respondeu: “Sim, é esse”. Perguntei-lhe: “E por que você acha que o autor desta história, em vez de se interessar por esse general, se interessou mais pelos marmoristas? Ou, dito de outra forma, por que ele prestou atenção naqueles malditos alfaiates? Eu esperei. O leitor colocou as capas na mochila. Ele respondeu: “Não sei como responder a isso. Só sei que é certo e lindo.” Eu disse a ele: “Um dia gostaria de ouvir você ler uma história sobre figuras grandiosas. Cavalos, coroas, reis...” Como se não tivesse ouvido o que eu lhe disse, ele continuou: “Justo e lindo”. E com isso, nos separamos. Apenas ontem.

10 de novembro 2019

O que a nuvem dá à terra bebe.

*– Antes que a água retorne à nuvem
quantas flores na praça por onde
passa o rei?*

CRONOGRAMA

Hoje ela chegou na hora certa. Ela colocou a cesta no meu colo. Abri e encontrei um sortido de coisas boas do outono – pasta de marmelo, figos secos, batata-doce assada, tudo preparado por ela mesma, disse ela. Fiquei muito surpreso, entendi que foi uma conquista da parte dele. Ainda era possível perceber isso em seus cabelos bagunçados e nas mangas arregaçadas em diferentes alturas, sinal do trabalho ao qual ela se dedicou. Rindo de satisfação, ela me pediu: “Prove um pouco, só para lembrar”. Eu provei, gostei. É como se a casa que deixei ali viesse ao meu encontro. Vi os marmeleiros de folhas amareladas curvando-se sob o peso dos frutos inchados, senti o cheiro das batatas assadas no forno aceso, vi os figos colocados num guardanapo sendo untados com azeite e polvilhados com funcho para serem guardados até Poderia. Eu nem sabia onde procurar.

"Vocês estão felizes ?" ela perguntou, com os olhos quase fechados. Eu disse: “Claro que sim”. Mas eu não estava.

Imaginei o pátio quadrado, os azulejos, a casa inteira, vista do alto das nuvens antes do amanhecer, e vi o dia se deslocar entre leste e oeste, girando com as sombras, as horas passando uma após a outra, e ela ocupado perdendo a noção do tempo e se dedicando a esse puro desperdício. Fiquei grato pelo esforço dele, mas pensei: quantas horas você desperdiçou com essa bagatela? Esses esforços, essas atenções? Esses passos perdidos? Essas ações evitáveis? Se eu não preciso dessa atenção e você odeia se submeter a ela, você faz isso por caridade ou por puro amor ao desperdício? – No entanto, ela parecia encantada por eu estar me divertindo. Acho até que foi sincero. Além disso, não estou dizendo que ela não se sinta satisfeita em me alimentar com seus pratos refinados. Conheço muito bem essa sensação reconfortante de nutrir os outros, de nos sentirmos úteis ao ver que alguém pela nossa mão engole mais vida. E ela, que havia investido nas coisas boas que me trazia, se perguntava o que eu pensava delas, como se a comida fosse o propósito de sua vida. Falamos cada um por si. Como se nos olhássemos em espelhos invertidos.

Resolvi então contar-lhe que no dia anterior o leitor tinha vindo me visitar. Que a voz desse menino preencheu minha alma com algo grande e inexplicável, como o que se sente quando rajadas de vento sacodem a mata e os galhos se curvam todos para um lado, transformando cada árvore em vírgula no meio da paisagem. E depois que falei na voz alta e melodiosa do leitor enviado pela Associação de Boa Vontade, minha filha colocou as provisões de outono na cesta e me perguntou: “O que ele leu para você, que histórias ele te contou que te interessaram muito?”

Admito que no início só pensei em contar-lhe a verdade, contar-lhe que se tratava da história de trabalhadores italianos que morriam sufocados pelo pó de mármore, sem remuneração adequada nem reconhecimento. artistas, mas de repente olhei para minha filha e imaginei-a sentada no chão, debaixo

da mesa, catando as migalhas caídas, como ela mesma havia se imaginado - ainda na primavera passada, escrevendo histórias semelhantes a esta, e decidi mentir pelo bem da minha filha. Menti como um arrancador de dentes quando ainda tinha dentes.

Contei-lhe que o menino tinha lido maravilhosamente sobre uma estátua de mármore em homenagem a um antigo conquistador chamado Alexandre, o Grande, e como ela havia sido erguida no meio de uma bela praça. Que a estátua havia sido puxada por cordas por uma distância considerável entre a pedreira e a praça, e que nesse movimento eu, pelo menos, imaginei que essa estátua fosse a extensão do sepultamento do famoso herói, o monumento deslizando lentamente, triunfalmente, a caminho do seu pedestal. E a partir daí, todos que passavam pela praça sabiam que esse senhor da guerra havia construído um dos maiores impérios do mundo, quando nem as armas nem os canhões ainda haviam sido inventados. Nada além de pedras, espadas e adagas. E ao contar essa mentira para minha filha, senti meus olhos lacrimejarem. É, aliás, esta história triunfante que lhe contei, obscurecendo o amor do autor da história pelos marmoristas, eliminando o tremor na voz do jovem leitor de sobancelhas grossas quando, no final pela segunda vez, o escritor, seja quem for, encorajou-nos a admirar o digno anonimato dos pobres escultores de mármore. Mas menti para tentar, com meus escassos recursos, conduzi-la no caminho certo. Terminei dizendo: “A voz do menino que veio ler, minha filha, era tão grandiosa quanto era famoso o personagem do conto”.

Ela continuou a mexer na cesta campestre e desviou a conversa: “Vejo que você não gostou muito de provar os sabores do campo que preparei para você. Para isso li cerca de nove receitas.”

“Nove receitas de pasta de marmelo?”

Aí, eu queria dizer-lhe que ela não vinha visitar-me, que ficava em casa a fazer o que tinha que fazer, que eu não precisava de cestos, rendas, figos, batatas, marmelos, ao contrário do que ela dizia. pensamento. Por que esse esforço? O que passava pela minha alma e pelo meu coração era a minha imensa vontade de dizer a ele para mudar de vida, para seguir um cronograma decente. Acordar por volta das sete da manhã, tomar banho, tomar café da manhã e ir trabalhar. Sim, se isso acontecesse, saber que ela estava trabalhando nisso seria o meu gosto de outono.

Olhando para ela, ouvi as frases que tinha que lhe dizer ecoarem na minha cabeça como se tocadas num tambor - Minha filha, trabalhe de manhã umas boas quatro horas seguidas entre nove e uma da noite, mesmo que seja. É bom ter tempo, durante este período, para se levantar um pouco da cadeira. Você almoça entre uma e duas e meia, dá um passeio no jardim e depois se senta entre três e sete e meia da tarde, ou seja, tem mais de quatro horas de concentração à sua frente. E um pouco mais à noite. Somando todo esse tempo, você poderá usufruir de dez horas de trabalho por dia. Dez horas, se você não vier aqui me dar salgadinhos e cestas de frutas como se eu precisasse deles para saber como cheira no outono a casa que deixei aí.

Pensei tudo isso muito rapidamente, muito mais rápido do que se contasse a ele, mas minhas mãos se moviam lentamente.

Ela disse: “Então vou massagear suas mãos...”

Ali olhei para o rosto dele, tão parecido com o do Edgar de Paula, o rosto do sedutor, e comecei a lembrar dos seus defeitos e dos erros da minha filha, e não pude esquecer de me impedir de olhar para ela, ocupada com meus mãos, e pensando no que eu deveria dizer para ela – Porque você, filha de Edgar de Paula, você acorda tarde, você liga para fulano, você atende quem bate na porta, você traz ele para dentro, você faz uma cafézinho, você serve numa xícara, convida ele para almoçar, vai mostrar os pássaros nas árvores. Você está almoçando. Aí você prepara meu lanche, recebe mais telefonemas, coloca o lanche na sacola, entra no carro, na estrada você vai fazer mais compras, outro café sentado, outro no balcão. Você se aproxima do Hotel Paradis, estaciona o carro, passa todo esse tempo comigo, chega em casa, suspira, telefona, abre o correio, o computador, começa a trabalhar às cinco e meia da tarde. Você se concentra por no máximo duas horas. Você sai, rega o jardim, alguém te chama, alguém vem te ver, você faz café ou chá de novo, você coloca na xícara, tudo na bandeja, você não vai rápido, não tem pressa. Uma vez vi um filme sobre Dostoiévski e ele estava se isolando, escrevendo e escrevendo. Ele não fez do jeito que você faz. Enquanto escrevia, lá na Rússia, rodeado de neve, não parava para servir café ou fazer compras só porque outros lhe pediam. Ele não parava em salões de chá ouvindo conversas, como você. Pense naquele chamado Balzac, pense em Faulkner, todos aqueles de quem você sempre fala como se fossem seus tios. O que eles não são. Eles desperdiçaram suas vidas como você? Descubra como eles fizeram isso, aposto que escreveram dias seguidos. Um deles, não me lembro qual, nem tirou a camisola para não perder tempo trocando. Ele passou o dia trabalhando em camisola, para economizar tempo no dia seguinte. Então, o que você quer fazer da sua vida? diz! Você disse que quer fazer amor com o Universo, o que não é viável, o que significa que desistiu de seus planos viáveis. Meu Deus, meu Deus. Devo abrir a boca e contar tudo isso a ele? Não ? Não deveria contar essas verdades à minha filha? – Ou seja, eu disse essas frases para mim e para outros como eles, mas todas ficaram presas no meu peito, o meu peito trancado, o silêncio na minha boca, costurado com fio de náilon.

11 de novembro 2019

Todas as árvores do mundo cantam, silenciosas.

*Ela não sabe de nada – O silêncio é agora
minha fruta.*

50
O BALÉ

Hoje Lilimunde chegou às oito da manhã. Sua pele morena era azulada, mas ela não se deitou nem foi ao banheiro, ela veio até mim, tinha uma coisa para me contar. Eu sabia o que iria acontecer. Ela ia me lavar, me colocar na cadeira de rodas e olhar para a minha para me dizer o que tinha a dizer. Na verdade, Lilimunde mal tinha acabado de colocar os meus pés nos pedais da cadeira quando se ajoelhou para olhar diretamente para mim.

Ela me disse: “Dona Alberti, eu sou assim”.

Ela colocou o rosto em minhas mãos. Desta vez, quando ela o pegou, eu tinha certeza de que ele estaria molhado. Mas ele não estava, não. Ela ergueu os olhos claros e disse: “Eu sou assim mas não serei mãe, não. Não vou nem contar para o Edu.” O que você quer dizer?, perguntei. Ela respondeu: “Dentro de duas semanas ele retornará à Hungria, a uma universidade que existe numa cidade chamada Budapeste. Muito longe daqui. Mas qual é a distância com um celular? Nada. Quando ele voltar, Edu não saberá o que aconteceu. A semente entrou, vai sair, acabou. Planejamos que, quando ele vier no Natal, me traga um casaco feito de lã de ovelha dos Cárpatos, que vendem nas ruas de lá.

O relógio estava correndo, eram quase nove horas da manhã e Lilimunde estava conversando no meu quarto. Perguntei-lhe se havia um plano alternativo em sua vida. Ela disse que não, não havia outro plano. Eu disse a ela que ela precisava pensar com cuidado, principalmente em dois possíveis aborrecimentos. A primeira, que Edu não volta no prazo, e a segunda, mais perigosa, que à medida que a semente cresce, ela se prende à semente. Era possível.

Lilimunde começou a rir: “Nunca! Nunca mais. Eu jamais cometeria tal ofensa ao Edu Horvat. Sem chance. No país do Edu todo mundo toca violino, bebe uma aguardente chamada *palinka* e dança muito bem. Assim e assim. Edu é um homem feliz, não posso tirar dele a felicidade.” Lilimunde me conduziu pelo corredor, me empurrou, batendo na porta do elevador com minha cadeira. Ela me levou até o Salão Azul, me colocou em frente à mesa e desapareceu quando a gerente Martine ligou. Não a vi novamente o dia todo.

Entretanto chegou a tarde e o Salão Rosa voltou a estar cheio. Ainda chovia lá fora, mas uma chuva tão fraca e esparsa que dava uma vergonha para o céu. Tirei os olhos da janela e os coloquei no colo. Sou apenas uma pessoa entre muitas. No meio de tanta gente, todos querem ser únicos, mas desde a história de Maria Paulina Zuzarte acho que o que nos une e nos separa é um mistério. Ela foi embora e eu fiquei. Agora não consigo deixar de pensar na paraense. Talvez a noite me visite esta noite. Para isso, antes de dormir preciso levar uma boa romã. Eu não gostaria de lutar durante a noite. Todas as condições estão aí para eu perder. Tantas perdas no horizonte – não sou mais a mulher que era antes. Hoje não consegui alertar Lilimunde contra o

seu futuro desastroso. Além disso, ontem mantive todas as palavras no estado de pensamento e não consegui aconselhar minha filha a se comportar de acordo com seus interesses. E não vou ouvir a voz do leitor novamente, digo a mim mesmo. Porém, seria melhor eu afastar os pensamentos tristes e pensar na agitação ao meu redor, aliás, enquanto pensava no problema das minhas perdas, o Salão Rosa ganhou um ar festivo. Na verdade, apesar do perigo, o Sr. Tó demonstra agora publicamente o amor que sente por Dona Joaninha. Já que vejo claramente, como espectador, o que mais poderia querer?

Preciso me reconciliar, olhar ao meu redor.

À hora do almoço, o senhor Tó ficou eufórico porque, quando menos esperávamos, serviram-nos arroz-linguiça-couve, e no arroz, em cada prato, brilhou gordura, clara e gema, um ovo frito. Acompanhando a euforia do Sr. Tó, Ali dançava entre as mesas com os pratos nos braços, levantados acima dos ombros, de um lado para o outro. Ali, muito alegre, muito elegante, muito competente, distribuiu o almoço com habilidade de dançarino. *Forte*, Ali *forte*. Ganhei um ovo frito lindo e tão macio que consegui cortá-lo com o garfo e mergulhei meu pão numa gema como não via há muito tempo. De uma mesa no centro da sala, o Sr. Tó levantou-se e olhou para uma Dona Joaninha muito feliz na nossa mesa. Ele disse: “Conseguí servir ovos fritos nesta casa. Eu consegui...” E ele recostou-se, triunfante.

A gerente Martine, que o ouviu, quando se preparava para distribuir mais pão, teve de esclarecer que os ovos fritos nada tinham a ver com a intervenção do Sr. Tó, mas sim com a contratação de mais dez funcionários há algumas semanas.

O senhor Tó levantou-se mais uma vez e disse: “É por minha causa. É graças à minha intervenção que hoje se servem ovos fritos nesta casa, e que os cães das redondezas deixaram de ganir durante a noite. É graças a mim...” E sentou-se.

A alegria do Sr. Tó era no almoço, e o lanche chegava rápido, mas antes disso o Sr. Peralta chegou e sentou-se ao piano. As meninas disseram, brinque, brinque. O senhor Peralta pediu ajuda para tirar as muletas e o casaco e sentar-se no lugar correto. Bianca preparou o piano, retirando o vaso de flores da tampa preta brilhante. As muletas permaneceram de lado. Seu Tó perguntou: “Você ainda sabe tocar paso doble? Você sabe o que é isso?”

O senhor Peralta começou a tocar num ritmo tal que era um verdadeiro paso doble. O som dobrava no ar quando se movia para frente e para trás como um desenho animado. O Sr. Tó apreciou o movimento dos dedos de Peralta. Dona Joaninha, sentada entre nós três, os restantes companheiros à mesa, levantou-se e dançou perto do piano. As meias pretas de Dona Joaninha só chegavam aos joelhos. Acima do joelho, suas pernas eram brancas. A cena do balé da Dona Joaninha durou apenas alguns segundos, mas foi muito engraçada. Quando o som da televisão voltou, parecia um pecado mortal. Procurei minha bolsa de pano e a encontrei. Ele pendia firmemente em volta

do meu pescoço e até latejava no centro do meu peito. Dentro, um papel dobrado: *Dona Alberti, sempre à sua disposição. Tenho todas as informações que você precisa no meu celular* . As perdas que oprimiam meu coração saíram do meu peito, desapareceram no nada e eu permaneci em paz.

14 de novembro 2019

*Dance e dance de novo, minha pequena alma
um entre muitos e se
sozinho - Seu segredo
na sua bolsinha .*

A noite rompeu com as paredes, apareceu diante de mim e não tinha forma definida. Era apenas uma escuridão muito densa, como se a luz nunca tivesse existido no meu quarto. Tentei acender a luz e não consegui mexer os braços. Mas senti a respiração da noite e ouvi claramente a sua voz. Achei que ela estava escondida na escuridão porque queria que eu acendesse o Globo como antes, mas eu não o trouxe comigo, e quando meu genro trouxe, eu disse a ela e pedi para devolvê-lo. Então a noite escura tomou posse de todo o meu corpo, levantou-o acima da cama e ameaçou me levar consigo para o reino das trevas. A noite me tomou de assalto, dizendo: “Vou deixar você cair no vazio se não se lembrar, detalhadamente, como obteve seu Atlas, depois seu Globo Terrestre”.

Ainda pensei em dizer que não me lembrava, minha última luta terminaria assim, e o nada apareceu diante de mim em forma de alívio, mas quando estava prestes a abrir a boca para dizer isso me recusei a responder, meu corpo, com muito mais amor pela vida do que eu, disse que sim: “Sim, lembro-me perfeitamente”.

A noite me elevou mais alto, e eu sabia que quanto mais ela me elevasse, mais baixo eu cairia. Meu corpo recusou. Então apressei-me a dizer: “Tudo começou no pátio do Monteiro quando tocavam um instrumento musical chamado fonógrafo. O sedutor chegou vestindo gabardine e chapéu inclinado sobre o rosto, e um pouco de lado. Assim que desembarcou, pegou um cigarro e falou com um cigarro na boca. Eu estava lá no pátio e dancei com ele. Quase um mês depois, quando ele voltou, ele me deu o primeiro Atlas. Trinta anos depois, ele veio me visitar e me deu o Globo...”

A noite não se movia, mantinha-me suspenso no ar, acima de mim só existia o espaço, abaixo do abismo, e era ela quem me sustentava, esta escuridão falante. A noite me disse: “Preguiçoso, você pensa nisso dia e noite, por que não fala?” Entendi então que não tinha outra saída se por acaso meu corpo quisesse continuar vivo na Terra, e meu corpo quisesse, quisesse muito, quisesse viver para sempre, se de fato eu me atrevesse a dizer a verdade nua e crua.

Sim, meu corpo queria permanecer vivo, e o desafio da noite, porém, não era direcionado ao meu corpo, mas à minha mente. Somente minha mente poderia salvar meu corpo. Continuei respondendo: “Aconteceu assim. Eu estava sozinho em casa. Edgar de Paula chegou de bicicleta até a porta e bateu. Fui até a janela, ele sorriu: Posso entrar? Sua mãe não está aqui? Ah! Que pena, então seus pais foram ao cartório! Eu te amo, sabia? Então, quando eles voltarão? Ah! Você dançou tão bem lá no quintal! Mas não sei por que você nem estava olhando para mim. Eu machuquei você? Você tem medo de mim? Por que, mocinha? Eu entendo que você gosta de geografia. Eu também. Eu trouxe um Atlas para você. Você sabe o que é isso? Claro que você sabe, mas você não tem um, certo? Ofereço-vos este que comprei

em Lisboa. Não tenha medo de mim. Por fim, como é a sua casa? Aqui a sala de jantar, aqui a cozinha, aqui o barracão, aqui os quartos. Este é o quarto da sua mãe, claro. Esta é sua e sua cama. Sua cama é muito estreita. Vamos para a cama da sua mãe. Fomos lá e o sedutor me transformou em garota.”

A noite disse: “Você deixou de fora o que não te interessa, né?”

Entendi que a noite disforme, nada mais que escuridão, era em última análise insaciável da minha memória, queria que eu a visitasse aos confins da memória, revisitada dia após dia, para que me sentisse com mil anos. A noite fingiu me deixar cair no vazio. Continuei: Então meu pai e minha mãe me chamaram. Sim, ao passarem pela estrada, os pedreiros que ladrilhavam o pátio térreo de uma casa onde trabalhavam há três meses, cantavam: *Cabra linda malhada, ainda leite, ah! ah! ah!, você já foi comido* .

“Alberti, venha aqui imediatamente!”

O que isso significa ? Eu disse, não sei. Minha mãe disse, você sabe, você sabe... Meu pai agarrou as duas mãos da minha mãe. Ele me perguntou: Me conta, Maria Alberta, quem sabe disso? E eu respondi, ninguém. Aí meu pai disse, anda logo, amanhã de manhã iremos a algum lugar para abortar isso, bem longe para que as pessoas não saibam que você, sua vagabunda, dormiu com um homem, um sedutor. Falador, cara que viaja o mundo abrindo bares aqui e ali, e agora está aqui de passagem e pulou em cima da minha filha. Vamos lá - “Gostaria que Hitler governasse este país e mandasse uma bomba na cara de Edgar de Paula. Amanhã de manhã às seis horas...”

Fiquei em silêncio, entre o cansaço da minha alma e a vitalidade do meu corpo querendo sobreviver, a minha memória interveio e comandou. Minha memória reconstruiu tudo, mesmo que eu tenha contado apenas uma parte. Então a noite, esta noite sem forma animal ou humana, nada além de trevas e vozes, disse: Chore, chore, por que você não chora? Eu respondi: Porque sou forte, porque não me rendo, porque não tenho medo nem pena de mim mesmo. Para falar a verdade, eu não tinha medo da noite, nem de cair no vazio que sua forma disforme aparecia na escuridão, mas meu corpo tinha.

Para ele, para ele continuar com seu apetite, seus desejos, seus fluidos, seu muco, suas dores, suas vergonhas, eu iria responder como a noite exigia. Conteí tudo: Aconteceu assim, no dia seguinte minha mãe me acordou por volta das cinco e meia da manhã. Me vesti, me arrumei, sentei na cama com a mala no colo, mas quando íamos sair para pegar o trem eu disse: não vou, pai. Eu prefiro ter o filho. Meu pai me respondeu, minha filha eu nunca levantei a mão para você, a não ser para te beijar, mas dessa vez vou para casa pegar um chicote e vou te bater da cabeça aos pés. Eu disse, sim, vá em frente. Coloquei minha mala pequena no chão e comecei a tirar a blusa para que ele pudesse me chicotear. Ele disse, vista-se. Meu pai sentou na minha cama e chorou com a cabeça entre as mãos. As lágrimas do meu pai escorreram dos seus dedos para os azulejos. Você não vale mais nada, vagabunda.

Uma tarde, enquanto minha mãe não estava, Edgar de Paula veio me visitar, me pediu para ir buscar o Atlas. Eu não contei nada a ele. Nós dois olhamos os mapas e ele explicou para onde iria. Olhando para mim de perto, um de seus olhos fechou mais que o outro, olhando para mim de longe ele fechou os dois sob a aba do chapéu cinza e desapareceu. Quando a menina tinha dois anos, ele veio vê-la. Ela já estava explorando tudo. Ele disse, que interessante, essa é a minha cara. Ele não a segurou. Ele me mostrou os lugares onde esteve, África e Índia. Ele saiu novamente. Esperei por ele e ele, ao regressar da Rodésia, via Lisboa, trouxe-me um segundo Atlas.

Ele trouxe um terceiro e um quarto, e quando um dia voltou ao volante de um Mercedes-Benz, me perguntou: será que você ainda está me esperando? Esse tipo de lealdade não existe mais, Alberti. Você pode compartilhar seu corpo com qualquer outro homem porque sempre amarei você. Não há necessidade de viver juntos para serem amantes. Não somos um, Bibi querida, somos muitos. Como você ainda gosta de geografia, abra esta caixa e verá o que tem dentro. Conecte a energia. Veja como é linda a Terra iluminada. É para você, Bibi. Se fosse possível viver outra vida, eu levaria você comigo pelo mundo. Aí, nessa vida, tão curta, tão rápida, não tenho tempo. Meu querido. Então não espere mais por mim. Não me diga que ela me ama, apesar da ausência. Não me diga que ela me puxou. Disse Edgar de Paula na última vez que nos vimos.

A noite nunca me pareceu tão perversa, tão presente e completamente invisível, feita apenas de escuridão, porque eu não tinha para onde olhar. A menos que fui eu quem não a viu? E que ela estava ali bem perto de mim, no meio da sala, numa de suas metamorfoses sorradeiras? E que meus olhos cansados não conseguiam distinguir? E agora por que ela me deixava sem resposta, sem que eu entendesse novamente se era o vencedor ou o perdedor? Por que amanhecia nas janelas do meu quarto e a noite não ia embora, nem estava lá? Por que não houve pausa entre as palavras dele e as de Nina Mercedes? Nina, a Nina calada, que estava ali ao meu lado, tocando meus ombros com cuidado, com suas mãos macias, seus dedos finos e sua voz espanhola, chamava *la cucaracha*, *la cucaracha*.

A noite havia desaparecido, era de manhã.

Nina pegou meus pertences espalhados pelo chão, tirou meu pijama rasgado, me tirou pacientemente, me lavou, me vestiu, colocou minhas joias, pendurou minha bolsa no peito. A sua atenção foi tal e o seu silêncio tão absoluto que eu disse: “Querida Nina, tenho a impressão de que já morri há muitos anos e que só resta a minha alma”. Nina se abaixou na frente do meu carrinho e tive medo que ela dissesse que era verdade. Mas ela disse o contrário.

15 de novembro 2019

Árvores da minha mata densa

*Passo rápido – Na sua lentidão
meu querido passado.*

Guarda .

AS QUATRO ESTAÇÕES

Mais uma vez chove tão fraca e tão suavemente que é uma pena, uma espécie de neblina que apenas embaça as janelas, como se as nuvens não tivessem outro poder senão vaporizar a terra. Uma garoa dispersa. Apesar disso, senti vontade de me entregar ao conforto tranquilo que advém de saber que a poeira está molhada.

A meu pedido, Maria José das Lundas pôs-me na cama depois do almoço. Pensei na minha filha, senti saudades da época em que a levei pela mão para a escola, e para outros lugares que não vou citar na cabeça, eram tantos. Quando acordei, ela estava sentada na cama ao lado, olhando para mim. Eu deveria ter ficado surpreso, mas não, achei certo, que ela me devesse esse olhar de amor filial. Fechei os olhos e aceitei que ela cuidaria de mim como eu havia feito por ela no início de sua vida. O tempo mudou nossos lugares, como deveria. A partir de agora foi ela quem me desprezou e eu quem me deixei ver. Foi bom. A noite foi perseguida até os confins do mundo, e em seu lugar uma grande harmonia sustentava essas paredes e ela estava lá. Foi bom saber que ela me seguiu daquele jeito, quer meus olhos estivessem abertos ou fechados. Sem nem abrir o meu, perguntei: “É outono. Mas a natureza passa por quatro estações, não é?”

Ela disse sim."

"O ciclo da natureza vai até o fim e recomeça, nunca para. Mas os seres humanos, quando chega o inverno, não têm mais nenhuma outra primavera. Ou se ?"

"Sim, claro", disse ela. "Porque nós, como não podemos repetir o ciclo natural das estações, inventamos uma forma de superar essa limitação."

"Por que você diz isso ?"

"Porque preenchemos as quatro estações da nossa vida com os círculos da vida de outras pessoas. Cada uma de nossas vidas pode conter mil, dois mil anos de vida, somando a história da vida de outras pessoas com a qual constantemente nos deparamos."

"Você pensa ?"

Talvez porque estou sentado na cama e é outono lá fora, pensei que ela não estava dizendo nada além de bobagens. Mas como eu tinha tempo, aparentemente ela também teve, e o tempo passou tão devagar que pude pensar, então percebi que ela estava certa. Claro que sim, a vida humana tem quatro estações, e às vezes se limita a duas ou três, mas pode ser preenchida com as milhares de estações do ano da vida de outras pessoas. Uma sede permanente de participar destas outras existências ao lado da nossa. Eu mesmo já tinha pensado nisso e pratiquei aqui neste lugar onde me encontrei. Eu mesmo. Ao meu redor havia tanto silêncio e conforto, e tantas vidas guardadas em meus pensamentos voltaram à minha mente, que fiquei em silêncio. Aí olhei para a sacola vazia, conforme exigiu e ela obedeceu, e tive coragem de dizer a ela que foi muito bom ela ter vindo, e

que ela ficou todo esse tempo ali sentada, sem dizer nada. Por tudo isto a minha satisfação foi imensa, mas entretanto ela tinha a obrigação de regressar a casa, de regressar à sua vida, e de só regressar ao Hotel Paradis muitas semanas depois. Conte-lhe o que há muito queria dizer-lhe: “Enquanto isso, não venha aqui, eu exijo”. Saiu e a harmonia ficou comigo.

PÔSTER DO SR. TÓ

Esta noite não quero me despir, não quero me vestir, não quero água, não quero chá de ervas, não quero comprimido, não quero 'eu' estou sentado, não quero ficar deitado. Quero sair pelas janelas, atravessar o jardim, correr pela planície até o mar e me afogar ali para esquecer o que aconteceu. Eu sei que a ambulância raramente retorna para trazer seu passageiro vivo. Mas hoje de manhã foi diferente, porque ela veio e levou o Sr. Tó embora, deixando todos nós desprotegidos.

Eu poderia imaginar que a ambulância levaria qualquer um de nós, poderia me imaginar sendo levado no ônibus de partida, mas nunca poderia imaginar que ela sairia com M.Tó dentro. Jamais associaria esse rangido da porta abrindo, o sopro do motor, o fechamento frio do fio metálico deslizando no trilho, à pessoa do Sr. Ainda anteontem, no final da tarde, ele estava tão feliz em se felicitar pelo triunfo da revolução dos ovos, tão feliz por ter participado da resolução dos latidos dos cachorros, tão feliz em ver dona Joaninha dançando ao som do paso doble, observando sua perna preta e branca, que às vezes aparecia e às vezes desaparecia sob o brilho da saia, e dois dias depois foi levado embora para nunca mais voltar. A tristeza tomou conta do Hôtel Paradis. Não há ninguém entre nós que não valorize o Sr. Tó. Todos, mesmo que não fosse verdade, disseram que tinham batido a borda do prato no dia da reclamação do senhor Tó. Mas este resultado aponta o dedo na direção, nas pessoas de Ana Noronha e do Sr. Cláudio.

A culpa é inteiramente deles e também de Martine Martins, é o que deduzimos da informação que circula.

Dona Joaninha contou que ontem de manhã o Sr. Tó foi chamado pela administração para ser avisado de que nunca mais poderia sair à rua para fumar o seu cigarro. Nunca mais. E porque ? Porque a polícia suspeitou que um morador do Hôtel Paradis tivesse matado os cachorros, e devia ser alguém que passeava livremente pelo jardim. Fizeram autópsia nos animais, cinco cães com pelos brilhantes, e os veterinários concluíram que eles haviam morrido por ingestão de almôndegas contendo agulhas quebradas e vidro amassado. E Noronha acreditava que se a investigação avançasse, a justiça apontaria o dedo ao espírito de protesto do senhor Tó. Dona Ana Noronha teria declarado: “Acabou. A porta permanecerá fechada, não haverá mais saídas, não haverá mais cigarros no jardim ou pequenos passeios pela avenida. Mesmo que não seja você, senhor Tó, eles vão acreditar que se for, e portanto, seja você ou não, é a mesma coisa.”

A situação foi relatada por Dona Joaninha muito irritada, ainda antes do almoço. Mas foi sobretudo o Tó que, sentindo a sua dignidade ofendida, ficou muito zangado. Ele mesmo disse a quem quisesse ouvir, em pleno Salão Rosa – e só quem não consegue ouvir nada por causa dos aparelhos auditivos danificados não ouviu nada – que ele disse na cara dela: “Senhora Noronha, para onde eu iria? obter almôndegas, agulhas quebradas e vidro

esmagado? Quer insinuar que fui eu quem acertou as contas com os cachorros? Usando esses meios? Fala a verdade...” Noronha teve a infelicidade de responder: “Você é capaz disso e de muitas outras coisas”. Existem sentenças que podem matar um homem honrado. Infelizmente, foi esse o caso.

Todos nós testemunhamos o que se seguiu.

O Sr. Tó já não queria entrar na Sala Azul para almoçar. Ele ficou na porta, meio dentro, meio fora do quarto, gritando. O senhor Tó muitas vezes atravessava a sala, de punho cerrado, *Paz, pão, educação*, mas desta vez acrescentou, *razão, rebelião, acção, levantamento*. Quando o senhor Tó anunciou que iria cobrir as paredes do hotel com cartazes apelando a uma revolução no interior, e que iria convocar as televisões, ninguém acreditou nas suas palavras. Mas sim, ele iria trabalhar nisso porque o Hotel Paradis era, em última análise, uma prisão, e seu diretor, um carcereiro em conluio com o administrador. O assunto agravou-se quando Ana Noronha ameaçou chamar os sobrinhos do senhor Tó para o afastarem definitivamente do Hotel Paradis, e isso já tinha sido dito em pleno Quarto Rosa. Seu Tó deu vários saltos com o pé torto, dizendo eh, eh! E ele ameaçou atear fogo ao escritório da administração. Jordão e Igor foram chamados para colocar seus corpos imponentes perto das portas de Dona Noronha e Sr. Cláudio. Não sabemos o que aconteceu a seguir.

A história é que o Sr. Tó passou a tarde e a noite de ontem trancado no seu quarto com as luzes acesas, e as meninas foram bater na sua porta para jantar mas não viram nada além do Sr. cama. Finalmente, de madrugada, enquanto Nina Mercedes fazia sua primeira ronda, viu o Sr. Tó debruçado sobre a mesinha da sala, diante de folhas de papel Bristol meio enroladas onde havia escrito frases de revolta e punição contra a gestão do Hotel Paradis. Ele havia escrito *paz, pão, educação, revolta*. A cabeça do Sr. Tó foi colocada neste cartaz. O senhor Tó ainda estava vivo. Marlon tentou ajudá-la, deitando-a na cama. Seu corpo esticado e seu pé torto, saindo do chinelo, mostrava sua configuração retorcida desde o nascimento. Tó foi levado do Hotel Paradis sem que Dona Joaninha fosse informada. Foi triste, muito triste. Foi o segundo amante a morrer em seis meses. Ao anoitecer, Dona Joaninha apareceu na porta de camisola e pediu para deitar na cama vazia. Ela sabia muito bem o que estava escrito nas folhas de Bristol, aprendera a reconhecer as palavras pelo formato das letras. Em cada folha ele havia escrito quatro palavras que ela reconheceu de trás para frente sem cometer erros. Se o Sr. Tó se recuperasse, ela acreditava que ainda seria capaz de aprender a ler. E foi assim que ela passou a noite ao meu lado, como se a noite de lua de maio se repetisse.

Esta tarde, já escuro, chegou um telefonema: o Sr. António Armando Marinho, sala 317- c, faleceu cerca das 16h30, hora em que o Sr. O falecimento do Sr. Tó foi tão nobre que invejei sua morte. Imaginei para ele uma música solene cantada pelas quatro viúvas, uma música triste e alta como aquela que os cantores cantavam no meu quarto, quando vieram me

visitar sobre o Livro de Jó. Sim, a personalidade do senhor Tó merecia esse *Miserere mei, Deus* .

Mas não, muito pelo contrário. Infelizmente, a morte do Sr. Tó foi acompanhada de um episódio muito inoportuno. Um ato vergonhoso.

As mesmas meninas que entraram no quarto do senhor Tó para ajudar Nina Mercedes a tirá-lo dos cartazes, ainda vivo, e que chamaram a ambulância, encontraram entre os lençóis do revolucionário peças de lingerie *que* só poderiam 'pertencer à dona Joaninha'. E em vez de ficarem calados, de respeitarem os feridos, de respeitarem a própria Dona Joaninha, assim que a ambulância saiu do pátio do Hotel Paradis, exibiram a cueca de renda preta, conversaram sobre isso baixinho, mas para que corra boca a boca, durante toda a manhã. Só soube disso pelos meus companheiros de mesa esta tarde, uma hora antes de chegar a triste notícia do hospital. Um episódio tristemente inapropriado, quando ocorreu uma morte tão nobre. Ontem à noite Dona Joaninha não veio dormir na cama ao lado. Seu luto foi prejudicado. Por tudo que aconteceu, que está me torturando, não quero ficar despido, não quero estar vestido, não quero levar uma bronca, não quero ficar, não quero. Não quero dormir, quero algo que não sei nomear. Quero contrariar os factos, tal como o Sr. Tó. Assim como ele, não vou me render.

CONJUGAÇÃO DO MOT

Acabou – Assim como aconteceu com o Sargento Almeida, a foto do Sr. Tó já foi retirada do *painel* de entrada . A única diferença é que neste caso, em vez de seis dias, foram necessários apenas dois. Sim, a foto da nova moradora do 317- Já está aí, uma senhora chamada Estela. E como um triste presságio, às refeições, D. Estela ocupa o lugar que fora o de D. Ema. O que implica que Dona Joaninha tem agora ao seu lado o ocupante do quarto do Sr. Tó. Proximidade indesejada. Na nossa mesa ninguém aborda o assunto. O senhor Gomes fala muito alto, mas de outra coisa. Seus olhos não desviam dos marroquinos. Quando ele termina o almoço e se senta à mesa *dos Seis Cavalheiros* , surgem grandes gargalhadas. Seu Gomes se junta a Tavares, Carvalho e Tendinha, e eles não brincam, eles riem. Hoje Dona Joaninha deixou cair dois suspiros no prato e levantou-se sem comer. O senhor Gomes, homem que trabalhava nos correios e entregava cartas, que deitava água nos copos com alguma cerimônia, conseguiu mesmo assim dizer: “Ela já está à procura de um novo marido...”

Todas essas vidas que se cruzam me machucam mais do que a minha vida. Quando cheguei aqui e vi setenta pessoas sentadas, imóveis, em silêncio, a benção da televisão passando por cima delas, quis que uma praga invisível viesse e levasse todos nós ao mesmo tempo, pulando, de mãos dadas, por esta praia. Descobri que havíamos perdido nossas vidas há muito tempo. Que éramos restos inertes de existência passada. Mentira. Os restos da nossa vida estão ativos e crescem e explodem sem controle.

Todos os componentes da vida mantêm a mesma natureza e a mesma intensidade, apenas as proporções entre as partes são modificadas. Tal como antes, a alimentação dita o horário, mas aqui a regularidade digestiva torna-se o objetivo principal. A matéria imunda que o corpo produz marca o ritmo diário como um comandante implacável, e para cada um de nós toda esta matéria fluida necessita de um acompanhante e de um policial. A mesa é um império, o banheiro um trono. O jogo do amor, que pensei estar ausente do Salão Rosa, senta-se entre as cadeiras como um rei deposto, mas que visita o seu palácio e se coroa, dia e noite. Aqui tudo o que era natural tornou-se exagerado. A pessoa caridosa vê seus olhos lacrimejarem constantemente diante da decadência alheia. Os olhos do egoísta lacrimejam diante de sua própria decadência. O pacífico fica quieto. O preocupado se transforma em incrédulo. O irônico se transforma em desprezo. O curinga pode se tornar mau ou até cruel. Acredito que o Sr. Gomes era um homem elegante. Terá sido um bom funcionário, respeitoso com os clientes que lhe entregavam cartas e pacotes no *balcão* , e ainda hoje, como disse, serve-nos água com a jarra na vertical, como se nos entregasse a nossa correspondência, e ainda assim , toda vez que vê o balconista Ali com a louça na altura dos ombros, elegante no jeito de se movimentar, Gomes se levanta e cambaleia.

Por que Gomes está bamboleando?

Deixo cair o garfo no meu prato. Joana Amaral continua de luto, não levanta o rosto, os seus companheiros de mesa permanecem de guarda. Mas o epicentro da crueldade está na mesa *de cartas dos Seis Cavalheiros*. E isso eu gostaria de deixar escrito, mas como não posso, dito: Os homens que se reúnem nesta mesa são seis, seis memórias de profissionais que se relacionam, entre os seus jogos de cartas, as suas proezas, o dinheiro ganho, as casas construídas, os países estrangeiros visitados e contam uns aos outros epílogos e aventuras, embora quase todos ouçam muito mal. E enquanto isso, quando as meninas passam, elas comentam, essa é fofa, aquela é muito magra, a mais linda é a Svetlana, a mais doce é a Francine, a romena. Respeitam Igor Maguliy, respeitam Jordão, o brasileiro, e os demais jovens, entre eles Habib, mas não respeitam Ali Abdul.

Ontem, Ali foi a escolhida para o lanche. Ele passou entre os moradores, oferecendo iogurte, chá e biscoitos. Ele estava circulando pela ala sul da Sala Rosa e claramente tentava evitar a mesa dos jogadores. Os senhores do jogo estavam reunidos em volta da mesinha de jogo, e o Sr. Tavares, ex-cobrador de impostos, gritou: “Senhora, venha cá!”

Ali continuou a distribuir lanches na fileira de janelas. Em contrapartida, Igor Maguliy distribuiu. Igor ouviu o chamado do Sr. Tavares e caminhou em direção à mesa dos *Seis Cavalheiros*, mas o mesmo Sr. a mulher...” E ele se levantou e gritou a plenos pulmões: “Ali, minha querida, vem aqui!”

Ali continuou como se a distância o impedisse de ouvir. Enquanto o Sr. Tavares se levantava, acenando para o marroquino, Igor largou a bandeja e atacou o Sr. Os restos da alma do Sr. Tavares eram bastante poderosos na zona de crueldade, mas seus músculos estavam muito diminuídos. O ucraniano nem tocou no corpo do Sr. Tavares que caiu para trás simplesmente sob o poder da respiração de Igor.

Chegaram o mordomo Cláudio, a diretora Ana Noronha, a gerente Martine, o enfermeiro Joaquim, todos vieram em socorro do Sr. Tavares e ameaçaram demitir o ucraniano Igor e denunciar sua atitude agressiva à seguridade social. Ali continuou a servir chá, biscoitos e iogurte de frutas como se estivesse no deserto, servindo fantasmas. Ninguém falou, ele não falou. Naquele momento espalhou-se pela sala, entre os que falavam e ouviam, que Igor tinha sido um justo defensor de Ali.

Não importava quem Ali fosse, não importava quem ele amasse, a vida privada de Ali não era da conta de ninguém. Vergonhosamente, não só o Sr. Tavares, mas também o Sr. Gomes tocavam indecentemente o corpo dela cada vez que Ali passava ao seu alcance. Eles balançavam a mão, davam uma olhada ao redor e faziam isso. Mas como não conseguiam enxergar muito bem, não perceberam quem os observava. Maria Lina e Salomé gravaram uma das cenas no celular. A gravação foi entregue à gerência. Tínhamos que defender Igor e proteger Ali. Uma onda de indignação varreu o Salon Rose. Eu não tinha nada para oferecer, exceto uma banana verde. Fui levado de volta ao meu quarto e esperei. Mas agora já são nove horas da

noite e ele ainda não passou pelo corredor. Meu coração está cheio da palavra *forte* para dizer a ele repetidas vezes.

LES MOTS D'ALI

Nina está entrée em silêncio, elle m'a levée em silêncio, elle m'a déshabillée em silêncio, elle m'a ve les yeux em silêncio. Ela a cherché mes vêtements et m'a habillée sans dire un mot. Antes de m'asseoir sur la charrette, ela disse: “ Tenho uma mensagem para você, Alberti. Uma mensagem de Ali, que partiu esta manhã muito cedo para o aeroporto. Ali e seu irmão Habib, ambos partiram daqui. Não regressarão a Portugal. Um beijo para você. Mais forte que a cor da manhã, ele me disse. E ele também recomendou que eu te dissesse, forte, muito forte, Alberti ²³ . ”

Nina Mercedes deslizou minha cadeira pelo corredor e os chales nevados pareciam palhaços falsos pendurados na parede, atrás daquelas janelinhas pintadas não havia nada, nem mesmo falsidade. Já não tínhamos Ali, nem o seu irmão, nem a sua história, nem os ecos do caminho para Zagora marcados no seu corpo, como um cinto de seda entre a lateral e o ombro. Queria pronunciar a palavra Ali e não consegui. Ali, Ali, Ali, Ali, Ali, eu só estava repetindo para mim mesmo. Quando entrei na Sala Rosa, o grupo que expulsou Ali daquela casa estava sentado na mesa *dos Seis Cavalheiros* . Eles estavam bem na frente, com os olhos baixos olhando as cartas, entre eles Sereno, Carvalho e Tavares. Pedi a Nina que me levasse até esta mesa. O que Nina fez. Pedi-lhe que se sentasse perto, para que eu pudesse dizer uma palavra ao Sr. Tavares. Os quatro idosos sentados à mesa ergueram os olhos. Então, bem perto deles, pude vê-los claramente. Eu não sabia até que ponto eles me viam ou ouviam. De qualquer forma, eu disse o mais alto que pude: “Senhor Tavares, olhe para mim com atenção...”

Os quatro notaram minha presença. Eles me olharam surpresos. Eu sabia que se levantasse mais a voz ela soaria estridente, como vapor de água saindo da chaleira, e eu não queria isso. Não tinha outro jeito, eualaria baixinho. Disse em voz baixa o que queria dizer: “Tavares, você é a figura do mal. A figura do mal, a figura do mal, a figura do mal jogando cartas. Se alguém não sabe o que é o mal, o mal é você.”

Seja amaldiçoado para sempre, Sr. Tavares.

25 de novembro 2019

Ateamos fogo à nossa querida casa – Nada escapou.

*O tempo devorou meu
frota.*

TÔNICO TOLA

Eu conheço a crueldade. Eu tinha nove anos quando aprendi a conjugá-lo junto com os verbos – eu vou andar, você vai andar, ele vai andar. O que fazemos, o que você faz, o que eles fazem. Eu estudaria, você estudaria. O ensino da crueldade foi combinado da mesma forma – eu sou o bastão, você é a corda, ele é a pedra, nós somos o arremesso de pedra, você é o porco, eles são o rebanho. – Agora está escuro de novo e estou falando na frente do meu Olympus Note Corder DP-20.

Sim, agora outro dia e outra noite se passaram. Ontem à noite, Maria José das Lundas veio para a cama comigo. Ela me despiu, me vestiu e me deitou na cama do meu lado esquerdo, aquele que me dá mais descanso. Tantos gestos que rejeitei corajosamente em minha alma, mas meu corpo obedeceu como se eu fosse um cordeiro. Só realizei um desejo: não tomei a pílula de pérola e romã. Maria José é angolana, acredita mais nas palavras dos outros do que nas meninas do Oriente. A angolana não me examinou como lhe foi pedido. Com o olhar ausente, ela parecia sonhar com diamantes, e o comprimido ficou preso na minha bochecha para ser cuspidor. – Não quero água, não quero chá de ervas, não quero comprimido, não quero nada. Quero ser livre para pensar e lutar com a noite, se ela chegar de madrugada, como sempre.

A saída do Ali após os insultos do Tavares dos *Seis Cavalheiros Distribuem Cartas* e a morte do Sr. Tó afetou-me tanto que cheguei a pensar que a minha vida é feita da sobreposição das vidas que encontro, e que a minha pessoa é apenas a soma de todos eles. Sou uma espécie de cebola feita da vida dos outros, e dentro deles sou apenas uma de suas folhas. E chego à conclusão de que existem dois tipos de folhas que me compõem, as que admiro pela sua grandeza e as que me entristecem pela sua miséria. Ontem à noite, enquanto olhava para a minha vida, em estado de choque com a morte do Sr. Tó, a imagem de Tonico Tola emergiu do passado. Imagino que nenhum ser vivo na Terra saiba que ela existia. Mas eu, em memória do Sr. Tó, pensei em Tonico Tola.

Acordado, no meio da escuridão do quarto, pensei nesta figura distante. Conheci Tonico Tola numa tarde de novembro, era criança e voltava da escola com meus colegas. A distância da escola até casa era de quatro quilômetros e meio. Em cada viagem aventuras extraordinárias poderiam acontecer. Sempre ouvi falar de um menino nascido em 1908 que, depois de todo esse tempo, ainda parecia um garotinho. Embora houvesse vinte anos de diferença entre nós, por acaso compartilhamos o mesmo dia de nascimento. Passei minha infância ouvindo que se eu não me corrigisse sobre isso e aquilo, ficaria louco como Tonica Tola.

Meu horror de me parecer com Tonico Tola vinha do que as pessoas diziam sobre ele. Dizia-se que quando ele tinha apenas alguns meses de idade sua mãe o deixava sozinho no berço enquanto ia buscar lenha. Um dia um porco

entrou na casa, atacou o pequeno e devorou-lhe os órgãos genitais. O bebê então se tornou uma menina. Era uma imagem terrível, porque os camponeses assustavam os filhos dizendo que chamariam um porco para comer o pênis e que virariam meninas. Na minha opinião, as meninas eram meninos cujos órgãos genitais foram comidos por porcos. As meninas, portanto, tinham esse parentesco profundo com Tonico Tola e podiam enlouquecer como ele. Nunca quis me encontrar com esse Tonico Tola, sombra dos meus sonhos na escuridão. Mas numa tarde de novembro, quando voltávamos da escola, andando pela estrada asfaltada, vi alguns meninos seguindo em fila indiana um homem muito pequeno e franzino, a quem chamavam de Tonico, Tola.

Os meus camaradas tinham pedras nas mãos e atiraram-nas contra Tonico Tola, miraram-lhe nos calcanhares e no chapéu. Tonico Tola carregava nas costas uma bolsa de juta. Quando o grupo de meninas alcançou o grupo de meninos que atirava pedras, Tonico tentou negociar a paz oferecendo o que tinha na bolsa. Ele espalhou seu conteúdo no chão. Eram pedaços de pão seco e batatas roxas. Tonico Tola ofereceu pão e batatas, protegendo a cabeça das pedras. Disse em voz muito alta: Tonico Tola tem muito pão, Tonico Tola tem muita batata, Tonico Tola dá pão e batata. E o homenzinho franzino agachou-se, mostrando o que tinha a oferecer, enquanto os meninos erguiam as pedras bem acima de sua cabeça.

O chapéu de Tonico Tola rolava no chão. Seu cabelo estava fino e ralo. Nós, meninas, permanecemos imóveis, agachadas e olhando para Tonico Tola. Suas calças estavam amarradas na cintura com um barbante. Debaixo dessas calças havia um pênis de menina. Nós, meninas, não intervimos, mas estávamos interessadas no que iria acontecer. Os meninos riram do conteúdo espalhado pelo chão. "Devemos matá-lo?" um deles perguntou. "Aqui vamos nós !" Tonico Tola disse: "Você vai me matar, Tonico Tola?" E ele se deitou no chão.

As pedras foram erguidas, nós, meninas, permanecemos agachadas, curiosas para ver como era matar um homem, não apenas como ele seria morto, mas também o que aconteceria a seguir. Se corresse muito sangue, quem gritaria que um homem foi morto e quem seria preso. Mas naquele momento apareceu uma carroça com um camponês sentado nela. Com um salto, ele desceu do carrinho e correu em direção aos meninos. Ele ergueu Tonico Tola do chão e perseguiu os perseguidores com pedras. Tirou da sacola as batatas e o pão, devolveu o chapéu a Tonico Tola e colocou-o na carroça.

Tonico Tola saiu sentado em cima da carga, muito pequeno, muito magro, com o chapéu de tecido nas mãos, uma corda na cintura, descalço, rindo, porque havia sido salvo. Eu era Tonico Tola. Uma menina, ou seja, um menino cujos órgãos genitais foram comidos por porcos, que uma vez costurado gerou uma menina que era filha de minha mãe. Quando Tonico Tola desapareceu, juntei-me aos meus amigos. Nunca soube o que eles

sentiam e nunca lhes contei o que sentia por Tonico Tola, meu irmão e minha sombra.

Agora que Ali Abdul desapareceu levando consigo seu irmão Habib e o Sr. Tó está morto, Tonico Tola vem até mim para dizer que sou feito de muitas pessoas, e uma delas é Tonico Tola. O senhor Tó não se lembra de Tonico Tola. São duas pessoas diferentes que juntei sem motivo, porque o Sr. Tó era homem e dormia com a Dona Joaninha, e mesmo assim tive a ideia de que o Tonico Tola e o Sr. nesta vida, que tivemos filhos e filhas, mesmo que tenhamos sexos diferenciados, somos todos Tonico Tola. Somos todos Tola e quero acusar alguém porque existimos e não sei a quem acusar nem como. O meu pedido tem uma base e um significado, mas não tem destinatário concreto. Meu consolo é me imaginar de braços dados com essas pessoas que amo. E ainda assim não posso oferecer nada a eles.

REPETINDO OS FATOS

Lilimunde disse: Dona Alberti, tudo muda o tempo todo. Edu Horvat partiu no sábado. Antes da verificação, ficávamos colados um no outro no aeroporto, ninguém conseguia nos tirar. Nos beijávamos constantemente, nossos corpos nasceram separados por uma longa distância, aquela que vai de Marabá a Budapeste, mas Deus nos uniu. Essa separação não significa nada, apenas uma viagem à sua universidade. Edu retornará em breve. Você vê ? O avião é a coisa mais maravilhosa que Deus colocou na Terra para voar de um lugar para outro. E o calendário está a meu favor, dona Alberti. Aí eu tenho que me livrar da semente. Repito, estou grávida mas não serei mãe. Edu não saberá de nada. Deus me livre. Ele me pediu para ter cuidado e eu não sabia como fazer, então não tomei cuidado. Este obstáculo entre dois corpos não deveria existir no amor. Maldita seja a semente que separa aqueles que se amam, criando obstáculos. Amanhã de manhã estarei na porta dos fundos do bar do Justino, bem perto da lixeira da Marina, em frente ao Dancing Ferox. Você vê ? Ainda não contei que enquanto isso, para o Edu economizar, estou dormindo novamente no sofá do bar há uma semana.

“E agora o que você vai fazer?”

Amanhã partirei de madrugada com o senhor Francisco, o padeiro. Ele vai distribuir o pão e eu vou fazer um aborto, mas o senhor Francisco nem imagina o que vou fazer. Ele vai me deixar no hospital, perto do serviço de Oftalmologia, como se fosse uma consulta por causa do olho esquerdo. Mas não vou para o oftalmologista, vou direto para a direita da Obstetrícia e vou me livrar da sementinha, vai demorar uma hora e meia, depois volto para o meu sofá , perfeitamente aliviado. Se Deus quiser. É por isso que venho me despedir antes que seja tarde demais – “Você não acha que estou fazendo a coisa certa?”

Ouvi Lilimunde, e a sua história parecia a repetição de uma história muito antiga, ocorrida noutro espaço do firmamento. “E como você vai voltar?” Perguntei. Ah! Ela voltaria bem para casa, pegaria um ônibus de volta para o sofá do bar do Justino. Para Lilimunde tudo seria muito fácil, muito discreto. Uma hora depois ela já estaria correndo e pulando. A semente ficava num balde e ela voltava a tempo de começar seu turno às quatro horas. Então, abri minha sacola de tecido onde também está o *papel Dona Maria Alberta, sempre à sua disposição* , e tirei duas notas dobradas. Quarenta euros para o ajudar a chegar a casa de táxi, caso não fosse assim tão simples, correr e saltar.

Hoje eram quatro horas quando Lilimunde voltou.

Ela entrou no meu quarto. Ela encostou-se no armário, rindo, sem dizer nada. Eu perguntei a ele: “E daí?” Lilimunde, a princípio, pareceu querer ficar em silêncio. Então ela disse que nada aconteceu como ela havia planejado. Tudo tinha sido diferente do que ela havia planejado e as duas notas dobradas estavam lá, ela me devolveu, não precisava delas. Sua mente

mudou completamente de idéia. Da cabeça aos pés. Dona Alberti, você nem vai acreditar. Lilimunde riu. Ela não contou porque Martine Martins, a tirana, logo acrescentaria seus dois centavos à conversa, mandando aqui e ali. Ela ainda disse que ocorreu uma grande reviravolta.

“Que reviravolta?” Perguntei.

Então. Ela havia passado a noite no sofá se revirando, sem motivo, mas por volta das seis e meia da manhã já estava perto das lixeiras da Marina, pronta e segura, como se tivesse dormido muito bem, e a van do Sr. demorou a chegar. Ela então ligou para o Sr. Francisco e lá percebeu a confusão que reinava em sua cabeça, pois ela mesma havia combinado que o padeiro a buscasse por volta das sete e meia. Ela havia errado a hora. Então ela voltaria para o sofá? Não valeu a pena.

O sol estava a caminho de Valmares, só que não o víamos por causa da neblina de Novembro, mas podíamos ver pelo halo de luz entre o perfil dos hotéis e as nuvens que o sol em breve surgiria. Na Universidade Edu o sol já devia estar alto, devia ser por volta das dez horas da manhã. Lilimunde disse que tinha uma vontade imensa de ligar para Edu. Não foi incongruente, segundo Edu, foi um bom momento para os húngaros. Ela ligou para ele. Ela ligou para ele e ele atendeu. Eles falaram um pouco, devagar. A conexão foi excelente. Ele perguntou onde ela estava, e ela não quis mentir completamente, ela disse que estava indo para o hospital na van do pão porque tinha um problema de visão. Ele tinha aprendido português o suficiente para lhe dizer explicitamente que sentia muito, mas que já não estava mais em Budapeste, mas à beira de um lago. Que assim que chegou à universidade foi enviado diretamente para um instituto às margens do Lago Balaton, onde estava. Mas por que Edu? Ela ficou muito surpresa.

Então Edu explicou ao telefone que precisavam dele por causa das algas marrons. Ela deduziu isso pelas poucas palavras que compartilharam e pelas imagens que ele lhe enviou. Edu disse algumas palavras, enviou fotos do lago, sem dúvida muito profundo, cercado de mata, e fotos do instituto. Era o fim de um mundo desconhecido e distante para onde Edu havia ido, um olho de água azul que a engoliu para longe, e ela teve uma forte vontade de chorar. Ela começou a chorar. Edu, onde você foi, meu querido? O que é aquilo ? Tão longe de mim. E ele disse *amor, querido, sem distância* . Ela respondeu, *sem amor, grande distância* . Edu respondeu em português, nem no Natal nem na Páscoa, sim no verão, vou ver se consigo. Lilimunde disse que lhe perguntou: “E você vem mesmo?” Tinha apenas cem palavras em português, algumas delas refinadas, e respondeu, por outro lado: “Possivelmente”.

Talvez, Edu?

Lilimunde disse que estava em frente às lixeiras da Marina, com os papéis prontos para descartar as sementes dobrados no bolso da mochila, e a roupa que julgava necessária num outro bolso maior. Ela perguntou: “O que você quer dizer, Edu, com possivelmente?” Edu respondeu com palavras vagas e difíceis, que se o seu trabalho com as algas desse resultados e ele

continuasse a trabalhar neste instituto das águas, talvez só conseguisse regressar a Portugal no verão, em julho ou em agosto. Lilimunde estava esperando ele dizer, escuta, é só você vir me ver, estou com muita saudade de você. Lilimunde esperou um segundo, dois, e ele não disse nada. Ela disse: “Então eu vou, Edu”. Ela esperou um segundo, dois, três. Edu disse: “Não, Lilimunde, você espera aí. Aqui, no instituto da água, tenho que me concentrar noite e dia, muito mais do que lá. Algas muito difíceis de estudar, são plantas muito complicadas. Lilimunde, Lilimunde, hoje à noite vou ligar para você para saber como foi a consulta oftalmológica”, disse a paraense, encostada no guarda-roupa do meu quarto. “E então, dona Alberti, eu não fui me livrar da semente”, disse a menina de Marabá.

Ela disse que após o término da ligação as nuvens se dispersaram e entre elas se formou uma clareira rosada no mar, que ela sentiu que nunca mais veria Edu Horvat, que a vida havia se separado. Que de repente ela sentiu que ficaria para sempre sem o olhar de Edu, e que a melhor forma de preservar o olhar dele seria manter a semente, quentinha, debaixo do vestido, até ela nascer.

Que ela tinha visto a caminhonete do pão passando pela avenida, e que ela havia dito para si mesma que seria bom ter a barriga inchada, uma barriga pronta para explodir, e que de dentro dela da barriga aparece um ser com a cara do Edu . Ela havia deixado a van sair da avenida e dado a volta na traseira do Dancing Ferox, aproximando-se do lixo, e fez sinal para o Sr. Francisco que não iria. Segundo ela, o padeiro havia parado o veículo um pouco antes das lixeiras e ficou muito surpreso, por que ela não foi fazer o exame oftalmológico? Lilimunde tinha dito que lhe agradeceu muito, que acordou com uma visão maravilhosa, que era certamente um chiqueiro. E a carrinha do pão do senhor Francisco tinha saído sem ela, disse Lilimunde, encostada ao armário, uma orelha dentro e outra no corredor, por causa da vigilância da cruel Martine. Lá embaixo, o senhor Peralta estava ao piano, e as notas chegavam ao segundo andar como se estivessem sendo tocadas aqui mesmo, no meio da sala. “Se você não precisa de mim, eu tenho que ir”, disse Lilimunde. “Eles estão de olho em mim, não veem mais nada...”

“E agora o que você vai fazer?” Perguntei.

Lilimunde já havia pensado nisso. Mas ela não sabia muito bem. Ela acreditava que ao dar à luz um filho, ela teria status. Ela se imaginava nas consultas, cadastrando-se na seguridade social, na ação social da Igreja, e ela, uma vez mãe, seria respeitada, e alguém a abrigaria, o Evangelho dizia que nunca faltariam sementes para pássaros ou algas verdes para pescar no mar. Ah! Talvez fosse bom ter um filho, ela que não tinha nada. Essa criança iria fixá-la em um lugar do mundo, e seu bebê seria muito inteligente, seria um menino esperto como o Edu. Virgem Maria. Perguntei: “Mas você desistiu do Edu?” Lilimunde disse que em hipótese alguma desistiria. Talvez ele viesse no verão, talvez antes, na Páscoa, talvez ainda agora, no Natal, se a falta fosse muito sentida, mas ela não contaria pela boca para Edu o que estava acontecendo, estava passando. Se ele viesse e a quisesse

novamente, ele a aceitaria como ela era, com sementes germinadas e tudo. Se ele não vier, que tudo corra bem para ele lá, no laboratório do lago.

A imagem do lago a preocupava, criava uma distância que ela não imaginava, como se o acaso tivesse se encarregado de separá-los. Foi incrível, porque cinco dias antes eles não podiam se soltar na área *de check-in*. “Dona Alberti, vou te falar a verdade, é que não decidi simplesmente esta manhã, decidi aos poucos. Quando soube que o Edu estava indo embora, comecei a pensar, pensar. Você vê ? Dois pensamentos, um aqui, outro ali...”, disse a paraense.

Eu estava sentado, tive dificuldade em olhar para Lilimunde encostada no armário. Lá embaixo o senhor Peralta havia terminado seu concerto da tarde, talvez uma polca que repetia sem parar, enquanto conversávamos na sala. Já era hora de Lilimunde sair para o corredor. Mas, primeiro, ela se inclinou e colocou a cabeça em minhas mãos. Quando ela levantou o rosto, ambas as bochechas não estavam molhadas. E isso foi bom. Nem eu. Quando foi esse o meu caso, eu também pensei, refleti e não derramei nem uma lágrima sobre mim mesmo. Não há necessidade. Nós dois, tão distantes no tempo, no espaço e na educação, e tão da mesma raça. Éramos irmãos. O amor de Lilimunde era antigo, muito antigo. Um amor além da órbita dos nossos tempos. Era um amor tão antigo quanto uma carroça puxada por uma mula, pensei. Como uma colheita cortada à foice, como uma jovem bordando na janela, como o queijo no pão assado há dez dias, como o linho remendado pelo reparador, como o vestido branco tingido de vermelho na lavanderia, como o aborto com uma faca de cozinha, como duas gemas de ovo no vinho para restaurar a saúde, como caldo de galinha para curar febres, como pano atalhado para conter hemorragias, como o gramofone no pátio para dançar aos domingos, como o menino vestido de gabardine em sua bicicleta, como o cigarro nos lábios, como o chapéu com a aba caindo sobre os olhos, como os olhos opacos e sedutores, como a dádiva de um primeiro Atlas, como a dádiva de um segundo Atlas, como a dádiva de um Globo Terrestre, anos depois, colocá-lo na mesinha de cabeceira, ligá-lo como um abajur, e com essa luz esverdeada, que ela é obrigada a pensar para ele, como antes, quando ele saiu em um transatlântico tão grande que entrar na água fez o nível do ascensão do oceano. Mas foi assim, o amor antigo continuou no meio do mundo moderno, agindo. Aviões, computadores, mensagens, fotos digitais, vídeos, movimentos incríveis, satélites no céu relatando a atividade de uma formiga na Terra, e no meio disso tudo a mesma história humana amarelada. Que pena, meu Deus. Que mistério tudo isso, Alberti, sentado na sua cadeira de rodas, diante do gravador, diga só para você. Ninguém ouvirá suas palavras, vento falado a um pequeno objeto de nada.

O mês de dezembro chegou. É um mês violento. Se for como no ano passado, tudo corre, e em vez de ser uma época de calmaria como anunciam as músicas, faltará o tempo de divulgação de guirlandas e balões para cuidar dos moradores e não haverá tranquilidade.

Se for como no ano passado, haverá creche, músicas, frituras, pacotes, visitas de longe, o fotógrafo virá mostrar suas odiosas obras de arte e tentará conversar com suas vítimas. No ano passado também vieram os representantes dos óculos e dos aparelhos auditivos, e haverá tempo para nos reunirmos e nos desafiarmos, criando o texto de um cartaz composto por todos. O tema deste ano já foi anunciado: Definição do Ano Novo. Bianca disse que precisamos nos preparar para que nossas frases sejam gravadas, escritas, escolhidas, ampliadas e colocadas no hall de entrada como no ano passado.

Mas este ano não sei se participarei. Não acredito na boa fé de quem promove a composição do cartaz sobre tal tema, quando um menino como Ali Abdul, alguém que tanta alegria nos trouxe, foi maltratado por pessoas como Tavares e nada aconteceu com ele. Todos os gêneros humanos são acomodados aqui e, como na vida lá fora, os maus se elevam acima dos outros. Como eu disse a ele que ele é a cara do mal, quando o Tavares passa por mim, toda vez que ele passa com a bengala perto da minha cadeira, ele bate nas rodas, faz barulho com os lábios e abaixa a cabeça, como se fosse indo. cuspir no chão.

Gomes, não. Este, apesar de tudo, retraiu-se. À mesa, enfrentei-o o máximo que pude. Eu estava pronto para fazê-lo entender que não o valorizava mais. Antes que ele se levantasse e dispensasse água com moderação, como se entregasse cartas registradas, coloquei a mão no copo sem olhar para ele. Como ele não ouve bem, mas vê razoavelmente, deve ter entendido o significado do meu gesto. Se não compreendeu imediatamente, compreendeu logo a seguir, porque Joana Amaral disse: "Senhor Gomes, já não anda gingando? As *cartas dos Seis Cavalheiros* deveriam ser expulsas desta casa. Não respeitam o homem que fundou o clube, não respeitam o espírito daquele que se chama João Almeida, sargento..." Mas a frase acabou por ser muito longa e Dona Rita de Lyon teve que resumi-la, pronunciando bem alto: "Senhor Gomes, o senhor também é o responsável pela saída dos meninos marroquinos." Aí o Sr. Gomes ouviu e entendeu. Ele ergueu a jarra de água, veio até mim e disse: "Vamos, esqueça, senhora".

Eu não aceitei. Coloquei minha mão direita de volta no vidro, recusando seu serviço. No dia seguinte, cedi. Deixei o Sr. Gomes servir a água. Uma coisinha tão grande em nossas vidas. Nossos sinais de raiva e consolo estão alinhados com as margaridas. Gomes estava feliz. Ele se levantou e distribuiu os pães da cesta como se fossem cartas. Mas o Tavares continua a bater com a bengala nos pneus da minha cadeira. Ele é a face do mal. Ele

tirou Ali de nossas vidas. Não havia ninguém que recusasse Ali lavá-lo. A própria Dona Joaninha, que ainda está de luto, lamentou a saída de Ali à mesa. Dona Estela, que chegou recentemente, fica surpresa com o nosso sentimento. Grandes e pequenos acontecimentos nos movem. Acho que entre nós tudo é mais emocionante porque sabemos que tudo o que acontece acontece pela penúltima ou até pela última vez. A suspeita de que o bem e o mal nos dão imagens últimas confere-lhes tal intensidade que nos torna fracos, mesmo na força. É aqui que me sinto. Dona Joaninha também, mesmo que ela não diga. A prova é o episódio ocorrido com um terceiro homem que se apaixonou por ela.

Tudo foi muito rápido. Aconteceu no início de dezembro. Mas para falar por ela, sobre este caso, é preciso banhar as mãos em água de Colônia. O protagonista se chamava Sr. Rudolfo. No mesmo dia, o Sr. José Augusto entrou no quarto 306, Dona Elvira entrou no quarto 103, e o Sr. Rudolfo entrou no quarto 307. O número de moradores do Hotel Paradis se completou no início de dezembro de 2019. Se até agora os outros dois as pessoas não têm história nesta casa, o senhor Rudolfo tem e terá. O senhor Rudolfo chegou na segunda-feira, com um bigode fino como os atores italianos dos anos cinquenta, chegou sozinho e não tinha nada consigo. Foi-lhe cedido o quarto de Dona Aurora. Ele imediatamente mostrou sua singularidade porque não queria se aproximar da mesa de *Six Gentlemen Dealing Cards*. Ele sentou-se entre as mulheres no meio da sala e olhou maliciosamente para todas elas. No dia seguinte ele perguntou bem alto: “Qual deles ainda é capaz de ir para a cama com um homem?”

Seu Rudolfo não queria sentar-se à mesa do clube, mas foi dali que se levantou um braço apontando na direção de Dona Joaninha. Dona Joaninha estava sentada olhando para a *tela da TV* onde acontecia uma feira de gado em alguma parte do mundo e ficou ofendida. Ela se levantou, foi embora, foi se apoiar no batente da porta que dava para o Salão Principal. Seu Rudolfo levantou-se atrás de Dona Joaninha, aproximou-se e tocou-lhe nos ombros. Dona Joaninha o empurrou, seu Rudolfo cambaleou, ele se levantou e se jogou nos seios dela. Ele disse: “Você não quer brincar?” O senhor Rudolfo não era alto, Joana Amaral atirou-se nele e abraçou-lhe o pescoço. As meninas tiveram que separá-los. Dona Joaninha gritou: “Você vai me pagar. Eu gostaria que você morresse. Que você morra imediatamente.

Ontem estávamos à mesa, na Sala Azul completamente silenciosa. Nenhum prato ainda havia sido servido, não se ouvia nenhum som de garfo, colher ou faca. Quando os pratos entraram na sala, ouvimos um estrondo. O senhor Rudolfo havia caído da cadeira e gesticulava no chão. Virei a cabeça o máximo que pude e vi o Sr. Rudolfo com os braços e as pernas abertos como aquele homem que um pintor italiano, Leonardo, pintou dentro de um círculo e de um quadrado. Dona Joaninha levantou-se e disse: “Meu Deus! Eu lancei esse feitiço nele, mas não lhe desejei nenhum mal. Como isso aconteceu?”

Todos nós sabíamos. Joana Amaral não foi responsável pela situação mas sentiu-se culpada. Ela se abaixou e observou as meninas tomarem o pulso

do Sr. Rudolfo enquanto ele estava deitado no chão. Ele não deveria ser movido, segundo o enfermeiro Marlon ele deveria permanecer deitado assim, como se tivesse caído do céu, até a chegada da ambulância. O grande ônibus de embarque levou o Sr. Rudolfo, que nunca mais voltou. Dona Joaninha está há dois dias dormindo ao meu lado, na cama vazia. Dona Joaninha quando se despe fica com cueca branca. Mas além disso ela se veste de preto.

4 de dezembro 2019

Chegou a hora da grande batalha.

Todos os cavalos pisam e relinham

- Nossa vida .

AINDA SEREI FORTE?

É mais que conhecido, e repeti-lo é cansativo: mesmo quando não aparece na forma de uma entidade composta como um grifo e quando vem disfarçado de silhueta invisível, a noite ainda é um animal sanguinário. Esta noite ela saiu das paredes, aproximou-se do meu corpo e me fez tremer de frio. Ela esmagou minha romã pérola no travesseiro e deixou uma mancha no meu rosto. Ela deixou cair o gravador no chão e afastou o botão da campainha. Eu não pude ligar. E mais, ela permaneceu imóvel e invisível, presente como um gás tóxico, saboreando minha insônia até o amanhecer.

Já era de manhã quando ouvi a Martine Martins passando, entendi que ela estava olhando no meu quarto, liguei para ela, mas infelizmente minhas ligações coincidiram com o momento em que a gerente colocou os calcanhares no chão. Meus chamados e seus passos se combinaram de modo que ela não me ouviu. Felizmente foi Lilimunde quem entrou meia hora depois. Ela pegou meus itens do chão, limpou meu travesseiro, colocou meu telefone para carregar. Felizmente a noite passou.

Então, Lilimunde?

A filha de Marabá está bem, parou de vomitar. Ela conversou com Edu Horvat recentemente. Edu não sabe quando virá e ela deve ficar longe de um país que tem uma capital chamada Budapeste e um laboratório que estuda algas lacustres. No meio deste laboratório, diante de um formidável microscópio, que mostra tudo até o nascimento do primeiro ser a se mover na Terra, quando a lama se transformou em vida, está um menino de vinte e oito anos que observa. Você não deve perturbá-lo. É o que ela diz, ou seja, Lilimunde do Pará. Mas o telefone é um meio de comunicação eficaz, mostramos parados e em movimento. Ela já contou para o Edu. Ela vai ter que mudar de emprego porque tem que sair do sofá. Em vez do sofá, Justino, dono do bar, colocará algumas garrafas. Mas se ela se mudar para a padaria, terá uma cama grande e um banheiro decente. Sim, ela vai se mexer - Diz ela rapidamente, enquanto me repreende porque não tomei meu remédio, não pedi mais cobertores, não exigi que o supervisor da noite passada me levasse e aproximasse a campainha. Dirigindo-se ao guarda-roupa para pegar roupas mais quentes, Lilimunde fica de perfil e sua barriga começa a ficar bem redonda contra a luz. A cada segundo que passa, a semente germina sem parar. Com os braços levantados, as costas, ela procura e remexe nas minhas roupas penduradas nos cabides, demora a encontrar o colete que lhe pedi. Quando ela se vira, ela diz que ele não está lá.

“Não encontro, dona Alberti. Nem o colete com punhos de pele sintética, nem o colete chique.” Peço a ele que me leve até lá. As portas do guarda-roupa estão abertas e Lilimunde tira as roupas uma a uma para que eu acredite nela. Desfilam as roupas de verão e de inverno, e não estão lá os dois cardigans mais quentinhos, os que uso quando o frio chega, os que têm botões que permitem passar no peito. Nenhum. Mas ela também não

encontrou a capa cinza. Onde eles estão ? Há quanto tempo não os vejo? O verão passou, o outono passou, eles desapareceram. São três trapos que desapareceram, mas esta manhã, tremendo de frio, num quarto do Hotel Paradis, tenho a impressão de ter perdido as joias mais preciosas do mundo. Quais eram meus e quais foram roubados de mim. Lilimunde diz: “Podem estar na lavanderia, vou ver e volto”.

Mas eu sei que eles não estão lá. Desenhei um filme completo e entendo que alguém, em pleno verão, pensou no inverno e tirou as três peças de roupa da residência, e eu não percebi nada. Minha filha chega, guarda minhas roupas, dobra, mas não percebe nada. Ela não presta atenção nas dela, que deixa espalhadas por todo lado, e menos ainda nas da mãe, que ela não usa. A cara de Edgar de Paula, o sedutor. A filha de outra pessoa já teria percebido o roubo há muito tempo, mas minha filha faz amor com o Universo.

Lilimunde me deixou enrolado num cobertor enquanto descia para a lavanderia. Ela volta de mãos vazias, acompanhada pelos passos apressados de Martine. Martine Martins abre bem o armário para trazer a verdade à luz. Graças às suas mãos e ao seu olhar de águia, ela encontrará as três peças de roupa e as jogará na minha cara. Mas ela os procura e não os encontra. Ao não encontrá-los, ela pega o celular e liga para Gina e Jaciara.

Os dois correm muito rápido e também mexem nas minhas coisas penduradas, e se voltam para a janela, decepcionados. Sim, nunca viram roupas assim, como lembra Martine, as duas, Gina e Jaciara, só entraram nesta casa no final da primavera. Com certeza, roupas quentes como essa já haviam sumido. Eles olham para mim e piscam as pálpebras várias vezes em sinal de inocência. Eu só vejo seus cílios subindo e descendo. Jaciara disse: “Desculpe, dona Alberti, mas nunca vimos esses coletes e muito menos o seu xale cinza claro. Nunca, desde que aqui estamos, e quem traz a roupa da lavanderia somos nós...” Ocorre a Martine Martins dizer: “A tua filha pode tê-la levado para casa”. Aí perdi a paciência: “Pelo amor de Deus, minha filha não liga para os meus trapos. Minha filha só pensa em suas loucuras. Me deixe em paz. Vá embora, pessoal...”

As três meninas saem, mas Lilimunde sabe que a quero perto de mim. Ela pega meu lenço, enxuga meu rosto, tira o cobertor dos meus ombros, me despe, me lava, me veste. Estou vivenciando a minha tragédia, a perda das minhas roupas, não quero compaixão de ninguém, nem mesmo de Lilimunde. Mas, no meio do meu infortúnio, há consolo. Fino, mas mesmo assim um consolo. Meus ombros já não se levantam com a força dos meus soluços e consigo dizer no meio das lágrimas: “Lilimunde, você cheira tão bem. Onde você comprou isso?”

Contou que tinha ido à farmácia na carrinha do pão, e no regresso, passando pelas ruas da Marina, tinha encontrado na montra de uma loja chinesa, sob o Dancing Ferox, o perfume de bergamota. Pensar nos meus coletes roubados deixa meu coração pesado. Lilimunde leva-me ao Salão Rosa, e há quem consiga ler os sinais do meu sofrimento na minha pele sardenta. Conto o que

aconteceu, que fui vilmente roubado. Dona Luísa de Gusmão era também, assim como Dona Rita de Lyon, o seu vestido francês mais lindo que o filho lhe mandara de aniversário, ela nem usou, o vestido sumiu de repente. E Dona Eva Leal, que acaba de chegar, já perdeu os brincos de casamento. Ela viveu com eles por setenta anos, pendurando-os onde pertenciam sem removê-los. Quando chegou ao Hôtel Paradis na segunda noite, ela os perdeu. Quando ela acordou de manhã, ela só tinha dois buracos nas orelhas. Até a próxima.

Não creio que meus coletes tenham sido roubados, minha própria pele foi arrancada. Não sei como vou lidar com tanta dor.

NO BOLSO PEQUENO

O pressentimento veio depois do jantar, quando eu estava a caminho do meu quarto. Pedi a Salomé que pegasse minha sacola de pano e colocasse no colo. Deixe que ela me deixe em paz. Quando ouvi seus passos apressados se perdendo no corredor, apertei a bolsa nas mãos.

Eu estava verificando? Não verificou?

Minhas mãos tremiam. Abri a sacola e verifiquei que ninguém havia roubado os três bilhetes que meu genro havia me deixado de presente para três meninas, mas que eu queria colocar todos no bolso de Lilimunde. A revelação, pela manhã, do roubo de meus melhores agasalhos me fez esquecer completamente a ajuda que pretendia prestar à filha de Marabá. Mas agora verifiquei com alívio que as três notas dobradas estavam lá, ninguém as havia tirado de mim.

Fiquei agarrado à bolsa e à alça como um sobrevivente de um naufrágio. Quando você está no Hôtel Paradis, acaba invertendo o valor dos fatos, como é o meu caso. Por incrível que parecesse, de repente o desaparecimento das três peças de agasalho perdeu importância diante da certeza de que eu tinha em mãos outra coisa considerada perdida e que havia sido encontrada. No final, ninguém entrou no meu quarto enquanto eu dormia para pegar meu dinheiro, e essa certeza me devolveu a confiança no mundo. Na Terra havia pessoas boas e más, pensei. Pessoas puras e pessoas podres. Pessoas gentis e valentões. O planeta com muitas nações, mas uma Humanidade com apenas duas espécies, os confiáveis e os agressores. Apenas duas espécies, sob os raios do sol, pensei. Nesta vida, como tínhamos que partilhar as duas espécies, tivemos que ter paciência, ora fomos tocados por uma, ora pela outra, e aí senti um grande consolo, pois as três notas foram encontradas dobradas e intactas, guardadas em o primeiro bolso da bolsa. No bolso maior, o do meio, meu pente, dois bombons, meus lenços, a ponta do lápis, duas folhas de papel A 8, o colírio. Um espelho. No bolso mais pequeno, aquele que fecha com botão de pressão, neste não, não, é onde fica a mensagem. Abri o bolsinho e não estava lá o recado do João Almeida.

Faz muito tempo que não vejo nada. Já enfiei a mão na bolsa mil vezes. E eu caí no fundo do tempo.

No início da noite, a noite saiu do seu esconderijo, abriu as asas de esterco e sombra e me empurrou para o fundo do abismo.

Era onde eu estava.

Muito tempo.

Dentro de nada.

Minha mensagem foi roubada.

PUNHOS DE PELE FALSO

Entendo perfeitamente e estou calmo. Sinto falta do que sinto falta. Antes de partir para o Hotel Paradis, despedi-me com o método de quem se prepara para uma viagem que não voltará a acontecer. – Falo isso em voz alta para que as pessoas saibam. Cuide de mim.

Primeiro me despedi do sol e da lua, depois me despedi das estrelas e da Via Láctea. Despedi-me das grandes nuvens que antes traziam chuva às planícies de Valmares, e despedi-me do céu e de todas as outras nuvens que, ao longo da minha vida, moldaram figuras inimagináveis, como se prometessem, no futuro, para enviar outras criaturas para a Terra. Depois despedi-me das extensas planícies de Valmares e das águas do Oceano Atlântico, tal como as via da minha varanda. Depois me despedi das estradas por onde viajei. E às cidades onde fiz meus negócios e minhas compras. Eu disse adeus à madeira verde escura e verde água, às copas espessas no verão e às copas nuas no inverno. Despedi-me do caminho que me levou a casa, da entrada da casa com o seu nome pintado na parede, despedi-me da hera, dos gladiolos, das glicínias, do caramanchão, da videira, do filodendro, plumbago, beladonas, lantanas selvagens.

Despedi-me das sombras da casa, dos seus corredores, dos móveis, das cómodas, dos aparadores, das fotos. A minha mão despediu-se do movimento de alinhá-los e de olhar um a um e encontrar ali os gestos majestosos dos meus camponeses, taciturnos e convencidos como se fossem reis e rainhas, nas suas sobrecasacas e vestidos longos de gola alta. desde o início do século XX . Me despedi das minhas fotos e das cinco fotos do sedutor, e de uma sexta, a única em que ele segurava a filha nos braços, sorrindo para ela como se a amasse. E despedi-me da mesa de jantar, da chaleira e do chá, da lareira e do seu cesto de lenha, e do som do cata-vento, e do grande espelho onde olhei ao longo das décadas até ao comprimento da minha saia. E me despedi do meu armário onde acumulei minhas roupas preferidas de cada época, até a última, e deixei pendurados ali meus dois cardigans mais quentinhos e minha capa cinza, presente da minha amiga Susy e do seu filho João, num aniversário em que eles celebraram minha vida como ninguém mais. Me despedi de tudo, com o coração tranquilo, pensando em nunca mais voltar para não ter que me despedir uma segunda vez. Mas a verdade é que não me despedi de todas estas coisas para sempre porque saí de casa na primavera de 2017 e, no inverno seguinte, a minha filha trouxe-me as minhas roupas mais quentes que eu tinha deixado lá, para combater o frio. Eu não iria mais sair de casa e, no entanto, em virtude do meu sangue congelado, precisava dele como se fosse enfrentar rajadas e tempestades de neve. E então alguém os roubou de mim. Já não sou eu quem me despeço do que me rodeia, são os objetos que me rodeiam que se despedem de mim. Eles voam para longe.

Além de tudo, alguém roubou minha bolsa, enfiou a mão no bolso mais estreito e pegou o recado do sargento João Almeida. Estou no meio do Salão Rosa, entre cerca de cinquenta pessoas sentadas ao redor do piano do Sr. Peralta, metade do salão está olhando para a outra metade, mas estou pensando. Penso na pessoa que poderia ter me roubado. Meus olhos examinam os rostos ao meu redor sem descobrir quem poderia ter feito isso. Mas eu suspeito. Alguém que descobriu que eu tinha uma mensagem preciosa dentro da minha bolsinha e só vejo uma pessoa capaz dessa perversidade. Aponto o dedo para ela: Judite, a grandona. Só pode ser ela. Mas será Judite, a grande? Pensando bem, começo a contar, e acredito que o grandão foi mandado embora logo depois do tempo das formigas, verifico com o Luís Cotovio na recepção, e como está, o nome dele está excluído.

Então comecei a fazer alguns cálculos e agora descubro que não é ela quem empurra minha cadeira como um fantasma mudo. Em última análise, é uma ou mais pessoas que praticam este crime atrás da minha cadeira, sabendo que não posso virar-me. E então, no dia em que me recusei a tirar minha foto, não foi ela quem me levou de volta para a porta do meu quarto. E eu pensei assim. Então, quantas pessoas tem nesta casa que se comportam como Judite, a grande? Quem me empurra sem falar ou se mostrar?

Penso nas portuguesas uma a uma, entre elas a Berenice, aquela que distribui os selos, e as estrangeiras do Norte de África, como a Maha, e as do Oriente, Svetlana, Francine e Gabriela, ou a Maria Lina, ou a Maria José das Lundas, e aos que estão de serviço esta manhã na Sala Rosa, Janice e Bruna, e todos me parecem culpados. O que sinto, sentado no meio da sala, rodeado de gente que não fala, enquanto o barulho da TV cai sobre minha cabeça, chama-se suspeita. A suspeita. A suspeita geral tomou conta da minha mente e vejo uma multidão entrando no meu quarto à noite e atacando minha bolsa no escuro para roubar a mensagem de João Almeida. Minha dor de cabeça significa que não consigo ver quem está por perto. De um lado Dona Plínia e do outro Sr. Sereno, consigo distinguir as suas vozes mas não as suas silhuetas. E pensando no Sr. Sereno, por associação, penso em Dona Joanhinha e minha mente dá um salto. Começo a ver perfeitamente quem está ao meu lado.

Probablement, c'est dona Joanhinha.

Não podemos esquecer que a mensagem ficou guardada durante semanas no *soutien de Joana Amaral*. Imagino uma *trama* entre Dona Joanhinha e minhas outras companheiras de mesa, Dona Rita de Lyon e Dona Luísa de Gusmão. Talvez tenham encontrado minha lealdade ao sargento suspeito, já que sempre fico emocionado quando as pessoas falam dele. Certa vez, Dona Luísa de Gusmão, que tem pensamentos parecidos com os das pessoas comuns, disse à mesa: "O sargento ficou amigo de Dona Joanhinha, mas olhando para você parece que foi você quem dormiu com ele". Comentário de uma pessoa vulgar. Mas será que eles poderiam ter concordado em atacar minha bolsa e roubar minha mensagem? Se eu pegasse minha linha de pensamento e a desdobrasse corretamente, certamente chegaria à

conclusão de que imaginar tal *trama* foi um erro. Um delírio da minha cabeça enfraquecida.

Então, era de manhã, eu estava com muito frio, tinham me colocado uma camada dupla de roupa, triste, sentado perto do piano, com cinco fileiras de amigos na minha frente, eu estava pensando no dia da minha despedida do mundo de fora e à miséria em que me sentia. De repente, olhei para frente e vi meu próprio corpo sentado na minha frente. Meu corpo estava sentado na minha frente.

Como isso foi possível?

Quando percebi que alguém havia roubado a mensagem, parei de ver. Agora que meu próprio corpo estava na minha frente, eu via demais. Vi botões, peles artificiais e fios de lã trançados, tiras cruzadas de tricô. Eu queria me levantar da cadeira e caminhar. Eu tentei tanto e meu corpo não obedeceu. Ouvi uma voz me dizendo: *Levante-se e ande*. Fiz um esforço supremo, convoquei todos os meus músculos, tensionei-os, fiquei alguns segundos tremendo em pé, levantei-me da cadeira, dei alguns passos à frente e me joguei sobre o corpo sentado. Cravei as unhas no tricô que encontrei e não soltei, mexi o corpo e balancei. Minha alma quis arrancar do meu corpo o colete com punhos de pele sintética, mas meu corpo se defendeu porque não era meu, mas de dona Marcela. Era o corpo de Dona Marcela vestido com meu colete. Por que ela estava usando meu colete? Gritei, ladrão, ladrão, você está vestido com meu colete! Mas Dona Marcela não reagiu, com certeza estava completamente drogada e sem cérebro. Mas o fato de eu estar gritando agarrado ao pescoço de dona Marcela chamou a atenção de todos.

Duas meninas vieram correndo, com Ivan como reforço, e a própria Dona Noronha que não conseguia acreditar no que via. Tentaram me separar do corpo de Dona Marcela vestida com minhas roupas. Acabaram tirando o colete e colocando de volta porque minha pressão era muito forte. Ninguém nunca tinha me visto assim. Meus olhos viam tudo, de longe e de perto, principalmente de perto. Vi os pontos sem costura, a pele sintética desfeita, a gola enrolada. Deve ter sido carregado por vários corpos, lavado diversas vezes. Molhado, enrolado, espremido na grande máquina da lavanderia. Eu joguei no chão. Pedi para ser tirado deste quarto para sempre.

Como estava sendo despojado de tudo que mais amava, eu tinha um plano e iria executá-lo. Meu bloco de notas, por favor, uma folha, uma data, obrigado, pedi a Salomé. Com a mão esquerda, mais ágil que de costume, escrevi o que decidi que seria minha última nota.

6 de dezembro 2019

*Caindo no fundo, vestida com sua mensagem
seria tudo – Sem ele, nu
vestido com nada, no final
do mundo.*

62
O PLANO

Fechei os olhos e selei os lábios. Separei-me do mundo, fiquei sozinho com a minha determinação. As paredes colaborarão comigo neste plano e a noite surgirá para nosso último encontro. Aguardo impientemente este momento, mas ainda não chegou a hora, Lilimunde entrou, sentou-se na cama desocupada e eu queria que ela se afastasse do meu quarto. Ela soube que minhas roupas estavam espalhadas nos armários da casa e usadas por outras pessoas e queria me consolar. Recusei seu consolo. Lilimunde achou que eu queria descansar e concordei, mas nunca antes estive tão alerta como naquele momento, porque na minha cabeça eu estava desenhando o plano. Você não traça um plano enquanto dorme. E, no entanto, curiosamente, o que ela disse fazia parte da ordem das felizes coincidências. Ela anunciou que a partir de agora deixaria o Hôtel Paradis para morar e trabalhar na padaria.

Imersa no meu plano, não expressei dúvidas nem objeções, mas ela achou por bem justificar-se pelo facto de se sentir perseguida. Ela falou sobre caipiras que tornaram sua vida um inferno. Ela me disse, eles querem saber com quem eu dormi e quantas vezes. Fazem estimativas da duração da minha gravidez, falam que tem umas que fazem aborto tardio e eu não quero, não. E aí me perguntam onde o bebê vai dormir quando nascer, como vou alimentá-lo e levá-lo para a escola. Uns dizem que sou idiota, outros prostituta, outros que vou ser como a Virgem Maria, a mãe de Jesus, sem São José na cabana, e riem de mim. Sou alvo de muita zombaria e fofoca, dona Alberti, quero sair daqui o mais rápido possível. Jordão me aconselha a voltar para a casinha de Marabá. Mas em vez disso vou vender pão na padaria.

Lilimunde havia se aproximado da minha cama e seu cheiro havia voltado para a antiga, mas isso já não me preocupava porque eu só estava pensando no plano. Por isso não lhe perguntei quais as condições que lhe foram oferecidas, mas ela disse: “No armazém da farinha há um armazém vazio onde podemos colocar uma cama. O senhor Francisco disse que a mulher dele me dá autorização...” Estava a pensar no meu plano, só, só, no meu plano, mas nesta altura, e porque estava a escurecer e eu queria que a Lilimunde saísse do quarto antes das luzes. estavam ligados, perguntei: “Aprovo sua saída, mas me diga, o que acontece com o Edu?”

A filha de Marabá abafou um grito: “Ah! Ele continua estudando algas marrons, que se parecem com um pedacinho de tripa de porco. Mas desse lodo que parece que nada vai sair um remédio para curar o câncer no mundo inteiro...” E a menina ficou orgulhosa do futuro trabalho de Edu Horvat. Ela só tinha a palavra Edu nos lábios. O Edu vai ser alguém muito importante, meu filho vai ser filho dele, mas o Edu não sabe que foi ele que me fez esse filho: “Ah! Basta ele ficar ali, dia e noite, diante de suas câmeras estudando as algas desse lago tão grande que parece um mar, o Lago Balaton. O

instituto lembra o Atrium Hotel Quinta das Pedras que foi transportado de Belém do Pará próximo a essas águas. Uma maravilha. Ele mostra fotos e ao redor do lago só tem árvores...”

Sim, era possível que esse lago existisse ali ao longe, e todo o futuro estivesse tomando forma, mas eu não queria mais acompanhar a história da paraense, estava com pressa de vê-lo para me despedir e assim Eu apenas disse: “Vai, vai, Lilimunde, é a sua vez de seguir sempre em frente. Não há necessidade de olhar para trás...”

A menina disse que sim, que seguiria em frente. Eu só pensei no meu plano. Ela me parecia um passarinho construindo um ninho com alguns galhos. Quanto mais eu a via se movimentando pela sala, mais pensava no plano. O pássaro do céu de Marabá deixou um papel na mesinha de cabeceira onde havia escrito seu número de telefone. Para nos manter próximos, ela salvou o mesmo número no meu celular. Ela queria que eu verificasse, mas eu disse que não era necessário. Vá, vá. Minhas pálpebras estavam tão fechadas que eu nem conseguia vê-la. Eu apenas disse: “Ligue-me daqui a duas semanas, vinte dias. Até lá não me avise, é inútil...” Calculei esse prazo de acordo com meus planos.

Lilimunde saiu do meu quarto e eu me vi livre.

Encontrei-me livre para pensar, sozinho entre as paredes com o que elas abrigam, o visível e o invisível. Senti-me livre, sobretudo, para pensar no que ouvi dizer, durante uma estadia de dois anos no Hotel Paradis, sobre os métodos de morrer de fome, já que os comprimidos estavam duplamente trancados no carrinho de Berenice. Permaneceu a fome. Então eu sabia que quem quisesse morrer de fome teria que ser muito inteligente. Então não consegui parar de comer de repente, tive que diminuir as doses até o dia em que não comia mais nada. Foi chamada de “morte do cavalo espanhol”. Muitos já teriam tentado, mas poucos teriam conseguido. E eu tinha ouvido falar que o pior método era iniciar um jejum total repentinamente, o que se chamava “morte por efeito imediato”. Poucas pessoas, se é que alguma, teriam conseguido concretizá-lo. Privar-se de toda comida, durante a noite, atraiu a atenção. As meninas ficaram imediatamente alertas, telefonaram para parentes, fizeram tentativas de forçar a alimentação e, como último recurso, sempre ostensivamente, chamaram o doutor Longino ou mesmo a ambulância. Nesse caso, mandariam a pessoa para o hospital e não a deixariam morrer. Diz-se que há quase seis anos três residentes concordaram em acabar com as suas vidas através da privação, agindo em conjunto para melhor resistir à fome. Eram duas mulheres e um homem. O caso havia atravessado as paredes da residência e ido parar nos jornais. Uma tragédia. A comida foi introduzida em seus corpos por meio de sondas e seringas. Seis anos depois ainda falávamos sobre isso.

Mas o que mais me surpreendeu foram as histórias sobre o que aconteceu a seguir. Depois de tanto esforço para morrer, acabaram querendo viver, agarrando-se à vida com mais zelo que os mortais comuns. Parecia que a força com que queriam acabar com as suas vidas era a mesma força com

que desejavam sobreviver. Diz-se que um mês após a tentativa frustrada, o trio de combatentes da resistência cresceu. Seis meses depois, suas bochechas chegaram ao peito. Diante desses contratempos, tivemos que pensar. E eu estava pensando na maneira mais eficaz de agir, deitado na minha cama, sem ninguém por perto, sem ninguém no corredor, meus lábios pressionados, meus olhos fechados. Quando, na hora do jantar, Svetlana apareceu, acendeu a luz e se aproximou da minha cama, eu disse: “Não insista, mademoiselle. Eu irei amanhã. Hoje eu só quero descansar.”

63
FOME

Fechei as pálpebras e não as abri. Mas procedi com cuidado e segui um plano. Nos primeiros dias desci para almoçar, parti a comida com o garfo segurado pela mão esquerda e empilhei na beirada do prato. Ninguém percebeu nada. Como ninguém percebeu nada, comecei a pedir permissão para dormir no meu quarto. Até Nina não percebeu nada. No terceiro dia comi meia batata e ninguém percebeu. Mas então meus olhos começaram a ficar amarelos. Deitado na cama, sem vontade de comer ou beber, comecei a ver o azul e depois o lilás. Quando a noite chegasse, eu esperava que a noite saísse das paredes, ela e sua escuridão, e me levasse em seus braços úmidos e emplumados. Vem vem. Tantos meses temendo a presença da noite, e agora que a chamei, ela não veio.

Deitado, vendo apenas o azul, quis que a noite aparecesse carregada de escuridão, que me estendesse suas asas imundas, que me fizesse uma pergunta improvável para que eu pudesse responder que não tinha os conhecimentos necessários para resolver esta questão e Finalmente me rendo: não sei, estou derrotado, ah, noite, eu diria. Depois ela me tirava da cama, enrolada nas minhas mantas, subia comigo além do teto, além do terraço, subia com meu corpo nos braços até as nuvens e depois me deixava cair no vazio, e eu diria muito obrigado a ele. Mas por mais que eu a chamasse, ela não saía do seu esconderijo, e pelo canto dos meus olhos vi meninas azuis aproximarem-se do meu rosto de vez em quando com copos de água. Na quinta noite de implementação do meu plano, o enfermeiro Marlon se aproximou acompanhado do diretor Noronha. Eles falaram em voz baixa. Noronha disse: “Amanhã chamaremos a ambulância”. E pensei que não iriam ligar para ele, não. Os dois saíram e eu gritei: “Noite, chega mais perto, me pega nos braços, me leva com você”.

Esperei em vão.

O azul tornou-se lilás e o lilás tornou-se rosa-púrpura, depois rosa-malva, mas ainda não amanhecia. Eu não comia há cinco dias. Conheci a luta entre meu corpo e a força de minha vontade ao longo desses dias. A alma queria uma coisa, o corpo exigia o oposto. Às vezes, minha vontade subia pelo meu corpo e dizia: venci. Mas outras vezes meu corpo exigia comida e se rebelava. Quando foi necessário, tive que reunir novamente a força da minha vontade, tive que lembrar que João Almeida tinha morrido numa noite de luar, que Ali Abdul tinha sido despedido do Hotel Paradis, que Lilimunde tinha sido enganada pela sua própria natureza, que minhas roupas estavam sendo roubadas e entregues a terceiros e, sobretudo, que alguém havia tirado a mensagem do sargento da minha bolsa de pano. Bastou pensar nas minhas perdas, ocorridas depois de todas as minhas despedidas, para eu balançar a cabeça e franzir os lábios.

Às vezes, meu corpo e a força de minha vontade se envolviam em uma luta perigosa, especialmente quando as meninas colocavam um copo de café

com leite na mesa de cabeceira e um pequeno canudo se projetava do copo, dizendo para mim, pegue-me, engula-me, você vê através por esse buraquinho passa o alimento da sua vida. Uma noite, tirei a mão esquerda de debaixo do lençol e tateei para ver se estava tocando na palha, mas não a encontrei. Então alguém, com certeza, havia retirado o copo, o canudo e a própria bandeja. Sim, eles os levaram embora, mas em seu lugar deixaram uma pequena varinha. Não toque nela, disse meu testamento. Minha mão não obedeceu e agarrou a varinha. Não coma esse pedaço de pão, eu disse. Mas minha mão foi mais forte e levou o pão à boca. Eu mordi, foi difícil. Há quanto tempo essa varinha estava lá? Eu entendi, o pão tinha coisas duras como arame e vidro em vez de recheio, então não pude mordê-lo. Senti-me melhor e descobri que não era pão, mas sim a minha maleta com os óculos dentro. Não era comestível. E eu sabia que a noite estava me observando, mas sem mais vergonha lambi a caixa de plástico. Não tinha gosto.

Minha mão agora trêmula abriu a gaveta da mesinha de cabeceira, me deparei com um formato redondo, é um bolo, pensei. Peguei e não era um bolo, era minha caixa de pó, que abriu. Senti a tampa cair no chão, o pó derramando no meu rosto. Lambi meus lábios, tinha gosto de perfume em pó. Procurei no fundo da gaveta, minha mão trêmula encontrou papéis, lenços de papel, lenços umedecidos e, no fundo, algo que meus dedos confundiram com um pacote aberto de biscoitos. Senti o tamanho dos biscoitos quadrados com buracos quebrarem entre meus dedos. Eu os peguei, eu os comi. Alguns deles caíram ao lado do meu travesseiro, espalhados nos lençóis, esfarelados. Mas a substância açucarada entrou no meu corpo e comecei a ver a janela transparente. Noronha e o enfermeiro Marlon se aproximaram. Ouvei Noronha dizer: “Ela comeu biscoito, meu Deus!” A enfermeira respondeu: “Bom sinal, daqui para frente tudo vai mudar...” “Vamos chamar a ambulância então?” “Não, como eu digo, daqui para frente tudo vai ser diferente, o que você precisa fazer é começar a comer. Este nível já foi alcançado...”

Eles continuaram conversando longe dos meus ouvidos.

64
MISERICÓRDIA

Não, não, não será diferente, pensei.

As pessoas entraram várias vezes no meu quarto e eu não as vi, não as ouvi, apenas adivinhei. Trouxeram pão e leite pela manhã, com cheiro forte de café, e comida cheirosa na hora do almoço. Eu não abri minha boca. No meio da tarde ela apareceu e trouxe um pouco de polpa de maçã assada aos meus lábios. Com canela e Porto. Ela o trouxe daquela que era minha casa. Eu conhecia o fogão a gás de onde veio esta maçã. Eu não abri meus lábios. Então eu a ouvi conversando com alguém e soube que eles estavam planejando intervir. Pude distinguir claramente a sua voz, acompanho-o desde as suas primeiras palavras. A palavra intervenção estava na boca de quem falava em voz baixa e de si mesma. Então novamente o amarelo tornou-se lilás e o lilás azul e novamente a noite. E pensei: estou pronto.

Esperei e aconteceu.

No meio da escuridão a noite saiu das paredes, aproximou-se do meu corpo, defecou nos meus olhos e a chassia grudou nas minhas pálpebras. Ela urinou nas minhas roupas e fez cocô na minha cama. A noite limpou as suas partes vergonhosas na minha camisa e o seu orifício nos meus papéis. Night deu várias voltas no meu quarto, afastou a colcha, olhou-se no espelho, penteou ali os longos cabelos e desapareceu ao longe, onde ninguém acende a luz. Fiquei sozinho, sem me mexer, me refrescando. Eu sabia que a noite era traiçoeira, mas não tanto. Ela me deixou em perigo e não me levou com ela. Permaneci à beira da lama, diluindo-me nela, mas ainda vivo porque a noite não me levava consigo. Esta manhã de dezembro parecia clara, entrou pela janela e o turno da noite foi transferido para o turno do dia. Uma menina nova, cuja voz eu nunca tinha ouvido, gritou: “Jeová, o que aconteceu nesta sala?”

Atrás de Jeová veio outra garota desconhecida. Outro se juntou a eles. Havia três deles. Eu entendi que eles não queriam se aproximar de mim. Lentamente, eles se equiparam com luvas e máscaras. Eles se aproximaram. Os três me despiram item por item, enfiando-os em um enorme saco plástico. Eu me encontrei sem nada. Não estava frio nem quente. Foram buscar a cadeira de rodas para o banho, trocaram várias vezes as luvas. Eles me colocaram sob o riacho. Eles me ensaboaram, me enxaguaram, me enxugaram, me perfumaram. Eles me levaram de volta para o meu quarto. Não me maltrataram, não me bateram, não me roubaram, não me deixaram nua, não me abandonaram sem nada, pelo contrário, aproximaram-se do aquecimento do meu corpo. No meio da minha angústia aconteceu algo inesperado, cuidaram bem de mim, se reconciliaram comigo. Fui colocado para dormir em uma cama limpa. Uma delas passou as mãos pelo meu corpo, para me cobrir. Como se eu merecesse, eles sentiram pena de mim. Eu aceitei. A mão de Jeová recebeu uma bandeja na porta. Continha um copo

e um pequeno canudo. Um deles, um estranho, pegou o copo, levou o canudo aos meus lábios e bebi o conteúdo até o fim.

Sem data

Na rodada, a barriga

dançou - Se me chamarem

Eu vou.

65
OS PASSOS

Agora alguém aqueceu meu quarto e eu fico na cama. Não sei que horas são, mas isso também não importa. Quando abri os olhos, vi o enfermeiro Marlon por perto e sua mão segurou a minha. Ele estava medindo minha pressão e parecia que já havia medido a glicemia porque os instrumentos de medição estavam pendurados em seu pescoço, em seu jaleco branco.

Ele não falou, deve ter pensado que eu estava dormindo. Não sei se estou dormindo. Quando acordo, vejo bandejas passando pelas janelas. Fecho os olhos e os platôs desaparecem. Abro e o café com leite que já esfriou está lá. Eles pegam a bandeja e a trazem de volta. O vidro está fumegante, quente. Fecho os olhos, abro-os, o líquido parece descansado. Os passos das meninas são coordenados. Salomé vem em primeiro lugar, seguida por Martine, a gerente. Ambos dizem algumas palavras: “Então, dona Alberti. Que pena, querer morrer! Pegue isso, está aí, chupe pelo canudo. Um pouco mais, mais e mais...”

Colocam a bandeja no chão, me cobrem, me embalam, fecham a janela, não está chovendo nem fazendo sol, nem frio nem calor, só barulho de passos. Passos de um lado, passos do outro. Eles dizem: “Chupe um pouco mais, mais e mais...”

O líquido é doce, os passos são leves, andam com solas de borracha, e ela e ele vêm também. Ela entra e arruma meu cabelo. Conheço a voz dela desde pequena. Enquanto fala, ele diz que fizemos bem em estender recompensas aos rebeldes, metade da raiva das meninas vem do fato de termos recompensado alguns e não outros. Dividido entre merecedores e indignos. Além disso, ninguém deveria precisar de gratificação. Enquanto existirem, os usuários serão discriminados. Salários vergonhosos. Uma recompensa não pode mudar alguém, mas talvez possa. A gratificação não é simplesmente um bilhete dobrado, corresponde a um agradecimento, a uma aliança, a um convite para entrar num clã porque a gratificação é clandestina e, portanto, a sua aplicação forma um grupo de transgressão que se dá bem. Provavelmente essas meninas que cuidaram bem de mim fazem parte desse grupo de transgressão, segundo fala meu genro. No entanto, nunca os vi antes. Meu genro fala, pelo amor de Deus, você não conhece a Gina, a Bruna e a Janice Jeová, que cuidou de você? Os passos vão, os passos vêm, todos vão.

Mas Salomé entra mais rápido que os outros, ela pega o resto do café com leite para esquentar. Ela volta com o líquido aquecido na bandeja. A máquina Bosch é eficiente, diz: “Você vai beber bem. Você não é um bebê Dona Alberti, é? Você ficou de mau humor porque te trataram assim, com muita persuasão, como se você fosse um passarinho. Comigo você é mulher, dona Alberti, você vai beber tudo, vamos...”

Então eu bebo sem precisar de canudo. Bebo tudo, até o fim, e me sinto muito bem. Resumindo, preciso comer, preciso beber, preciso sobreviver.

Não estou com fome, mas sinto que preciso forçar. Ouço os passos das meninas, indo e vindo. O leite está no meu estômago, inundou meu corpo, invadiu todo o meu corpo. Mas agora acabou, todo o café com leite que bebi caiu no meio do chão.

Desculpe por sujar a colcha e o chão.

Metade do leite está na colcha, a outra metade no chão. Dentro de você, diz Salomé, não sobrou nada. Você tem que ligar para alguém.

Muito silenciosas, as meninas vêm, vão, andam, carregam o balde, a vassoura é um cetro, a paciência delas uma coroa, minha gratidão não tem limites. Eles falam e falam, a voz humana é o melhor som que o vento faz, não importa o que digam as palavras. As palavras são. Eles não precisam fazer sentido. Enfermeiro Joaquim também entra, substituindo Marlon. Ele mede, sente, não fala. Ele tem a última palavra. Quando o Jordão, o grandalhão, passa fazendo a ronda, está escuro como breu, não estou mais acordado.

66
GRAÇA

Passos e mais passos. Os passos da enfermeira Marlon encontraram outros passos. Abri os olhos e vi pessoas entrando. Na cama vazia ao lado, quatro pessoas estavam sentadas. Estas são as quatro viúvas. Uma delas se aproximou, ela se agachou, aproximou o rosto do meu e perguntou baixinho se eu estava bem. Eu disse que sim e eles se alegraram: “Ah! Você ouviu ! E respondi. Então eles começaram a recitar o rosário ao meu lado.

Shh! Um rosário, primeiro mistério.

Estas vozes unidas falaram, falaram, foram sempre as mesmas palavras, mas ao contrário da rejeição que anteriormente tinham despertado em mim, agora consenti, não me ofendi com esta repetição. Pensei no vento e na chuva, na passagem do vento pelos ramos dos marmeleiros, nas tardes de inverno. O vento passando sobre as poucas folhas e fazendo-as tremer e assobiar. Eu ouvia esse som repetitivo quando passava tardes e noites em casa e pensava que eram os objetos da Natureza que diziam, eu existo, eu existo. As quatro viúvas pareciam mais gordas porque estavam agasalhadas por causa do frio do inverno. Sentado ali, eu os vi quando abri os olhos e, acima de tudo, os ouvi. Ora a repetição não me atacou, não me disse que estava diante de provas de estupidez humana, pelo contrário, comoveu-me. Sempre a mesma submissão, sempre o mesmo pedido, sempre o mesmo louvor, como a chuva no telhado, o vento nas folhagens, o som incessante das ondas do mar, Pai Nosso, Ave Maria, rogai por nós que nos deixamos te chamo. Tão belos são os seres humanos que exigem uma resposta, como as flores do jardim abertas ao sol, os braços das árvores estendidos para o céu, como eles e eu, tanto que, quando terminarem o quinto mistério, Eu queria perguntar: Já? O tempo passou tão rápido? Mas permaneci em silêncio, com os olhos fechados. Mariline, a viúva que liderava, perguntou: “Dona Alberti, você está nos ouvindo?” Eu disse sim.

“Oh ! Graças a Deus. Pois bem, desta vez não falaremos do Livro de Jó, nem do autor do Livro Sagrado e dos livros profanos. Esse desacordo acabou. Vamos falar sobre uma conversão – você pode ouvir uma história?”

Lembrei-me apenas vagamente que tivemos um desentendimento, mas não consegui reconstruir as causas da discussão, e o que aconteceu em torno do Livro de Jó também não me importou, apenas me interessou o momento de felicidade que repetir essas palavras me deu, e eu disse que sim. Graças a Deus. Outra viúva, a de rosto mais fino, começou a contar: “Então vou contar a história de um exemplo verdadeiro para você meditar, dona Alberti”.

Ela chegou perto do meu ouvido: “Aconteceu assim, Dona Alberti – Há mais de duzentos anos, na Inglaterra, havia um marinheiro pervertido, que fazia parte da tripulação da frota do rei, mas o marinheiro deixou o Frota Real para se envolver no tráfico de escravos. Ele era um homem rebelde, violento, rude e acima de tudo proprietário de escravos. Um dia, na costa da

Irlanda, devido a uma grande tempestade, as velas do seu barco rasgaram-se, o casco balançou na água, balançando e girando. O homem se viu em perigo conduzindo o barco para um grande perigo, vendo morrer os marinheiros crentes à sua esquerda e à sua direita. Ondas da altura das montanhas, relâmpagos que rasgaram o céu. E ele, que não acreditava em Deus, salvo por um milagre, pendurado na barra, começou a acreditar, tanto que abandonou o tráfico de escravos, tornou-se monge e passou a escrever canções de louvor a Deus que todos ainda cantam hoje. Quer dizer, dona Alberti, ouça com atenção. Enquanto estivermos vivos, Deus nos dará a oportunidade de nos salvar.”

Ouvi o que a viúva dizia, mas ouvi de muito longe. Na verdade, o som da sua voz era mais importante do que o significado das palavras que ela pronunciava. As viúvas devem ter percebido o que estava acontecendo comigo porque Dona Mariline, bem perto do meu rosto, perguntou: “Você quer que cantemos uma das canções compostas pelo convertido há dois séculos, uma canção que até os norte-americanos cantam?” Eu disse sim. Então as viúvas começaram a cantar e eu pude ouvir a música completamente, mas só consegui distinguir uma palavra aqui e ali.

... quão doce é... seu... salvo... miserável...

Eu estava perdido... estava cego... agora vejo claramente.

É graça... E a graça aliviou... meus medos

Que precioso... apareceu... A hora... eu acreditei.

Ele salvou um desgraçado como eu...

As viúvas cantaram e cantaram. Foi uma canção de redenção. Suas vozes se ergueram entre essas quatro paredes onde a noite tem seu lar escondido. Eu estava no meio, entre mim e eu. Ouvi-os e disse a mim mesmo que se não tivesse visto os corpos das viúvas, este som teria sido o do céu, se existisse. Pedi-lhes que comesçassem de novo. Ao ouvi-los, me perguntei se éramos carne que cantava ou se a música havia construído a carne. E neste caso teria havido um canto que teria dado origem à carne, aos ossos e ao nosso próprio canto. Senti-me muito fraca e as viúvas sabiam disso, eram boas mulheres, pensavam que eu ia morrer e queriam salvar a minha alma. Foi muito claro, embora eu tenha pensado com pouquíssimas palavras. Tão pouco, tão pouco que, quando as viúvas finalmente se preparavam para sair da sala, resumi a ondulação dos meus pensamentos numa curta frase. Aconteceu assim – Dona Mariline, a líder, chegou ainda mais perto do meu travesseiro e perguntou: “E aí, você gostou da história do marinheiro?” Eu respondi: “Eu acredito em Deus”. As viúvas olharam para mim. Eles me agradeceram. Eles apertaram minha mão por muito tempo, beijaram minha testa. Disseram que saíram do meu quarto com o coração cheio de paz e com o dever cumprido como não acontecia há muito tempo. Um Pai Nosso, uma Ave Maria.

NO QUARTO AZUL

Finalmente desço ao primeiro andar. Humilhação é a palavra que me acompanha pelo corredor. Atrás de mim, as mãos de Nina Mercedes conduzem meu carrinho. Ela vem como sempre. No corredor, pendurados na parede, os chalés nórdicos nevados, a grande janela, as palmeiras e as casuarinas, o som do elevador ao fundo, tudo está como antes, só eu mudei. Comecei uma batalha comigo mesmo e não venci.

Liderado por Nina, vou em direção ao Salão Azul para fazer minha primeira refeição sentado à mesa após a batalha, e a palavra humilhação está ao meu lado. Sinto-me humilhado pela submissão da minha vontade ao imperativo do meu corpo, carrego no peito o meu saco de pano vazio. Elaborei um plano em resposta à ausência da mensagem do sargento, e a razão estava então do meu lado, mas entretanto perdi-a. Em pouco tempo, ao entrar na Sala Rosa, talvez alguém ria de mim, talvez alguém cuspa, me chame de fraco e covarde, e aqui estou eu a caminho, conduzido pelas mãos escrupulosas de Nina Mercedes, aqui estou eu pronto para o que vier.

Nós estamos descendo.

Agora nós dois entramos no grande espaço onde há setenta cadeiras alinhadas. Minha humilhação é tão grande que mal consigo encontrar espaço para sentar na cadeira. Sigo em frente, enrolado e inclinado sem olhar para ninguém. Na sala movimentada, na hora do almoço, tenho que procurar um espaço vazio para colocar meu lugar, e acho que alguém vai comentar: Você capitulou? O que eu disse-lhe? Agora você está com tanta fome que logo suas bochechas chegarão ao peito, porque a vida, qualquer vida, desde que se mova, tem fome. Porém, nós dois nos movemos entre os rostos, Nina atrás, eu na frente, e ninguém parece ter notado minha ausência e muito menos meu retorno. Ao contrário do que imaginei, avanço como se fosse transparente. Já que é assim, vale a pena se sentir humilhado? Humilhado na frente de quem, se ninguém me nota?

Eu não esperava aquilo.

Nina Mercedes continua movendo minha cadeira em busca de uma clareira onde eu possa descansar. Martine, a gerente, disse do fundo da sala: “Coloca aí, em qualquer lugar, o refeitório vai abrir...” Era como se ninguém soubesse da minha luta contra a fome. Meu coração vai perdendo gradativamente o peso que o oprime, à medida que avançamos. A humilhação ocupa um espaço muito menor perto do meu assento. Agora meu carrinho se move entre as cadeiras já vazias e passa perto da mesa dos *Seis Cavalheiros*, mas conto os ocupantes e noto que há apenas quatro ali. Reconheço-os – o senhor Nemo, o senhor Carvalho, o senhor Tendinha e o senhor Tavares.

Então aconteceu assim.

Ao me aproximar dos seis senhores, vi Tavares que também me viu. Ele se inclinou completamente para o meu lado e bateu com a bengala nos pneus

da minha cadeira. Ouvi minha voz dizer: “Pare, Nina, pare!” Ela parou e eu vi claramente, como se através de uma lupa, as feições inchadas do Sr. Tavares. Não pensei nas consequências das minhas palavras, gritei: “Por que você está batendo na minha cadeira? Oh ! Maldito seja, seu bastardo, seu pedaço de merda! Gritei e minha voz saiu perfeita, intacta, a voz de quando eu tinha dezoito anos. Saiu tão claro que, para ouvi-lo novamente, repeti várias vezes o mesmo insulto, sempre olhando para o Sr. Tavares. Algo no fundo da minha alma dizia: você ainda é forte e ainda está com raiva. Eu não sei como isso aconteceu. Duas meninas caíram em cima de mim e da Nina, que havia deixado minha cadeira ficar presa em outra cadeira no *Six Gentlemen Dealing Cards* , e a diretora Noronha apareceu de algum lugar, com os braços abertos como se estivesse voando: “Dona Alberti, o que é isso? Você está dizendo palavrões agora? Você está insultando o Sr. Tavares?”

Sim, quis insultar o Sr. Tavares.

Como voltei para a sala, ninguém percebeu minha ausência e senti uma energia maior. Já não era uma pessoa humilhada pela minha derrota, pois ninguém sabia avaliar a dureza da minha batalha, não havia ofensor. Seu bastardo, seu pedaço de merda. Como se eu fosse um ser altamente perigoso no meio da sala, me afastaram do Sr. Tavares, mas eu disse, me ajudando com todas as minhas forças: Porque ele é um criminoso, ele apalpou os quadris de 'Ali Abdul , que saiu apenas por causa de Tavares. Cada vez que passo por perto, ele bate com a bengala nos pneus da minha cadeira. Ele não merece estar na mesa onde o sargento sentou. Ele destruiu minha mensagem. Ele é meu grande inimigo na Terra.

Eu sabia que estava falando palavras tolas, e esperava que minha voz ficasse rouca, ou estridente, muito fraca, que ninguém ouviria, mas pelo contrário, ela permaneceu alta e, enquanto eu tagarelava sobre dona Tavares, Nina movi minha cadeira em direção à mesa onde meus amigos me esperavam, muito surpresos com o que havia acontecido na sala. Insultei o Tavares. Ana Noronha baixou-se até meu rosto, me confortando: “Acabou, acabou, vamos superar esse problema, o Sr. Tavares é assim. Mas, dona Alberti, a senhora não pode ser mal educada. Você percebe se isso é conhecido lá fora? Os palavrões que você disse?”

Eu teria gostado de responder, mas tinha esgotado minha voz na mesa de *seis cavalheiros* e agora mantive minha boca fechada. Voltando para a mesa, não conseguia enxergar muito bem, mas sabia que o mar era do outro lado. Além disso, ninguém mencionou minha ausência prolongada e todo o resto parecia igual. Mesmo assim, não. No lugar que era de Dona Ema não havia mais Dona Estela. Em seu lugar havia duas páginas de jornal abertas, seguradas na vertical por duas mãos grandes. As mãos juntaram as duas páginas, dobraram-nas e atrás delas apareceu o rosto de um homem sentado. Dona Rita de Lyon anunciou: “É o Mestre Mascarenhas que veio nos fazer companhia”.

E foi também através de Dona Rita, através de dois sinais com a mão direita, e ligeiros movimentos dos lábios, que soube que Dona Estela tinha ido embora assim que chegou. Ela havia sido encontrada por Nina Mercedes como se dormisse deitada na cama, e o advogado Mascarenhas, que lia o jornal, pessoa importante, muito culta, não ouviu quase nada. Mas ele via muito bem, lia sem óculos. Ao lado dele, o lugar de Dona Fátima estava vazio. As netas vieram procurá-la para morarem juntas em uma casa nova, mas em vez de se sentir feliz Fátima saiu com muitos arrependimentos da mesa onde se davam tão bem. Entretanto notei que Dona Joaninha, sentada entre o Sr. Gomes e o recém-chegado Mestre Mascarenhas, já não estava vestida de preto, mas olhava para frente, o seu olhar encontrando o meu. Como se os dois homens não existissem, ela se mexeu, pegou o pão e endireitou o garfo.

Obviamente – enquanto eu estava trancado em meu quarto lutando para não comer, ocorreram tantos acontecimentos que meu caso não foi comentado como eu imaginava. Agora percebi que, desde que as formigas invadiram o Hotel Paradis em dias de muito calor, o ritmo dos acontecimentos acelerou tanto que cada uma delas, no meio de todas elas, nada significava. Entrar vivo, sair morto ou sentar no mesmo lugar, era quase a mesma coisa. A mudança estava acontecendo a uma velocidade tal que éramos indiferentes à mudança. No que me diz respeito, foi bom. Em suma, para esta sala, eu não existia, não sentia falta, não tinha voltado, os outros não se importavam se eu comia ou morria de fome, e o que estava acontecendo era a mesma coisa para mim comparado a outros. Dona Estela, eu nem a conhecia. Eu sabia que ela tinha que cuidar dos rins três dias por semana. Ela tinha ido embora, talvez contra sua vontade, enquanto eu queria ir embora e fiquei. Com isso a sopa chegou e troquei a colher da mão esquerda para a direita. Por alguma razão desconhecida, os dedos desta mão recuperaram alguma agilidade.

Uma boa sopa – mergulhei o oval da colher no caldo, derramei metade mas levei a outra metade à boca. Com determinação e método, comi a sopa inteira. Ninguém comentou. Também não me senti humilhado ao comer arroz com feijão e quadrinhos de carne, com o garfo, mais fácil de comer do que sopa. Eu também comi o pudim. Notei que todos comeram os seus. O abacate deixou um pouco de açúcar caramelizado no prato, talvez por boa educação dos pais. Dona Luísa de Gusmão nunca come tudo, diz que são os pobres que têm medo que a comida desapareça e por isso raspam as panelas. Ela não. Seus modos eram impecáveis, restava na borda do prato não só um pedaço de caramelo, mas também um pedacinho de pudim amarelo com olhinhos furados.

Eu devia estar com muita fome. Não me senti humilhado, embora lembrasse que seis anos antes o trio de greve de fome, após o fracasso, havia engordado até o rosto chegar ao peito. Eu realmente não sabia o que estava acontecendo. Dona Estela se foi, eu deveria pelo menos ter me arrependido dela, mas só pensei que me sentia bem, cheio de energia, tanto que insultei

o Sr. Tavares com as palavras que ouvi o carroceiro dizer meu pai com suas mulas quando Eu era pequena e me chamavam de Bibi. No final, o Ivan estava de plantão, ele me levou até o meio da Sala das Rosas. Ele me perguntou novamente se eu queria ir descansar no meu quarto. Eu disse não. Houve muitas mudanças nesta residência. Queria saber o que estava acontecendo e, se possível, testemunhar. Quando chegou a hora do lanche, Tavares, passando por mim com a bengala, espumava de raiva, mas o senhor Peralta tocava piano.

68
ALUVÃO

Agora, depois do almoço, meu sono é profundo, sem interrupções nem sonhos. Foi assim que hoje, quando olhei para cima, ele estava na minha frente com dois cabos elétricos nas mãos. Só depois de ver que tinha me acordado é que assobiou como um melro. Seu apito florido encheu meu quarto: “Acorde, senhora. Você perdeu o Natal, quer perder o Ano Novo também? Ele começou a desenrolar os cabos e espalhá-los no chão. A energia com que ele se movia me deixou tonta. Então, o que ele estava planejando fazer? Mudar ? Corrigir ? Pendência ? – O meu genro já não imitava um melro, mas vários.

Queria que ele parasse de chilrear, mas suspeitei que seu entusiasmo só era tão exuberante porque queria transmitir-me sua energia contagiante. Fiquei em silêncio, esperando, como antes, lá em casa. Ele testou as travas das portas, que não eram ruins, e fez muito barulho ao manuseá-las. Ele passou para as lâmpadas, depois conectou o testador elétrico em todas as tomadas, encontrando falhas inexplicáveis em um lugar como o Paradis Hotel. Ao substituir as lâmpadas e medir a temperatura do radiador, ele disse: “Ano novo, vida nova. Quem mergulha no mar e vem à tona sabe nadar. Vamos vamos.”

Mas eu não sabia onde ele queria que eu fosse. Atrás da cama, ele encontrou o celular. Escândalo. Há quanto tempo a bateria do dispositivo não é carregada? Por isso não atendia ligações. Parecia impossível, em todo o tempo que sua sogra esteve tristemente imersa nessa resistência ao seu corpo, característica de alguém cem por cento teimoso, ninguém mais aqui havia se lembrado que ela tinha celular. Ele abriu a caixa, ligou o carregador na tomada, ele me disse: “Ah! Tantas ligações! Os nossos, os de vários assuntos. Há aqui um número que está identificado, Lilimunde Silva. Essa pessoa ligou para você dez vezes. Quem é essa Lilimunde?”

O momento em que a bengala do Sr. Tavares bateu nos pneus da minha cadeira e a nova composição da mesa da sala de jantar ainda ocupava minha mente. Mas a minha explosão de raiva contra aquele que perseguiu Ali devolveu-me a força para lutar. Eu estava lá, mas agora sabia que Lilimunde havia tentado entrar em contato comigo, e a vida dela, sim, essa me interessava. De repente pensei na foto de Edu Horvat de jaleco branco, debruçado sobre uma mesa, olhando algas através de lentes, num laboratório à beira de um lago, um lago chamado Balaton, e pensei em nome de seu país e de sua capital, e pensei não me lembrava de nenhum dos dois. Mas como se chamava o país de Edu Horvat? Escuridão total. Eu não me lembrei de nada. Nem me lembrei do nome de qualquer outro território que faça fronteira com este país. Apenas a palavra Alemanha me veio à mente, com a sua capital Berlim e outras cidades como Frankfurt e Bona, e a Rússia com a sua capital Moscovo, mas havia vários outros territórios no meio. Qual ? Lembrei-me do mapa onde estavam indicados os rios, as montanhas, de

acordo com a densidade das cores, e as cidades em forma de círculos pretos, uns maiores, outros menores, mas o mapa da Europa, no centro, parecia vazio para mim como se tivesse sido destruído por um incêndio. Eu não me lembrei de nada.

Descuido semelhante ocorreu quando meu genro descobriu que a persiana não descia direito e fazia muito barulho com a pressão do elástico contra a parede. Esperei, não disse nada. Só me lembrei do que tinha acontecido com o nome Azerbaijão que eu nunca tinha lembrado, foi o sargento que tinha escrito num papel que, na época, eu nem guardava. Mas dessa vez pararíamos por aí, as palavras poderiam desaparecer, não importava para mim, eu não correria atrás delas. Por alguma razão, fui noite adentro e voltei. Eu celebrei meu casamento com o fantasma das trevas e sobrevivi. Meu genro abriu o armário e começou a dizer: Você não vai nos enganar de novo. Ano Novo Vida Nova. Vamos tirá-lo daqui, do seu esconderijo, e vamos conectá-lo, e você estará conectado ao mundo novamente, estará atualizado com as notícias todas as tardes, e aos sábados você observará a vida dos animais e acompanhará programas de viagens como antigamente. Você verá, você verá. As pessoas pagam uma fortuna para que Dona Maria Alberta esteja bem acompanhada e ninguém percebe que a TV está desligada há quase um ano. E meu genro trouxe o aparelho para a mesinha lateral e, como é típico dos amadores, fez bastante barulho nas conexões, manobrando os cabos que havia estendido no chão.

Meu problema foi não lembrar o nome da cidade ou do país do Edu. Também me surpreendi, depois de tantas coisas esquecidas, ainda me lembrar do nome dele, o amante da noite de Lilimunde. Enquanto isso, ano novo, vida nova, segundo meu genro. Depois da televisão, ele teve vontade de vasculhar as gavetas, porque suspeitava que durante um ano ninguém as limpava das bugigangas. Esvaziou o conteúdo da primeira gaveta da mesinha de cabeceira num saco plástico e de lá saiu lenços, lenços umedecidos, comprimidos, uma *Borda d'Água* ²⁴, Cartões de Boas Festas, todos cheios de poeira, com um cheiro enjoativo de pólvora. Ele encontrou a caixa, não a tampa. Eu sabia o que acontecia quando quis comer a caixa. Eu não queria lembrar. Logo depois, ele virou a gaveta de baixo para o plástico. Luvas, duas maçãs enrugadas, uma caneta esferográfica, uma banana preta enrugada e uma meia branca com detalhes em seda. Ele começou a separar o que considerava utilizável do que não era, e no meio dessa bugiganga vi algo que me interessou: a meia branca. Já estava no chão, prestes a ser jogado no lixo.

“Dê-me essa meia”, exigi, mas ele olhou para outro lugar. Eu disse exasperado: “Preste atenção no que eu lhe digo. Por acaso, as pessoas ainda podem me ouvir quando falo ou não? Me dê aquela meia que você jogou no chão.” Ele obedeceu. Ele me deu: “Aqui está, senhora, sua meia parece um ninho de tecelão. O que há dentro?” E ele queria dar uma olhada no conteúdo. Eu disse: “Pare aí, não toque nisso!” Ele deu-me. Eu peguei ela, fiquei com ela no colo. Eu apertei em minhas mãos. Uma em cima da outra,

e no meio, bem guardada, a meia. Olhei para meu genro e disse: “Ok, é isso, grande limpeza, grande mudança. Ano Novo Vida Nova. Está ficando tarde...”

Ele se virou, feliz consigo mesmo, havia realizado grandes feitos, muita arrumação elétrica e uma boa triagem de lixo, mas também entendeu que ao lembrá-lo que estava ficando tarde, eu queria que ele fosse embora. Ele parecia um pouco desamparado. Ainda mais quando lhe disse: “É isso, lembro-me, é Budapeste”.

Meu genro veio até mim, me olhou bem de perto, incrédulo, examinou meus olhos, sondou o que viu ali. Ele parecia querer tirar conclusões. Não é a primeira vez que isso acontece, todos estão esperando o dia em que direi coisas estúpidas. Mas ele estava errado. A coisa necessária era com a coisa nomeada. Eu poderia me alegrar, pois havia encontrado três coisas ao mesmo tempo – Budapeste, Hungria e a meia branca com borda de seda que guardei em um dos últimos dias da invasão das formigas ladras. Uma daquelas noites em que Dona Marcela apareceu com sua trouxa que dizia levar para o além. Durante aqueles dias em que éramos levados de sala em sala e amontoados na Sala Rosa. Eu tinha inventado esse truque, guardava a mensagem embrulhada em vários pacotes, todos insignificantes, para que escapasse à cobiça de qualquer um, e tinha esquecido. Usei o método da Dona Marcela. Agora estava lá em minhas mãos.

Quando tive certeza de que meu genro não iria se virar e tive certeza de que ninguém entraria pela porta, tirei de dentro desta meia um lenço velho bordado que pertenceu a Maria Albertina Amado, de dentro do lenço Tirei um papel alumínio dobrado, de dentro do papel alumínio um pequeno envelope, e de dentro do envelope um pedaço de papel com uma mensagem: *Dona Maria Alberta, sempre à sua disposição. Tenho todas as informações que você precisa no meu celular*.

Minhas mãos permaneceram entrelaçadas por muito tempo, com medo de perder a mensagem. Queria morrer de fome porque havia perdido aquelas duas linhas escritas por alguém que apenas olhou para minha mão. Acompanhou este gesto com três palavras: *Senhora, meus respeitos*.

Meu genro saiu assobiando como um pássaro.

26 de dezembro 2019

Pequeno corpo na Terra

o vento te carrega no ar – O i, o ai

ela está se divertindo, ela

passar.

MÃOS DE NINA

Tenho na bolsa, no bolso pequeno, um envelope minúsculo de três por cinco centímetros, e dentro a mensagem do sargento Almeida. A bolsa está no meu peito. A roupa suja está na cadeira, o bule está na bandeja e ao lado a xícara. Uma garota chamada Larissa passou.

Larissa, isso te faz pensar – nunca ouvi falar de um nome assim. Comecei a lembrar os nomes das meninas que passaram por esta sala desde que cheguei aqui, e elas apareceram, uma após a outra, num desfile interminável. Alguns desses nomes têm rostos, mas na minha memória há muito poucos casos em que o nome e o rosto constituam uma pessoa. Os nomes que consigo evocar constituem uma espécie de lista como num dicionário e, fora dela, os rostos formam uma galeria onde os traços das meninas representadas aparecem demasiado borrados para lhes dar os nomes correctos. Não consigo montar esse quebra-cabeça, mas isso não importa. Não posso querer ordenar o que acontece para que não aconteça. As meninas vêm sair, até se diz que há trânsito na passagem delas nesta casa, pelo menos é o que Ana Noronha deplora. Na verdade, eles passam com tanta velocidade que me surpreendo quando, pela manhã, aparece na porta o mesmo rosto que me fez dormir no dia anterior. Se acontecer, é um milagre. Os nomes de Janice, Larissa, Suali, Esvendrina, Lilimunde du Pará, Maria da Encomendação, Samanta, Maha, Gabriela, Francine, Gina, Svetlana, Fanny, Olga Maria, ouvi todas nomeadas e eu mesma as chamei – no caso de Lillimunde, inúmeras vezes – mas qual destes nomes ainda nos vem em auxílio quando passamos pelos corredores? Há nomes que permanecem na minha memória mas os seus rostos desapareceram. Ou os rostos ainda estão na minha memória, mas os seus nomes estão perdidos.

Por outro lado, imagino a imagem que os cuidadores que por aqui passam vão nos tirar. Eles se lembrarão de cada um de nós, individualmente? Ou eles vão misturar todas as imagens em uma? E irão confundir-nos como se fôssemos componentes de uma vala comum na sua própria memória? Eles terão medo de nós, medo de ver suas vidas futuras no espelho? Constituiremos uma montanha distante para a qual eles sabem que um dia terão de caminhar, mas para a qual se recusam a dirigir o olhar? Vamos em frente – Mais uma vez, sou assaltado pela ideia de que a história de Maria Paulina Zuzarte sobre os meus pulsos e os dela despertou em mim o pressentimento de que vidas humanas não existem, de que estamos todos fundidos numa única vida, esta mesma ideia provocou agora pelos nomes das meninas que chegam e saem imediatamente. Esses pensamentos fazem parte do sentimento denominado melancolia.

Mas não quero alimentar esse sentimento. Porque, pelo contrário, há quem faça este trabalho ao longo dos anos como se não conhecesse outra porta senão a desta casa, são-nos fiéis, cuidam de nós como se cada um de nós fosse membro da sua família. Eles têm nomes. Estou pensando

concretamente em Maria Lina, em Salomé dos Santos, a máquina alemã, e em Nina Mercedes, a porto-riquenha, não pelo tempo que passou aqui, mas porque o seu trabalho é uma espécie de desperdício, dizem aqueles que querem levá-la para outro lugar. Hoje é a jovem Larissa quem está cuidando de mim, Nina só vem por volta das dez da noite. Estou esperando por ele.

Enquanto isso, estou com meu Olympus Note Corder no colo. Foi a Nina quem colocou no meu colo, justamente quando veio me avisar hoje à tarde que vai estender o plantão da sexta-feira, dia 27, com o noturno, porque ela não virá no final de semana prolongado. Bom, ela vai estar ausente até 1º de janeiro o que significa que ela não estará conosco na véspera de Ano Novo. Mas Nina me fez recomendações: “ *Manaña, por la mañana, no permitas que te esqueçam* ²⁵...” Obviamente não vou permitir, por volta das onze horas estarei lá. “ *Necessidades para participar do Momento como o do ano passado. De novo para reunir todos os moradores no Salão Maior* ²⁶...” Sim, eu irei. “ *Vamos entreter você, Alberti, vamos entreter você* ²⁷...”

Por volta das dez horas da noite, Nina veio como prometido.

Ela me deu a pílula de pérola, mal falou, e vi as mãos de Nina Mercedes se moverem ao meu redor. São mãos de pele escura, unhas rosadas, dedos delgados e ágeis. Não sei descrevê-los, tal como acontece com os rostos de certas pessoas, não há descrição possível, porque o que os identifica escapa à matéria que se vê, reside em algo que não é visível, e que no entanto existe. As mãos de Nina têm espírito. A sua essência está no movimento que produzem, mesmo em repouso as mãos de Nina têm alma. Muitas pessoas nesta casa têm medo dos dedos dela, mas eu adoro as mãos da Nina. Eu estava pensando nisso quando ela disse: “ *Entonces, bueno Año Nuevo, cucaracha* ²⁸...” E pegando meu bloco, ela tirou duas folhas de papel e escreveu as datas: 31 de dezembro de 2019 e 1º de janeiro de ²⁰²⁰.

Larissa entrou e tirou o bule e a bandeja com a xícara. Nina ficou mais um pouco. Ela estava sentada na cama desocupada, os pés juntos, as mãos apoiadas nos joelhos, a blusa branca, os olhos fechados de cansaço. Ela parecia estar dormindo sentada. Havia um silêncio total dentro do Hotel Paradis, nenhum cachorro latia lá fora. A noite escura ainda estava trancada dentro das paredes desta sala, não se aparecia. O sono sentado de Nina Mercedes parecia encorajar meu sono. Eu vi a alma de suas mãos cruzadas. Eu disse a mim mesmo que se fosse assim, esta noite, eu não me importaria. A harmonia existe.

Sem data

A Lua não toca o Sol

o Sol não toca a Terra.

Os três chegaram a um acordo entre si

- Eu vi.

MOMENTOS

A pílula que Nina me forçou a tomar teve pouco efeito. Não dormi, passei a noite esperando que a noite saísse do seu esconderijo para poder confrontá-la com a minha descoberta. Desta vez, eu estava mais do que pronto. Queria acenar para ele com minha bolsa, mostrar como minha vida é sempre cheia de acontecimentos revigorantes. Mas sei que ela sempre fica escondida entre os tijolos do muro e que só ataca quando pensa que estou frágil.

Não é assim, então esperei e esperei, mas ela não se desprende do seu lugar de sombra, não abriu o leque de suas asas escuras e não ficou perto da minha cama. “Venha, noite, chegue mais perto, se você puder...” eu a desafiei. Nada, o único som que se ouvia, durante a madrugada, eram os passos de Jordão, o vigia noturno, que fazia suas últimas rondas pelos corredores. A certa altura olhei para a *tela do meu celular* – eram oito horas, eu não voltava a dormir. Ao contrário do que tinha decidido antes dos dias de greve de fome, queria ficar acordado para poder ser vestido e levado a participar no Momento Criativo organizado para definir o rumo do Ano Novo. Então, bem acordado, esperei.

Esperei muito tempo. No corredor o silêncio era quase total, todos os barulhos que ouvíamos vinham dos outros andares. Aí alguém começou a vagar entre os quartos, chamei bem alto, mas ninguém atendeu nem entrou. Com a mão esquerda, procurei a campainha e ela estava fora do lugar. Alguém o deixou de lado. Não foi Nina, Larissa então? Larissa, mal chegou e já aprendeu como evitar problemas no turno da noite? Ou a campainha simplesmente foi colocada fora do meu alcance durante algum tipo de armazenamento? Meu genro está arrumando, por exemplo. Eu não tinha nenhum dado concreto. Tudo que eu sabia era que não conseguiria pegá-lo. Então fiz um grande esforço e rastejei até a beira da cama. Movi-me lentamente, deslizando até sentir que estava caindo. De bruços, alcancei a campainha, mas ainda não consegui alcançá-la. Com extrema dificuldade comecei a rastejar ao lado da cama tentando me aproximar dela, até que senti algo quente e úmido no rosto, levei a mão ao rosto, esfreguei os dedos e era sangue. De onde veio?

Deitado no chão, passei a mão na cabeça procurando o ferimento e descobri a origem do sangue que agora escorria – eu havia me cortado na testa. Provavelmente bati no pé da cama. Curiosamente, minha mão estava vermelha, mas não doía em lugar nenhum. O sangue estava fluindo, mas não havia dor.

Eu também não estava com frio, mas estava frio, e com certeza, no chão eu estava ficando mais frio. Eu esperei. Com o rosto encostado no chão, ouvi o eco de passos e ninguém entrou. Eu gritei: “Estou ferido!” Alguém entrou. Chegou mais perto, me levantou do chão, em silêncio, mas foi dona Joaquina quem me levantou.

Dona Joaninha pegou a campainha e fez um barulho que ecoou tão alto no corredor que as paredes tremeram. Larissa e a menina Jeová vieram correndo apressadas. Senti minha testa encharcada e meus olhos manchados de sangue, mas não doeu em lugar nenhum. Dona Joaninha ficou tão indignada que parecia um capataz furioso. Ela falou muito alto, disse que o senhor Tó deveria estar vivo, e que era contra a servidão mas também contra a traição e a maldade. Dona Joaninha esgotou os palavrões. Nem a Janice, o Jeová, nem a Larissa falaram, só lavaram meu rosto, trocaram as bacias de água e tiraram roupas do armário, até que o enfermeiro Joaquim apareceu e colocou um curativo na minha testa.

Dona Joaninha disse: “Dona Alberti, olha como é. É inacreditável, vim te buscar para conversar sobre algo, antes de descer para o Momento Criativo, e te encontrei nesse estado! Frio e sangrento. Você já teve que perder a sensibilidade? Nesse caso, é melhor descansar, e esses dois grandes gabaritos terão que trazer o café da manhã no quarto. Ah! Se o Tó não tivesse saído, se o Tó não tivesse saído...” Mas eu disse que tinha acordado cedo justamente para presenciar esse Momento, e que me senti muito bem. “E você vai para lá de estômago vazio, dona Alberti? A reunião já deve estar começando...” Pedi para Dona Joaninha enfiar a mão no bolso da minha cadeira, pegar uma banana, descascar, me dar e nos colocar no caminho. A ex-amante de João Almeida empurrou-me pelo corredor e num instante entrávamos no Salão Principal. Estávamos atrasados, mas o Momento ainda não havia começado.

Em vez de ficar na frente, como gostava de fazer em dias assim, fiquei para trás. Dona Joaninha também. Uma vez instalado, olhei em volta e vi que todos os meus colegas usavam chapéus vermelhos na cabeça. Era um mar de ruivos, ali no Salão Principal. Examinei o que estava à minha frente e poderia jurar que Rita de Lyon e Luísa de Gusmão eram as duas residentes sentadas a algumas cadeiras de distância. Eu os reconheci pelas roupas e pelos ombros. Um pouco mais à frente, três homens, o Sr. Sereno, o Sr. Gomes e o Mestre Mascarenhas, também estavam com a cabeça coberta por bonés vermelhos. Dona Joaninha andava de um lado para o outro e ganhou um boné vermelho. Pensei: ninguém vai colocar isso na Maria Alberta, não. Uma coisa é se divertir, outra é atuar como palhaço. Há muito que luto com este tipo de insultos, mas imediatamente Maria José das Lundas apareceu atrás de mim e cobriu-me a cabeça com um destes bonés. Nem esperei ela ir embora, em pouco tempo o chapéu vermelho que havia recebido estava no meu colo. E entretanto começou o Momento Criativo, muito diferente do ano passado em que participei ativamente. Olhei para cima e vi que, bem perto das primeiras filas, um urso polar e uma foca dançavam muito felizes. Eu tinha um curativo na testa e um boné nos joelhos, mas ainda assim sentia um grande contentamento. A psicóloga Débora estava escondida no urso polar, a hospedeira Bianca, no selo.

O selo dizia: “Bem-vindo ao Momento Criativo. Alguém sabe o tema deste Momento?” Alguém na frente levantou a mão no meio das xícaras: “Eu sei, é

Ano Novo 2020". O urso polar deu um passo à frente e explicou: "Correto. No ano passado fizemos um poema sobre o Hotel Paradis, este ano será sobre o Ano do Carro..." Alguém disse, que carro? A foca respondeu: "Olha o desenho que vamos te mostrar..." A foca e o urso desenrolaram uma folha de papel de desenho, na qual estavam desenhados dois cavalinhos puxando um carro, duas rodas e varas das quais se projetava uma pilha de flores. Eles ergueram o grande lençol no ar e amarraram suas bordas a um suporte. Eu vi.

"O que você vê ?" perguntaram o urso e a foca ao mesmo tempo. Certamente todos admiraram o desenho, mas ninguém respondeu. Achei que todos que podiam ver viam o que eu via, que os zeros haviam se transformado em rodas e o número 2 em cabeças de cavalos com crinas. Achei muito interessante e, assim como no ano passado, gostaria de ter intervindo, mas estava muito longe, estava com um curativo na cabeça e não estava com chapéu. Eu era muito bom em me fingir de morto. Quando ninguém respondeu, as meninas disfarçadas explicaram a imagem e começaram a fazer perguntas úteis. Por um momento pensei que a psicóloga diria expulsa, expulsa, expulsa de novo, mas Débora, por baixo da roupa branca e peluda de urso polar, apenas disse: "Agora eu faço a pergunta e os moradores respondem: 2020, o Ano do Carro , será um ano de...? Vamos vamos..."

Prova disso é que muitos compreenderam o significado da imagem, Dona Plínia, com quase cem anos mas que fala muito bem, respondeu: "Será um ano de flores..." Alguém ao seu lado, que não consegui controlar para identificar. identificar, acrescentou: "Um ano de progresso e prosperidade..." Várias vozes gritaram com baixa intensidade, um ano de paz, de amor, de amizade, de família, de comida para todos, de água potável para todo o planeta , disse o senhor Mascarenhas, de saúde, muita saúde, disse a voz do senhor Sereno, de menos poluição, disse Dona Rita de Lyon, um ano com mais respeito e educação, disse Dona Luísa de Gusmão, e Dona Joaquina, ao meu lado, gritou, um ano de revolução para o mundo inteiro. A essa altura, já haviam sido lançadas tantas sugestões que a foca e o urso só tiveram que resumir, como no ano passado. Os dois animais tiraram a cabeça das fantasias e os rostos da facilitadora cultural e da psicóloga Débora apareceram na nossa frente, bem vermelhos. Retiraram o excesso destas sugestões confusas e transformaram-nas em versos curtos: Definição do Ano do Carro, ano de amizade nas famílias, de paz entre os povos, de harmonia ecológica na Terra, abundância para os pobres, água para todos regiões secas, consenso entre nações, etc., etc., porque os moradores tinham dado as ideias ao urso e à foca, mas agora o psicólogo e o facilitador cultural compuseram o poema. As frases seriam escritas na grande folha de papel de desenho e na folha exposta na entrada, saudando o novo ano que chegaria amanhã. Eu gostei.

Mais precisamente, gostei muito.

Se eu tivesse falado, teria acrescentado algo relacionado aos livros, mas mudei de ideia, por causa da minha filha, e não tinha encontrado como escrever um verso sobre isso. A certa altura quase interrompi o selo e disse: queria que este fosse um ano onde todos lessem, mas senti vergonha de falar de um assunto tão íntimo comparado aos temas grandiosos que haviam sido expostos. Quando o Momento estava prestes a terminar, Maria José das Lundas aproximou-se da minha cadeira para me empurrar, pegou no boné vermelho e passou-o pela minha cabeça até aos olhos. Tirei e joguei no chão. A bandagem na testa foi com ele. Não importa para mim, não tenho dor nem resfriado. Sinto um entusiasmo pela vida como não sentia há muitos anos.

Nessa atmosfera criativa, me senti muito bem.

Cheguei a dizer para mim mesmo que o Hotel Paradis, de vez em quando, deixou de ser um local de exílio para se tornar um jardim de infância, e que no início foi só um pouco difícil, depois correu tudo muito bem. Pensando bem, se esse lugar de exílio não se transformasse às vezes em playground, em escola, em circo, em teatro, em bordel, em asilo, esse casarão seria insuportável, e assim entendemos os saltos da foca e o urso que todos apreciam. Mas não aceitei o chapéu vermelho na cabeça, gosto que meu cabelo fique enrolado no rosto e visível. Nunca gostei de lenços na cabeça. Quando nos sentamos à mesa, todos mantiveram os chapéus. Até Mestre Mascarenhas tomou sopa de boné. O meu, se entretanto ninguém o pegou, ainda deve estar no chão. Além disso, eu devia ter um corte visível na testa, mas ninguém notou. Foi preciso que Dona Joaninha chamasse a atenção para o papel que ela havia desempenhado em minha sala antes do Momento Criativo para que meus colegas de mesa percebessem minha lesão agora exposta. Só Mestre Mascarenhas não comentou minha lesão porque abriu o jornal depois da sopa e estava lendo.

Notei que Dona Joaninha estava olhando o jornal, mas o Sr. Gomes não tirava os olhos de Dona Joaninha. O Sr. Gomes disse, antes de chegar o arroz de peixe: “O ano que vem será o Ano do Carro. Joaninha, você acha que o próximo ano será bom?” O salvador da manhã respondeu: “Lá vai você de novo! Ela vai ficar ótima, se você me deixar em paz...” E, naquele momento, Dona Joaninha olhou novamente o diário de Mestre Mascarenhas. Ivan trouxe o arroz, Mestre Mascarenhas dobrou o jornal. No final do almoço, ninguém mais usava chapéu. Então Dona Joaninha quis me levar de volta para o meu quarto, como antes. Ela disse que tinha algo para me contar.

Chegando ao quarto, sentou-se na cama vazia e disse: “Dona Maria Alberta, só me pergunto o que teria acontecido com você se eu não tivesse vindo em seu socorro esta manhã. Com o caos que está nesta casa, nem teríamos notado seu corpo desmaiado no chão...” Concordei. Ela continuou: “A ferida não é profunda, mas atingiu uma veia especial porque o sangue corria sem parar. Sem mim, não sei se teria parado. Foi um golpe de sorte porque vim te pedir um favor e te encontrei no chão sangrando...” Dona Joaninha se aproximou da minha cadeira e me pediu: “Dona Alberti, me ensine a ler”.

Fiquei sem palavras: “Ensinar você a ler, Dona Joaninha? Eu não sei como. Primeiro você precisaria conhecer as vinte e seis letras do alfabeto. Só depois de reconhecê-los e aprender como juntá-los é que você pode começar a ler.”

Ela ficou sonhadora: “Vinte e seis letras. Já conheço alguns deles, ainda posso aprender a ler.”

“Sim, você poderá aprender a ler Dona Joaninha.”

“Dona Alberti, para mim o Ano do Carro será o ano em que aprenderei a ler.”

28 de dezembro 2019

Colinas distantes, o que será, será -

Eu acredito na vida como ela é

e então veremos -

verá.

O ANO DO CARRO

Serei um daqueles que esta noite, por volta da meia-noite, estará no terraço do Hôtel Paradis para ver o fogo de artifício. O Ano do Carro está prestes a começar. Mas para presenciar o espetáculo das fogueiras, Ana Noronha, o mordomo Cláudio e a gerente Martine reuniram-se com o Dr. Longino em seu consultório e concluíram que devido à umidade da noite, somente aqueles que apresentassem razoável estado de saúde e liberação de responsabilidade de seus entes queridos participaria.

Muitos residentes saudáveis gostariam de participar, mas os seus entes queridos não responderam. Minha filha sim, ela enviou o termo de responsabilidade assinado, o que me deixou muito feliz. Esta noite, às onze horas, estarei pronto. Os fogos de artifício acontecem em toda a largura da baía, a esta distância não sei se conseguirei distingui-los, mas pelo menos os verei estourar e com certeza ouvirei o estrondo das explosões acima do mar. Algumas lágrimas de fogo terão a forma de uma árvore, outras de uma flor de dente de leão, outras de fósforos incandescentes, outras de uma chuva de estrelas, e outras configurações serão inexplicáveis, como nuvens, pois nem todos os fogos assumem a forma de seres conhecidos pela Criação. Meu coração treme. É terça-feira, estou com meu celular no bolso. Estou no meio do Salon Rose e vou fazer um telefonema. Estou me concentrando.

Primeira chamada

Olá, Sr. Frank, como vai? Sou eu, Maria Alberta, sua antiga vizinha, mas a casa que era minha ainda está aí, perto da sua. Eu não quero atrasar você. Você está indo bem? Aqui, no Hôtel Paradis, nomeámos o ano que esta noite começa como Ano do Automóvel. Desejo que o carro siga em frente e traga a você e à Sra. Sally prosperidade, paz, saúde e água para nossas plantas. Exatamente como um relógio. Sim, eu sei, lá choveram apenas gotas de nada, metade delas lama. A mesma chuva nojenta que caiu em casa caiu aqui. É a chuva que temos, uma pena. Sim, eu sei, é a poeira que vem do Saara e que o vento traz. Se o vento pudesse levá-la para outro lugar em vez daqui, mas não. Neste deserto não existem grandes cidades, apenas oásis. Sr. Frank, que a sua vida e a da Sra. Sally sejam um oásis dirigido pelo carro do ano. O que você está me contando? Que amanhã todos os vizinhos virão me visitar como na Páscoa? Oh! E eu mereço isso? Não se preocupe, estou bem. Sim, estarei aqui. Eu queria me matar, mas que ideia? Está errado. Nunca. Pessoas que não têm muita imaginação, por não conseguirem utilizá-la nas tarefas diárias, inventam histórias inimagináveis sobre a vida dos outros. Sr. Frank, obrigado. Para vocês também, Sr. Frank e Sra. Sally, Feliz Ano Novo. Muito obrigado. Exatamente como um relógio.

Segunda chamada

Lilimunde, já faz muito tempo! Eu sei, você ligou. Eu estou fazendo muito bem. Não, não, não aconteceu nada comigo, meu celular só escorregou para trás da cama e ficou lá até meu genro recuperá-lo. Sim, recebi onze telefonemas de Lilimunde Silva. Não tenho dúvidas sobre isso. Mas o que te contaram não corresponde à verdade, só perdi o apetite e fiquei acamado, mas agora me recuperei, você não percebe pela minha voz? E você, você está bem? Bem resolvido na padaria? E Edu Horvat, lá longe, no Lago Balaton, ainda trabalha? Como vão seus estudos sobre algas marrons? Edu ainda não sabe o que deixou dentro de você? Finalmente, por que você não quer que ele saiba? No meu caso, pelo menos Edgar de Paula sabia disso. Ultimamente tenho pensado, já que é responsabilidade de ambos, ambos deveriam se preocupar com esta realidade. Ultimamente tenho pensado e pensado. Tudo bem, tudo bem. Lilimunde, vamos deixar o ano novo passar, depois você vem me ver e conversamos. Você sabe ? Eles estão chamando 2020 de Ano do Carro. É complicado explicar por telefone. Feliz Ano Novo, Lilimunde, que o Ano do Carro te leve a lugares lindos desse mundo. Que ela lhe traga um lindo menino. Incrível ? Realmente legal? Você tem essas palavras! Sim, tudo bem, tudo ficará ótimo, super legal. Lilimunde, minha querida, tudo vai bem, tudo vai funcionar como um relógio.

Terceira chamada

Estou bem alinhado com a Associação Boa Vontade. Não é ? Senhora, vou explicar rapidamente, não desligue novamente, por favor. É disso que se trata. Este ano, por duas vezes, um rapaz da sua associação que me leu dois textos importantes me visitou. Foi, salvo erro, 22 de abril e 10 de novembro. Ele leu um texto chamado algo como *Cheers, Professor Gálvez* , e outro chamado *Cavatori* , nome italiano que significa cortadores de mármore, e leu tão bem que nunca mais esqueci. Sim. Gostaria de saber se posso entrar em contato com ele. Não, ele não me disse o nome dele. Não perguntei porque achei que não era necessário. Não, não tentei descobrir. Um menino de sobrancelhas grossas, dentes muito brancos, alto e magro. Sim, esse mesmo. Muito bem então, estou tranquilo, esperarei por ele na Páscoa, quando ele voltar do exterior. Tudo bem. Posso te pedir um favor? Sim, se você entrar em contato com ele hoje, diga-lhe por mim que desejo que o Ano do Carro o leve ao seu destino. Diga a ele que penso muito nele e nas leituras que ele fez. Diga a ele que Maria Alberta Amado ligou, mas todos me chamam de Alberti, moro no Hotel Paradis, quarto 210, setor B. Sim, estou tranquilo. Feliz Ano Novo, senhora. OBRIGADO.

Coloquei o celular na minha bolsa de pano.

Na verdade, eu gostaria de fazer mais algumas ligações, mas lá embaixo a rede é sempre irregular, às vezes parece normal, às vezes fica muito fraca e entra muita gente para poder conversar. Pela minha parte, sinto-me bem

aqui, entre o piano e a porta, a ver quem entra e quem sai. Numa série de dias de festa, a porta do Salão Principal continua abrindo e fechando. A diretora Ana Noronha e Martine a feroz estão por toda parte, fora o fato de eu estar esperando o enfermeiro Marlon, pois estou com um corte na testa embora não esteja doendo em lugar nenhum. E, no entanto, eu não queria que ele viesse, não queria subir ao terraço naquela noite com uma ligadura colada no meio da testa, afinal a ferida em si é menos visível que uma ligadura. Sei que ninguém vai olhar para mim, muito menos me ver, mas ainda quero ficar bem diante dos fogos de artifício, ficar bem diante das estrelas quando olho o céu iluminado no início do Ano do Ano. Carro . Que as estrelas do céu vejam meu rosto como ele é. Esta ideia de ir à esplanada traz muita alegria. Foi ideia do Mestre Mascarenhas, que se espalhou pela sala, mas, como já disse, só comparecerá quem estiver em boas condições físicas e cuja família assinou o famoso termo de responsabilidade.

Francine, a romena que ainda fala mal o português, disse que são vinte e três autorizações, e entre elas curiosidades. Soube, logo, no meio da confusão, que o Salão Rosa de repente se tornou esta tarde de 31 de dezembro, que todos os amigos da nossa mesa poderão subir à esplanada. E, por outro lado, na mesa *de cartas dos Seis Cavalheiros* , apenas o Sr. Sereno tinha permissão de sua família. Seu filho, o comprador das botas, assinou rapidamente, assim como minha filha. Então o Sr. Sereno poderá ir ao terraço, mas os outros não. Nemo, João Tendinha, Carvalho e Fininho, por exemplo, não irão. Acima de tudo, Tavares não tinha autorização da família. Dona Joaninha disse. Conforta-me pensar que estaremos todos lá em cima e eles aqui embaixo, acordados em seus lençóis de flanela, sem nada em que pensar.

Aos poucos descem Dona Luísa de Gusmão, Dona Rita de Lyon, Dona Joaninha, Sr. Gomes, Mestre Mascarenhas. Estamos juntos, vamos jantar os seis, com menos uma pessoa na nossa mesa. Costumávamos ser sete, mas é assim que as coisas são. O lugar que era de Dona Fátima ainda está livre. Não vamos pensar nisso, vamos pensar no Ano do Carro. Depois do jantar esperaremos nos nossos quartos para descansar e nos prepararemos para subir ao terraço às 21h30. Já jantamos. Foi Larissa quem me trouxe para a sala, mas é Janice, o Jeová, quem agora está me levando de volta para o meu quarto. Mas Janice, a garota Jeová, me conduz muito devagar, tão devagar que pergunto por quê, e ela diz que é porque está pensando. Para quê? Pergunto-lhe. Janice me leva para o meu quarto e diz: “Acho que não vou aguentar mais uma hora aqui esta noite”.

A menina fica atrás de mim, não a vejo mas sinto sua determinação no que ela diz. Ela agora está na minha frente. Ela me leva ao banheiro, me traz de volta, Janice vai devagar porque está pensando. Diga, Janice, diga o que está pensando. Ela diz: “A hora do Armagedom está sobre nós. Vejo a destruição avançando sobre esta casa. Imerso em tal mundanismo, ninguém aqui escapará. Nem você. Tudo isso pode acontecer esta noite. Sou um daqueles que serão salvos, sou puro como o lírio. Mas meu Jeová está se preparando

para passar a Terra pelo ferro, pelo fogo e pelas trevas. Somente aqueles que acreditam em você, Jeová, serão salvos. Vou sair daqui, vou pegar minha bolsinha, trocar meus sapatinhos, e assim que anoitecer me embriagar nessas festas de satanás...”

Eu entendo, eu entendo muito bem, e por isso, por precaução, dona Janice, enquanto o Armagedom não estiver aqui, por favor verifique se a campainha está no lugar, exatamente ali, acima da minha cabeceira, posso precisar dela. Agora o Armagedom pode vir, dona Janice – Mas essas últimas palavras não digo em voz alta, não quero ofendê-la, ela havia clamado a Jeová quando me viu angustiada à beira da morte, ela havia me lavado, vestiu-me, perfumou-me, trouxe-me um copo de café com leite, e esta noite em que o Ano do Carro vem ao encontro da Humanidade, é normal que se inicie uma nova era de compreensão, é preciso compreender os outros, não são todos boa nem de todo ruim, e a menina, sabendo que eu entendia, tirou a blusa, jogou-a no chão, depois pegou-a, dobrou-a, colocou-a debaixo do braço e desceu o corredor, guiada por seu Jeová. Uma certa ansiedade prende minha garganta, como se suas palavras exaltadas e determinadas carregassem algo de verdadeiro misturado com loucura, e como ainda é cedo para alguém vir me buscar para ir ao terraço, eu vou primeiro fechar os olhos, depois irei ligue para minha filha. Ela ligou várias vezes hoje sobre a lesão, mas ainda não falei com ela sobre o que realmente penso sobre o Ano do Carro. Estou me concentrando.

Quarta chamada

Minha filha, estou aqui, muito bem. Em breve alguém virá me buscar para subir ao terraço. Dizem que somos vinte e três, os outros ficarão nos seus quartos, deitados. São o Ivan e o Igor que vão nos transportar, são rápidos, duas voltas. Jordão também. Entre as meninas estão Francine, Larissa e Maria José das Lundas. Martine também é responsável pelos pedidos. Não se preocupe, irei bem coberto, imagino que chegamos no terraço, todos juntos, nós vinte e três, esperando os fogos de artifício. Minha filha, mesmo que eu não veja as luzes da baía de Valmares, estar entre os meus companheiros, para testemunhar o que está a acontecer, será uma verdadeira felicidade. E você ? O que você vai fazer ? Ouça, vou fazer um pedido para você. O que vou perguntar? Nada para mim, tudo para você. Vou pedir que o que você ama se torne realidade, que continue sentado debaixo da mesa e fazendo amor com o Universo. Se é isso que você prefere, eu também. Sim, estou emocionado, muito emocionado, o Igor vem me buscar, já ouço o barulho dos meus companheiros a caminho do terraço. Feliz Ano Novo do Carro, minha filha. Sim, sim, tenho meu gravador no colo. Vou levar comigo, basta apertar o botão e pronto.

SETE PARÁGRAFOS EM SEU NOME

1. O HOTEL

As portas desta residência estão fechadas há oito dias. Entretanto, o prazo expirou e, se o calendário servir de referência, reabrirão hoje. No começo ficamos preocupados. Estávamos sentados na Sala Rosa quando ouvimos as portas de aço se fechando e as chaves das portas do Salão Principal girando nas fechaduras. Ouvimos porque estávamos em silêncio, e durante algumas horas até ficamos imóveis, convencidos de que estávamos isolados do mundo, mas essa não era a realidade. Apesar das novidades, estávamos alojados sob um bom telhado, rodeados de um lindo jardim, sem faltar conforto e aconchego. Juro pela minha honra, o que aconteceu desde então, durante estes oito dias, nesta casa, é completamente diferente do que havíamos imaginado. Eu teria perdido muitas vidas se tivesse morrido em dezembro, como era minha firme intenção na época.

Dizia-se que a morte, vinda de longe, tinha partido para a Europa, e em breve poderia entrar no nosso país e aproximar-se do nosso estabelecimento, mas estávamos seguros porque as portas estavam trancadas. De minha parte, permaneci em guarda noite e dia, porque queria ver não só o que estava acontecendo, mas o que iria acontecer. Para falar a verdade, ficamos presos durante uma semana, mas o objectivo deste confinamento era para que pudéssemos viver em paz. A administração permaneceu em guarda. Todos os colaboradores foram chamados de volta ao Hotel Paradis e a distribuição por níveis duplicou o número de cuidadores por mesa e por corredor. A ameaça de que se fala no exterior levou a cuidados redobrados no interior.

Éramos mais bem lavados, cheirávamos melhor, contávamos histórias agradáveis enquanto caminhávamos pelos corredores. Nina Mercedes cantou *La cucaracha* bem mais alto que o normal. Sete dias onde vivemos bem. Até lá ninguém pode reclamar. Na Sala Azul, no segundo dia de encerramento, logo pela manhã, fizeram-nos torradas com manteiga, e cada um de nós recebeu uma fatia de queijo como nunca tinha acontecido antes. No quarto dia apareceu uma fatia de presunto rosa no pão de brioche. Nesse mesmo dia, no almoço, servimos uma boa paella. Na nossa mesa todos foram presenteados com um camarão inteiro e várias fatias de linguiça. Para cada três grãos de arroz, uma ervilha. Uma compensação por não poder receber nada comestível de fora. Mas Dona Plínia tinha cem anos e apareceu na sua mesa um bolo com cem velas, chegara de manhã na mesma hora que as verduras trazidas pelo caminhão de abastecimento. Caso contrário o bolo centenário não teria entrado. Foram tiradas fotos da festa, o Sr. Cláudio mandou para fora, e de fora recebeu, em tempo *recorde* *, a resposta para nossa alegria: *Viva Dona Plínia, que tem cem anos!*

E ainda assim tudo sugeria que havia um problema lá fora.

O problema era uma espécie de entidade invisível, venenosa e mortal, que teria nascido num mercado onde se vendiam alimentos comestíveis

inusitados, como roedores alojados com cobras, cobras aprisionadas nas mesmas gaiolas que tatus e pangolins, algumas vivas, outras em decomposição, mas aconteceu tão longe que parecia não ter acontecido em lugar nenhum. Felizmente, nada de incomum por aqui. Sem as imagens da TV e as manchetes do jornal do Mestre Mascarenhas, nos sentiríamos como crianças num casarão brincando de carrinho com os adultos.

Porque nos sentíamos protegidos, os setenta moradores desta casa. E estar isolado do exterior nos aproximou, como se a mesma condição de confinamento nos transformasse em pessoas do mesmo sangue. Os telemóveis permaneceram perto dos ouvidos de cada um de nós e, infelizmente, recebemos a notícia de que a entidade invisível já tinha atravessado as fronteiras de França e Itália. Em Itália, numa cidade remota, numa região chamada Piemonte, tantas pessoas estavam a morrer que as ruas estavam desertas, os animais de estimação vagavam abandonados à procura dos seus donos e as morgues estavam cheias de caixões até ao teto. Mas nós aqui, no Hotel Paradis, estávamos protegidos porque nada entrava sem desinfecção, só o bolo da Dona Plínia tinha sido exceção por causa do seu aniversário.

Para evitar a tristeza, Ana Noronha tentou desligar a TV, mas sempre havia alguém para ligar o famoso controle remoto. No quinto dia de cerco, sem ninguém perguntar, a TV ligou, e apareceram na tela imagens de cemitérios parecidos com o nosso, com longos ciprestes eretos, entre os quais passavam carros funerários carregando caixões abandonados, e sepulturas abertas por pessoas vestidas de cabeça. usar ternos de plástico. Na tela da televisão, as vítimas pareciam enterradas sem qualquer tipo de acompanhamento, como se fossem carcaças de animais selvagens. Felizmente, em Portugal, não. “No momento não”, disse Mestre Mascarenhas.

Ele lia em seu cotidiano que vivíamos um problema que não era novo, mas que sempre existiu, desde que o ser humano existia na Terra. De tempos em tempos, a Natureza enviava esse tipo de expurgo propositalmente para dizimar o excedente da Humanidade. O que somos nós, mais do que nossos ancestrais? Devemos viver este momento com dignidade como pessoas honradas, disse ele. Dona Joaquina, que já havia dito que não iria mais olhar na cara dos homens, aplaudiu.

Eram exatamente isso, seres honrados e resistentes.

Estávamos conversando no meio do Salon Rose. Assim, juntos, o acontecimento anormal ocorrido lá fora nos deu vida e incutiu alegria em nossas mentes. Tivemos que bloquear as más notícias. À tarde Bianca desligou a TV, ligou para o Sr. Peralta e ele tocou a melodia de *Era uma casa muito engraçada* ²⁹. Alguns moradores lembraram trechos da letra e cantaram *Ela não tinha teto, ela não tinha nada*. Com muita satisfação. Naqueles dias, quanto mais infortúnios aconteciam lá fora, mais crescia o nosso bem-estar e a nossa confiança entre nós. Pela minha parte, mesmo que sinta uma certa vergonha em dizê-lo, depois de tudo o que desencadeei

sobre mim no passado mês de Dezembro, desfrutei agora de viver estes dias que me pareciam extraordinários. Mas nem todos acreditaram no que se dizia sobre o assunto.

Da mesa de *Seis Cavalheiros*, Tavares gritou: “Isso tudo é falso. É uma ameaça criada pelos governos para nos colocarem um laço no pescoço. Comunistas, nazistas, selvagens. O que você vê lá na TV não é realidade, são atores mascarados...” Sr. Nemo corroborou: “E bem pagos...” Mas foi mesmo assim? No dia seguinte, após cantar a música *It Was a Very Fun House*, houve novamente um silêncio total. Com a televisão ligada, soubemos que em Madrid a entidade venenosa e invisível tinha entrado em lares de idosos e matava idosos.

Não em nosso país.

No nosso país tudo permaneceu quieto. Os velhos estavam com os velhos, os jovens com os jovens, o efeito da entidade invisível, como todos os grandes acontecimentos, passou voando amplamente acima dos nossos telhados e das nossas árvores em harmonia. Essa é a vantagem de ser um país pequeno, à margem dos grandes eventos. Perto dali, em Espanha, pelo contrário, um emotivo agente funerário, entre os caixões, disse no noticiário televisivo das 21 horas que o único apoio que podia oferecer aos mortos, separados das suas famílias, era colocar suavemente a cabeça numa almofada de seda. antes que a cobertura seja colocada sobre seu rosto. E este homem, habituado ao negócio da morte, deixou as lágrimas escorrerem pela *tela* como uma criança perdida. Mas isso aconteceu do lado de Madrid, por onde sempre acontecem os acontecimentos. Aqui não. Vivemos a semana de cerco com bastante calma. Vivíamos isso tão pacificamente e em harmonia que depois de oito dias voltaríamos a receber visitas e as portas se abririam para receber pessoas, comidas e bolos de aniversário.

2. O ASSENTO

De minha parte, acreditei estar diante de uma situação que nunca imaginei vivenciar um dia. Agradeço a fome insuportável que me impediu de morrer. Ah! Se eu tivesse saído nesta ocasião, não saberia que a mensagem do Sargento João Almeida estava guardada na meia branca, teria acreditado que estava roubada ou perdida para sempre. Também não conheceria os novos participantes da nossa mesa, aquela que alberga o Mestre Mascarenhas, depois a Dona Leonor que ocupa o lugar vago da Dona Fátima. Eu não teria presenciado o amor crescente de Dona Joaninha pelo advogado, nem a inclinação crescente do Sr. Gomes por Dona Joaninha, aquele triângulo amoroso perfeito. Eu não teria tentado apresentar a Dona Joaninha os mistérios das letras para que ela pudesse ler os diários de Mestre Mascarenhas. Eu não teria falado ao telefone com minha família e vizinhos no último dia do ano, não teria lido o pôster de Ano Novo e não teria assistido aos fogos de artifício que marcaram a passagem do ano no céu de Valmares, esta noite memorável em que vi, com estes olhos que Deus me deu, os fogos amarelos e azuis incendiando os céus. Ah! O ano Novo !

Sim, o novo ano marcado pelo sinal do progresso, duas rodas puxadas por cavaleiros, o ano que promete as melhores conquistas para o futuro do Mundo. E, repito, a imagem dos fogos de artifício subindo ao céu desde a faixa do mar, na noite escura, foi o espetáculo mais precioso da minha vida. Não me lembro de outro igual. Eu teria perdido tudo isso se estivesse morto. E, sobretudo, depois, não saberia como os velhos se unem, e se tornam amigos, sob a ameaça de uma entidade venenosa e invisível que circula no ar, até se instalar nas mucosas dos seres humanos para depositar a sua ovos malignos, cada um multiplicando por mil.

Diz-se também que, uma vez multiplicados, voltam a circular no ar, em busca de alimento em outros tecidos humanos, onde comerão o que precisam para se multiplicarem por sua vez aos milhares, graças aos novos ovos postos nestes novos tecidos. Mas não no nosso, protegido por bons cuidados. Por volta do meio-dia e meia do sétimo dia a Sala Azul estava lotada, mas não éramos setenta porque seis haviam permanecido em seus quartos dormindo e dois ainda estavam no Salão de Repouso, perto da Capela. Estávamos sentados, diante dos nossos pratos, prontos para almoçar, aguardando os pratos nas mãos dos garçons. Mestre Mascarenhas, porém, ficou em silêncio, ele que falava tão alto porque ouvia tão pouco. O advogado dobrou o jornal e colocou-o ao lado do prato. Ele disse: “Pelo que ouvi, vamos ficar trancados aqui. Só espero que me deixem ter acesso à imprensa...”

Como se suas palavras ilustrassem a realidade, vimos o gerente com Noronha e o Sr. Cláudio no meio da sala. Eles conversaram e depois se dispersaram entre as mesas. A gerente Martine Martins se aproximou do nosso grupo e informou: “Fiquem tranquilos. Está tudo bem, está tudo bem, está tudo bem...”

Já vivi muito tempo, entendi o que ela quis dizer com essa repetição inútil, tudo está ruim, tudo está ruim. Esperamos, preocupados, olhando para o gerente. Passou as mãos nos ombros de Dona Luísa de Gusmão, depois nos de Joana Amaral, olhou-nos como se fôssemos bebês na hora de dormir e disse para o centro da mesa: “Desculpa. Lamento informar que permaneceremos trancados. Ninguém poderá sair ou entrar. O mesmo vale para roupas, objetos ou alimentos. Tudo isso para o seu próprio bem...”

Dona Luísa de Gusmão s’est mise à pleurer.

Ela é uma condessa, mas as condessas também choram quando algo ruim acontece com elas. Não que ela tivesse qualquer intenção de sair daquele lugar protetor, mas saber que não poderia sair se quisesse era insuportável para ela. Dona Rita, de Lyon, também se sentiu infeliz. Dona Joaquina não se importou. Seu Gomes lhe disse: “Você, dona Joana, não liga. Você tem tudo o que precisa nesta casa...” Dona Joaquina nem respondeu. Ela comentou em voz alta, mesmo sabendo que o advogado não a ouviu: “Não gosto nada de gente triste. Não importa o quão tristes estejamos, nunca poderemos salvar o mundo. Não ?” Dona Joaquina serviu-se do arroz de frango caipira. O Sr. Gomes olhou para ela longamente. Felizmente eu sobrevivi para continuar

observando. Estávamos sitiados, mas o jogo do amor, a penúltima expressão sobrevivente da vida, ainda estava intacto. Eu estava vivo para aprender.

Enquanto isso, o Diretor Noronha perambulava por outra fileira da sala, consolando os demais moradores. O senhor Cláudio também. Foi um fato. Durante esse tempo, a entidade invisível, venenosa e mortal atravessou o Canal da Mancha, subiu o Tâmbisa, passou por baixo da ponte e entrou no coração de Londres. Mas deve-se notar que os britânicos não ficaram perturbados. Não faltavam ao trabalho, eram estóicos, muito resistentes, muito combativos. E, acima de tudo, muito educado, explicou Noronha perto da nossa mesa. Cumprimentavam-se com decência, não se beijavam, sentavam-se muito eretos e, além do mais, estavam dispostos a ver alguns dos seus morrerem e trancarem-se em casa como em outros países. O Sr. Cláudio era da mesma opinião. Os ingleses foram heróis durante a Segunda Guerra Mundial, souberam sofrer individualmente desde que fosse para o bem da sua pátria. Não nós.

É por isso que só conseguimos nos dominar enquanto estávamos presos. Quando ficamos sozinhos, Dona Luísa de Gusmão era da mesma opinião. Todos concordamos.

É claro que o Reino Unido, como o próprio nome sugere, era uma monarquia, com reis e rainhas, aristocratas, pessoas no auge da boa conduta, que deram grandes exemplos para pessoas de todo o planeta. Não nós. Nem sabíamos comer à mesa. Assim, para dissipar as suspeitas de que não éramos pessoas sãs, parentes dos moradores do Hotel Paradis, que não podiam entrar em contato direto com seus parentes internados, começaram a entrar sob suas janelas, acenar para eles e falar-lhes em voz alta. Ficaram entre a fachada e as palmeiras e, durante os sete novos dias que se seguiram, as saudades antes vencidas pelos telefonemas, e às vezes pelas longas ausências, passaram agora para a frente da residência. Minha filha também queria vir. Ela me contou que muitas pessoas perguntaram se ela tinha ido ver a mãe na janela. Eu o proibi. Essa é a palavra.

Com o telefone no ouvido direito, senti-me novamente uma mãe severa. Eu disse a ela que não a criei para não ter princípios, que Deus a salvasse de vir até a janela e me chamar, que o mundo estava cheio de ridículo, mas que ela não deveria fazer parte desse exército sem fim. Eu disse a ele que na minha mesa ninguém permitia que parentes ou amigos fizessem caretas tristes na frente da janela. E eu disse novamente: “Não venha, aproveite esse tempo para se dedicar ao seu trabalho. O tempo passa, passa, e você, me diga quantas páginas você escreveu... Mas me diga a verdade, não minta para mim.” Eu me senti mãe, estava falando ao telefone. Desde a chegada do estado de sítio, minha voz ficou séria quando falei com ele. Imaginei que ela estava tomando café com fulano, comentando o que estava acontecendo aqui e ali. Com esses acontecimentos mundiais, imaginei-a ligada à televisão presa à *tela* por uma coleira. Disse a mim mesmo que ela estava assistindo ao noticiário tentando adivinhar o futuro da entidade invisível. Eu falei para

ela: “Foco, minha filha. Trabalhe, cumpra seu dever. Quando as portas se abrirem, você virá imediatamente...” Dentro de mim, as palavras cantavam.

Nunca é tarde, nunca é tarde.

Debaixo da roseira, o cravo

queimaduras.

Ela, por outro lado, disse que sim. Deixei cair meu telefone no chão e ele desligou. Não consegui recuperá-lo por duas horas, mas fiquei feliz. Verdade seja dita, eu sabia que meus conselhos sempre tiveram efeito sobre ela. Bem, o que ela faria aqui? Ficar no meio da rua, olhando para mim? Sinalizar? Conversando ao telefone enquanto acena com a mão? Encontrando-se dominado pela emoção e chorando na frente dos outros? Como dizer adeus no cais de um navio? Como eu, muito depois da guerra de Hitler, quando fui ao cais de Alcântara despedir-me do sedutor? E o som das águas divididas pelo transatlântico descendo o rio em direção ao mar e eu ouvindo o farfalhar da esteira que o navio deixou? Edgar de Paula muito feliz em partir? Foi há muito tempo. Desde então não quero mais me despedir com as mãos. Despedidas são sinais internos. Deveríamos ter vergonha de nos despedirmos. Eu disse a ela, e assim ela não veio e acenou para mim do jardim. Mas Lilimunde, sim.

3. O LAGO

Com Lilimunde foi diferente.

Porque Lilimunde não era minha filha, apenas uma espécie de espelho que foi construído ao meu lado. Quando a filha de Marabá ligou, ela já estava no jardim da frente. Ela disse: “Olá, dona Alberti, venha até a janela. Estou aqui, na parede, olhando para você.” Não falávamos alto, entre o jardim e a janela, falávamos ao telefone enquanto nos olhávamos. Sem sinais, sem gritos. Ela disse: “Às vezes estou triste, às vezes estou meio triste”. Para que ? perguntei-lhe, vendo lá embaixo, no muro baixo, a figura grávida de Lilimunde. Ela respondeu: “É a mulher do senhor Francisco que não vai sobreviver. Ele chora muito. Sem querer, deixa as lágrimas caírem na farinha. Ele já teve que contratar outro padeiro para substituí-lo no forno. Ele é muito bom comigo, Sr. Francisco. Mesmo com tão poucos funcionários, quando não acordo com o alarme do celular, ele não consegue bater na porta do depósito de farinha para me levantar. Agora durmo como um panda. Parece que o bebê tem um dormitório com ele...”

Eu estava no quarto perto da capela, olhando para baixo, assim como os demais moradores, mas sem acenar nem gritar. Tudo aconteceu por telefone. Então lembrei-me de dar uma olhada em Edu Horvat. A princípio Lilimunde não quis falar no assunto, ficando parada no muro baixo: “Ah! Edu, Edu...” Por fim, ela explicou que o idiota do Sr. Justino havia ligado para Hungria para saber de Edu, e aproveitou para contar que ele, Edu, havia deixado uma marca muito forte por aqui, tão forte que um bebê húngaro nasceria em maio em Portugal. Lilimunde lamentou: “Infelizmente, o Edu não

conseguia entender por causa da língua e, quando entendeu, o que ouviu não lhe agradou e me ligou muito decepcionado. Você entende ? Primeiro por ter guardado a semente, depois por não tê-lo avisado...”

Lilimunde ainda tinha muita bateria em seu Samsung, então ela sabia. Ela contou que Edu havia ligado e, quando apareceu na *tela* , parecia que tinha acabado de sair do banho. O cabelo dela estava brilhante, ou da água, ou do suor, ela achava que era o suor. Como os olhos dele também brilhavam, pareciam lanternas, e ela pensou que era por causa do estado de choque em que ele estava. Ela disse para ele, calma, calma, *relaxa* , *querido* , nenhum homem morreu, Edu querido. Ela disse que ele queria dizer algumas palavras em português e não conseguia encontrar nenhuma. Edu havia feito esse gesto universal do problema do dinheiro implícito no que acontecia no corpo dela, e ela lhe dissera que *não havia problema* , o senhor Francisco arranjaria um berço para ela, ele havia prometido. Logo ela iria com o Sr. Francisco escolher um, de cor azul. E quanto ao resto, veremos. Então o Edu disse que um dia desses ele viria ver o que ia nascer. Foi isso que ela entendeu porque ele não desligou, esse menino sabia tanto sobre algas, mas sobre algo tão simples como ter um filho, ele não sabia o que fazer nem o que dizer. Ao telefone, seu rosto estava vermelho, mas o problema eram os olhos, grandes, brilhantes, terríveis. O Edu com certeza tinha ligado do laboratório, devia estar conversando em frente a esse lago chamado Balaton, muito azul. Na imagem do telefone não víamos o lago, apenas o vidro da janela do instituto onde Edu trabalhava, mas ela sabia que o lago estava ali. Lilimunde virou-se para o muro baixo. Então perguntei a ele: “O que você acha que vai acontecer?”

Lilimunde voltou a dançar na parede, com o celular debaixo do cabelo curto – “Não preciso dele, dona Alberti. Se ele não vier, que pena. Aquele idiota do Justino estragou meu plano. Não quero o Edu amarrado na minha vida por uma corda...”, disse Lilimunde, continuando a girar de um lado para o outro no muro do jardim. Quando ela estava de frente, ela tinha a mesma figura esbelta de antes, mas de perfil, sua barriga estava inchada. “O que você diz disso, dona Alberti? Virgem Maria, eu estrangularia o senhor Justino...”

Eu estava sentado na janela, não conseguia contar nada de útil, nada salvador, a força estava nela. E talvez ela não precisasse das minhas palavras. Se ela tivesse força para decidir, ela teria força para seguir em frente. A vida de Lilimunde estava vacilante, seus pedaços quebrados um dia seriam recompostos. Se não for no mesmo dia porque aos vinte anos a vida se quebra e se repara na mesma hora. Ela estava agora de perfil, a brisa de março moldava-lhe a barriga, o que Lilimunde usava por baixo do vestido era na verdade o formato de um grande ovo. “Até semana que vem, dona Alberti, essas portas se abrirão em breve. Estamos todos presos. Droga, Virgem Maria...” Sim, mais três dias se passaram, eram necessários mais quatro para levantar o cerco, uma vez terminados esses dias, as portas estariam abertas para os seres humanos e para o mundo.

4. O TESTE

Na manhã seguinte, Nina Mercedes me levou pelo corredor mais cedo do que de costume. Ela falava pouco, não cantava. Após o café da manhã, ela me levou ao Salão Principal, também sem dizer uma palavra. Estávamos todos reunidos, a fila percorria os corredores e ninguém fazia perguntas. Tanto os que viviam sentados nas poltronas quanto os que ainda andavam sobre os dois pés, sentados. Dona Joaninha andava de um lado para o outro tentando entender o que estava acontecendo. Sem conseguir. Se o senhor Tó estivesse vivo, teriam ouvido imediatamente as suas quatro verdades. Lá, infelizmente, Mestre Mascarenhas sabia muito das leis, mas era muito educado. Ele dava a impressão de ficar constrangido ao ler as leis e ter dificuldade em aplicá-las à sua própria vida. Fazia dez dias que não recebia o jornal e não reclamava. O que ele sabia veio de seu celular. Ele disse, acho que eles vão nos testar. Teste-nos? Para que ? – Mal dito e feito, eles estavam lá. Uma vergonha. Sem que ninguém nos informasse, as pessoas apareciam camufladas, da cabeça aos pés, com os rostos cobertos, sem que percebêssemos se eram mulheres ou homens, e começaram a arrumar os seus instrumentos sobre uma mesa. Um grupo de astronautas mascarados. Nós, os moradores, nos entreolhamos sem nos ver.

Fomos mantidos em grupos e examinados um por um. Não reconhecemos a pessoa que fez o teste, ouvimos vozes que nunca tínhamos ouvido. A fila andava devagar, não conversamos. O senhor Franco, que estava sentado em sua cadeira ao meu lado, disse bem alto: “Que loucura, descobrir um animal que anda coberto de sangue, estão nos cutucando o nariz com um palito...” Ninguém respondeu. Só então percebemos que dona Ana Noronha não estava lá. Seu escritório estava fechado. O doutor Longino e o enfermeiro Marlon também não estavam, as portas estavam escancaradas. A gerente Martine não estava lá, nem o gerente Cláudio. E a distribuidora de comprimidos, Berenice, e o enfermeiro Joaquim? Nenhum.

Foi Janice, a menina Jeová, quem relatou as ausências, ela nos disse que tínhamos que nos preparar porque finalmente havia chegado o dia do Juízo Final. Ela ficou muito feliz porque as profecias da sua Bíblia, completamente diferentes das outras Bíblias, estavam se cumprindo. Todas as Bíblias de outras religiões eram falsas. Não era dela, a dela era real, então ela sabia muito bem o que iria acontecer. Trombetas passaram pelo ar separando os justos dos injustos, os bons dos ímpios. A fila avançava lentamente. Quando Nina Mercedes chegou, finalmente fomos informados. Os responsáveis pela gestão do Hotel Paradis foram afetados, o que os obrigou a ficar vários dias em casa, muitos, não sabíamos até quando. Quem sobrou então? Ou, ainda mais problemático: e se todos saíssem, já que ninguém saía nem entrava? Sentados agora na Sala das Rosas, à espera do jantar, percebemos o que poderia acontecer. Salomé e Nina estavam lá e foi isso que nos salvou. Ivan e Igor também. Mas eles não correram para todos os lados. E quem estava no comando?

No dia seguinte, ao final da tarde, soubemos a verdade – Entre nós houve casos. Muitos casos. Conseqüentemente, foi necessário separar os afetados dos saudáveis. Fomos, portanto, divididos em dois grupos, os infectados e os não infectados. A substituta da gerente, Martine, que se chamava simplesmente Maria e havia sido enviada pelo Serviço Social, inicialmente disse que essa triagem seria bastante fácil porque em meados de agosto o Hotel Paradis havia saído com sucesso da invasão das formigas. Esta experiência acabou por ser bem-vinda porque permitiu agora, com poucos funcionários, aplicar o mesmo plano de continuidade, distribuindo os residentes pelos três pisos, desinfetando os pisos por sectores, deslocando os residentes de um lado para o outro, para acomodar a todos como antes. Mas nós, sentados à nossa mesa, concluímos que seria muito mais difícil. E então se instalou o medo de morrer de tristeza. A própria anfitriã Bianca, também coberta de plástico, percebeu isso e chamou o Sr. Peralta que voltou a brincar *Era uma casa muito engraçada, não tinha telhado, não tinha nada*, na hora que era para ser hora do lanche mas que agora, devido ao atraso, coincidiu com a hora do jantar.

Outra pessoa vestida de branco da cabeça aos pés, com voz de Salomé, trouxe-nos o lanche-jantar. Era mesmo Salomé, apressada, eficiente, carregando três bandejas em cada braço. Ela disse: “Rapazes, moças, para a sopa, não vamos deixar essa querida criatura entrar!” Comíamos o máximo que podíamos porque não sabíamos quando teríamos uma refeição quente novamente. Dona Joaquina recolheu as maçãs que ficaram nas mesas. A figura branca com voz de Salomé gritou da porta da cozinha: “Calma, dona Joaquina, amanhã tem mais...” Na manhã seguinte soubemos que Salomé, a máquina alemã, estava trancada na casa dela.

No quintal, chegou o grande ônibus de embarque. Ela fez várias viagens. Apenas bilhetes de ida. Dona Rita, de Lyon, perdeu a bateria do telemóvel e queria ligar para a Provença, onde o seu filho Clarence, piloto, vivia num curral que agora se transformara num palácio discreto, cor de pedra, com o *Anjo da Guarda* de asas estendidas. telhado, a ponta de uma asa na cumeeira, a outra tocando a água da piscina, um verdadeiro lago azul no meio do cerrado: “Ah! Uma maravilha de palácio, felizmente meu filho foi retirado da Air France...” Sugeriu que ele fizesse como os outros quando não podiam ligar no celular, foram até a recepção e ligaram para o telefone fixo. Ela conseguiu andar, empurrou seu próprio andador e chegou à recepção perto do Pequeno Salão. Não havia ninguém.

Os dois meninos da recepção fugiram dias atrás. Luís Cotovio, o mais viril, foi o primeiro a abandonar o posto. Eles tinham medo de pegar a doença, ainda eram jovens e tinham a vida inteira pela frente, não podiam correr o risco. Os computadores em suas mesas estavam alinhados, mas as *telas* estavam desligadas. Na pressa de sair do local, os meninos não haviam guardado os *arquivos*, podíamos ver pela janela os papéis que cobriam o andar administrativo. Tentei emprestar meu celular, mas Dona Rita de Lyon, embora protegida pelo seu Anjo da Guarda, não conseguiu lembrar o número

do telefone. Talvez ela encontrasse um caderno em seu quarto. Bastava subir até o terceiro andar. Mas ela não pôde ir porque seu quarto estava ocupado por uma pessoa saudável. A doente não conseguia se aproximar da sã. Nós nos entreolhamos – Então, quem éramos? Nós entendemos.

Mas a nossa mesa continuava unida, movíamos-nos em grupos pelo Hôtel Paradis. Estávamos os sete sentados, como nos livros infantis, na primeira fila do Salon Rose. Compreendemos que não estávamos saudáveis, mas nunca nos disseram. Na hora de voltar aos nossos quartos, um astronauta com voz de Igor e outro com voz de Ivan nos levaram para quartos no térreo. Naturalmente todos pensaram em si mesmos. Eu pensei em mim. Eu não tinha camisola, não tinha creme, não tinha nada. Toquei meu peito, felizmente guardei minha bolsa de pano. Apalpei o menor bolso, que fechou com um estalo, e consegui abri-lo. Dentro estava a mensagem do Sargento João Almeida: *Sempre a seu serviço* .

Por um momento pensei: estou salvo. No momento seguinte, pensei, estou perdido. No momento seguinte, quando a figura alta, vestida de branco, que presumi ser Ivan, passou por mim, pensei: serei poupado, como na época das formigas. Se fui poupado no verão passado, por que não o seria nesta primavera? E se eu for a mesma pessoa? E uma vontade muito, muito grande de viver para ver, observar, saber como terminaria o cerco e a epidemia, tomou conta de mim. Estiquei os dedos da mão direita e eles tinham quase tanta força quanto os dedos da minha mão esquerda. Quando eu voltar para o meu quarto, pegar o bloco com folhas A 8 e uma das meninas escrever a data para mim, vou conseguir traçar as letras. Queria inventar uma frase, mas nada de criativo veio ao meu cérebro, apenas tocou minha memória, o que significou uma grande perda, mas aceitei. Palavras da memória da infância surgiram dançando: *A bolsa ficou no pátio da escola e o cavalinho deu à luz um menino. Deu à luz uma menina e relinchou na escola* ... Naquele momento olhei para o lado e vi os pés de Dona Luísa de Gusmão apoiados no apoio para os pés da sua poltrona.

Notei que seus sapatos haviam sido trocados. O esquerdo com o pé direito e o direito com o esquerdo. Olhei para os meus e não consegui ver se estavam colocados corretamente. As persianas foram retiradas porque muitos estavam com dores de cabeça e o Doliprane da farmácia do consultório médico, com a porta escancarada para o corredor, havia acabado. Se dona Luísa de Gusmão trocasse os sapatos, eu não contaria, poderia humilhá-la. Deixe todos ficarem como estavam. O que eu queria era inventar frases, mas nada me veio à cabeça, estava prisioneira dos sapatos invertidos da minha amiga Condessa. Então me lembrei de outra canção infantil que aprendi quando criança.

Nossa Senhora disse disse

Não dormir, não dormir

Enquanto a videira crescer ³⁰.

Era exatamente isso que eu escreveria na folha de papel, pois seria poupado se permanecesse vivo para contar a história. Um pouco mais longe, no meio da sala, estavam o Sr. Gomes e o Mestre Mascarenhas, lado a lado, ambos absortos em olhar para a porta que dava para o Salão Principal. Foi compreensível. O senhor Gomes, o carteiro, não recebe tabaco, o advogado não recebe o seu jornal. E, com certeza, nessa hora eles estão com fome. Tenho fome, Dona Luísa de Gusmão tem fome, Dona Rita de Lyon tem fome, Dona Leonor também. Estamos todos com fome e não há cozinheiro. Já não sabemos onde estamos. Quem virá para nos salvar? Serei salvo, tenho certeza disso. Eu serei poupado. Dona Joana Amaral também.

Aproveitando a pouca luz do final do dia, Dona Joaninha entrou no seu próprio quarto onde dorme agora um homem são, cujo nome ela não sabe. Ela conseguiu ultrapassar a barreira colocada na entrada do corredor, entrou no quarto de onde foi expulsa à força, o homem saudável estava dormindo, não notou nada. Ela pegou um grande saco de papel debaixo da cama, correu com o saco, levou-o para a sala onde estamos concentrados sob os cuidados de duas silhuetas de astronautas que não sabemos quem são, e ela veio e sentou-se ao lado para mim. Ela me contou sobre sua aventura. Ela mostrou sua bolsa. Estava cheio de jornais. Ela tinha um plano, mas não sabia se deveria falar sobre isso ou não. Por fim, colocou a mão na boca e explicou em voz baixa: “Quero dar um para Mestre Mascarenhas, um por dia, um por dia...”

Pensei algumas vezes nos sapatos de Dona Luísa de Gusmão, outras vezes em *Notre Dame disse disse*, mas fiz-lhe ver que os jornais tinham perdido o interesse pelo advogado. O interesse de cada jornal termina no final de cada dia. Dona Joaninha mostrou que não. Ele gostaria de saber o que havia acontecido um mês antes para poder zombar do que foi dito então. Ela, que ainda não sabia ler, acreditava nisso. Antes do confinamento, todos os dias, ao receber o jornal pela manhã, Mestre Mascarenhas tinha o hábito de jogar o jornal do dia anterior na lixeira da entrada. Ela, que não sabia ler, mas ainda tinha essa esperança, guardou-os. Ela teve o olho. Eles estavam lá e bem preservados. Graças a Deus. Ela não os guardou para isso, mas agora eram muito úteis para ajudar a passar o tempo até as portas se abrirem. Dona Joaninha tirou da sacola um jornal velho e foi conversar com ele, cara a cara, não teve mais medo de encará-lo. Mestre Mascarenhas colocou o jornal dobrado, tal como o recebeu, debaixo do braço e não se mexeu. *Não dormir, não dormir*, pensei.

E depois ficámos a saber que o jantar seria um pedaço de pizza margherita e um sumo de laranja Compal. Na verdade, não havia cozinheiros, um deles, Ivan, estava no hospital, deitado, entubado, sob cateter, ausente. O outro, em casa, imóvel, sem poder sair, com as janelas todas fechadas. Comemos o pedaço de pizza, tomamos o suco e graças a Deus estava bom.

5. A REUNIÃO

Mas nem todos comiam, porque muitos não comiam, apenas dormiam e tossiam. Ao redor das camas, o calor da febre subia pelas paredes. Não havia médico nem enfermeiro, apenas os telefones de Igor Maguliy, Maria José das Lundas e da grande Judite que regressara. A alta estava vestida com uma roupa branca, mas sua voz ainda assim era única. Dona Rita, de Lyon, disse: “Devemos estar muito mal para eles terem chamado esta girafa...” Joana Amaral salientou-lhe que a girafa parecia ter voltado diferente, mas a mãe do piloto francês tinha uma explicação para isso. Ela disse que algumas pessoas só se sentem bem e caridosas em meio a desastres, e provavelmente foi esse o caso. Ela se *consola dos nossos infortúnios*. Não pense que isso é *compaixão*, não. É uma disposição psicológica. Ou simplesmente lhe fez muito bem ter sido mandada embora, ter voltado para casa e sofrer por não ter dinheiro no bolso.

Não importava, nós veríamos.

Dona Joaninha guardava o saco de papel pendurado no braço como se fosse sua bolsa, não devia perder os jornais. Quando chegou a hora dos astronautas irem para a cama, Dona Luísa de Gusmão disse que não precisava, que preferia dormir sentada. Mas dona Luísa, você tem que ir dormir, essa é a regra. Isso era o que iríamos ver. Se ela estava infectada, ela não parecia estar infectada, não sentia nada de estranho em sua vida e se recusava a ficar no quarto que lhe foi designado - À sua direita Marília, ex-costuradora, à sua esquerda Maria Rosa, uma faxineira. Ela se recusou a fazê-lo. Eles estavam com febre, tossiam, cheiravam a ovo podre, cuspiam nos lenços, então ou trocavam de quarto ou ela não ia para a cama. Percebi que a astronauta Judite se abaixou, entregou-lhe o termômetro, leu os números e disse: “Você tem trinta e nove anos, senhora”. O mais velho me perguntou se eu me importava de trocar de vestiário.

Mudei, troquei com Dona Luísa de Gusmão. A condessa deitou-se entre Dona Plínia, a centenária, e Dona Beatriz, antiga tutora de meninas. Eu, entre a costureira e a faxineira, pude verificar que tínhamos a mesma tosse, a mesma febre, o mesmo corpo dormente. Devemos ter sentido o mesmo cheiro de ovo podre. Nós éramos iguais. Dona Plínia, mesmo com cem anos, ouvia bem. De madrugada, Dona Luísa de Gusmão ligou para ela. Ela não respondeu. Chegou a astronauta de plantão na sala, ela acendeu uma lanterna. A voz era Maria José das Lundas. A angolana passou a mão no rosto de Dona Plínia, ela fez um barulho enorme para arrastar a cama e levou-a consigo. Felizmente ela comemorou o seu centenário com um bolo mais brilhante que as velas da igreja de Saint-Sébastien em Valmares.

Também levamos Dona Leonor.

Para onde estavam levando nosso mais novo companheiro de mesa? Droga, espere. Eles não esperaram. Levaram também o Sr. Tendinha, e com ele o Sr. Tavares. O corpo que, há alguns meses, bamboleava à medida que o marroquino Ali Abdul se aproximava, jazia de barriga para cima nos braços de um dos astronautas do Oriente. Dona Marília e Dona Maria Rosa também foram retiradas do quarto que eu havia trocado com Dona Luísa de Gusmão.

E Dona Palmira e Dona Marcela, sem trouxa nos braços. Vi quem passava com eles nos braços, era a grande Judite. Ela os usava bem. Curioso. Ela passava com os moradores mortos nos braços com uma delicadeza que ninguém reconhecia antes, quando todos tínhamos medo dela. O sentimento de misericórdia é misterioso, não tem hora marcada para entrar ou sair do ser humano. Gabriela, a Romena, também havia retornado, mas já fazia tanto tempo que não a víamos que não conseguimos reconhecê-la pela voz, ela teve que se apresentar novamente, com o rosto coberto como uma mulher do deserto. Seja como for, felizmente houve quem concordasse em regressar a esta casa sitiada.

Por uma razão ou outra, poucos funcionários permaneceram. Lá fora, no mundo que já não era o nosso, não havia médico ou enfermeiro que quisesse entrar aqui e muito menos trabalhar aqui. Fomos sequestrados. Os residentes saudáveis do terceiro andar, à medida que foram contaminados, mudaram-se para o segundo andar. Os celulares pararam de funcionar na Sala Rosa, era preciso ir até a porta do Salão Principal para ter acesso à rede. Pela minha parte, levaram-me até à porta e liguei para Lilimunde. Eu não tinha dúvidas de que seria poupado, mas ainda queria vê-la novamente. Porém, com a falta de rede, eu poderia falar com ela ou vê-la. Ao telefone, eu disse a ela que queria vê-la.

A paraense me disse que iria até o muro do jardim em frente. Ela explicou que estava acordada desde as quatro da manhã, mas que com certeza o Sr. Francisco poderia levá-la na van do pão, que estava livre a partir das duas da tarde, agora que sua esposa havia falecido. Ela disse: “Por volta das cinco, ok?” Eu disse, perto da porta de vidro do Salão Principal: “Às cinco!” Alguém teve que me levar de novo e, à medida que a hora se aproximava, não havia ninguém à vista.

Os restantes cuidadores, três meninas e dois meninos, sequestrados como nós, impossibilitados de circular fora dos muros do Hotel Paradis, estavam nos quartos para prestar assistência a quem mais precisava. Quando um deles atravessou a sala, quem conseguiu gritar gritou: “Escute, ouça, venha aqui!” Chamei o mais alto que pude, com a energia que os acontecimentos recentes deram à minha voz. Gritei: “Senhorita Judite, por favor, olhe para mim!” E a grande Judite virou-se e veio até minha cadeira. Perguntei a ele: “Leve-me até a porta do saguão para que eu possa ver alguém”. Ela disse: “Vou levar você, mas não posso garantir que posso trazê-lo de volta”. Não importava, tudo que eu queria era ver Lilimunde ainda à luz do dia.

Olhei para o meu relógio, faltavam dez minutos para as cinco. Lilimunde chegou cinco minutos depois. Tiveram que sair da carrinha do pão, com espiga puxada, estacionada no lado poente da residência. Ela estava sozinha e escalou o muro com a agilidade de um gato. A brisa do fim do inverno seco e frio levantou seu vestido, delineou o grande ovo em sua barriga que aparecia por baixo da barra de um casaco curtíssimo. Era uma criança grande balançando uma criança escondida. Ela acenou para mim e eu também. Tentamos nos ligar novamente para conversar, mas ainda não foi

possível. Acenei com a mão também e nada mais. Até que chegou aquele que levei para o senhor Francisco, o padeiro.

Definitivamente era ele, mas não consegui ver suas feições. Lilimunde pulou do muro, como se o ovo grande não pesasse sobre ela, filho de Edu Horvat, o cientista. Mas ele, sim, certamente era ele, o padeiro, apoiou-a com a mão.

Eles ficaram ali por um tempo olhando para a janela onde eu estava. Então ambos desapareceram em direção ao leste. No final, tiveram que estacionar a van daquele lado do parque. A noite estava caindo, mas não rapidamente. Fiquei muito tempo no Salão Principal, de costas para a sala onde as pessoas circulavam, imaginando Lilimunde andando pela Terra, com o filho de Edu Horvat que estava crescendo, virando homem, juntando-se ao pai à beira de um lago no meio da Europa. Não havia ninguém para vir me buscar. Foi difícil manter a mesma posição por tanto tempo. Resisti, sabia que não estava no chão das pessoas saudáveis, mas também sabia que seria poupado, assim como havia acontecido quando as formigas estavam lá. Até que ouvi a voz de Janice dizendo: “Fique aqui mais um pouco, para ver se você finalmente acredita no Armagedom...” Senti ela andando atrás de mim, entrando e saindo. Eu disse para mim mesmo: ainda vou sobreviver.

6. DANÇA

Na manhã seguinte havia outros astronautas no Hotel Paradis. Não sabíamos quem era, mas as suas vozes não nos eram estranhas. Vários pacientes do segundo andar desceram para o térreo onde estavam os verdadeiros insalubres. Eu seria poupado. Fui testemunhando tudo isso para poder contar depois como foi ter vivido o Ano do Carro. E mais três dias se passaram. No quarto dia, o Sr. Peralta passou para o piano. Quatro pequenos astronautas permaneceram à sua frente. Elas eram mulheres. Ele passou os dedos novamente pelo teclado, mas estava muito cansado, estava com muita febre. Começaram a levar o senhor Peralta ao banheiro.

Notei que ele estava descalço, andava só com uma meia, o outro pé estava descalço. Mas cerca de vinte de nós estávamos sentados na sala ainda esperando ouvir a música do Sr. Peralta. Os quatro astronautas cantaram então a música que sabíamos de cor, para nos animar. Os astronautas, sem tirar as máscaras, cantaram a cappella, brincando com a alternância de vozes.

Era uma casa muito divertida

Ela não tinha teto, ela não tinha nada

Ninguém poderia entrar lá, não

Porque a casa não tinha chão.

Cantavam tanto, tão bem, que pensei que aquele canto, embora profano, era sagrado, e quis dizer-lhes palavras como naquele dia em que me visitaram, depois de eu querer morrer de fome. Se eu estivesse mais próximo deles, diria exatamente as mesmas palavras para tranquilizá-los, para que soubessem que estavam desempenhando bem o seu papel.

Precioso. A alegria deles quando mudaram de registro e os quatro disseram *Ninguém podia fazer xixi, porque ali não tinha penico* para tocar no sequestrado, os versos licenciosos me fizeram rir quase tanto quanto dona Joaninha, e eu me disse, você será poupado, você será poupado. Você está com febre, está com tosse, está com dor de cabeça, não tem médico que queira te atender, enfermeira para te aliviar, mas você ainda vai ser poupado. Os astronautas viúvos repetiram várias vezes os versos licenciosos, e verifiquei que na alegria não havia diferença entre o profano e o sagrado.

No dia seguinte, as quatro viúvas não compareceram.

Outros três voluntários desceram ao inferno, como disse um deles, e nós a ouvimos. E veio uma médica astronauta da Cruz Vermelha, com tanta pressa que mal apontou o termômetro para a testa de um deles e já estava perguntando o nome do próximo paciente. Ela nem me perguntou meu nome. Eu seria poupado. Algo estava acontecendo com os sapatos. Dona Luísa de Gusmão levantou-se, menos febril, mas os sapatos haviam sido trocados novamente. Para que ? Mestre Mascarenhas não tinha sapatos. Ele estava de meias. Olhei para cima e vi que em suas mãos havia um jornal velho aberto. Mas Mestre Mascarenhas continuou a ter outras fontes de informação e disse: “Boris Johnson está infectado!”

Os que estavam sentados repetiam: “Olha, Boris Johnson está infectado...” Na sala, quem sabia quem ele era ficou preocupado. Dona Joaninha ficou eufórica: “Bori Joso infectado? Oh ! Oh ! Os ministros morrerão e nós sobreviveremos. Oh ! Sim Sim !” E começou a dançar na frente do Mestre Mascarenhas, que não ouviu a voz de Dona Joanina, mas viu. Ela dançou e cantou: “Bori Joso vai morrer, e os velhos vão ser salvos! Ah, ah...” Sr. Gomes levantou a cabeça do sofá e gritou: “Ah! Corajosa Joaninha, vá em frente, vá em frente!”

Coloquei a mão no peito e encontrei a mensagem do sargento.

Eu aprendi da maneira mais difícil que o primeiro princípio da vida era comer, comer, comer, comer para sobreviver. O segundo foi o amor. Amar para viver. Viver, viver era ter amor, fazer amor, desejar o amor, até o fim da vida. Poderiam haver muitos nomes para o amor, alguns altivos, como na boca das viúvas, outros dignos da boca grosseira do Sr. Tavares, mas era isso mesmo, amor, amor, o amor terrível, escondido, mascarado, manipulado, transfigurado, bem ou mal projetado. E, no entanto, pareceu-me estranho que os sentimentos do carteiro por D. Joaninha fossem tão visíveis e que, apesar da lenda que se criou sobre o poder mortal do amor de D. Joaninha, ele ainda estivesse tão abertamente entusiasmado.

Mas eu não faria perguntas. Isso não me preocupava. Durante toda a nossa estadia eu já havia interferido demais na vida da Joaninha. Um grande mistério envolveu a todos nós. Eu sobreviveria para poder continuar pensando nesse mistério. E então pensei em ligar para minha filha. Mas como se comunicar com ela? Como ?

Já era de tarde, dava para perceber pela luzinha que ardia no chão da sala. Ninguém estava passando. Eu vi um astronauta, mais precisamente um astronauta, e a voz era Judite, a grande. Eu disse: “Senhorita Judite, não posso ligar para casa”. Ela respondeu: “Se você tentar amanhã de manhã, funcionará”. E foi o que aconteceu. De manhã liguei do Salão Principal e minha filha atendeu. A conexão não era ótima, mas nos permitiu ouvir. Eu perguntei a ele: “Você pode me ouvir?” Ela respondeu: “Fala, fala, fala...” Era ela mesmo, com pressa. Perguntei a ele: “Como vai o ano? Será que realmente não está chovendo? Que pena. Neste caso, como são os pores do sol? Muito vermelho, imagino. E as rosas, não estão abertas? Você não os podou em janeiro, obviamente? Óbvio que você nunca vai aprender, não foi em fevereiro, foi um mês antes, minha filha. Você poderia escrever em um pedaço de papel. Pelo menos os viburnos, como estão? Flores. Muito melhor. Será inaugurado em breve. Você sabe disso, não é? Ok, ouça o que estou lhe dizendo. Trabalhe, cumpra seu dever. Quantas páginas você tem agora? Do outro lado, ela hesitou. Ela disse um número. Achei isso muito pouco. Então perguntei a ele: “Basta ler o começo...”

Sua voz desapareceu e reapareceu no celular e ela começou a ler. Ela leu devagar. Perguntei-lhe: E a última página? Você poderia ler também? Eu escutei. Com certeza é a última página que você escreveu, mas não a última do livro, certo? Claro, percebi que não poderia ser o caso. E há muitos hífens e parágrafos? Ou está tudo preso? Ah! Tudo bem, tudo bem. Do outro lado, sua voz começou a embargar. Eu não gosto disso. Eu pendurei. “A ligação com minha filha acabou...” A astronauta Judite veio me buscar. Eu fui lá. No caminho tivemos que nos afastar, era a astronauta Maria José das Lundas que conduzia, em direção à rua, nem mais nem menos que o Sr. Por que o Sr. Peralta estava indo embora? Não tive problema, me empurraram para o meio da multidão contaminada, sem médico nem enfermeiros, sem recepcionistas, e entendi que sairíamos todos sozinhos, mas por enquanto eu seria poupado. Os dois astronautas que ainda permaneciam no térreo trouxeram camas para o meio da sala, os homens dormiam ao lado das mulheres. Para nos despirmos e vestirmos, ou o que quer que seja, os novos voluntários estendiam lençóis para nos abrigar. Foi logo depois do amanhecer. Abri os olhos e vi que o advogado havia se levantado sozinho, e com passos rápidos procurava o caminho para o corredor do consultório, as portas abertas para quem quisesse vasculhar os remédios e papéis, e eu notei que, além de uma jaqueta xadrez até o quadril, ele não tinha mais nada no corpo.

Suas pernas avançaram na escuridão como duas aparições de carne que nada tinham a ver com a mente do advogado. Chamei: “Mestre, Mascarenhas, ah mestre Mascarenhas...” Nada. Na frente, os dois astronautas ou astronautas pareciam estar dormindo. Voltei a dizer: “Acorda, Mestre Mascarenhas está pelado”. Os astronautas de plantão não acordaram. Tive medo que Dona Joaninha visse a advogada nesse aparelho, mas ela estava dormindo lá no fundo, meio sentada, meio deitada,

guardando o saco de jornais perto de si. Dormia tão bem, com tanto barulho, que certamente foi poupada de ver Mestre Mascarenhas nu. Cobri meu rosto. Bem ao meu lado, no grande dormitório improvisado, para que os demais astronautas pudessem nos vigiar, estava Dona Rita de Lyon. Eu falei para ele: “Você viu Mestre Mascarenhas?” Ela disse que sim, suas roupas de baixo foram roubadas enquanto ela era levada para tomar banho. Nus e descalços, onde chegamos? Mas estou indo muito bem, penso na *Provença*, outrora um campo com pedras e cabras e hoje com mansões com lâmpadas acesas à noite por toda parte. E depois Dona Rita de Lyon voltou a dizer: “Se o *Anjo da Guarda* existisse, teria voado de lá para cá. Ele não existe.” A minha cadeira moveu-se e inclinei-me para Dona Rita de Lyon: “Mas é claro que ele existe, Dona Rita, neste momento está na esplanada...”

“ Ah! Lá !” disse Dona Rita de Lyon.

7. A LUTA

Senti uma força brutal em minhas mãos. Senti todo o meu corpo pronto para lutar. Aquilo em que acreditamos existe. Olhei para a cama de Dona Luísa de Gusmão e não a vi. Debaixo da cama, os dois sapatos estavam virados do avesso. Tínhamos empilhado as cadeiras para abrir as camas. De uma cama para outra, espaço suficiente apenas para a passagem de um astronauta. As mãos dos astronautas estavam cobertas por luvas brancas como as roupas que os protegiam de nós. Pensei: preciso anotar isso para poder informar quando tudo isso passar e eu estiver com o bloco em mãos.

Conseguí abrir minha bolsa, peguei um pacotinho de lençóis brancos, o lápis do tamanho do meu dedo mínimo, afiado com faca pelo meu genro, consegui fechar minha bolsa. Mantive o papel e o lápis junto ao peito e esperei. Um astronauta se aproximou. Estendi o lençol. “Escreva a data aqui, por favor”, pedi. “ *Sim, sim, e você está em abril, Alberti, você está em mediados de abril* ³¹.” Pela voz, ela era uma astronauta. Ela tentou escrever com a luva, mas não conseguiu. Ela tirou a luva e escreveu a data no papel. Ela retirou o segundo para colocá-lo ao meu lado, no lençol. Estas foram as mãos de Nina Mercedes. Suas mãos longas e macias que eu conhecia tão bem. Meu Deus, Nina Mercedes tinha voltado, falava a língua dela e eu não a reconheci. Que história ! Felizmente sobrevivi para poder contar a história. Que sinal maravilhoso o mundo exterior estava enviando para dentro do Hotel Paradis – Nina havia retornado. Logo as portas se abririam.

O piano estava guardado nos fundos, estava escuro ao redor do instrumento, mesmo que o grande dormitório que agora era o Salon Rose estivesse às escuras. Foi de trás que vi a noite se aproximando de mim. Não havia dúvida, era realmente ela.

Então assim, a noite é a verdadeira noite, né?

Grande surpresa ela estava lá. No final das contas, ela não estava presa nas paredes do quarto 210, como pensei. Bloqueada, imobilizada, era ali que eu a imaginava desde que me misturava com meus companheiros, dormindo aqui e ali, sempre no térreo. Mas no final o traidor estava atrás de mim. Ou

melhor, ela não apenas estava atrás de mim, mas havia escolhido um local estratégico para seguir meus passos. Como eu era ingênuo.

Sem que eu percebesse, a noite havia me seguido como um animal selvagem segue sua presa, espreitando no chão, escondido atrás do piano, e agora ela estava lá. Achei que ela estava no segundo andar, e ela observava tudo, a música e o canto da pilha de móveis, escondida, sem aparecer. Ela estava lá. Ainda pensei que a noite poderia ser na cama errada, que ela estava indo em direção à cama do Nemo ou do Carvalho, mas não, ela sabia muito bem com quem queria cruzar os braços. Ela se aproximou, estava vestida de penas escuras, sua silhueta, a altura dos ciprestes, apagava tudo ao seu redor. No entanto, ela não tinha uma cara feia. Suas asas caíram como se ela tivesse vindo em paz e de forma humana. Desconfiado, ainda à distância, olhei-a nos olhos, tentando impedi-la, mas ela já havia chegado muito perto da minha cama e parecia examinar meu corpo com atenção.

Eu assumi a liderança e disse a ele: olá, por que você não ficou aí em cima? Eh? Ela respondeu: “Então, somos por aqui?” Ardiloso. Percebendo que eu estava vivo, ela aproveitou a oportunidade para me prender contra a parede com perguntas capciosas. A luta estava lá. Ela perguntou: “Então, já que você está falando, diga para que serve o dia...” Respondi sem hesitar: “Para esperar a noite”. A noite começou a rir: “Você não tem muito vocabulário, não tem vergonha? Então, você não consegue diferenciar noite de noite? Eu não tinha nada a perder e respondi: “Então, você não sabe que as palavras são raras e as realidades são múltiplas? Que muitas vezes para diversas realidades só temos uma palavra?” A noite mudou de cara: “Bom, bom, bom. Vamos passar para a última pergunta: O que você acha que é a vida após a morte?” Eu sabia que mais cedo ou mais tarde essa pergunta iria surgir, acho até que já esperava por ela desde que a noite havia chegado, mas para falar a verdade ainda não havia encontrado a resposta certa. Então eu respondi: “A vida após a morte é um lugar onde guardamos para sempre os pacotes com os bens mais preciosos da nossa vida”. Ela parecia incrédula: “Você realmente acha isso?” E a noite se moveu em minha direção. Corrigi apressadamente: “Ou melhor, a vida após a morte é um livro”. E antes que ela retrucasse, esclareci: “Um livro que não tem fim, cada página uma vida, cada vida uma página, quanto mais vidas tiver, mais páginas tem. Esta é a vida após a morte.”

A noite chegou o mais perto possível: “Tudo bem, mas depois me diga se você conhece quem está folheando este livro”.

Ela insistiu e insistiu, mas eu não respondi, porque o que ela queria era que eu dissesse não sei. “Você sabe ou não sabe?” Noite perguntou. Eu disse: “Eu sei”. Mas como não pronunciei o nome esperado, ela ficou violenta: “Você não sabe nada, você nunca soube, você nunca saberá, você é ignorante. Pois bem, olhe para mim com atenção, já que você não tem nem camisa no corpo, só tem fralda na pele, como se você tivesse nascido ontem; e você não teve pai nem mãe, posso ver claramente o que resta para você. Você só tem suas joias. Não há mais nada para conseguir de você. Quero seu

colar, seu anel de safira e seus brincos de pérola. Tire-os e entregue-os para mim.

Eu sabia que era melhor ficar parado.

Já fazia mais de um mês desde que alguém levou embora minhas joias. Eu me sentia com frio e nua, mas não seria eu quem iria entregá-los a ele. A noite esperou que eu me movesse. Quando não fiz o que ela queria, a astuta disse: “Ainda quero a sua bolsa de pano que você usa pendurada no pescoço, com tudo que você tem dentro”. Foi demais.

Eu respondi: você gostaria disso. Minha bolsa com tudo dentro? Incrível. Você me visita há anos e não me conhece? Este, só se você tirar de mim à força. Então tente. Sim, por quem você me toma? Fique longe de mim porque serei poupado como você bem sabe, mas você finge que não sabe, isso está bem claro. Se você chegar um milímetro mais perto, terá que experimentar a resistência dos meus punhos. Deixe-me ir, oh noite. Estou cheio de energia, quero voltar para o pátio da escola e pular até meu chapéu voar.

Ah ah, o burrinho está morto.

O burrinho não voltará à vida.

Vaca diabólica

se ela morrer e não sobreviver

cabe ao bezerro trabalhar

para o meu jantar.

À Maria dos Remédios, minha querida mãe, que me pediu para escrever esta história.

E a Luis Sepúlveda, meu grande amigo de muitos anos.

Eles nunca se conheceram, mas se reencontram no tempo das estrelas e se cruzam nestas páginas.

Boliqueime, 15 de junho 2022

DO MESMO AUTOR

DO MESMO EDITOR

A Costa Sussurrante , 1989

Dia das Maravilhas , 1991

A Última Mulher , 1995

O Jardim Sem Limites , 1998

O Cobertor do Soldado , 1999

A Floresta no Rio , 2000

O Vento Assobiando nos Guindastes , 2004

Lutaremos contra a sombra , 2008

A Noite das Mulheres Cantoras , 2012

Os Memoráveis , 2015

Estuário , 2019

1 As palavras em *itálico* seguidas de um asterisco na primeira ocorrência estão em francês no texto. (*Todas as notas são do tradutor* .)

2 “Você lutou de novo com seu Atlas? Para quem você ligou ontem à noite? Certamente um dia você me contará o que aconteceu com aquele maldito livro.”

3 “O que aconteceu com o seu Atlas? Diga-me, mocinha.

4 “Não vai ter, não, Alberti. Ainda sentimos falta do senhor Peralta e, sem ele, não há concertos.”

5 “Você quer seu quadro de plástico agora, sua folha de papel e seu lápis? Ou você quer esperar até a noite? Se quiser escreverei as datas da semana inteira, farei com prazer. Assim você, Alberti, reserve toda a força das mãos para anotar seus pensamentos. Você quer fazer isso agora ou prefere escrever à noite?

6 “Quão longe, quão longe é esse lugar, dona Marcela...”

7 versos de fado “Gaivota”, “Gaivota”, cantados por Amália Rodrigues ao poema de Alexandre O'Neill: “Que coração perfeito”.

8 “No meu peito batia.”

9 “Meu amor em sua mão, nesta mão onde meu coração era perfeito.”

10 Canção tradicional: “A barata, a barata, não anda mais”.

11 “Cante com Nina Mercedes de Porto Rico, dona Alberti – Pois você não pode, você não tem uma patinha para andar... Essa é uma canção para você que os poetas fizeram há muitos anos anos expressamente para você, que não pode andar. ”

12 Letra do fado “Saudade vai-te embora”: “A tristeza vai embora do meu coração cansado e manda o meu fado para longe.”

13 Do tupi: menininha, criança.

14 Trabalhadores coletando látex.

15 Géneros Musicais de Cabo Verde.

16 Guarda Nacional Republicana.

17 Família nobre executada por alta traição após a tentativa de assassinato do rei José I ^{em} 1758.

18 “Que a paz eterna te acompanhe para sempre.”

19, 5 de outubro de 1910, fim da monarquia, implantação da República.

20 “Sua pérola, Alberti. Mas esta noite, duas pérolas, minha querida.

21 “Você cuspiu?”

22 “Por que você não gosta de dormir tranquilo, cucaracha?”

23 “Tenho uma mensagem para você, Alberti. Uma mensagem de Ali que saiu muito cedo esta manhã para o aeroporto. Ali e seu irmão Habib, ambos saíram daqui. Não regressarão a Portugal. Um beijo pra você. Mais forte que a cor do amanhecer, ele me disse. E ele também recomendou que eu dissesse para você, *forte* , muito *forte* , Alberti.”

24 Famoso almanaque.

25 “Amanhã de manhã, não deixe ninguém se esquecer de você.”

26 “Você tem que participar do Momento como no ano passado. Mais uma vez, eles reunirão todos os residentes no Salão Principal.”

[27](#) “Para se divertir, Alberti, para se divertir.”

[28](#) “Então, feliz ano novo, cucaracha.”

[29](#) Música de Vinicius de Moraes. (“Era uma casa muito divertida.”)

[30](#) Lenda do rouxinol da qual existem inúmeras variações, por exemplo no conto *Les Vrilles de la vigne* de Colette, que inspira esta tradução.

[31](#) “Sim, sim, e já estamos em abril, Alberti, já estamos em meados de abril.”

*Este trabalho foi digitalizado pela
Atlant'Communication
em Le Bernard (Vendée)*